



PUC-SP

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Ana Trigo

“Quando Deus entra, a droga sai”

Ação da Missão Belém e Cristolândia na recuperação da dependência química
na cracolândia de São Paulo

Mestrado em Ciências da Religião

São Paulo

2016



PUC-SP

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Ana Trigo

“Quando Deus entra, a droga sai”

Ação da Missão Belém e Cristolândia na recuperação da dependência química
na cracolândia de São Paulo

Mestrado em Ciências da Religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, sob a orientação da profa. dra. Maria José Fontelas Rosado-Nunes.

São Paulo

2016

Banca Examinadora

Dedico este trabalho:

Aos meus sobrinhos Artur, Isaque, Ester e Júlia. Que bom que o destino nos uniu novamente!

Agradecimentos

À minha orientadora profa. dra. Maria José Fontelas Rosado-Nunes, a Zeca, que além de mestra se tornou uma amiga e confidente. E em nome dela agradeço o conhecimento recebido de todos os professores que conheci durante estes dois anos de PUC-SP.

Aos meus colegas de mestrado: a melhor turma de todos os tempos!

À Andreia Bisuli, secretária do Programa de Ciências da Religião, sempre alerta, que me ajudou em todas as etapas burocráticas do trabalho.

Ao padre Gianpietro Carraro, da Missão Belém, e à família Machado – pastor Humberto, Soraia e Gérson – da Cristolândia, que abriram as portas de suas casas para mim e me permitiram a convivência de dois anos que resultou nesta dissertação.

A Josué (infelizmente as regras acadêmicas não me permitem divulgar seu nome verdadeiro) que com seu jeito peculiar de contar sua emocionante história acabou por me dar o título deste trabalho.

A Evandro, Ricardo, Gabriel, Elisa, Luiz, Roberto e Túlio (também nomes fictícios) que se dispuseram a contar suas trajetórias e remexer em suas feridas para que eu pudesse concluir minha dissertação.

A todos os voluntários, missionários e religiosos que dedicam suas vidas a esse trabalho duro de resgate de vidas na cracolândia de São Paulo.

Aos técnicos e amigos da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social que me ensinaram que, independente da política, existe um trabalho quase invisível e muitas vezes menosprezado realizado pelo funcionalismo público.

Ao prof. pós-doutor Maurício Waldman, a quem tenho a honra de chamar de amigo, e que me ajudou com este trabalho quando ele ainda era apenas uma ideia.

A Roberto Monastersky, marido da querida Isabela, que me apresentou o Programa de Ciências da Religião da PUC.

À minha mais que amiga Tania Scaglioni, que com sua imensa generosidade se voluntariou para me ajudar com a revisão deste trabalho. E à Renata Pardim que transcreveu quase todas as entrevistas que se encontram no Anexo 2.

Ao meu pai, José. O destino, ao pregar essa brincadeira de mau gosto chamada Alzheimer em minha mãe, acabou por nos unir como pai e filha.

À Capes, ao CNPq e à Fundasp pelo apoio material para a realização deste mestrado.

E finalmente, a Marco Antonio Rocha, meu companheiro. Se não fosse por você, pelo seu enorme coração, pelo seu apoio, pelo seu carinho, talvez este trabalho jamais tivesse acontecido.

Sumário

Agradecimentos	5
Resumo	8
Introdução	9
Capítulo 1 - Os caminhos do crack	26
1.1 – De bairro de elite a uma região degradada	28
1.2 – As muitas drogas	31
1.3 – A viagem do crack até a cracolândia	35
Capítulo 2 – Os (des)caminhos da dependência	40
2.1 – “É a imagem do inferno”	48
2.2 – “Queimava o salário”	53
2.3 – “Quando Deus entra, a droga sai”	61
2.4 – Esperança	69
Capítulo 3 – Náufrago ajudando náufrago	73
3.1 – De traficante a pastor	78
3.2 – “Mainha”	88
3.3 – Padre de rua	95
3.4 – O modelo português	106
4 – Conclusões	110
5 – Referências Bibliográficas	115
Anexo 1 – Modelos de questionários	118
Anexo 2 – Íntegra das entrevistas	121

Resumo

Esta dissertação buscou mostrar como a religião atua no processo de recuperação de dependentes químicos. A pesquisa desenvolveu-se em duas instituições que atuam na cracolândia junto à população usuária de drogas: Missão Belém, ligada à igreja católica, e Cristolândia, da igreja batista. A palavra recuperação – e também restauração – é usada tanto pela Missão Belém como pela Cristolândia para demonstrar que o dependente deixou de usar drogas e se reintegrou (ou está em vias de se reintegrar) à sociedade. O trabalho de campo acompanhou sete homens e uma mulher em fase final do processo com o objetivo de apreender de que forma compreendem a religião durante a estada para “tratamento” nas casas de acolhida das duas instituições. Ao final da pesquisa verificou-se que a religião atua positivamente na recuperação. Mas ela não é o elemento único. Junto com a religião, o ambiente familiar, a vida em comunidade, experimentados durante o processo de recuperação parecem funcionar como suporte para superar o problema. Como definiu um dos entrevistados: “a comunidade cura”.

Palavras-chave: crack, religião, cracolândia, dependência química, recuperação, acolhimento.

Abstract

This dissertation aims to reveal the ways religion acts in recovering drug addicts. The research is about the work of two religious institutions acting in “cracolândia”, the region of São Paulo town inhabited by crack/drugs users: one is the Missão Belém, of catholic origin; the other is the Cristolândia, of baptist church origin. The word recovering – as well as restoration – is employed, indifferently, by Missão Belém or Cristolândia, indicating that the addict, or dependent, stopped using drugs and is reintegrated, or trying to reintegrated, in normal social life. The study followed seven men and one woman in the final period of the process seeking out to apprehend how they understand religion when they are in “treating houses” of the two institutions. The final conclusion of the research is that religion has a positive paper in recuperating the subjects. But, nevertheless, religion is not the sole element in the process. Familiar life style, ambiance of community life, both created during the recuperation process, seems to function as a support to overcome the problem. In the words of one of the interviewed: “the community cures”.

Key words: crack, religion, cracolândia, drug addiction, recovering, protection.

Introdução

Meu contato com a temática do crack deu-se por motivos profissionais, em março de 2012. Mas esta história começa um pouco antes, no dia 3 de janeiro do mesmo ano, quando o governo estadual e prefeitura de São Paulo deram início à chamada Operação Centro Legal¹, com objetivo de combater o tráfico e dar tratamento aos usuários de drogas na região conhecida como cracolândia². O objetivo das autoridades envolvidas, amplamente divulgado na imprensa na ocasião, foi “a imposição da dor e do sofrimento para convencer os dependentes a buscar ajuda”. A ação, que foi quase que exclusivamente apoiada na força da Polícia Militar e da Guarda Civil Metropolitana, sofreu duras críticas por conta da violência usada para a dispersão dos dependentes químicos.

Poucos dias depois, no dia 8 de janeiro, o comando da Polícia Militar decidiu liberar o uso de bombas de efeito moral e tiros de borracha para dispersar os usuários de substâncias químicas. Diante da repercussão negativa, a força bruta diminuiu. O então comandante da PM, e hoje deputado estadual pelo PSD³, coronel Álvaro Camilo, disse que em um mês a polícia identificaria traficantes e cortaria a chegada do crack na região.

Mas a ação policial da Operação Centro Legal realizada antes da implantação de um centro de tratamento ou abertura de vagas suficientes fez com que os usuários se espalhassem pela cidade. Em entrevista concedida à Agência Brasil, no dia 10 de março de 2013, o desembargador Antônio Carlos Malheiros afirmou existir entre 22 e 23 pequenas cracolândias cercando a cidade⁴. O número pode ser maior. Segundo reportagem do site G1, de 3 de janeiro de 2013, a Coordenadoria de Atenção às Drogas da Prefeitura de São Paulo informava que “o número de vias frequentadas por usuários aumentou de 17 para 33”⁵.

A partir de dezembro de 2012, após o impacto negativo da Operação Centro Legal, o governo do estado divulgou uma série de ações pró-ativas para atuar diretamente no enfrentamento ao crack. Até então, a atuação se restringia ao repasse de verbas para as

¹ Também chamada de Operação Sufoco pelo impacto negativo gerado na opinião pública.

² Os usuários de crack costumam ser chamados de noias ou craqueiros. Por serem termos muito pejorativos não serão usados nesta dissertação. Em seu livro, Taniele Rui também defende a não utilização por considerar palavras estigmatizantes (RUI, 2014). O mesmo acontecerá com a palavra cracolândia, sempre grafada em minúsculo.

³ Partido Social Democrático

⁴ Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-03-10/mais-de-12-mil-criancas-e-adolescentes-viciadas-em-crack-vivem-nas-ruas-de-sao-paulo>. Último acesso em 10 de fevereiro de 2016.

⁵ Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/01/um-ano-apos-operacao-no-centro-de-sp-cracolandia-resiste-e-ganha-filiais.html>. Último acesso em 10 de fevereiro de 2016.

atividades da prefeitura na área social. A municipalização dos serviços de assistência social, definida pela Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS)⁶, prevê que o atendimento direto ao cidadão em suas necessidades passa a ser dos municípios. Na prática, ações mecânicas como o cofinanciamento pelo estado de ações, atendimentos e programas do município junto à população mais vulnerável, não apresentaram a eficiência esperada. Como aponta Aldaíza SPOSATI, a assistência social não é prioridade dos governos que não direcionam corretamente suas demandas, apenas “recorta o universal em clientela fragmentadas ou em clientes individuais” (2012, p. 26).

A primeira ação do governo estadual foi a assinatura de um convênio com a Associação Missão Belém, vinculada à Igreja Católica⁷, que já tinha experiência no atendimento à população de rua usuária de drogas. Também foram abertas vagas de leitos em hospitais psiquiátricos e outras em comunidades terapêuticas. Além disso, foi criado um Plantão Jurídico dentro do Centro de Referência de Álcool, Tabaco e outras Drogas (Cratod) que agilizaria as internações compulsórias que fossem necessárias (algo que ainda não aconteceu). O conjunto de ações foi concentrado em três secretarias estaduais: Saúde, Desenvolvimento Social, e Justiça e Defesa da Cidadania e recebeu o nome de Programa Recomeço⁸.

Mas, apesar do aparente esforço, a máquina pesada e burocrática do Estado nem sempre produz os resultados na mesma velocidade que o problema avança: ainda não se criou um padrão de atendimento, não se conhece o perfil dos dependentes e não se sabe onde eles estão. Apesar de alguns convênios firmados, há pouca interação entre os programas governamentais e Organizações Não Governamentais (ONGs) que atuam junto aos usuários na crackolândia, mais no acolhimento institucional⁹ e muito pouco na redução de danos¹⁰. E tampouco foi criada uma política pública eficiente, ou se aplicou o que está previsto na

⁶ Promulgada em 1993. Disponível em versão digital com anotações em

http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/LoasAnotada.pdf

⁷ O convênio foi assinado com a Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social (SEDS).

⁸ Site institucional do programa: <http://programarecomeco.sp.gov.br/>

⁹ O termo acolhimento institucional será usado no lugar de internação, levando em conta a orientação da equipe técnica da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social (SEDS). Segundo os profissionais, a palavra internação deve ser usada somente para clínicas médicas e não para comunidades terapêuticas.

¹⁰ Segundo a Associação Brasileira de Redutores de Danos (Aborda) “redução de danos é um conjunto de políticas e práticas cujo objetivo é reduzir os danos associados ao uso de drogas psicoativas em pessoas que não podem ou não querem parar de usar drogas”. A prática engloba outras ações, como acesso a tratamento e inserção social, por exemplo. Para mais informações, acesse: <http://abordabrasil.blogspot.com.br/p/o-que-e-reducao-de-danos.html>

Política Nacional sobre Drogas¹¹, que prevê, entre outras ações, a responsabilidade compartilhada entre União, estados, municípios e a sociedade brasileira.

As bases de atendimento do Recomeço e Braços Abertos estão localizadas na rua Helvética, em plena cracolândia, uma em frente à outra. Mas não promovem ações conjuntas de enfrentamento ao crack. SPOSATI (2012) comenta que, ao não adotar uma perspectiva coletiva em face à necessidade social, os governos imprimem uma aparente provisoriedade em suas ações e soluções.

Constitui um conjunto de programas, de atividades desconexas em que ações ganham valor em si mesmas, e não pelas alterações que ocasionam nas condições de reprodução social. [...] À medida que as diferentes políticas sociais ganham perfil setorial próprio, distanciam-se do âmbito da assistência social, e neste movimento este campo de ação governamental vai se caracterizando como destinado ao trabalhador mais pauperizado, o que significa dizer mais espoliado. Permanece a assistência sem a sinalização de uma política social e, mais do que isso, como espaço comum ou “vala comum” dos destituídos (SPOSATI, 2012, p. 26).

A revitalização dos bairros da Luz e Campos Elíseos, região degradada da cidade onde está instalada a cracolândia, sempre foi apontada como uma saída para, pelo menos, diminuir o tráfico e o consumo de drogas no local. No entanto, apesar de inúmeros projetos, nenhuma obra foi iniciada. O mais polêmico dele, o Projeto Nova Luz, foi anunciado em parceria pela prefeitura e governo estadual em 2005 como alternativa à recuperação da região. No terreno de 18 mil m² que já abrigou a primeira rodoviária do Estado, e que mais tarde deu lugar a um shopping popular, hoje é um grande espaço vazio em frente à estação de trem Júlio Prestes e a Sala São Paulo, casa que abriga grandes concertos na cidade. O projeto, que tinha a assinatura dos mesmos arquitetos do museu londrino Tate Modern – Jacques Herzog e Pierre de Meuron – previa escolas de dança e música, além de três salas de apresentações. Custou R\$ 500 milhões. Após desembolsar R\$ 118 milhões com consultorias e desapropriações, em 2014 o governo estadual congelou o projeto por achá-lo caro demais. Em novembro de 2015 foi descartado definitivamente¹².

¹¹ Aprovada pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad) em 2005. Saiba mais em: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Legislacao/326979.pdf>

¹² Independente do destino que se dará a área, todas as propostas apresentadas até então são recheadas de polêmicas e opiniões conflitantes, conforme reportagem publicada pela Revista São Paulo, encartada no jornal Folha de S. Paulo, em 08 de novembro de 2015. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/11/1703256-governo-desiste-de-erguer-complexo-cultural-em-terreno-na-regiao-da-luz.shtml>

Em março de 2016, o governo estadual anunciou novo destino para o terreno: a construção de moradias populares via Parceria Público Privada (PPP). De acordo com o projeto da Secretaria Estadual da Habitação, orçado em R\$ 900 milhões, serão construídos 1.200 apartamentos de um e dois dormitórios. Destes, 90% serão habitações de interesse popular, ou seja, destinados a famílias cuja renda familiar mensal seja de até seis salários mínimos. As obras devem começar assim que o projeto for autorizado. Uma vez iniciadas, a expectativa é que estejam concluídas em dois anos e meio¹³.

A prefeitura também fez anúncios para revitalização urbana que contempla a mesma área. Segundo reportagem publicada no jornal O Estado de S. Paulo, terrenos ociosos e prédios vazios da avenida Rio Branco serão transformados em moradias populares. Chamado de PIU¹⁴ Rio Branco, o projeto mapeou 15 imóveis cujos proprietários já foram notificados. Esses imóveis serão desapropriados pela prefeitura e oferecidos ao setor privado para a construção de moradias. Os custos da desapropriação serão repassados aos incorporadores imobiliários. Os atuais proprietários ainda podem recorrer da notificação e as obras não têm previsão de início¹⁵.

Problema de Segurança Pública

Com a posse de Fernando Haddad na prefeitura de São Paulo, em janeiro de 2013, o município mudou sua abordagem na questão do crack para o programa “De Braços Abertos”, iniciado em 14 de janeiro de 2014, focado na redução de danos. Até a gestão anterior, a Prefeitura mantinha convênios com comunidades terapêuticas que acolhem dependentes químicos.

A primeira ação do novo programa foi retirar das ruas usuários de droga que viviam em 147 barracos montados entre as ruas Helvétia e Dino Bueno. Segundo a prefeitura, cerca de 300 pessoas foram encaminhadas a hotéis da região central, como opção de moradia. Essas pessoas também puderam se cadastrar na prefeitura para realizar serviços de zeladoria (limpeza, jardinagem) e atualmente ganham até R\$ 509,00 por mês, além de participar de cursos de capacitação. É uma iniciativa importante para essa população resgatar sua dignidade

¹³ O novo projeto foi divulgado na imprensa. Veja um exemplo em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/03/1750399-megacondominio-sera-erguido-em-terreno-de-antiga-rodoviaria-de-sp.shtml>

¹⁴ Projeto de Intervenção Urbana.

¹⁵ Reportagem disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,projeto-de-haddad-mira-terreno-ocioso,10000023762>

ao ter trabalho e moradia. De acordo com dados oficiais, o programa tem 467 beneficiários ativos¹⁶. E como é focado na redução de danos, os usuários de drogas que aderirem à operação “De Braços Abertos” não são obrigados a estar em abstinência para participar das atividades.

No papel, tanto o Recomeço quanto o De Braços Abertos tratam o consumo do crack como um problema de saúde pública. Mas na prática, o que se vê, não é bem assim. Os discursos mais humanizados dos programas estadual e municipal não impediram que a Polícia Militar e a Guarda Civil Metropolitana fossem acionadas diversas vezes transformando a cracolândia em praça de guerra por diversos motivos. Em artigo publicado pela Revista Último Andar (nº 26), faço um relato de algumas dessas ações¹⁷ em que os governos acabam tratando tanto o fluxo (como é chamado o local de concentração dos consumidores de crack) quanto o tráfico como um problema de segurança pública. Um dos exemplos ocorreu em 29 de abril de 2015 com o desmonte da favelinha, barracos e lonas montadas no fluxo, que na ocasião se concentrava em frente à estação de trem Júlio Prestes, na esquina da rua Helvétia. A prefeitura classificava a favelinha como ponto de tráfico, mas os usuários defendiam que os barracos eram para proteção do sol e da chuva. A ação, apoiada em força policial, foi classificada como desastrosa pelo jornal Folha de S. Paulo¹⁸: confronto entre policiais e usuários, muito lixo espalhado pelas ruas e confusão geral para quem passava pelo local. Com a situação mais calma, os usuários mudaram o fluxo para a alameda Dino Bueno e lá montaram novos barracos. No local do antigo fluxo, a prefeitura construiu uma praça.

¹⁶ Conforme notícia divulgada no site da prefeitura:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/noticias/?p=214090>

¹⁷ Em meu artigo Estado laico, acolhimento religioso: as discrepâncias no atendimento aos dependentes químicos em São Paulo, publicado na Revista Último Andar nº 26, cito algumas dessas operações. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/26123>

¹⁸ Reportagem disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/04/1622902-operacao-desastrosa-acaba-em-confronto-na-cracolandia.shtml>



Figura 1¹⁹

Mesmo antes desse episódio, o prefeito Fernando Haddad cobrou “mais policiamento” do governo estadual e classificou o fluxo como uma “questão de segurança pública”²⁰. Essa afirmação do prefeito vai ao encontro do que dizem Paulo César Pontes FRAGA (2004). O autor aponta as tendências relativas à política de drogas no Brasil: redução de danos e controle social das drogas. Mas, para ele, “a que possui posição hegemônica na prática e discurso governamental é aquela proibicionista, repressiva e militarizada” (p.29). O autor ainda defende que:

No marco do Estado de direito, a segurança é uma das principais e mais urgentes necessidades. E necessário que se incentive campanhas pelo desarmamento e a aprovação de legislação sobre esse tema. Assim como é importante que se debata os impactos que uma legislação menos repressiva no trato da questão da cadeia produtiva de substâncias ilícitas teria para esse fim. É importante estimular-se experiências de comunidades não defendidas, nas quais as populações possam, por meios pacíficos, com o auxílio de atores locais, como escolas e igrejas traçar acordos de paz – que não seja a lei do silêncio. É necessária uma completa reforma da polícia para combater a corrupção policial, além de excessiva violência policial (FRAGA, 2004, p.30).

¹⁹ Foto tirada por mim em 21 de julho de 2015.

²⁰ Reportagem divulgada pelo jornal Folha de São Paulo em 20 de novembro de 2014.

Classificar o consumo de drogas como uma questão de segurança pública também demonstra, ao meu ver, uma dificuldade dos poderes executivos de São Paulo de compreenderem a diferença entre as funções de Estado e de Governo, que, apesar de interligadas, não são idênticas. Como define Norberto BOBBIO (1998), as funções de Governo se esgotam na esfera administrativa: construir estradas, fazer obras de saneamento básico, oferecer educação pública, garantir policiamento e segurança, são alguns exemplos. Já na função de Estado estão fincadas nos preceitos constitucionais e incluem estratégias e ações que comprometem a Nação como um todo, como por exemplo, as políticas públicas.

Assim como em nenhuma comunidade se realiza jamais uma conformidade espontânea e automática às normas sobre as quais se funda o desenvolvimento normal e ordenado das relações sociais, em toda comunidade política existe um órgão que tem o cômputo de impor as regras de conduta e de tomar as decisões necessárias para manter a coesão do grupo. Este órgão é o Governo. [...] Se agora nos propomos a especificar as determinações ulteriores do conceito de Governo em relação às funções do Estado, como lentamente se foram verificando no curso da história e como foram formuladas na doutrina da divisão de poderes, devemos afirmar que o Governo coincide com o poder executivo, ou melhor, com os órgãos de cúpula desse poder, com a execução do aparelho de funcionários, que tem a função de colaborar no funcionamento dos serviços públicos, dando execução às decisões do Governo, e que é a administração pública (BOBBIO, 1998, p. 554).

A própria Constituição Brasileira²¹, em seu artigo 3º, estipula quais são os objetivos fundamentais da República: I) construir uma sociedade justa e solidária; II) garantir o desenvolvimento nacional; III) erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e religiosas; e IV) promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Primeiro contato

Como referido anteriormente, meu primeiro contato com as ações do governo do estado relativas ao crack aconteceu por conta da minha contratação como coordenadora de comunicação da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social, em março de 2012. Minha meta era a divulgação dos projetos sociais da Secretaria, em especial o que estava se desenhando para o enfrentamento, que mais tarde ganharia o nome de Programa Recomeço.

Como foi dito anteriormente, a primeira ação do governo estadual na área foi a assinatura de convênio com a Associação Missão Belém, uma entidade criada pelo padre Gianpietro Carraro para a recuperação de dependentes químicos, em especial os que estão em

²¹ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm

situação de rua na cracolândia. Quando o então secretário Rodrigo Garcia²² me passou as diretrizes do trabalho, minha primeira reação foi de descrença e desconfiança nos resultados que o convênio produziria. Tentei argumentar com o secretário. A resposta foi direta: o convênio já estava assinado. “Divulgue!”, foi a ordem recebida.

Como muitos eu achava que a droga era consumida apenas por moradores de rua e acreditava que essas pessoas não tinham mais discernimento para aceitar voluntariamente qualquer tipo de tratamento. Não via muita solução para a imagem desoladora de pessoas vagando sem rumo, em surto, ou dormindo em meio à sujeira. “É isso o que elas vivem e querem”, pensava.

A ideia de um grupo de voluntários abordando usuários de drogas nas ruas e tentando convencê-los que a saída daquela situação e aceitarem algum tipo de tratamento não me parecia promissora. Além disso, a maioria dos agentes da abordagem é formada por pessoas que já estiveram em situação de rua e dependência química e foram reinseridos socialmente pelo trabalho da Missão Belém. “Náufrago ajudando náufrago”, como diz o padre Gianpietro.

Na manhã do dia 3 de dezembro de 2012, uma segunda-feira, os 50 voluntários da Missão Belém estavam a postos para começar o trabalho conveniado com a Secretaria. Eu e mais dois integrantes da minha equipe também, além de dezenas de jornalistas dos vários veículos de comunicação que foram avisados do início dos trabalhos. Os comentários dos profissionais eram de ceticismo. E na minha cabeça só passava a repercussão negativa das ações da Operação Centro Legal. Com o temor de que tudo podia dar errado fui com um discurso preparado caso nenhuma pessoa fosse retirada da cracolândia naquele dia: “O trabalho com dependentes químicos em situação de rua demanda tempo e dedicação”, escreveria na nota a ser enviada para a imprensa.

Uma repórter de TV segurou a minha mão: “Ai, será que é seguro ficar aqui? E o cheiro?”. Eu partilhava do mesmo incômodo, mas dei uma resposta protocolar, cheias de mensagens-chave de comunicação. Mas, aos poucos, as duplas de voluntários da Missão Belém foram chegando com dependentes químicos. Quando a primeira Kombi que levaria as pessoas para a triagem na entidade chegou, havia uma fila de usuários de crack à espera para entrar no veículo. Os repórteres fotográficos e cinematográficos ficaram enlouquecidos com

²² Deputado federal (DEM) licenciado e hoje titular da Secretaria Estadual da Habitação.

as imagens de algumas pessoas tendo que ser carregadas no colo pelos voluntários, tamanha era a debilidade delas.



Figura 2²³

Aquela mesma repórter do início do parágrafo anterior saiu cumprimentando e abraçando um por um na fila falando palavras de incentivo, sem se incomodar mais com o cheiro das pessoas²⁴.

Para minha surpresa, e por que não dizer para meu alívio também, a repercussão na imprensa foi bastante positiva e quase nenhuma reportagem lembrou da brutalidade da Operação Centro Legal. Em 25 dias de trabalho, a Missão retirou 210 pessoas da cracolândia. Vinte e três desistiram. “A rotatividade é grande, principalmente nos primeiros dias por conta da crise de abstinência. Mas felizmente muitos voltam para o nosso acolhimento”, disse o padre na ocasião²⁵.

Um outro convênio chegou a ser discutido, mas com a Cristolândia, ligada à igreja batista. A instituição trabalha de forma semelhante à Missão Belém. Quem faz o receptivo dos dependentes são ex-usuários já recuperados ou na fase final do processo. Mas também atua na redução de danos. Como tem uma base na cracolândia, oferece alimentação, banho e troca de

²³ Foto de Marcelo Camargo, da Ag. Brasil, de 21 de janeiro de 2013.

²⁴ Infelizmente não tenho registro de imagem da repórter abraçando os usuários.

²⁵ A fala está no press-release que distribuí para a imprensa no dia 28 de dezembro de 2012. Disponível em <http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/lenoticia.php?id=1701>

roupas quase que diariamente. O convênio não chegou a ser firmado porque, na época, o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) era registrado no Rio de Janeiro, o que inviabilizou a parceria²⁶.

Com o tempo, o assunto cracolândia esfriou na imprensa. O Recomeço foi ganhando outros contornos. Após um ano de parceria, o convênio com a Missão Belém não foi renovado e o governo do estado optou por financiar vagas em comunidades terapêuticas diversas para o acolhimento dos dependentes químicos. Nas vésperas da eleição para governador, houve uma mudança de secretariado que atingiu a Secretaria de Desenvolvimento Social. A coordenação do Recomeço também sofreu alterações. É comum que os novos gestores cheguem com novas ideias e queiram imprimir suas marcas. Foi assim com a chegada do prefeito Fernando Haddad cuja administração mudou radicalmente o enfrentamento do poder municipal em relação ao crack.

O problema que isso traz é a descontinuidade do trabalho e até mesmo a dificuldade de mensurar os resultados. É a provisoriedade definida por SPOSATI, que acrescenta:

À medida que as diferentes políticas sociais ganham perfil setorial próprio, distanciam-se do âmbito da assistência social, e neste movimento este campo de ação governamental vai se caracterizando como destinado ao [...] mais espoliado. Permanece a assistência sem a sinalização de uma política social e, mais do que isso, como espaço comum ou “vala comum” dos destituídos. (SPOSATI, 2012, p. 26)

Esse novo cenário coincidiu com a inquietação que eu estava sentindo quanto aos rumos do meu trabalho de jornalista e do meu papel na coordenação de Comunicação da Secretaria. E veio ao encontro de uma ideia que não me saía da cabeça: entender (ou apurar, no jargão jornalístico) melhor o trabalho que entidades religiosas desenvolviam na cracolândia com resultados aparentemente positivos. Como isso se dava? Era uma alternativa possível a esse grave problema? Então, em setembro de 2013, alegando motivos pessoais, pedi exoneração da Secretaria e decidi transformar essa ideia numa pesquisa de Mestrado.

Entrei em contato com um ex-professor meu, o pós-doutor Maurício Waldman, que me incentivou quanto ao tema e me deu as primeiras direções de como montar o projeto e a bibliografia. Com um projeto em mãos comecei uma pequena peregrinação por vários cursos de Mestrado na Universidade de São Paulo e Universidade de Campinas. Em todas ouvi não

²⁶ O Governo do Estado de São Paulo só firma convênios com empresas e/ou instituições paulistas.

como resposta. Mesmo focando não exatamente na religião, mas na possível transformação social dos indivíduos, o tema não interessou os possíveis orientadores.

Foi quando acabei conhecendo o Programa de Ciências da Religião da PUC, por indicação de um amigo, Roberto Monastersky. Em 21 de agosto 2013, o saudoso professor livre docente Afonso Maria Ligório Soares, coordenador do Programa na época, foi a primeira pessoa a me receber e também a primeira pessoa a gostar do meu tema. Dias depois, em 28 de agosto, o professor doutor Silas Guerriero me recebeu na sala do Programa e me ajudou com a adequação da bibliografia. Aprovada na prova do Mestrado, feita no dia 18 de novembro de 2013, recebi como orientadora a professora doutora Maria José Rosado-Nunes, que prefere ser chamada de Zeca.

A construção da pesquisa

A primeira tarefa foi pensar sobre o objetivo, fugindo do caminho fácil do proselitismo. Assim, cheguei ao que parecia ser mais importante: verificar se o trabalho das duas instituições religiosas produz elementos específicos que contribuem com a recuperação dos dependentes químicos que vivem na cracolândia. A religiosidade foi e continua sendo estudada como alternativa de tratamento, como foi apresentada na tese de Zila van der Meer SANCHEZ (2006). Miriam SCHENKER e Maria Cecília de Souza MINAYO (2004) também já citaram como a espiritualidade pode ser usada na recuperação de usuários de drogas.

Nicola ABAGNANO (2012) também fala do caráter prático da crença religiosa – ou fé – ao citar Duns Scot:

Por “prático” Duns Scot entende o que serve para dirigir a conduta; portanto para ele a teologia é prática, pois as verdades que ela ensina não são teóricas, ou seja, necessárias e demonstráveis, mas servem unicamente para dirigir o homem para a bem-aventurança (ABAGNANO, 2012, p.502).

Note-se que o tema consta até mesmo no Manual de Orientação para Instalação e Funcionamento de Comunidades Terapêuticas no Estado de São Paulo, organizado pelo Conselho Estadual de Políticas sobre Drogas (Coned)²⁷:

A vida em comunidade é orientada por três princípios: Laborterapia – é a execução de trabalhos com significados terapêuticos e/ou execução de tarefas que desenvolvam autonomia, organização e responsabilidades nas atividades da vida diária e prática.

²⁷ Disponível em <http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/31/Documentos/Manual%20CT%202014.pdf>, p. 60-61

Conscientização – visa despertar no residente a percepção de hábitos, comportamentos, pensamentos e sentimentos que comprometem a sua qualidade de vida, proporcionando também o desenvolvimento de habilidades para o resgate de valores e hábitos saudáveis. Espiritualidade - é a dimensão da pessoa humana que traduz a busca em alcançar a plenitude da sua relação com o seu bem estar espiritual na forma como cada um concebe.

O objetivo inicial acabou por ser retrabalhado na minha qualificação em 17 de agosto de 2015, quando ficou definido que mais do que verificar se a religião possui elementos que ajudam na recuperação do vício era apreender como os sujeitos que passam pelo “tratamento” das instituições religiosas percebem e ressignificam o papel da religião nessa etapa de suas vidas.

A primeira tarefa foi eleger o campo empírico da pesquisa. Na cracolândia, além das ações governamentais, existem vários grupos ligados a alguma fé religiosa²⁸ que atuam junto à população usuária de drogas. Essas instituições, muitas delas sem verbas públicas, trabalham com o acolhimento desses indivíduos. Missão Batista Cristolândia, vinculada à igreja batista, e Associação Missão Belém, de fé católica, foram escolhidas por trabalharem na área delimitada para a pesquisa, a cracolândia. Também por outra semelhança: o atendimento dos dependentes químicos é feito por ex-usuários de drogas recuperados pelo trabalho das entidades. E são eles que dão suporte aos dependentes de drogas que buscam ajuda ao optarem pelo sistema de acolhimento aplicado por ambas.

Para ganhar a confiança dos dependentes, as duas entidades se valem da aproximação pessoal. Os membros da Associação Missão Belém, por exemplo, muitas vezes dormem na cracolândia junto aos consumidores de drogas. Já a Cristolândia oferece quase que diariamente alimentação, banho e troca de roupas para os usuários da cracolândia, sem a obrigatoriedade de seguir para o tratamento. A abordagem (ou acolhimento) feita, em sua maioria, por ex-usuários de drogas recuperados pelo trabalho das duas instituições parece facilitar o contato por conhecerem, de fato, o que é ser dependente químico em situação de rua. O que nem sempre se vê com as equipes da Prefeitura e do Estado que também trabalham no local. O poder público, mesmo na forma de agentes sociais ou de saúde, assusta e intimida o usuário.

²⁸ A Fraternidade O Caminho (católica), Comunidade Evangélica Nova Aurora e Instituto nas Mãos de Deus (as duas últimas evangélicas) são algumas delas. Há outras ONGs e entidades sem vínculo religioso também. Um exemplo é a É de Lei. <http://edelei.org/home/>

Ao convencerem os dependentes a aceitarem o tratamento, as duas instituições citadas usam o trabalho manual, a disciplina e a espiritualidade como terapia de tratamento em suas comunidades. Independente da religião – ou falta dela – dos usuários, todos são convidados ao estudo de textos bíblicos e religiosos e a fazerem orações várias vezes ao dia.

A presença de agentes religiosos junto a grupos excluídos ou segregados não é uma novidade. No Brasil, o sistema prisional, por exemplo, há muito tempo é campo de trabalho de desses agentes missionários, inicialmente católicos e mais recentemente evangélicos. A atuação desses grupos não se dá apenas no apoio religioso e espiritual, mas também como observou Edileuza LOBO em trabalho realizado em prisões do Rio de Janeiro e publicado na Revista Comunicações do ISER: “os agentes religiosos externos passam a visitar diariamente os presos ajudando a amenizar carências materiais e afetivas desses indivíduos e até de suas famílias” (LOBO, 2005, p.24).

Na saúde, a religiosidade também está presente. Pesquisas na área demonstram que a fé em alguma crença religiosa pode auxiliar no enfrentamento de doenças graves como o câncer. Em sua tese de doutorado, Joelma Ana ESPÍNDULA (2009) diz:

Os pacientes significam a religião como um meio de suporte e sustento fundamental nos momentos de dor e sofrimento causados pelo câncer e por seu tratamento. Eles percebem a comunidade religiosa como um apoio espiritual, com a qual eles podem compartilhar os seus sentimentos, os seus conflitos, as suas dores e serem acolhidos, como são, na sua finitude. Alguns mostram que puderam viver na vida transformações de valores que ainda não tinham sido vividos e nem experimentados, e passam a agir através destes. (ESPÍNDULA 2009).

Até estudiosos de outras áreas apontam a religiosidade – ou a espiritualidade – como parte importante do ser humano. Dalmo DALLARI (1998) diz:

Mesmo as teorias chamadas materialistas, que não querem aceitar a espiritualidade da pessoa humana, sempre foram forçadas a reconhecer que existe em todos os setores humanos uma parte não-material. (DALLARI 1998, p.9).

No levantamento do estado da arte para verificar quais trabalhos acadêmicos já haviam sido feitos sobre o tema da minha pesquisa de Mestrado, encontrei vários estudos que têm a cracolândia como campo de pesquisa. Mas poucos que tratam da importância da religiosidade e/ou espiritualidade para o atendimento do problema da dependência química. E apenas um foi tratado no âmbito das Ciências da Religião, caso da dissertação **A reinvenção do cotidiano: Memórias e histórias de missionários e ex-marginalizados do centro de São**

Paulo²⁹, de José Francisco de Souza, apresentada à Universidade Metodista de São Paulo, para o título de mestre em Ciências da Religião. A pesquisa buscou ouvir missionários e pessoas atendidas pela Comunidade Evangélica Nova Aurora (CENA), que atua no centro de São Paulo. Foi utilizado o método de história oral. O trabalho do autor gira em torno da atuação missionária da CENA que atende e acolhe pessoas marginalizadas ou em situação de rua (dependentes químicos inclusive). Foram entrevistadas 12 pessoas: dois pastores, cinco voluntários (três homens e duas mulheres), dois acolhidos (um homem e uma mulher) um voluntário, o tesoureiro e a assistente social da instituição, que têm casas de recuperação, no caso de dependentes químicos, ou de acolhimento, para pessoas em situação de rua. O autor é membro da CENA e defende que o modelo aplicado pela instituição de recuperação e reinserção social pode ser replicado por outros atores sociais, incluindo o poder público.

Um outro trabalho foi a tese apresentada à Unifesp – Faculdade Paulista de Medicina para o título de doutora em Ciências, de autoria de Zila van der Meer Sanchez: **As práticas religiosas atuando na recuperação de dependentes de drogas: a experiência de grupos católicos, evangélicos e espíritas**³⁰. Apesar de ter sido desenvolvido na área da Psiquiatria, a pesquisa buscou compreender e elucidar procedimentos dos diversos tratamentos para dependência de drogas realizados por grupos religiosos, que não seguem os padrões médicos convencionais. Por isso considere a tese desenvolvida por Sanchez já que seu trabalho se aproxima do objeto da minha pesquisa. A pesquisadora utilizou o método qualitativo, empregando técnicas de entrevistas semiestruturadas e observação participante, levando em conta a visão do fenômeno que têm os indivíduos que se submeteram a essas práticas religiosas no pós-tratamento da dependência química. Sanchez visitou 21 instituições religiosas dos segmentos católico, protestante e espírita, e entrevistou 85 ex-usuários de drogas (15 mulheres e 70 homens), submetidos a práticas religiosas no tratamento da dependência de drogas.

A pesquisadora concluiu que o tratamento religioso para dependência de drogas pode ganhar espaço na saúde pública brasileira e compartilha responsabilidade com o serviço de saúde convencional, pela forma humana e respeitosa pela qual os dependentes são tratados. Segundo Sanchez, a maior potencialidade desses tratamentos está no tratamento de igual para igual e no acolhimento imediato e sem julgamentos, mostrando que o suporte social do grupo é responsável pelo sucesso das ações desenvolvidas pelos grupos pesquisados.

²⁹ Disponível em http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=294

³⁰ Disponível em http://www.amebrasil.org.br/html/tese_zila_PhD.pdf

Outra pesquisa considerada foi a dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Saúde Pública para obtenção do título de mestrado. **O sentido do uso ritual da ayahuasca em trabalho voltado ao tratamento e recuperação da população em situação de rua em São Paulo**³¹, de autoria de Bruno Ramos Gomes, abordou o uso do chá da ayahuasca (também chamado de Daime) na recuperação de dependentes químicos e em situação de rua, trabalho desenvolvido pela Unidade de Resgate Flor das Águas Padrinho Sebastião, grupo situado em São Paulo.

O pesquisador não levou em conta a religiosidade implícita no ritual do Daime, mesmo assim foi considerada no estado da arte. O pesquisador fez um paralelo do uso do chá de ayahuasca como redutor de danos nos dependentes de crack. A pesquisa foi feita numa perspectiva fenomenológica, por meio de entrevistas em profundidade com os praticantes da religião e dois participantes do trabalho que já estiveram em situação de rua, além de observação participante – o pesquisador esteve presente aos rituais e na realização das outras terapêuticas.

A partir do que foi observado e relatado, foi possível perceber alguns elementos que vão ser fundamentais para a compreensão do sentido do terapêutico do chá: experiência simbólica como aspecto principal; uso do Daime de forma ritual como relacionamento com uma alteridade sagrada que ensina; construção de perspectiva de vida e de ideal moral individual a ser alcançado, entre outros aspectos. A partir do que foi observado, Ramos avaliou as possibilidades científicas de se avaliarem os possíveis riscos associados e a eficácia do uso terapêutico da ayahuasca.

A última pesquisa incluída no levantamento do estado da arte foi o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) de Deborah Fromm, apresentada ao Departamento de Sociologia da UFSCar para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais: **Deus e o Diabo na terra do crack: uma etnografia da “cosmopolítica” batista**³². Segundo a avaliação da bacharel, pouco tem sido sistematicamente estudado acerca do crescente papel da Igreja, mais especificamente de igrejas evangélicas, na assistência, evangelização e conversão dos chamados “noias”³³. Apesar de seu trabalho ser sobre a conversão de fieis, considerei-o em minha pesquisa do estado da arte porque seu campo empírico foi a Missão Cristolândia, um dos objetos da presente pesquisa, ainda que abordado por outro prisma.

³¹ Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-09092011-160114/pt-br.php>

³² Disponível em <http://www.diagramaeditorial.com.br/namargem/wp-content/uploads/2014/02/fromm-01.pdf>

³³ Apesar de não concordar com o termo, o reproduzi por estar presente no trabalho de Fromm.

Fromm disse ter investido dois anos de pesquisa de campo na Missão Cristolândia, para conhecer as políticas missionárias batistas no contexto específico da cracolândia e abordar o modelo de atendimento e de tratamento oferecido pelo projeto aos usuários de drogas, de modo a considerar as tecnologias e saberes envolvidos na evangelização e conversão do público-alvo, além da forte presença de componentes territoriais no foco desta ação missionária. Segundo ela, os evangélicos atacam a dependência não apenas como uma política terrena entre homens, mas entendem que se trata de uma batalha espiritual, assim como a agência de entidades em disputa pela gestão e controle de corpos, almas e territórios, propondo pensar uma “cosmopolítica” batista de combate ao crack.

Uma vez levantadas as pesquisas existentes que tomam a relação droga/crack e religião com seu objeto, o passo seguinte foi redefinir a amostra da pesquisa. Digo redefinir porque na minha ideia inicial eu também acompanharia a trajetória das pessoas que procuram as duas entidades em busca por acolhimento. Mas como a recuperação pode durar mais de dois anos e a desistência nos primeiros dias costuma ser grande, fui chamada à realidade pelos professores em sala de aula: a duração do Mestrado não seria suficiente para dar conta da minha ansiedade. Então, optei por contar a experiência dos ex-usuários que trabalham na Missão Belém e na Cristolândia no atendimento aos dependentes químicos.

A etapa final foi a definição do processo de preparação da pesquisa, tendo como base os manuais de Raymond QUIVY e Luc CAMPENHOUDT (1992) e Maria Cecília de Souza MINAYO (2014). Dessa forma, a pesquisa de campo foi dividida em quatro etapas:

a) Observação participante: acompanhamento do dia a dia e da formação do que chamarei de “corpo de trabalho” das duas instituições. Em geral, às segundas-feiras acompanhava o trabalho de campo dos voluntários da Missão Belém na cracolândia. E às sextas, meu expediente era na Cristolândia, onde, além de observar o trabalho desenvolvido no local, ajudava na distribuição de café da manhã aos presentes e no banho das mulheres. As minhas observações pessoais e alguns testemunhos dos participantes foram anotadas em cinco cadernos de campo ao longo do trabalho.

b) Entrevistas semiestruturadas, com informações de cunho sócio-demográfico, religiosidade, histórico do consumo de drogas e processo de recuperação na instituição religiosa dos entrevistados.

c) Entrevistas abertas com os “fundadores” das duas instituições: padre Gianpetro Carraro (Missão Belém) e missionária Soraia Machado e pastor Humberto Machado (Cristolândia).

d) Análise do conteúdo das entrevistas.

Esse modelo sofreu diversas alterações durante o trabalho. Por várias vezes o roteiro foi alterado por conta de atividades extras das entidades como no caso da Missão Belém que duas vezes por ano realiza a chamada Missão de Rua: vários missionários e voluntários, entre homens e mulheres, passam a viver durante uma semana junto à população usuária de drogas na cracolândia, inclusive dormindo ao relento.

A fase de entrevistas abertas com os fundadores também não foi simples. Com a agenda tomada pelos compromissos e eu não sendo uma prioridade para eles, consegui espaço para as conversas só no final de 2015. E, na última entrevista, com o padre Gianpietro, o gravador teve uma pane e nada da conversa foi gravada, fato só percebido ao transcrever a entrevista. Felizmente o vício profissional de anotar tudo e rever a conversa logo em seguida para não perder o “clima” salvou a entrevista.

Com este panorama do processo de construção da pesquisa passo a apresentar os capítulos que compõem o presente trabalho. No primeiro capítulo, abordarei a trajetória do crack até a cracolândia, uma região que já foi elitista e hoje sofre com a degradação. No segundo capítulo, os entrevistados para esta pesquisa – sete homens e uma mulher – contarão sobre seus primeiros contatos com a droga, o percurso que fizeram até chegar à Missão Belém e Cristolândia e as dificuldades para alcançar a recuperação. No último capítulo, os fundadores das duas instituições contam suas experiências pessoais e o que os levaram a criar as entidades para o atendimento dos “irmãos da rua”.

Capítulo 1 - Os caminhos do crack

Passados dois anos de trabalho na cracolândia para esta pesquisa, ainda acho graça da expressão de espanto de professores, amigos, colegas de PUC e familiares quando contava qual era o campo da minha pesquisa. Minha resposta foi sempre a mesma: “é muito menos perigoso do que parece”. Aliás, nunca tive qualquer problema com os usuários, os “irmãos da rua” como as duas entidades pesquisadas preferem nomear. O que sempre me incomodou mais foi a sujeira.

Por várias vezes senti o mesmo incômodo que a repórter já citada aqui anteriormente. E lembro, com grande constrangimento, de uma das visitas ainda trabalhando na Secretaria de Desenvolvimento Social que fizemos à cracolândia. Estava acompanhando o secretário e o padre Gianpietro quando um usuário de crack, muito sujo, veio até nós para cumprimentar o padre, que o abraçou sem se importar com sua aparência e odor. O homem também estendeu a mão ao secretário, que logo o cumprimentou. Fiquei torcendo para que ele me ignorasse, o que não aconteceu, claro. Retribuí o cumprimento. Mas passei os próximos minutos desesperada por lavar a mão. Como não havia banheiro público por perto, paguei uma passagem de trem apenas para usar o banheiro da estação Júlio Prestes.

O acúmulo de lixo no fluxo também é algo que impressiona. Todos os dias, uma equipe de limpeza da Prefeitura enche pelo menos duas caçambas com materiais diversos: roupas imundas, cobertores, colchões, restos de comida e toda a sorte de restos de plástico, metais e papéis. Com o tempo percebi que, o que eu entendia por lixo, era, na verdade, os pertences daquelas pessoas. Tanto que, no dia 18 de setembro de 2014, em uma das limpezas, os usuários começaram a reclamar que os garis estavam jogando fora seus pertences. Para “conter o tumulto”, Polícia Militar e a Guarda Civil Metropolitana foram acionadas. As informações oficiais só registraram dois guardas feridos. Mas fotos divulgadas pela imprensa mostram usuários machucados também³⁴.

³⁴ Nos sites da Rádio Jovem Pan e da Band trazem fotos de dependentes químicos feridos. Disponível em <http://jovempan.uol.com.br/noticias/brasil/sao-paulo/tentativa-de-limpeza-gera-confusao-e-deixas-feridos-na-cracolandia.html> e <http://noticias.band.uol.com.br/cidades/noticia/100000708384/pm-entra-em-confronto-com-moradores-da-cracolandia.html> Último acesso em 9 de setembro de 2015.



Figura 3³⁵

O livro *Nas tramas do crack – etnografia da abjeção*, de Taniele RUI (2014), que ofereceu um dos marcos teóricos desta pesquisa, faz um questionamento sobre o que senso comum entende como higiene e estética em contraposição ao que se passa com os dependentes químicos. Diz a autora:

Supostamente submetidos aos “poderes devastadores” da substância, os usuários de crack, ao inverterem radicalmente as nossas concepções de autonomia individual, escapam também às nossas noções de higiene, de asseio corporal, de cuidados com a saúde e com a estética; logo, às nossas noções de sujeira e de desmazelo corporal. E, acima de tudo, nos questionam acerca dos limites da experiência humana. (RUI, 2014, p. 20)

Passados mais de 20 anos desde a formação da cracolândia, seu fim, que já foi anunciado algumas vezes, parece longe de acontecer. Em entrevista concedida ao jornal Folha de S. Paulo, o diretor do Departamento de Narcóticos da Polícia Civil do Estado de São Paulo, Ruy Ferraz Fontes, deu novo prazo. Segundo ele, serão necessários “mais dois anos no mínimo para conseguir desmontar a rede de tráfico de drogas na cracolândia”³⁶.

³⁵ Foto de Fernando Zamora, da agência FolhaPress, de 18 de setembro de 2014.

³⁶ Entrevista disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/01/1728477-fim-da-cracolandia-levara-ao-menos-2-anos-diz-diretor-da-policia-antidrogas.shtml> Último acesso em 15 de janeiro de 2016.

Mesmo com as ações governamentais e a atuação de entidades diversas a região continua repleta de usuários. O tráfego local, apoiado em vendedores que também são dependentes de crack, ainda persiste. E a cracolândia permanece como um local que desafia políticas públicas e pesquisadores. O tema desta pesquisa não esgota, em hipótese alguma, os estudos sobre o assunto. É apenas uma amostra pequena deste grande problema social. E conhecer as transformações urbanas e sociais sofridas aos longos dos anos contribui para novos trabalhos.

1.1 – De bairro da elite a uma região degradada

Instalada no Centro da cidade de São Paulo, a cracolândia é o retrato da lenta e contínua degradação sofrida por uma região que já teve dias melhores. No passado, os bairros da Luz e Campos Elíseos, eram locais de passeios agradáveis, estudo e lazer, além de ser a residência do governador do Estado e da elite cafeeira paulista. Hoje, a situação é bem diferente.

Veja onde fica a Cracolândia em São Paulo

Segundo a PM, área é formada pelas avenidas Duque de Caxias, Rio Branco, Ipiranga, Casper Líbero e Rua Mauá, mas há outras vias como a Rua Helvécia, onde também há viciados, de acordo com a Prefeitura

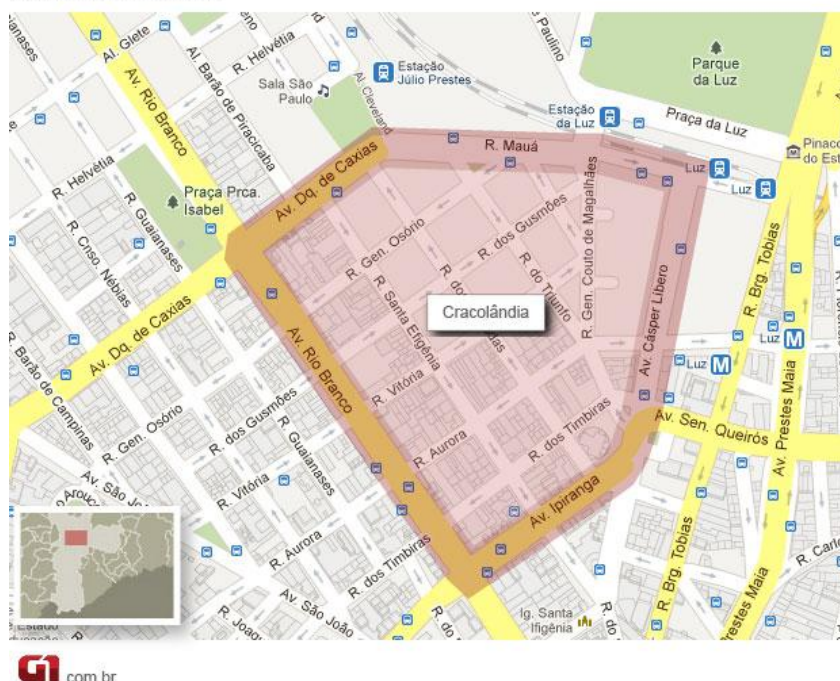


Figura 4³⁷

³⁷ Imagem publicada pelo site de notícias G1 em 5 de janeiro de 2012 por ocasião da Operação Centro Legal: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/01/acao-na-cracolandia-prende-condenados-pela-justica.html> Último acesso em 3 de dezembro de 2015.

Registros históricos levantados por Lais de Barros Monteiro GUIMARÃES demonstram que a região já era reconhecida em 1603, como aponta a transcrição do documento lavrado pelo tabelião Lourenço Vaz, no dia 10 de abril daquele ano. “O atual bairro da Luz, os Campos Elíseos e a várzea do Tietê onde ‘este rio se une ao Tamanduateí’, constituíam a velha Piratininga, sendo certo que os residentes no outro lado do rio eram denominados ‘além Piratininga’” (GUIMARÃES, 1977, p.24).

O ano coincide com a construção de uma pequena capela pelo português Domingos Luís e sua mulher, Ana Camacho, em louvor a Nossa Senhora da Luz. Segundo GUIMARÃES, logo se difundiu a história de milagres realizados pela Virgem e o local passou a ser conhecido como “campo da Luz”. Com isso, os primeiros franciscanos foram chegando e se instalando no local.

A capelinha deu lugar ao convento da Luz, projetado por Frei Antônio de Sant’Anna Galvão (hoje santo) onde atualmente também está instalado o Museu de Arte Sacra. Em seu entorno foram sendo construídos outros importantes edifícios que levaram cultura, educação e *status* à região: o quartel da Força Pública, a Escola Politécnica, o Hospital Militar, o Liceu de Artes e Ofícios (prédio que hoje abriga a Pinacoteca do Estado), o Instituto de Pesquisas Tecnológicas, a Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo, entre outros.

GUIMARÃES acrescenta, no entanto, que foi a construção da ferrovia “São Paulo Railway” que acelerou o crescimento da região. A inauguração do Jardim da Luz em 1825 levou mais notoriedade ao local e à vizinhança, como o bairro dos Campos Elíseos, que também começou a chamar a atenção. Antes formado por chácaras, o bairro foi loteado em grandes terrenos planos, no início do século XX. Os chamados “barões do café”, que chegavam a São Paulo de trem para realizar suas transações comerciais, viram nos Campos Elíseos o local ideal para construir suas mansões.

Além dos palacetes, o bairro abrigou a residência dos governadores do Estado. Entre 1935 e 1965 a sede do governo estadual funcionou no Palácio dos Campos Elíseos, em frente à residência oficial na avenida Rio Branco³⁸. O acesso fácil ao Centro da cidade e a oferta de serviços como a Santa Casa de Misericórdia (principal hospital da cidade naquela época) e o

³⁸ Desde março de 2008, o Palácio encontra-se em processo de restauração. Mais informações em <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,palacio-dos-campos-elisios-segue-fechado-apos-6-anos-do-projeto-de-restauracao,919332>. O prédio que antes era a residência oficial hoje abriga a Fundação para o Desenvolvimento da Unesp – Fundunesp.

Liceu Coração de Jesus (ainda hoje importante instituição de ensino privado) contribuía para o prestígio e a qualidade de vida dos bairros do entorno.

Mas, em 1929, o Brasil começou a registrar grande número de falências de cafeicultores motivada pela recusa do café brasileiro por grandes compradores, como Estados Unidos, Alemanha, Itália, França e Holanda. O motivo alegado: a baixa qualidade do produto.

No mesmo ano, o setor recebeu a última pá de cal por conta do *crash* da bolsa de valores americana. Sem garantias de compra do café nacional pelos Estados Unidos, os preços despencaram. A saca que valia 200.000 réis em agosto de 1929 caiu para 20.000 réis em janeiro de 1930. O governo brasileiro ainda tentou salvar os cafeicultores paulistas pedindo um empréstimo de US\$ 50 milhões para os Estados Unidos. Mas o pedido foi recusado porque o governo americano alegou não haver mais crédito externo após a quebra de Wall Street.

O revés financeiro sofrido pela elite cafeeira provocou uma debandada do bairro. Com isso, deu-se início a uma transformação radical da região que culminaria na degradação vista mais recentemente. Muitos dos casarões foram demolidos para dar lugar a prédios comerciais ou residenciais. Outros palacetes, abandonados por seus antigos donos, transformaram-se em cortiços e habitações precárias. A decadência da malha ferroviária brasileira e a mudança da sede do Governo do Estado e da residência do governador para o Palácio dos Bandeirantes (no Morumbi) ampliou o processo de degradação, atingindo os bairros vizinhos da Luz e Santa Ifigênia³⁹.

GUIMARÃES aponta que nem o Jardim da Luz foi poupado⁴⁰. Na década de 1930, sem manutenção e com a transferência de animais que lá ficavam expostos para o Parque da Água Branca, o jardim perdeu seu prestígio.

Foi o início do declínio de seu velho esplendor, quando passou a ser ponto de permanência e atuação de vadios e marginais que até pernoitavam por ali. Chegou mesmo a se constituir um lugar perigoso e já não se podia sequer qualificá-lo de jardim... Abandonado pelo poder público, o mato a tudo invadiu (...). O pessoal do

³⁹ Informações adicionais foram coletadas nos sites Historianet, Secretaria de Estado da Cultura (SP) e Museu de História dos Salesianos no Brasil (<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=1060>; http://www.cultura.sp.gov.br/StaticFiles/SEC/Condephaat/Pauta/Pauta_1676%20manhaok.pdf e <https://epaummuseunacracolandia.wordpress.com/>), acessados entre 15 de dezembro de 2014 a 22 de janeiro de 2015.

⁴⁰ A autora conta que em 1972, a prefeitura programou a reabertura do Jardim da Luz tentando reconstruir a “belle époque” paulistana. Segundo ela, apesar dos esforços, o local ganhou vida e movimento por “uns poucos dias, porque sua projeção e significação na vida de São Paulo não foi revivida ou reconquistada”.

interior já não tinha mais onde passar seus domingos paulistanos e o Jardim ficou esquecido (GUIMARÃES, 1977, p. 61).

Mais tarde, a instalação da rodoviária no bairro da Luz e o crescimento do número de cortiços que inibia a especulação imobiliária, também contribuíram para declínio e o abandono do entorno. E no início dos anos 1970, com o aumento da prostituição da marginalidade, a região passou a ser conhecida como “boca do lixo”.

O rápido percurso histórico foi feito para mostrar como a combinação de fatores que levaram à deterioração aos bairros da Luz e Campos Elíseos contribuiu para que o local também se tornasse propício ao consumo de drogas. A região, que teve um passado de glória, agora recebia novo apelido: cracolândia. De acordo com Rubens de Camargo Ferreira ADORNO e Luciane Marques RAUPP, o crack chegou ao Brasil em 1988 e a partir de 1991, já era consumido explicitamente nas ruas.

[...] principalmente na região da Luz, disseminando nacionalmente a “fama” da Cracolândia. Sua rápida expansão nacional ao longo dos anos 1990 deveu-se à peculiar combinação de preço aparentemente baixo, disponibilidade crescente e efeito potente (ADORNO E RAUPP, 2011).

Mas antes da chegada do crack a São Paulo, se faz necessário compreender o que é a droga e os caminhos que ela percorreu até o Centro paulistano.

1.2 – As muitas drogas

A palavra “droga” tem origem controversa, como aponta Henrique CARNEIRO (2005) e o dicionário Houaiss. O termo já foi usado para designar desde produtos secos a substâncias químicas. Mas as duas fontes concordam que a palavra pode ter origem no holandês *droog* (CARNEIRO) ou *drooge vate* (Houaiss⁴¹). A amplitude do termo também se dá quando tentamos avaliar apenas o ponto de vista farmacológico, segundo definição dada pela Organização Mundial da Saúde (OMS)⁴²:

Droga é toda a substância que introduzida no organismo vivo modifica uma ou mais das suas funções. Esta definição engloba substâncias ditas lícitas - bebidas alcoólicas, tabaco e certos medicamentos – e, igualmente, as substâncias ilícitas como a cocaína, LDS, ecstasy, opiáceos, entre outras.

Segundo artigo de Thiago RODRIGUES (2005) drogas hoje proibidas como cocaína e heroína, por exemplo, faziam parte de um “lucrativo mercado legal” no final do século XIX.

⁴¹ A etimologia da palavra droga foi consultada na versão online do dicionário – <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=droga> Último acesso em 2 de julho de 2015.

⁴² Maurício de Fiore faz avaliação semelhante ao justificar que usa o termo entre aspas “em virtude de sua controversa definição” (FIORE, 2005, p.257).

Essas substâncias eram tratadas como medicinais pela indústria farmacêutica e tinham importante papel nas estratégias políticas e geográficas de países que ainda mantinham colônias à época.

Estados europeus como Inglaterra, França, Alemanha, Holanda e Portugal tinham como um dos principais itens de suas políticas coloniais a produção de matéria-prima para a industrialização de psicoativos largamente comercializados, principalmente o ópio e seus derivados (RODRIGUES, 2005, p. 293).

O livre comércio e o aumento significativo de usuários de drogas levaram os Estados Unidos a forçarem a criminalização do porte e da venda de substâncias consideradas psicoativas, principalmente cocaína e opiáceos. De acordo com RODRIGUES, esse movimento foi capitaneado pelas igrejas protestantes americanas que viam o consumo de álcool e drogas como atos “pecaminosos e degenerescentes”. Mas, mais do que isso: ligavam minorias vistas como perigosas a hábitos considerados inadequados. Assim, os chineses passaram a ser relacionados ao ópio, negros à cocaína, irlandeses ao álcool e hispânicos à maconha.

RODRIGUES comenta terem sido os Estados Unidos a darem status de guerra internacional ao comércio mundial de drogas. Na década de 1970, a política do presidente Richard Nixon passou a tratar as drogas ilícitas como “inimigo número um” e “um atentado internacional” ao país. “Haveria, desse modo, países produtores e países consumidores: os primeiros, ‘agressores’ ativos ou passivos (se incapazes de coibir o tráfico em seus territórios); os da outra categoria, ‘vítimas’ dos venenos ilegalmente comercializados” (RODRIGUES, 2005, p. 296).

Maurício FIORE (2005) e Gustavo dos Santos FANTAUZZI e Bruna Fátima Chamves AARÃO (2010) trabalharam o fato de que a iniciativa americana teve grande impacto na legislação de outros países, inclusive o Brasil, já a partir do século XX.

Com o alarde gerado em torno do consumo de cocaína, concentrado principalmente entre os jovens das classes mais abastadas, e de maconha, entre as classes mais baixas, as drogas passaram a ser motivo de atenção entre as autoridades (FIORE, 2005, p. 266).

Assim, o Brasil aderiu à Convenção de Haia⁴³, conhecida como “Convenção do Ópio”, que estabeleceu controle sobre a venda de substâncias psicoativas, levando o presidente Hermes da Fonseca (1910-1914)⁴⁴ a editar o primeiro decreto nacional para impedir os abusos

⁴³ Segundo FIORE, a convenção teve início em 1911 e foi ratificada em 1912. No entanto, por conta da Primeira Guerra Mundial, sua execução só foi possível em 1921.

⁴⁴ Fonte: site www.infoescola.com.br. Último acesso em 21.09.2015

do consumo de drogas⁴⁵. Mas a primeira legislação⁴⁶ que punia com prisão a venda de ópio e cocaína, bem como a internação compulsória de “estabelecimento correccional adequado”, viria apenas sete anos depois⁴⁷.

Alguns decretos depois e para se adequar aos novos tratados internacionais, o governo brasileiro, em 1976, cria a Lei de Tóxicos com uma mudança: a internação deixa de ser obrigatória, sendo substituída pelo tratamento. “Além disso, divide as penalidades previstas para quem porta a substância para vender (Art. 12) e quem a porta para consumo próprio (Art.16) (FIORE)”. Na legislação atual, a lei 11.343 de 2006⁴⁸, a principal mudança em relação aos textos anteriores foi a eliminação da pena de prisão para o usuário.

Aqui vale um parêntese para atualizar o tema da legislação que está em vigor. A letra da lei 11.343 prevê no artigo 27, no capítulo 3º, que as penas para quem compra, guarda ou carrega drogas para uso pessoal são: I – advertência sobre os efeitos das drogas; II – prestação de serviços à comunidade; III – medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo. As mesmas sanções são aplicadas para quem planta para uso pessoal.

Quem determina se a quantia apreendida com o usuário era para consumo pessoal é o juiz, conforme descrito no parágrafo segundo do artigo 28. Mas na prática, essa decisão hoje cabe à polícia e a noção de volume do que é para uso pessoal ou para tráfico varia bastante. O usuário responde em liberdade, mas pode perder a condição de réu primário numa eventual condenação.

O caso mais emblemático foi o que levou o Supremo Tribunal Federal (STF) em agosto de 2015 a iniciar o julgamento da constitucionalidade do artigo 28 da lei 11.343. O processo foi gerado pelo caso de um presidiário que cumpria pena de dez anos no Centro de Detenções Provisórias de Diadema (São Paulo) que foi pego portando três gramas de maconha em sua cela em julho de 2009. Mesmo alegando que a droga era para consumo próprio, o detento acabou condenado a prestar serviços à comunidade. A defesa não se conformou e entrou com um recurso no Supremo. O recurso da defesa, questionando a lei

⁴⁵ Decreto 2.861, de 1914.

⁴⁶ Decreto 4.294, de 1921

⁴⁷ FIORE descreve outras legislações sobre o tema no Brasil e no mundo. Para saber mais, leia FIORE, Maurício. A medicalização da questão do uso de drogas no Brasil: reflexões acerca de debates institucionais e jurídicos. In. VENÂNCIO, Renato Pinto e CARNEIRO, Henrique (org). Álcool e drogas na história do Brasil. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

⁴⁸ A íntegra da lei encontra-se em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm. Último acesso em 28 de janeiro de 2016.

chegou ao STF em agosto de 2010, mas entrou na pauta apenas no ano passado⁴⁹. O julgamento foi suspenso por conta do pedido de vistas do ministro Teori Zavascki⁵⁰. Mas mesmo fora do STF a questão está longe de ter um consenso. As 11 entidades que conseguiram participar do julgamento sobre a liberação do porte de drogas para consumo próprio têm opiniões distintas. Uma reportagem publicada pelo jornal Folha de S. Paulo⁵¹ apontou que parte delas acredita que o porte de drogas para consumo próprio não teria efeito sobre terceiros nem sobrecarregaria os sistemas de atendimento de saúde. Já o outro lado acredita exatamente no contrário e defende que haverá aumento no consumo e, consequentemente no tráfico de drogas. A discussão sobre o tema no Supremo não tem prazo para ser retomada.

A discussão sobre a legalização do uso de drogas é bastante polêmica. Mas os países que optaram por isso defendem que ela é necessária para tirar poder do narcotráfico. O exemplo mais próximo a nós é o do Uruguai. Desde 2013 a produção e o consumo de maconha para uso recreativo é regulamentada no país. Os dados mais recentes divulgados dão conta que existem 3 mil usuários legalizados entre cultivadores domésticos e cadastrados em clubes de cultivo. Apenas residentes são autorizados a consumir e plantar. O plantio para consumo próprio é simples: basta se credenciar em uma agência dos correios. Segundo dados do governo uruguaio, após a liberação não houve aumento do consumo de maconha no país⁵².

Por aqui, o maior avanço em relação à maconha foi a liberação do uso de medicamentos à base de canabidiol, substância presente na maconha, pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), desde que exclusivamente para tratamento de saúde⁵³. A maconha poderia ser usada como redutor de danos para usuários de crack, mas esse uso não foi contemplado pela agência.

⁴⁹ A imprensa deu ampla cobertura ao início do julgamento do tema no STF. Veja aqui um exemplo: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/08/stf-julga-artigo-da-lei-de-drogas-e-discute-se-e-crime-posse-para-usuario.html> Último acesso em 8 de outubro de 2015.

⁵⁰ Última atualização do julgamento encontra-se em <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=299484&caixaBusca=N> Último acesso em 28 de janeiro de 2016.

⁵¹ Reportagem disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/08/1670813-entidades-divegem-sobre-liberacao-do-porte-de-drogas-em-julgamento.shtml> Último acesso em 9 de outubro de 2015.

⁵² Para saber mais sobre o tema, acesse a reportagem do jornal El País: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/21/internacional/1445441950_042795.html

⁵³ Mais informações no site da Anvisa: <http://portal.anvisa.gov.br/wps/content/Anvisa+Portal/Anvisa/Inicio/Medicamentos/Assunto+de+Interesse/Produtos+controlados/Solicitacao+de+importacao+de+produtos+a+base+de+Canabidiol>

1.3 – A viagem do crack até a cracolândia

Fechado o parênteses, voltemos ao tema do percurso do crack até o Centro de São Paulo. Um dos motivos apontados por especialistas para a entrada do crack e outras drogas no País deve-se à dificuldade de fiscalização das fronteiras, além do pouco efetivo de fiscais e policiais para isso. Uma tentativa governamental para reverter o quadro foi a criação, em 1998, da Secretaria Nacional Antidrogas (Senad)⁵⁴, órgão executivo federal principal da política antidroga. Mas, na visão de FIORE, mesmo tendo sua criação inspirada no Drugs Enforcement Administration (DEA), organização norte-americana que controla a política e a repressão às drogas, a Senad “não conseguiu centralizar o comando da repressão ao tráfico”⁵⁵.

Em junho de 2011, o Governo Federal lançou o Plano Estratégico de Fronteiras que prevê operações conjuntas entre as polícias Federal e Rodoviária Federal, além das Forças Armadas e Receita Federal para coibir a entrada de produtos piratas e tráfico de armas e drogas. Parte importante do plano – o Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras (Sisfron) – integra estações digitais, radares e unidades militares para fiscalizar os mais de 16 mil quilômetros de fronteiras brasileiras.

Segundo editorial publicado no jornal O Estado de São Paulo em 1º de junho de 2015⁵⁶, com o título **O efeito da crise na segurança**, o projeto deveria receber R\$ 1 bilhão ao ano. No entanto, desde 2012 teve o orçamento reduzido para R\$ 300 milhões. De acordo com o jornal, sem o dinheiro previsto, o Sisfron corre o risco de não ser capaz de monitorar as fronteiras e produzir informações com a rapidez necessária para deflagrar as ações de combate ao tráfico, por exemplo.

O professor da UFRGS, Denis Lerrer Rosenfield, também fala dos problemas do Sisfron em artigo no mesmo jornal e data⁵⁷. De acordo com o professor, a falta de um sistema eficiente de defesa das fronteiras permite que o país fique à mercê “das mais variadas formas de crime, como contrabando e tráfico de armas e drogas”.

⁵⁴ Juntamente com o Conselho Nacional Antidrogas forma o Sistema Nacional de Políticas Públicas Antidrogas (Sisnad) que, segundo o texto da lei, prescreve medidas de prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas.

⁵⁵ Apesar da crítica, o autor considera importante o apoio e financiamento que a Secretaria Nacional Antidrogas dá aos estudos e pesquisas de prevenção ao uso de drogas. FANTAUZZI e AARÃO (2010) também citam o estabelecimento de normas para funcionamento de comunidades terapêuticas como importante papel do órgão.

⁵⁶ Disponível em <http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-efeito-da-crise-na-seguranca,1697826>

⁵⁷ Disponível em <http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,soberania-nacional,1697777>

Sem o controle adequado das fronteiras, o crack chegou facilmente ao Brasil. Algumas pesquisas colocam o país no incômodo lugar de principal consumidor da droga no mundo⁵⁸. Como já foi citado anteriormente, segundo ADORNO e RAUPP, o crack chegou ao Brasil em 1988 e a partir de 1991, já era consumido explicitamente na cracolândia.

RUI (2014) confirma que a ocupação da cracolândia não é nova. “Desde os primeiros anos da década de 1990, há registros de que o centro de São Paulo, especialmente as ruas do bairro da Luz, atrai e concentra consumidores de crack” (p.222). A autora acrescenta que a data é próxima dos primeiros relatos sobre a apreensão da droga. Cita informações colhidas no livro do repórter Marcos Uchoa, **Crack: o caminho das pedras**, de que a droga teria entrado na cidade pelo bairro de São Mateus (Zona Leste da Capital).

Em reportagem sobre os 20 anos da cracolândia⁵⁹, o jornal Folha de S. Paulo de 17 de maio de 2015⁶⁰, traz um histórico semelhante. No texto, o delegado aposentado Alberto Corazza, ex-titular da divisão de prevenção do Departamento Estadual de Narcóticos (Denarc), conta que a primeira apreensão que fez na cracolândia “foi lá por 1990”. O relato é seguido pela transcrição de nota, publicada pelo mesmo jornal em 24 de junho do mesmo ano, informando que o Denarc havia apreendido dois dias antes, 220 gramas de crack com “um barbeiro na zona leste”.

Tanto RUI quanto a reportagem da Folha de S. Paulo deixam claro que é difícil explicar os motivos que fizeram o crack migrar da Zona Leste para o Centro, transformando a já degradada “boca do lixo” em “cracolândia”. No entanto,

Tal narrativa é interessante porque nos leva a indagar, mesmo que a resposta seja inalcançável, sobre o processo que fez com que um pedaço da região da maior metrópole brasileira se tornasse nacionalmente conhecido como a “terra do crack”, a “cracolândia”. Se deslocando da periferia para o centro e ali se territorializando, não há como negar os efeitos e as consequências dessa aparição pública (RUI, 2014, p. 222).

Erving GOFFMAN (2004) talvez tenha chegado perto de uma conclusão ao analisar a interação social entre indivíduos estigmatizados e os considerados normais. O autor avalia que o contato entre esses dois grupos possa estar sujeito “a respostas estereotípicas”, à medida que as pessoas se relacionam pode acontecer certa compreensão em relação à situação do grupo

⁵⁸ Dados do II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas, 2012.

⁵⁹ O jornal conta como “aniversário” o ano de 1995, quando os jornais passaram a usar o termo cracolândia para identificar a área do Centro de São Paulo onde a droga é consumida.

⁶⁰ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/05/1629910-area-de-consumo-livre-da-droga-cracolandia-se-popularizou-ha-20-anos.shtml>

estigmatizado. Ou seja, a instalação da crackolândia em uma área que já sofria com a degradação econômica e social foi algo que *combinava*⁶¹ com o estigma⁶² do local.

A área de manipulação do estigma, então, pode ser considerada como algo que pertence fundamentalmente à vida pública, ao contato entre estranhos ou simples conhecidos, colocando-se no extremo de um continuum cujo polo oposto é a intimidade (GOFFMAN, 2004, p.47).

O autor usa como exemplo a vizinhança de hospitais psiquiátricos que podem se tornar lugares onde as “condutas psicóticas são muito toleradas”. No entanto, GOFFMAN alerta que a proximidade com o problema não reduz o preconceito. “A despeito dessas provas de crenças diárias sobre o estigma e a familiaridade, deve-se continuar a ver que a familiaridade não reduz necessariamente o menosprezo” (2004, p.48).

Antes da sua chegada ao Brasil, os primeiros relatos sobre crack surgem nos Estados Unidos, no início dos anos 1980. De acordo com Bernardo Starling ALBUQUERQUE (2010), foi nessa época que ocorreram as primeiras produções da droga. “Trabalhadores de refinarias de cocaína descobriram a possibilidade da produção do crack a partir dos rejeitos e sobras da sua produção” (p.27).

ALBUQUERQUE⁶³ diz que o crack é elaborado “a partir do pisoteio das folhas de coca” e depois misturado a querosene e macerado em ácido sulfúrico diluído, resultando no que se chama de pasta-base de coca. A essa pasta é adicionado bicarbonato de sódio, obtendo-se o produto final. A droga leva esse nome “devido ao som gerado no momento em que o produto entra em contato com o fogo”. Em sua tese de doutorado Andrea DOMANICO (2006) confirma a origem da nomenclatura. “O nome crack, ao que tudo indica, se deve ao barulho provocado pela “queima” da pedra durante o seu uso”.

No trabalho de campo feito para esta investigação, foi colhido um relato ligeiramente diferente sobre a origem do nome: “a gente derrete a pasta no fogo. Ela fica parecendo um

⁶¹ Grifo meu.

⁶² GOFFMAN trabalha o conceito do estigma desde sua criação pelos gregos. Segundo o autor, o termo era usado para identificar sinais corporais que “avisavam” que o portador era escravo, criminoso, ritualmente poluído, alguém que deveria ser evitado, principalmente em locais públicos. Mais tarde, os cristãos identificaram o estigma como marca da graça divina. Mais recentemente, o termo passou a ser usado mais “aplicado à própria desgraça (do indivíduo) do que a sua evidência corporal” (GOFFMAN, 2004, p.5).

⁶³ O autor usou como fonte o trabalho de Antonio Escohotado – O livro das drogas: usos e abusos, desafios e preconceitos, Dynamis Editorial, 1997.

óleo. Aí, quando junta bicarbonato, ela começa a estalar e fica toda empedrada. Por isso o nome crack”⁶⁴.

Sobre o modo de preparar (ou cozinhar, como alguns usuários denominam) DOMANICO acrescenta outras informações às passadas por ALBUQUERQUE.

[...] o cloridrato de cocaína era dissolvido em água, adicionava-se bicarbonato de sódio, aquecia-se a mistura que, ao secar, adquiria a forma de pedras duras e fumáveis. Essas pedras continham não somente alcalóides de cocaína, mas também bicarbonato de sódio e todos os outros ingredientes que haviam sido adicionados anteriormente ao pó. Mas, apesar do crack não ser tão puro quanto o “freebase”⁶⁵, ao ser aceso, libera um vapor que é em grande parte cocaína pura, produzindo um efeito parecido àquele. Porém, ao contrário do “freebase”, geralmente preparado pelos próprios usuários a partir do pó, o crack era geralmente produzido pelos traficantes e vendido já pronto para ser fumado (DOMANICO, 2006).

Para RUI “a ilegalidade do produto dificulta o conhecimento das substâncias”, acrescentando que o crack, “provavelmente, em sua forma pura jamais tenha existido”, na cracolândia. Esta conclusão é corroborada pelo “cozinheiro” do relato colhido no trabalho de campo: “para render, a gente misturava cal, pó de gesso, o que tivesse”.

O estigma segundo o qual o crack afeta apenas as camadas mais baixas da sociedade perdurou por muito tempo.

Nos anos 80, o crack foi estrategicamente correlacionado pela mídia estadunidense aos grupos negros e hispânicos, como se o uso dessa substância atingisse apenas a esses estratos sociais [...]. Na contemporaneidade, vemos que o uso do crack se difundiu em âmbito global, independente de classe social, *status quo*, idade ou opção sexual (ALBUQUERQUE, 2010, p. 29).

Aqui no Brasil não foi diferente. O senso comum levou a crer que por ser consumida em região já degradada, e por pessoas que em sua maioria estavam em situação de rua, o crack era usado apenas por grupos menos favorecidos. Mas os resultados do II Levantamento Nacional de Álcool de Drogas – LENAD (2012) apontam para outra direção. O estudo levou em conta a classe social dos usuários e chegou à conclusão de que o crack deixou de ter a população de baixa renda como consumidores exclusivos. Segundo informações do LENAD, o crack hoje afeta todos os segmentos socioeconômicos por atender uma parcela de usuários que “empobreceram” com o uso de outras drogas mais caras, como a cocaína, por exemplo.

⁶⁴ As informações foram passadas por ex-usuário que disse “cozinhar” (ou preparar) crack no passado. Caderno de campo, 26 de maio de 2014.

⁶⁵ Segundo DOMANICO, assim como o crack, o “freebase” é fumado em cachimbos. “Para produzi-lo, misturava-se cloridrato de cocaína numa base líquida (tal como amoníaco, bicarbonato de sódio ou hidróxido de sódio) para remover o ácido hidroclórico. O alcalóide de cocaína resultante era então dissolvido e purificado em um solvente como éter e aquecido em fogo brando até que a maior parte do líquido se dissolvesse”.

Quando foi divulgado em 2012, o LENAD colocou o Brasil como o segundo mercado mundial de cocaína – ficando atrás apenas dos Estados Unidos – e na primeira colocação em consumo de crack, com 1 milhão de usuários. A maioria dos dependentes está na Região Sudeste e a cracolândia de São Paulo é o retrato mais contundente desse uso. Já a Pesquisa Nacional Sobre o Uso de Crack, realizada pela FIOCRUZ (2014), fala em 370 mil usuários regulares. A discrepância numérica entre as duas pesquisas acontece porque a Fiocruz levou em conta a regularidade do consumo. Já o LENAD contabilizou pessoas que alegaram ter fumado crack pelos menos uma vez. Independente da diferença, as duas pesquisas mostram que os usuários de crack (e as outras drogas consumidas concomitantemente, lícitas ou não) são sujeitos às vulnerabilidades sociais que marcam o uso da droga, como preconceito e problemas de saúde, como consta no relatório do estudo da FIOCRUZ.

Usuários de crack e/ou similares frequentam de forma esparsa e muito aquém do desejável, frente aos problemas de saúde e marginalização sociais que eles próprios referem, serviços de saúde e sociais, o que parece fortemente associado à situação de vulnerabilidade social em que estão inseridos. A ausência/carência de apoio familiar e o medo da discriminação e estigmatização podem influenciar negativamente as perspectivas de cuidado à saúde destes indivíduos (Pesquisa Nacional sobre o Uso de Crack, 2014, p.115).

O psiquiatra Dartiu Xavier, idealizador do Programa Braços Abertos da Prefeitura de São Paulo, reforça essa tese em entrevista à Folha de S.Paulo, no dia 17 de maio de 2015⁶⁶, ao dizer que a cracolândia é resultado não apenas da presença do crack, mas sim da extrema exclusão social dos dependentes da droga. "É utópico pensar que vai acabar a cracolândia. O que podemos é ter medidas para dar a essa população algum alívio para não viver uma situação de tanta miséria e exclusão", diz o psiquiatra. RUI define a cracolândia como um "lugar degredado. Também de degredo" (p.223)

⁶⁶ O médico se desligou do programa em 2014. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/05/1629921-4-em-cada-10-desistem-de-acao-anticrack-de-haddad.shtml>

Capítulo 2 – Os (des)caminhos da dependência

Partindo da hipótese inicial de que a religião vivenciada pelos indivíduos das duas instituições escolhidas – Missão Belém e Cristolândia – influencia os usuários de crack a superar o vício e serem reinseridos nas suas famílias e na sociedade, a primeira etapa foi partir para o campo para realizar a pesquisa, tendo como referencial teórico de base fundamental as obras de Taniele RUI, *Nas Tramas do Crack*; Erving GOFFMAN, *Estigma e Manicômios, Prisões e Conventos*; e Michel FOUCAULT, *Vigiar e Punir*, complementado com outros autores.

A área de atuação das duas entidades é a cracolândia. Membros da Missão Belém vão até local de segunda a sexta e conversam com os usuários na tentativa de convencê-los a sair dali e seguir para as comunidades terapêuticas que coordenam, locais que a entidade prefere nomear de sítios. A maioria desses membros é formada por ex-usuários de drogas recuperados pelo trabalho da instituição. Eles atuam também no que é conhecido como cracolândia expandida – área que atinge a Praça da Sé até o Parque Dom Pedro II.

RUI demonstra desconforto ao usar o nome cracolândia, falando do perigo da estigmatização de um bairro ou de uma região, contribuindo para sua degradação. Mas reconhece ser inviável não usar o termo para identificar, inclusive, outras áreas, em todo o País, que passaram a receber fluxo de usuários.

Somado a isso, há algo que é ainda mais abstruso e talvez revele o desastre do “*bullying socioterritorial*”: o termo “cracolândia”, paulatinamente, vem transbordando dessas imediações pela Luz e tem passado a nomear, até mesmo no diminutivo, outros cenários de uso e outros agrupamentos em torno do consumo do crack em várias cidades brasileiras. [...] Estranhamente, então, o crack e a “cracolândia” parecem cada vez mais se tornar sinônimos: onde há usuários de crack, brotam “cracolândias” – o que parece denotar a construção de um espaço-sede imaginário, edificado a partir daquilo que se fala sobre ela; trata-se, pois, de um lugar social e também de um lugar discursivo (RUI, 2014, p. 229).

Os dependentes químicos que aceitam o “convite” da Missão Belém são encaminhados para a casa central, chamada de Guadalupe, localizada na Rua Dr. Clementino,

608, Belenzinho (Zona Leste). Lá permanecem por um período de desintoxicação, geralmente de dez a 15 dias, e são geralmente encaminhados para os sítios⁶⁷.

A Cristolândia funciona em um galpão adaptado na cracolândia (localizado à Rua Barão de Piracicaba, nº 509, nos Campos Elíseos) e atendendo o público de terça a sábado. O trabalho oferecido é misto: redução de danos – oferecendo alimento, banho e troca de roupas aos usuários de drogas – e acolhimento institucional em comunidades terapêuticas da instituição. No local também estão acolhidos⁶⁸ ex-usuários que estão na fase final do processo de recuperação da dependência, aplicado pela instituição, além de missionários. Nos dias de atendimento, uma média de 200 pessoas aparece para o café da manhã (a maioria homens. Mulheres geralmente não passam de 10%)⁶⁹. O mesmo número é registrado durante o almoço. Alguns usuários aparecem com mais regularidade, mas sempre surgem caras novas. Às terças-feiras, a frequência tende a ser maior por conta da oferta de vagas nas comunidades terapêuticas administradas pela Cristolândia.

Com base nessas informações preliminares, optei pelo método de pesquisa qualitativo dividido em duas etapas nesta fase⁷⁰: observação participante e entrevistas semiabertas a um número igual de integrantes de cada instituição. Segundo MINAYO, o método qualitativo é o melhor a ser aplicado a grupos menores de pesquisados, como é o caso deste trabalho.

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Embora já tenham sido usadas para estudos de aglomerados de grandes dimensões (IBGE, 1976; Parga Nina et al., 1985), as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e documentos (MINAYO, 2014, p 57).

A primeira etapa no campo foi a observação participante iniciada em 16 de maio de 2014 (data de abertura do primeiro caderno de campo) com a primeira participação no culto matinal na Cristolândia, ministrado internamente antes da abertura da casa para o café da manhã público. A última anotação é do dia 29 de outubro de 2015, quando estive na Missão

⁶⁷ Há casos de dependentes que passam pelo processo de recuperação na casa central, mas não é o usual.

⁶⁸ O termo internado não é o comumente usado para pessoas que passam por comunidades terapêuticas. A internação é prevista em clínicas médicas e/ou hospitalares. Por isso, os termos acolhidos ou residentes acolhidos serão usados nesta dissertação.

⁶⁹ Percepção apreendida pela observação participante e também com base nas fichas que os membros da Cristolândia preenchem com dados básicos dos usuários (nome, idade, naturalidade e se está em situação de rua).

⁷⁰ A terceira etapa foi a entrevista com os fundadores das duas instituições que será tratado no capítulo 3.

Belém acompanhando as atividades comuns às quintas-feiras, de preparação para encaminhar os “irmãos⁷¹” para os sítios.

O procedimento em campo foi baseado em MINAYO e QUIVY e CAMPENHOUDT: definição clara do campo de análise, delimitando o espaço geográfico e social, e o estabelecimento de uma relação entre o entrevistador de modo a criar um ambiente adequado para a coleta de percepções que possam enriquecer o trabalho. De início mantive uma agenda de acompanhamentos dos trabalhos de dois dias na semana, que não competissem com as aulas nem com as orientações: às segundas eu acompanhava o trabalho de abordagem da Missão Belém e às sextas, as atividades da Cristolândia. Mas essa agenda sofreu alterações conforme ações extras das entidades.

Para a observação participante na Cristolândia tive que aceitar as condições apresentadas por Soraia Machado, fundadora da instituição e casada com o pastor Humberto Machado, que coordena a casa: usar a camiseta amarela que identifica os membros da Cristolândia e ajudar nas atividades do dia. Aceitei, claro. Muitas vezes colaborei na arrumação do depósito de roupas que são distribuídas para quem toma banho, ajudei na distribuição do café da manhã e no banho das mulheres.

De início fiquei um pouco insegura se tamanha participação interferiria na minha imparcialidade. Mas com o tempo percebi que, se não tivesse aceito, teria perdido a convivência não apenas com os membros da casa, mas com aqueles que buscam certo conforto no atendimento prestado por eles. Como aponta QUIVY e CAMPENHOUDT:

A observação participante de tipo etnológico é, logicamente, a que melhor responde, de modo global, às preocupações habituais dos investigadores em ciências sociais. Consiste em estudar uma comunidade durante um longo período, participando na vida colectiva⁷². O investigador estuda então os seus modos de vida, de dentro e, pormenorizadamente, esforçando-se por perturbar o menos possível. A validade do seu trabalho assenta, nomeadamente na precisão e no rigor das observações, bem como no contínuo confronto entre as observações e as hipóteses interpretativas. O investigador estará particularmente atento à reprodução ou não dos fenômenos observados, bem como à convergência entre as diferentes informações obtidas, que devem ser sistematicamente delimitadas. É a partir de procedimentos deste tipo que as lógicas sociais e culturais dos grupos estudados poderão ser revelados o mais claramente possível e que as hipóteses poderão ser testadas e afinadas (QUIVY e CAMPENHOUDT, 1992, p. 197).

⁷¹ Nas duas instituições, os membros sejam eles antigos ou recém-chegados, são tratados como irmãos.

⁷² Mantive a grafia como está no livro, que é uma edição portuguesa.

MINAYO acrescenta que “a proximidade com os interlocutores, longe de ser um inconveniente, é uma virtude”. Para ela, só assim é possível criar empatia e sentir o clima do ambiente pesquisado. De fato, sem isso eu não teria presenciado as “brincas” coletivas dadas no culto fechado aos membros da Cristolândia. Como exemplo, a ocasião em que o pastor Gérson Machado, filho de Soraia e Humberto, criticou os rapazes que deixavam o estudo bíblico da tarde de lado para ficar no celular e nas redes sociais: “quem é você quando ninguém está vendo? Não façam do seminário seu lugar de bate-papo!”, para depois finalizar: “Quer ir embora? Fala! Quer ficar? Festa!”⁷³.

Ou quando Marcelo⁷⁴, um dos voluntários da Missão Belém no trabalho de campo na cracolândia me confidenciou que estava com problemas de relacionamento com o coordenador da casa em que estava morando⁷⁵. Com 27 anos, Marcelo tinha um longo histórico de crimes, de pequenos furtos à tentativa de homicídio de um vizinho “que encrencava muito” com ele. Ficou preso por três anos. Estava na Missão há oito meses. Contou que vivia entre a rua e a casa da mãe adotiva desde os 8 anos de idade, quando começou a roubar. Diante do meu espanto pela precocidade, disse que sempre foi “cheio de marra e queria impressionar os grandões da rua. Minha mãe me largou. Então eu sempre fui muito revoltado. Roubava e tocava o terror na rua e em casa”.

De São Mateus onde morava para a cracolândia o caminho foi relativamente curto. “Eu vim logo pra cá pra pegar droga barata. Mas acabava voltando pra casa de vez em quando”. Em uma dessas voltas, aos 14 anos, engravidou uma vizinha de 16. “Ela queria ficar comigo, mas eu só queria zoeira. Os polícia acabaram me pegando e eu fui pra Febem⁷⁶. Quando saí, uns meses depois, a família dela tinha ido embora sem dar endereço. Não sei onde eles tão, não”.

O problema com autoridades existia “desde sempre”, conforme outro trecho do caderno de campo⁷⁷:

⁷³ Conforme anotações do caderno de campo em 25 de julho de 2014. É importante ressaltar que das vezes em que estive presente, não houve nenhum constrangimento por parte de Soraia, Humberto ou Gérson de chamar a atenção dos participantes. Mas por conta das características da família, geralmente as brincas vinham seguidas de comentários bem-humorados.

⁷⁴ Nome fictício. Todos os nomes serão trocados com exceção dos “fundadores” da Missão Belém e Cristolândia.

⁷⁵ Conforme anotações do caderno de campo de 04 de agosto de 2014.

⁷⁶ Febem – Fundação Estadual do Bem Estar do Menor. Hoje Fundação Casa.

⁷⁷ Anotações do dia 11 de agosto de 2014.

Um irmão meu é PM⁷⁸. Só tem uma coisa que eu detesto mais que PM: é GCM⁷⁹. Ô gente folgada! Nem polícia é! E quando o padre viaja, os cara da casa fica tudo se achando autoridade, o dono da Missão Belém. Fica regulando as coisa e só reclamando que a gente não tira os irmão da rua. Como? Se eles nem põe gasolina na Kombi pra gente levar os irmão pro sítio?⁸⁰

Na semana seguinte, quando me encontrei com o grupo, José, voluntário que costumava acompanhar nas minhas idas à cracolândia me contou que Marcelo havia ido embora sem dar explicações. “Pegou as coisas dele e sumiu. Nem falou pra onde ia”. E acrescentou: “ele é um rapaz muito atormentado”.

Esses desaparecimentos não são incomuns, mas não consegui me acostumar a eles durante o trabalho. O destino pode ficar para sempre no desconhecimento. Como o caso de Adriana, que o pessoal da Missão apelidou da Índia, uma moça que vivia na cracolândia e a todo custo os voluntários da entidade tentavam levá-la de volta para o sítio. A conheci quando ainda trabalhava na Secretaria de Desenvolvimento Social, em 2013, quando ela aceitou sair das ruas pela primeira vez para ir para o acolhimento da Missão Belém⁸¹. “Xi... essa Índia aí é muito arisca! Ela entra e sai do sítio! Só eu já levei ela umas três vezes pra lá!”, contou Elizeu, que coordenava o trabalho de campo na cracolândia⁸².

Por várias vezes a vi brigando com outras pessoas – mulheres e homens – no fluxo por motivos diversos. Mesmo comigo, uma vez chegou a me ameaçar porque eu estava “olhando” para ela⁸³. Mas em outras ocasiões, se aproximava e engatava uma animada e amistosa conversa: “já vi a senhora por aqui”. Nem parecia a mesma pessoa. Em uma dessas vezes, colocou na minha mão uma biblinha⁸⁴. Virou as costas para mim e pediu: “abre aí e lê o que a senhora achou”. Abri a esmo e li a primeira passagem que bati os olhos: “invoca-me no dia da angústia, e eu te livrarei, e tu me glorificarás⁸⁵”. Virou-se para mim novamente com um

⁷⁸ Polícia Militar.

⁷⁹ Guarda Civil Metropolitano.

⁸⁰ Não foi feita a correção de Português para manter a autenticidade dos relatos.

⁸¹ Infelizmente não tenho o registro da data.

⁸² Anotação do caderno de campo em 06 de outubro de 2014.

⁸³ Desde que comecei a “frequentar” a cracolândia, ainda nos tempos de funcionalismo público, nunca fui agredida, mesmo verbalmente, pelos usuários de drogas, ao contrário do que se podia imaginar. Quando não me ignoravam por completo, me tratavam de modo respeitoso, imagino que retribuindo a maneira como eu me dirigia a eles. Tanto que nem considerei pessoalmente o episódio com Adriana como uma agressão.

⁸⁴ Folheto em miniatura com passagens bíblicas escolhidas por seu conteúdo normalmente relacionado à salvação pessoal, distribuído por missionários religiosos. Este foi editado pela Assembleia de Deus Ministério Filadélfia.

⁸⁵ Salmos, 50:15.

sorriso enorme. “Gostei”, disse. Quando estendi a mão para devolver a biblinha ela rejeitou: “é presente”. E foi embora. Foi a última vez que a vi⁸⁶.

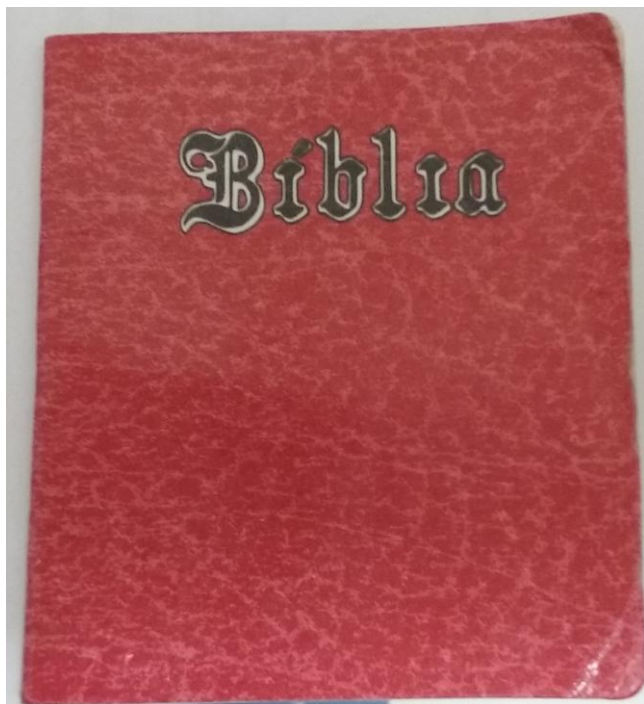


Figura 5⁸⁷

Perguntei sobre ela, mas ninguém soube me dar notícia. “Acho que ela morreu”, disse Elizeu tempos depois. Angústias semelhantes são relatadas por RUI ao comentar: “muitos apenas passaram por mim, outros não vi mais que duas vezes, da maioria não consegui nem saber o nome (2014, p.62)”. O mesmo aconteceu comigo durante a pesquisa⁸⁸.

A segunda parte do método qualitativo escolhido para este trabalho foi ouvir a história de integrantes da Missão Belém e da Cristolândia que passaram pelo processo de recuperação aplicado pelas entidades e agora participam de alguma forma no acolhimento e/ou abordagem dos dependentes químicos que buscam atendimento ou ajuda. O objetivo foi mostrar como essas pessoas sentem ou experimentam a mudança de vida e ressignificam os caminhos percorridos para isso. Como se sentem amparando os chamados “irmãos da rua”? Ter passado pela mesma experiência que os usuários de drogas que atendem ajuda ou atrapalha?

⁸⁶ Conforme anotação no caderno de campo em 10 de novembro de 2014.

⁸⁷ “Biblinha” que ganhei de Adriana.

⁸⁸ Me identifiquei com várias passagens do livro de RUI, não apenas nesta citada. Mas como quando a pesquisadora conta sobre a escolha das roupas que deveria usar para ir a campo, se deveria arrumar o cabelo ou passar maquiagem.

Mas, essas histórias contariam a verdade dos fatos que passaram para chegar onde estão? Qual a cientificidade desses relatos? Alguns dos relatos me emocionaram profundamente, como as histórias de Josué e Elisa⁸⁹. Como me distanciar deles e apresentar um trabalho mais próximo da realidade? Mais uma vez, MINAYO traz a resposta quando diz que o investigador “nunca encontrará a verdade e, sim, a versão situada dos participantes nos episódios narrativos”.

As narrativas de vida nunca serão uma verdade sobre os fatos vividos e, sim, uma versão possível que lhes atribuem os que vivenciaram os fatos, a partir dos dados de sua biografia, de sua experiência, de seu conhecimento e de sua visão de futuro. [...] A história de vida pode ser a melhor abordagem para se compreender o processo de socialização, a emergência de um grupo, a estrutura organizacional, o nascimento e o declínio de uma relação social e as respostas situacionais a contingências cotidianas (MINAYO, 2014, p. 154).

Derna PESCUA e Antonio Paulo Ferreira de CASTILHO (2013) acrescentam que não se espera que o investigador encontre a verdade dos fatos. O pesquisador é como um intérprete da realidade que está pesquisando. Seu papel é, usando os métodos de pesquisa, demonstrar que o que está sendo estudado e apresentado é “fidedigno e relevante teórica e/ou socialmente” (p.11).

Sanada essa dúvida surgiu outra: qual o tamanho da amostra adequada para trazer um resultado científico? Ou ainda: essas narrativas trariam um resultado mensurável? Para QUIVY e CAMPENHOUDT é importante não confundir cientificidade com representatividade. Os autores dizem que, sociologicamente falando, para se conhecer melhor um grupo não se deve estudá-lo como “somas de individualidades” (1992, p.163).

MINAYO concorda que a pesquisa qualitativa não estuda a “somatória de depoimentos”.

O investigador que trabalha com abordagem qualitativa nunca pode esquecer-se de que não estuda um somatório de depoimentos. Isso significa que a prática compreensiva pode até utilizar critérios numéricos (número de entrevistas), mas não necessariamente será o definidor de relevâncias, muitas vezes esclarecidas pela fala de apenas um ou de poucos interlocutores. Nesses casos, a unidade de significação não é composta pela soma das respostas de cada indivíduo para formar uma relevância estatística. E, sim, ela se constrói por significados que confirmam uma lógica própria

⁸⁹ A íntegra dos relatos pode ser lida no Anexo 2.

do grupo ou, mesmo, suas múltiplas lógicas⁹⁰. Portanto, as modificações do roteiro em campo precisam ser devidamente acompanhadas, constituindo-se num processo reflexivo permanente do pesquisador (MINAYO, 2014, p. 192).

O passo seguinte foi elaborar um roteiro de entrevista que tivesse os dados gerais do entrevistado e algumas perguntas que guiassem a conversa de modo a abrir para novas perguntas e aprofundar a conversa, usando as sugestões de MINAYO e QUIVY e CAMPENHOUDT.

A primeira versão do roteiro foi aplicada a dois entrevistados da Missão Belém. Logo na primeira entrevista percebi que duas das perguntas relativas à religiosidade não se aplicavam porque os entrevistados, após o processo de recuperação, acabaram assimilando a influência religiosa da entidade. Por isso elas foram retiradas do roteiro. Também percebi que o tema da disciplina foi recorrente nas primeiras conversas e incluí uma pergunta sobre isso no guia⁹¹. MINAYO diz que o roteiro deve ser modificado durante as conversas quando o pesquisador perceber que determinados temas ou perguntas não funcionam para o grupo pesquisado.

Para a definição da amostra coloquei como critério principal que o entrevistado tivesse passado pela cracolândia, não necessariamente como “morador”, mas que, pelo menos frequentasse a região como usuário. Com base na observação participante e com a ajuda dos coordenadores da Cristolândia e da casa Guadalupe, da Missão Belém, escolhi quatro entrevistados de cada uma delas. Por conta do modelo de trabalho⁹² das duas instituições, apenas uma entrevistada é mulher, ex-usuária e hoje missionária na Cristolândia. Os nomes são fictícios. Eles serão seguidos por uma sigla – MB para Missão Belém e CL para Cristolândia – de modo a identificar a instituição à qual pertencem. O quadro abaixo exemplifica o processo, incluindo a data da conversa. As entrevistas da Missão Belém foram realizadas na Casa Guadalupe, no bairro do Belenzinho. A única exceção é a de Gabriel, cuja entrevista ocorreu no escritório da Missão, localizado na Rua Nelson Cruz, Catumbi (Zona Leste). As da Cristolândia foram realizadas na sede, localizada no bairro dos Campos Elíseos.

⁹⁰ Grifo da autora.

⁹¹ As duas versões podem ser vistas no Anexo 1.

⁹² Explicarei melhor no próximo capítulo.

Missão Belém – MB		
Josué	35 anos	10.08.2015
Evandro	47 anos	10.08.2015
Ricardo	26 anos	09.10.2015
Gabriel	39 anos	29.11.2015
Cristolândia – CL		
Elisa	30 anos	08.10.2015
Luiz	39 anos	08.10.2015
Roberto	26 anos	16.10.2015
Túlio	33 anos	16.10.2015

2.1 – “É a imagem do inferno”

A figura do degredo usada por RUI retrata bem o que se vê na região da cracolândia: a solidão imposta pelo desterro social, uma invisibilidade que, no entanto, fica bem à vista de quem passa pela região. Uma imagem impactante de seres humanos desgrehados, homens e mulheres de idades diversas, sujos, abaixados à cata de restos não de comida, mas de crack ou bitucas de cigarro que podem ser ainda aproveitadas.

GOFFMAN (2004) explica que a imagem pública de um indivíduo estigmatizado, como é o caso do usuário que frequenta a cracolândia, causa geralmente impacto negativo a quem o observa.

A figura que o indivíduo apresenta na vida diária perante aqueles com quem ele tem relações habituais será, provavelmente, reduzida e estragada por demandas virtuais (quer favoráveis ou desfavoráveis), criadas, por sua imagem pública. Isso parece ocorrer sobretudo quando não se está mais engajado em acontecimentos que mereçam atenção e deve encarar, em todos os lugares, o fato de ser recebido como alguém que não é mais o que era; parece ainda provável que ocorra isso quando a notoriedade é alcançada devido a um acontecimento acidental, rápido e não característico que expõe a pessoa à identificação pública sem lhe dar nenhum direito que compense os atributos desejados (GOFFMAN, 2004, p.63).

“É a imagem do inferno”⁹³, disse-me uma vez José, o voluntário da Missão Belém com quem eu fazia dupla às segundas-feiras nas abordagens da entidade aos dependentes químicos pela cracolândia. Mesmo para quem não é religioso, como é o caso de José, não é difícil fazer essa comparação. É fácil notar o desespero e a desesperança, algo como Dante Alighieri retrata que estaria escrito sobre o portal do Inferno, em sua obra *A Divina Comédia*: “deixai a esperança, ó vós que entraís”⁹⁴. E para quem viveu essa realidade, como é o caso de Luiz CL, a cracolândia também representa o ponto final: “quando a gente chega, quando o usuário de droga ele chega, até ele sabe que cracolândia é o final. Porque quem chega aqui ou sai pra caminhar com Cristo, ou sai pra morte”.

A fala de Luiz CL tem a ver com sua crença, ou “caminhada”, como os participantes das duas instituições pesquisadas costumam dizer. Elas têm a ver com o vínculo religioso que possuem e experimentam. Como já foi pontuado anteriormente, nem todas as entidades que atuam na cracolândia na tentativa de ajudar de alguma forma os dependentes químicos pertencem a alguma denominação religiosa. Mas esta pesquisadora, diante da experiência profissional que teve principalmente com uma delas, partiu de um questionamento para iniciar este trabalho: de que forma a presença das entidades religiosas na cracolândia pode ajudar na recuperação dos dependentes?

Rubem ALVES (2008) pergunta: “existirá alguma outra alternativa para aqueles que diariamente experimentam a impotência”? Ao que ele mesmo responde:

⁹³ Anotação do caderno de campo em 4 de agosto de 2014.

⁹⁴ O verso está no Canto III, p. 33, do livro *Inferno*, livro que juntamente com *Purgatório* e *Paraíso*, compõem a *Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Trecho extraído da edição da Ed. 34, 1998.

E é quando a dor bate à porta e se esgotam os recursos da técnica que nas pessoas acordam os videntes, exorcistas, os mágicos, os curadores, os benzedores os sacerdotes, os profetas e poetas, aquele que reza e suplica, sem saber direito a quem [...] Promessas terapêuticas de paz individual, de harmonia íntima, de liberação da angústia, esperanças de ordens sociais fraternas e justas, de resolução das lutas entre os homens e de harmonia com a natureza, por mais disfarçadas que estejam nas máscaras do jargão psicanalítico/psicológico, ou da linguagem da sociologia, da política e da economia, serão sempre expressões dos problemas individuais e sociais em torno dos quais foram tecidas as teias religiosas. Se isto for verdade, seremos forçados a concluir não que o nosso mundo se secularizou, mas antes que os deuses e esperanças religiosas ganharam novos nomes e novos rótulos, e os seus sacerdotes e profetas novas roupas, novos lugares e novos empregos. É fácil identificar, isolar e estudar a religião como o comportamento exótico de grupos sociais restritos e distantes. Mas é necessário reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece o acontecer do nosso cotidiano. A religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. (ALVES, 2008, p. 11)

Carlos Rodrigues BRANDÃO (2004) partilha do mesmo pensamento.

Eis um dilema: tudo muda, mas tudo permanece mais ou menos igual. Anunciou-se em séculos e décadas passadas o “fim da religião” e a “morte de Deus”! Ei-los vivos por toda a parte e gozando de boa saúde. A religião convive com ciências e as ideologias e não parece perder terreno, mas antes revigorar-se e abrir-se a um mundo de ideias e de desafios humanos sem dúvida mais difícil do que os “mundos culturais” que nos antecederam (BRANDÃO, 2014, p. 285).

A observação participante na Cristolândia rendeu situações interessantes. O banho das mulheres é acompanhado por missionárias da igreja Batista, que dedicam um período suas vidas para o trabalho voluntário na instituição⁹⁵. E um dos trabalhos “impostos” a mim por Soraia Machado foi ajudar nessa tarefa. Ao final do banho, é praxe que as missionárias façam orações em favor da mulher que acabou de ser atendida. Por várias vezes, com apenas uma missionária além de mim no banheiro, fui solicitada a orar com as dependentes químicas. Como católica não praticante não tenho por hábito fazer esse tipo de oração comum às igrejas de matriz protestante. Mas não me recusei nenhuma vez em fazê-lo⁹⁶. As mulheres que receberam as minhas palavras parecem não ter notado que eu, na verdade, não fazia parte da Cristolândia. Ouvi um “obrigada, irmã!” em todas as ocasiões.

Esse contato com as dependentes químicas que buscam o conforto do banho e da troca de roupas também me proporcionou uma experiência que me chocou profundamente e me deu uma amostra da degradação física provocada pelo uso desenfreado de drogas. Após o banho, entreguei para Carolina o kit de camiseta, calça, sutiã e calcinha que uma das missionárias

⁹⁵ Elas são as únicas mulheres que trabalham no espaço da Cristolândia. Diferente dos homens que atuam no local, elas não são ex-usuárias de drogas. Estão ali voluntariamente. A única exceção é a de Elisa, que será tratado mais adiante.

⁹⁶ Em sua monografia, Fromm relata experiência semelhante.

tinha destinado a ela. Quando ela viu que a calça era de moleton reclamou: “quero calça jeans!”. Pedi para ela esperar um pouco e fui até o depósito de roupas. Era um dia excepcionalmente ruim e havia poucas peças disponíveis⁹⁷. Acabei pegando duas calças que estavam no nicho destinado ao tamanho 36 e voltei para o banheiro.

No entanto, as duas calças não eram do tamanho adequado e estavam guardadas no nicho errado: uma era tamanho 42 e a outra era infantil, tamanho 10. A missionária que estava comigo no banheiro avisou: “Carolina não tem mais calça. Fica com o moleton”, mas ela insistiu comigo: “deixa eu experimentar essa daí, irmã” e pegou a peça infantil. Tentei argumentar que a calça era muito pequena, mas para minha surpresa coube. Ou melhor, ainda precisou de um cinto. Acho que não consegui disfarçar meu espanto porque ela começou a se explicar: “meu filho tem vergonha de mim porque eu tou muito magra e feia. Tou sem dente [ri colocando a mão sobre a boca]. Quando eu vou lá ver ele, ele pede pra eu entrar rápido pra ninguém me ver”. Carolina devia pesar menos de 40 quilos.

Ela contou que o filho tem 10 anos e mora com o pai, que é cobrador de ônibus, perto dali. “Ele é bom pro menino, não é noia⁹⁸ que nem eu”. Perguntei para ela há quanto tempo o menino mora com o pai. “Desde que nasceu. Eu já tentei sair da cracolândia, mas não consigo”. A missionária que escutava a conversa interveio: “não consegue porque não quer. Fica aqui com a gente”. “Qualquer hora eu venho”, disse antes de virar para mim e pedir uma oração para ela, o filho e para o pai do menino.

Perguntei quantos anos ela tinha: 26 anos. Imagino que não tenha conseguido disfarçar a minha cara de espanto novamente porque, para mim, ela parecia muito mais velha. “Eu vou melhorar, irmã. Eu vou fazer meu filho ter orgulho de mim! A senhora vai ver!”, e foi embora. Situação semelhante, de desconforto com a própria aparência, é contada por RUI: “na primeira oportunidade, [os usuários] logo vinham pedir desculpas por estarem *naquela situação*⁹⁹” (2014, p.141).

As idas semanais à Cristolândia também renderam algumas confidências do pastor Humberto. Em um dia que ele pediu um mutirão de limpeza nos dormitórios e no depósito de roupas aos rapazes acolhidos, por conta de uma infestação de muquiranas¹⁰⁰, me chamou à

⁹⁷ As roupas distribuídas aos dependentes que buscam o banho na Cristolândia são frutos de doações.

⁹⁸ Apesar de não concordar com a terminologia mantive a palavra na fala de Carolina.

⁹⁹ Grifo da autora.

¹⁰⁰ Também conhecido como piolho de roupa.

sua sala: “me conta de você”. Falei rapidamente da minha formação e da minha pesquisa de mestrado. “Sabe, às vezes eu fico cansado disso tudo. A gente tá sempre limpando e dedetizando. Mas os irmãos acabam trazendo os bichos pra cá, coitados. [Faz uma pausa e respira fundo] Acho que esse trabalho não dá resultado. Só tamos perpetuando o vício dessas pessoas, dando condições pra elas continuarem na droga, na rua...”. Tentei argumentar que a redução de danos é uma parte importante no enfrentamento ao crack e que as pessoas, mesmo em situação de rua, merecem alguma dignidade. Abrindo um enorme sorriso: “eu gosto de você! Você ainda vai ser missionária aqui na Cristolândia!”¹⁰¹. Não foi o primeiro convite que recebi. Várias vezes fui chamada, também pelos integrantes da Missão Belém, para ser missionária do trabalho deles.

Durante a observação participante também conheci Vicente, homem de 33 anos, falante e bem articulado que estava na terceira passagem pela Missão Belém. Disse estar tentando se adaptar novamente à disciplina da casa¹⁰².

Para o dependente, a disciplina soa como a tua mãe te negando o doce. É como falar com uma criança de 5 anos. Soa como uma ordem e o dependente não gosta de seguir ordem. Por que ele foi pra rua? Porque a ordem quem dá lá é ele. Quer dizer, acha [estica bem a primeira sílaba e gesticula com as mãos] que dá ordem, né? [rindo]. Até pra ser usuário de droga tem que ter regra. Porque na rua a gente precisa de cinco coisas: dinheiro, isqueiro, cigarro, cachimbo e pedra. E precisa seguir a regra da rua pra conseguir isso daí (Vicente).

Segundo o relato de Vicente, a primeira droga consumida foi a cocaína aos 26 anos. “Consegui grandes coisas com minha inteligência. Mas perdi meu casamento, emprego, carro, família. O diabo esperou 26 anos para ter um ótimo soldado”. Acabou em situação de rua.

Fui perdendo tudo, pedindo empréstimo sem necessidade. A mulher não percebia... A droga faz você bagunçar tudo isso. Começou a faltar coisas em casa e a minha mulher teve que voltar a trabalhar. Eu estava me tornando uma réplica exata do pai. Meu pai teve problema com álcool e eu com as drogas. Minha primeira passagem aqui foi em 2007, fiquei um ano e dois meses. Saí da Missão crente que tava recuperado. Fiquei dois anos limpo. Consegui aceitar minha vida, pagar minhas dívidas. Mas caí de novo. Achei que tava bom. Achei que dava pra experimentar cocaína só de vez em quando. Dessa vez a mulher não aguentou e me deu um pé na bunda. Eu mereci [rindo]. Fui parar na rua. Usei os R\$ 2 mil que ainda tinha pra comprar droga pra vender. Mas logo perdi tudo e acabei no crack. Voltei pra Missão em 2009 pra 2010. Quando eu cheguei pesava 39 quilos. Fiquei oito meses e saí. Arrumei um emprego na minha área [serralheria]. Graças a Deus sempre consegui emprego. Mas passava na biqueira pra pegar a droga entre um serviço e outro. Acabei preso em 30 de novembro de 2014 por associação ao tráfico. Quando saí em abril de 2015 fui direto pra cracolândia. Tentei tratamento médico, fiquei internado no CAISM¹⁰³ da Água Funda. Ficava internado

¹⁰¹ Conforme anotações do caderno de campo em 19 de novembro de 2014.

¹⁰² Conforme anotações do caderno de campo em 29 de outubro de 2015.

¹⁰³ Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental

tomando diazepam, aldol e carbamazepina¹⁰⁴. Os remédios tiram a ansiedade mas me davam muito sono por causa da pressão baixa. Eu mijava na roupa sem saber. Me dei alta e voltei pro fluxo (Vicente).

No dia da conversa, Vicente estava há cinco dias de volta à Missão Belém. Perguntei se ele achava que dessa vez ele conseguiria vencer o vício. Antes de continuar, somos interrompidos por um dos missionários que entregou um barbeador descartável para Vicente, o que o deixou muito contente. Ele ostentava uma barba estilizada, com um estilo Wolverine¹⁰⁵. “Agora vou ficar com cara de gente”.

Minha perspectiva é diferente porque já conheço a Missão. Não é clínica, hotel, albergue ou Poupatempo¹⁰⁶. Aqui combate todos os vícios da droga e de comportamento. Acredito que vai ser diferente e vai valer a pena. O tempo está cada vez mais curto. Tenho menos tempo a cada dia que passa. Não dá mais pra continuar assim – dois anos na Missão e dois anos na rua – não posso continuar assim. Na rua passo 22 dias acordado. Você tem ideia do que isso faz com o organismo? (Vicente).

Ao final, desejei sorte e que ele possa voltar para a família (ele disse ter três filhos). “Vai dá certo! A persistência é prima-irmã da insistência! [rindo]”.

2.2– “Queimava o salário”

Ao iniciar as entrevistas propriamente ditas, uma coisa ficou muito clara para mim: mesmo com uma amostra pequena como apresentada neste trabalho, os usuários de droga na cracolândia não representam um grupo homogêneo. Ao contrário do que pode sugerir o senso comum, nem todos os usuários vêm dos chamados lares desestruturados ou têm baixa escolaridade. O LENAD aponta, inclusive, para a grande presença de pessoas que se empobreceram com o uso da cocaína e partiram para o crack por conta dos problemas financeiros provocados pelo consumo de uma droga mais cara¹⁰⁷. Howard Saul BECKER (2009) alerta que os estudiosos do que ele chama de “desvio” não podem julgar que os “desviados” são um grupo homogêneo.

Como o desvio é, entre outras coisas, uma consequência das reações de outros ao ato de uma pessoa, os estudiosos do desvio não podem supor que estão lidando com uma categoria homogênea quando estudam pessoas rotuladas de desviantes. Isto é, não podem supor que essas pessoas cometeram realmente um ato desviante realmente infringiram uma regra, porque muitos infratores podem escapar à detecção e assim

¹⁰⁴ Ansiolíticos e antidepressivos.

¹⁰⁵ Herói de histórias em quadrinhos publicadas pela Marvel Comics.

¹⁰⁶ Programa do Governo do Estado de SP que reúne em um mesmo espaço vários tipos atendimentos.

¹⁰⁷ RUI levanta outra hipótese sobre o aumento do uso de crack no País: os usuários de drogas injetáveis, receosos com a possível contaminação de seus apetrechos, teriam migrado para o uso de crack. (p. 81).

deixar de ser incluídos na população de “desviantes” que estudam. À medida que a categoria carece de homogeneidade e deixa de incluir todos os casos que lhe pertencem, não é sensato esperar encontrar fatores comuns de personalidade ou situação que expliquem o suposto desvio (BECKER, 2009, p.22).

Entender as diferenças desse grupo é fundamental para, inclusive, promover políticas públicas adequadas, como aponta Alba ZALUAR (1997):

Do mesmo modo, reduzir os problemas e dilemas dos processos sociais complexos que articulam o local, o nacional e o global à fragmentação do social, na qual os adolescentes pobres deixam de ter alternativas futuras que não as drogas, a delinquência ou a morte prematura, é também deixar de lado outras cadeias de efeitos igualmente importantes. Assim, acenar *apenas*¹⁰⁸ para a escolarização, a profissionalização e para oportunidades adequadas no mercado de trabalho é simplificar a questão das drogas, usadas também por grupos profissionais bem-remunerados e prestigiados, como jornalistas e operadores da bolsa de valores, ou por estudantes universitários de famílias prósperas. A grande diferença, e aqui está outra manifestação da desigualdade neste país, é que os usuários pobres não têm o mesmo acesso a serviços de saúde para tratá-los no caso de abuso, nem para defendê-los no caso de problemas com a Justiça. Em suma, sem uma política pública que modifique a atual criminalização do uso de drogas, sem uma política de redução do risco do seu uso na área da saúde e sem um projeto educativo de prevenção de seu uso entre os jovens não conseguiremos modificar o atual cenário de violência e injustiça existente no país (ZALUAR, 1997 p. 23).

É necessário dizer que nas conversas realizadas para esta pesquisa todos os entrevistados disseram fazer uso de mais de uma substância e não apenas do crack, algumas não destinadas ao consumo humano como contou Josué MB: “Eu comprei álcool de posto, acho que eu pensei que era carro [risos]. Era mais barato. Eu comprei cinco pedras e uma garrafinha de álcool de posto”. O consumo também sempre era alto no relato dos entrevistados: “aí trabalhava o mês todo, chegava o final do mês, pegava o salário e queimava o salário”, exemplificou Ricardo MB.

Em sua pesquisa RUI confirma o consumo de substâncias diversas. Além deste ponto, a autora fala ainda das peculiaridades dos usuários, incluindo a heterogeneidade relacionada acima por BECKER.

Acima de tudo, tais visitas repetidas me confirmaram empiricamente aquilo que estudiosos do assunto já observaram e que, depois, vieram a se constituir como importantes pontos de partida para a análise: 1) não é possível isolar o consumo de crack do uso de outras substâncias como maconha, cocaína, bebidas alcoólicas e, acima de tudo, cigarros; 2) qualquer que seja o tipo de envolvimento com o crack, ele é sempre situacional; variável ao longo das distintas trajetórias individuais e do

¹⁰⁸ Grifo da autora.

histórico de encontros com redes de sociabilidade específicas; e, por fim, 3) o uso de crack apenas revela uma face da mesma pessoa, que pode ser considerada por outros serviços de atenção como “morador(a) de rua”, “menino(a) de rua”, “travesti”, “profissional do sexo”, entre inúmeras outras identidades contingenciais e políticas; trata-se de um fenômeno bastante recorrente, apreendido por Nesthor Perlongher (2008) como “*contato entre as marginalidades*”¹⁰⁹. Em casos que não cabem nas caixas classificatórias das gestões estatais, tal uso deve ser apreendido como compondo uma pequena expressão de tudo aquilo que uma pessoa é (RUI, 2014, p. 55).

As motivações que levaram os entrevistados giraram em torno da influência dos amigos, curiosidade e problemas familiares, assim como apontado na pesquisa FIOCRUZ. Segundo o estudo, o preço do crack que “seria antes um fator contribuinte e de facilitação de um consumo mantido ao longo do tempo (uma vez que financiar o hábito, ao longo do tempo, de um produto mais barato, demandaria menos recursos), mas não o fator determinante do início do consumo” (p. 59). A tese de SANCHEZ também aponta para a curiosidade como motivo principal:

Sem dúvida a curiosidade foi o motivo mais alegado como o propulsor do início de consumo de drogas. A maior parte dos entrevistados (75%) relatou que por intermédio de amigos ou conhecidos (até familiares e parceiro afetivo) iniciaram seu consumo de drogas ilícitas movidos pela curiosidade frente aos efeitos (SANCHEZ, 2006, p. 109-110).

Todos os entrevistados para esta pesquisa falaram da mesma motivação:

Minha mãe me deixou na rua sozinho com 9 anos. No começo eu não fui pra droga direto. O que eu fiz foi vender droga muito cedo. Experimentar eu já tinha uns 12 anos. Comecei com cola (Josué MB).

Barzinho, festinha, menininha, né? [...] Fui direto na pinga, na bebida e na cocaína, que era a droga da moda na época (Evandro MB).

Nossa! Meu primeiro contato foi... Nossa Senhora! 13 pra 14 anos de idade, por influência mesmo de amigos, na porta da escola. Eu comecei a fumar cigarro, depois comecei a fumar maconha também, tudo na mesma época (Ricardo MB).

Aí nas festinhas de aniversário eu já bebia, com 9/10 anos já bebia, bebia de ficar bêbado mesmo. É porque, todo mundo bebia, meu pai bebia, meus tios bebiam, meus primos bebiam, e aí... [Consideravam] Normal assim, juntava os primo bebia ficava ali, os pais não via mesmo, tava bêbado já também, então aquela coisa, né? Assim, mas o contato com droga ilícita de verdade foi aos 11 anos de idade, que foi a maconha, né? Assim, primeiramente a curiosidade (Gabriel MB).

O meu primeiro contato com as drogas, praticamente, não foi bem as drogas. Porque eu, com 10 anos, eu já era viciada em cigarro e em bebida alcoólica. Isso é, em Minas, né, foi numa escola porque eu queria ser popular na escola e daí eu conheci uma amiga que - eu tava na 2ª série na época e ela tava na 6ª e eu conheci ela e ela fazia tudo isso, ela bebia e ela fumava e na minha cabeça aquilo era o foco de eu poder me enturmar com as pessoas, porque ela tinha muito mais amigos e eu não. Então eu comecei em tudo isso. Mas um ano depois desse tempo, eu vi que ela já tava fumando maconha e eu não sabia, mas tive a curiosidade de saber e experimentar, daí foi meu primeiro passo pra poder entrar no mundo das drogas (Elisa CL).

Meu primeiro contato, tudo começa pelo álcool, né? Aos 8 anos de idade eu bebi, eu tive meu primeiro porre, porque a minha mãe ela era alcoólatra e eu tentava tirar esse álcool dela e não conseguia, pegava e jogava fora, ela compra outro, esvaziava, colocava água, misturava água, ela me batia e comprava outro. Então um dia pra... de loucura mesmo, de desespero pra não ver minha mãe mais bêbada brigando comigo, batendo em mim, eu peguei e tomei toda aquela garrafa de cachaça dela, aos 8 anos de idade. Ela chegou em casa eu tava caído em coma, e daí pra frente foi entrando as coisas. Vieram o cigarro, depois do cigarro veio a maconha, aí eu trabalhei uns tempo numa oficina mecânica e funilaria, e eu conheci a cola, então eu cheirei cola, depois foi lança-perfume e assim por diante todo tipo de droga que cê imaginar e não imaginar na sua vida (Luiz CL).

Meu primeiro contato com as drogas foi quando eu tinha 16 anos, aí eu comecei frequentar festas, baladas e me ofereceram, né, maconha. Primeiro a maconha que eu usei, né. Da maconha partiu pra cocaína, da cocaína, lança perfume, drogas sintéticas até chegar no crack (Roberto CL).

Foi quando eu descobri que minha mãe tinha AIDS. Eu tinha 12 anos. Tava no fliperama, tava chateado, né, por causa da situação, aí um cara lá mostrou pra mim um cigarrinho de maconha. Fiquei curioso (Túlio CL).

O sentimento de pertença esteve presente nas narrativas. Tanto é que Elisa CL e Ricardo MB falam acima na necessidade de “se enturmar”. Segundo QUIVY e CAMPENHOUDT, mesmo que essa pertença leve à delinquência, ela traz reconhecimento individual, identidade.

A delinquência é considerada, por um lado, como o efeito de uma exclusão social e, por outro, como processo de resposta a essa exclusão. Uma vez excluído, o delinquente cultivará a sua exclusão e a sua delinquência, porque é por meio desta que procura reconstruir-se como actor social. Através deste processo, o delinquente tenta, como outros marginais, reconstruir um universo social no qual seja admitido, reconhecido, aceite, e dentro do qual possa ter uma imagem gratificante de si mesmo, porque desempenha um papel. No universo do bando, os actos de desvio que assume e o papel que desempenha conferem-lhe de facto uma identidade, reconstituem-se e faz-se ouvir (QUIVY e CAMPENHOUDT, 1992, p. 116).

Paul RICOEUR (2013) define que a “arrogância é a transgressão ativa” (p. 134). E a arrogância apareceu nos relatos como outra motivadora de uso das drogas. “É a pior droga do mundo”, definiu Gabriel MB. O tema apareceu em outros relatos:

Porque quando Deus começa a trabalhar na sua vida você entra em conflito, porque aí você vai se deparar com o seu “eu” como você é, entendeu? Com a sua arrogância, com o seu jeito altivo e isso começou ficar de frente a mim. Então, assim, principalmente a vontade de ir embora que era enorme, porque quando Deus trabalha na vida da gente às vezes dói, porque quem quer se deparar que você é arrogante? Que você é altivo? Porque a gente é, só que nem percebe (Elisa CL).

Porque a droga, na realidade, é a arrogância, o orgulho, a falta de respeito. Porque é você achar que é o dono do mundo, que o mundo gira em volta do seu umbigo. É isso. Então a droga, a princípio, eu acredito que é meu menor problema. A partir do momento que eu passe a querer a fazer as coisas do meu jeito... Porque eu tentei a vida inteira fazer a coisa do meu jeito. E pelo visto não deu certo, porque se tivesse dado certo eu não estaria aqui. Então eu acho que a base de tudo daí: é a obediência (Evandro MB).

Os problemas com a polícia e/ou Justiça também foram recorrentes. Casos de prisão por roubo ou furto foram os mais citados. Em geral, começaram pegando coisas de casa para vender, como aparelhos eletrônicos. O furto ou roubo nas ruas era a próxima etapa. A única exceção foi Túlio CL: “Nunca! Deus me livre!”. BECKER justifica o comportamento desviante do dependente químico por ser popularmente visto como uma pessoa sem força de vontade para se privar dos prazeres dados pelas drogas.

Como não consegue obter drogas legalmente, tem de obtê-las ilegalmente. Isso impele o mercado para a clandestinidade e empurra o preço das drogas para cima, muito além do legítimo preço do mercado corrente, para um nível que poucos têm condições de pagar com um salário comum. Portanto, o tratamento do desvio do drogado situa-o numa posição em que será provavelmente necessário recorrer a fraude e crime para sustentar seu hábito (BECKER, 2009, p.45).

Foi interessante observar nos relatos que o nível de escolaridade contribuiu para incursão em crimes mais elaborados. Evandro MB, que “estudava numa escola particular” partiu para o sequestro.

Fui me meter em algumas coisas aqui, em sequestros, algumas coisas aqui em São Paulo. Fui preso, né? Quando eu saí da cadeia por volta de cinco, seis anos atrás... fiquei preso 13 anos e oito meses. Não só por sequestro. Na realidade eu tinha 143 processos, a capivara¹¹⁰ era grande, o negócio era complicado [risos] (Evandro).

Também é o caso de Leonardo, rapaz de 23 anos acolhido da Missão Belém e que hoje está “estudando a possibilidade de ser padre”¹¹¹. Vindo de família de classe média baixa,

¹¹⁰ Capivara é a gíria usada para ficha policial.

¹¹¹ Apesar da interessante história de vida, o depoimento de Leonardo não foi incluído na amostra porque seu consumo de drogas era restrito ao bairro onde morava, em São Mateus (Zona Leste da Capital).

contou que a mãe trabalhava muito para pagar seus estudos em escola particular e chegou a gerente de um depósito de materiais de construção antes de “cair” na droga.

Eu conheci um pessoal que eles mexia com um tipo de cartão clonado, estelionatário aí isso virou um, era como eu conseguia dinheiro. Aí isso tudo era onde eu conseguia minha renda, mas só que pra ninguém descobrir que eu tava fazendo, de onde eu conseguia dinheiro, eu arrumei um emprego para minha mãe não ficar perguntando de onde eu tava arrumando dinheiro, para os vizinhos não ficar... Essa era minha fonte de renda, como eu financiava minhas bebida, as festa, os carro, o som... (Leonardo).

A relação entre o nível de escolaridade e a hierarquia no crime já havia sido notada por ZALUAR ao comentar pesquisas recentes que apontava para a menor incidência de analfabetos na criminalidade.

Por exemplo, a interessante observação, constante em pesquisas recentes (Adorno *et al.*, 1995), acerca da menor incidência de analfabetos na criminalidade dita jovem pode estar relacionada às exigências "técnicas" do crime organizado, como livros de contas e planos elaborados, que fazem da educação elementar um elemento importante na execução das tarefas (ZALUAR, 1997, p. 20).

Pesquisa realizada por Felipe MADEIRA¹¹² sobre o crime organizado aponta que no Presídio da Ilha Grande, no Rio de Janeiro, havia uma separação de “classes”, desde a década de 1970, quando passou a receber presos políticos. De acordo com o pesquisador, os presos de maior escolaridade tinham poder organizacional e conseguiam, inclusive, mudanças para melhorar a qualidade de vida no presídio. Já a vida dos de menor escolaridade, se resumia na luta pela sobrevivência.

De fato, havia grande diferença entre as duas “classes”. A maioria dos militantes possuía escolaridade, não sendo raros os casos de professores e indivíduos de cultura acima da média, presos naquela época em virtude da guerra política. De maneira oposta, tínhamos do outro lado indivíduos marginais, sem qualquer tipo de educação. Estes não possuíam poder organizacional, e sua estadia no presídio resumia-se a lutar pela sobrevivência, não aspirando qualquer tipo de mudança. Já os presos políticos, inconformados com o tratamento animal na cadeia, pareciam possuir o poder de revolucionar (MADEIRA, 2009).

Pude perceber a mesma situação de maneira empírica no meu trabalho como jornalista. No início da minha carreira fui repórter da editoria de Polícia e pude notar que há uma hierarquia nas cadeias: sequestradores, assaltantes de banco e estelionatários, por

¹¹² Disponível em http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6794

exemplo, por serem considerados mais “inteligentes”, eram logo alçados à liderança e criavam um código de conduta para a sobrevivência nos espaços geralmente superlotados. Nesses códigos estão previstas punições para quem não cumprir as ordens e para quem desrespeitar a mulher dos outros presos. Por isso, estupradores e presos por agressão contra mulheres ou crianças são execrados dentro dos presídios e normalmente os primeiros a sofrer agressões ou até mesmo morrer em rebeliões.

Nas conversas, os entrevistados contaram que nem sempre a interação com a polícia seguia os trâmites legais.

Quase fui preso uma vez, só que eu tinha um dinheiro e consegui pagar. Pra não ser preso, né, dei um dinheiro na hora ali, ajuntei um dinheiro com o qual eu consegui pagar. Nem fui processado. Deus me cuidou muito de mim (Gabriel MB).

Aí foi pedido assim: ou você some daqui ou nós vai dá fim em você. A polícia mesmo que pediu, não os vizinhos (Evandro MB).

As polícias da época, por ser bairro nobre ali no Robert Kennedy, eles começaram a me visar e começaram falar que eu não... Depois que eu fui presa e passei um tempo presa e tudo, eu voltei pro mesmo local, só que eles falaram que se eu continuasse eles iam me matar (Elisa CL).

Esse exercício de poder por parte de indivíduos da polícia lembra o exemplo que Michel FOUCAULT (1999) apresenta sobre a perseguição do corpo.

A justiça persegue o corpo além de qualquer sofrimento possível. O suplício penal não corresponde a qualquer punição corporal: é uma produção diferenciada de sofrimentos, um ritual organizado para a marcação das vítimas e a manifestação do poder que pune: não é absolutamente a exasperação de uma justiça que, esquecendo seus princípios, perdesse todo o controle. Nos “excessos” dos suplícios, se investe toda a economia do poder (FOUCAULT, 1999, p.35).

Como bem pontua RUI, a presença policial faz parte da “paisagem da cracolândia” (p. 231), hoje com mais atuação da Guarda Civil Metropolitana que mantém um posto móvel na praça em frente à estação Júlio Prestes, onde era o fluxo. Após a dispersão dos usuários do local para o desmonte das barracas montadas pelos usuários, a Prefeitura construiu uma praça. Por conta do policiamento, não se vê usuários de drogas no local. No entorno da praça e do quarteirão entre as Alamedas Cleveland e Dino Bueno, cortado pela Rua Helvétia, onde estão instalados postos de atendimento do Programa Recomeço e Braços Abertos, há presença

maciça de guardas e viaturas. No dia 1º de maio de 2015 havia 180 guardas civis na região¹¹³. Em reportagem do dia 23 de março de 2016, o jornal Folha de S. Paulo informa que a guarda Civil Metropolitana vai instalar uma base fixa na cracolândia com o objetivo de manter o patrulhamento 24 horas por dia. Segundo o jornal, serão “300 homens e mulheres com treinamento na abordagem de usuários de drogas. Eles se distinguirão do resto da corporação pela farda, com braçadeira e quepe azul-claros”. O novo posto será instalado na alameda Dino Bueno, mesma rua onde hoje se concentra o fluxo¹¹⁴.

Pelo que pude colher durante minha pesquisa, a sensação dos guardas civis, homens e mulheres que fazem o patrulhamento da região, não é de conforto. Há uma tensão no ar entre eles e os usuários que pode ser própria da atividade de segurança pública. E, algumas vezes ouvi comentários que podem sugerir até uma sensação de inferioridade por estar servindo na cracolândia. “Somos seguranças de drogados”, reclamou comigo um guarda civil¹¹⁵.

O policiamento ostensivo e o desmonte dos barracos em frente à estação Júlio Prestes “empurrou” os usuários para alameda Dino Bueno, entre a rua Helvétia e o largo Coração de Jesus, e hoje o consumo se dá em plena rua. É importante ressaltar que a cracolândia nem sempre teve um ponto fixo, como ficou claro na fala de alguns dos entrevistados. “Eu tava na cracolândia, na época era na [rua] Triunfo (Elisa CL)” ou “Mas um ano, eu fiquei no mesmo lugar, na mesma rua. Eu fiquei um ano sem sair da mesma rua [na alameda Dino Bueno]. É onde ela é agora, a cracolândia já mudou pra vários lugares, mas é onde está hoje (Josué MB)”.

Esse êxodo ou essa “territorialidade itinerante”, como define RUI, não está prevista nos programas públicos que tratam a cracolândia como um ponto fixo. Para a autora, a identificação passa pela corporificação dos usuários: “*a cracolândia é onde eles estão*”¹¹⁶ – simulacro mais que perfeito que mimetiza corpo e espaço (2014, p.224)”. As mudanças

113 Anotações do caderno de campo. Informação repassada por um inspetor da GCM.

114 Reportagem disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/03/1753076-guarda-civil-de-sp-vai-ter-base-fixa-e-efetivo-maior-na-cracolandia.shtml>

115 É claro que deve haver situações contrárias. Como a relatada por RUI que conheceu uma guarda civil que tentava manter um trabalho de aproximação com crianças da região, comprando material de desenho para elas. No entanto, ela foi obrigada abandonar a atividade por “ordens superiores”.

116 Grifo da autora.

constantes da cracolândia também foram reportadas pela imprensa desde a Operação Centro Legal.

2.3 – “Quando Deus entra, a droga sai”

Nas conversas com os entrevistados foi possível entender melhor qual foi o percurso que fizeram até chegarem nas entidades que os atenderam. Seus relatos mostram a busca de ajuda em outras instituições – religiosas e públicas –, as dificuldades por conta da abstinência, a luta constante contra a vontade de consumir a droga novamente, as recaídas. Mas também mostram os propósitos de uma vida considerada “normal”: família, trabalho, estudo.

A religião, como previsto na hipótese, mostrou-se um item importante no processo de recuperação dos entrevistados. “Se a religião não tivesse me ajudado, eu não estaria vivo”, afirma Evandro MB. Mas por vezes, ela foi ressignificada nas narrativas, como na fala de Elisa CL. “Eu não gosto muito dessa palavra ‘religião’ porque é uma coisa muito cômoda aquela fase de você só ter um compromisso no dia de domingo e no meu caso não é isso. Meu caso é caminhar com Cristo todos os dias”.

Mas o caminho nunca parece simples. A maioria dos entrevistados passou por mais de um local de atendimento até chegar a Missão Belém ou Cristolândia. O caso mais extremo foi o de Luiz CL que disse ter passado por 22 casas de recuperação. Outros também passaram por mais de uma instituição.

Esses 22 anos de luta nas drogas, foram 22 anos de luta contra as drogas, e eu passei em 22 casas de recuperação tentando me libertar das drogas. Mas eu não conhecia, não conhecia a Cristo e não sabia que somente Jesus Cristo, não há um estudo, não há uma medicina que possa tratar e o que tive, somente Jesus, só ele pode tirar a droga. Ficava cinco meses, três meses, dois meses... o máximo que eu cheguei a ficar foi seis meses em uma casa. Então, tem um tratamento em casa que é seis meses, nove meses de tratamento que cê terminou seus nove meses, cê vai embora, e eu ia pra onde nessas horas? A gente não tem casa, não tem parente, não tem nada. Volta provavelmente pras drogas (Luiz CL).

Sim, eu passei por três casas, né? Uma em Belo Horizonte, esse foi meu primeiro contato com uma casa de recuperação, e duas aqui em São Paulo. Mas assim, essa seria minha terceira né, casa. Esta [a Cristolândia] foi a terceira casa e última casa (Elisa CL).

Só fui duas vezes no mesmo local: Missão Desafio Jovem - Jesus Liberta, em Nazaré Paulista¹¹⁷. A primeira vez eu fiquei nove meses, a segunda, cinco. Mas as duas praticamente eu fui por causa de gente da empresa, né? Não fui muito de coração, não. (Túlio CL).

Ah, eu procurei bem, só na cracolândia né, eu procurei o CAPs... depois o Cratod. E... o CAPs me ajudava com marmitex e com o psicólogo, porém ele falava as coisas que... e, e depois, ele ia pra casa dele e eu voltava pra rua. Aí o Cratod me deu um monte de remédio, então eu fiquei viciado no remédio. Então depois o remédio num começou fazer efeito mais (Josué MB).

Eu conheci uma fraternidade parecida com a Missão Belém, eu conheci a Fraternidade O Caminho. São Franciscanos, né? (Ricardo MB).

E nesse dia eu tive força pra poder levantar e pedi ajuda pra minha mãe, né? Ela me ajudou, me mandou pra uma clínica lá no Rio Grande do Sul, chamava São Francisco. Ela, sabe e me conhece muito bem, que aqui eu não conseguiria ficar. Nesse lugar eu fiquei nove meses, né? (Gabriel MB).

A abstinência, a luta contra a vontade de experimentar novamente, as recaídas e até mesmo a disciplina imposta pelas casas fazem parte do dia a dia dos entrevistados.

Eu fiquei na abstinência, chorava por causa de vontade de fumar, dava soco na parede, eu passava a noite chorando. E vomitava [...] Foi horrível porque, é... olha, tenta entender: a abstinência do álcool, aí quando passa a abstinência do álcool vem a abstinência do cigarro, você toma café de manhã cê quer fumar, aí depois da abstinência do cigarro tem a abstinência do crack. Então, é tudo que vem duma vez só. Ela vem, fica...é, tipo, ela vem e passa dez minutos com abstinência e vai embora, aí fica meia hora sem, e ela vem depois de dez minuto. Ai cê começa a ficar com falta de ar, e aí é... eu pegava o cabo de vassoura raspava pra poder tentar fazer um cigarro com o pó do cabo da madeira, e num dava certo (Josué MB).

Quando eu entrei aqui o pior foi o relacionamento com as pessoas [sobre a disciplina]. A abstinência também, né? Eu cheguei a tomar a água da torneira e a ficar bêbado com a água, pra você ter uma ideia [risos]. Pensei em desistir, várias vezes, né? (Evandro MB).

Abstinência nem tanto, como eu disse eu sou aquele usuário de mês, né? Só na última parte que eu comecei a usar direto. Mas, aqui dentro da casa, aqui as regras da casa são bem difíceis mesmo, sem pensar em possibilidade de sair aqui, no portão pra fora, né? No começo pesa demais, pesa muito. Hoje posso, posso sair normalmente. A porta sempre ficou aberta, mas eu num saía. É complicado. É complicado demais (Ricardo MB).

Eu era um moleque, né? Quando eu cheguei lá, eu tava com 20/21 anos, assim. Então eu era muito bobo, malandro, aquelas coisas de moleque assim, né? Quer impor regra, acha que é... Coisa de moleque de rua mesmo. Então sofri muito na disciplina porque era bem rígido, era esquema de AE, Amor Exigente, né? Então era aquilo “Eu te amo,

¹¹⁷ Interior de São Paulo.

mas não te aceito do jeito que você é”, entendeu? Então, assim, foi um pouco penoso, mas devagarzinho eu fui entrando, assim... (Gabriel MB)¹¹⁸.

Então, assim, eu tive abstinência um dia, né? Que assim que eu me lembro que foi bem visível, os outros dias sentia muita vontade de usar mas eu tava determinada a não mais voltar pra rua, porque já tava cansada de sofrer e eu acreditei que alguma coisa ia acontecer. Mas o que me sofreu mesmo é receber “não” porque eu podia tudo na rua entendeu? E aí de repente eu quero pegar aquela xícara e vem uma pessoa e fala “não, você não vai pegar”. Aí eu venho: “por que que eu não posso pegar?” sabe? Então, assim, foi bastante difícil. Pra mim foi difícil, por causa de eu querer ser independente, não foi nem tanto a falta da droga entendeu? (Elisa CL).

Não foi fácil, não. Acho que não é fácil pra ninguém, né? No começo tem a questão da abstinência. Então a vontade de usar droga era muito grande, eu tinha muitos sonhos, eu sonhava usando drogas (Roberto CL).

No início [da recuperação] foi muito ruim, porque um cara que tá acostumado a lazer, sair pros lugares, fazer o que quiser e ser livre, se torna preso, comer o que as pessoas te oferecem, entende? Tem tempo pra tomar banho, mas depois eu encarei que era minha realidade, né? Que eu não podia fugir dela (Túlio CL).

Para os momentos em que a vontade era grande, os entrevistados normalmente recorriam às orações. Como contou Josué MB: “aí, eu fui rezando e Deus veio. Quando Deus entra a droga sai, porque aí Ele foi entrando e [a vontade] foi saindo sozinho, assim”. Para ALVES, isso demonstra que a essência da religião é a força transferida para o fiel.

O fiel que entrou em comunhão com o seu Deus não é meramente um homem que vê novas verdades que o descrente ignora. Ele se tornou mais forte. Ele sente, dentro de si, mais força, seja para suportar os sofrimentos da existência, seja para vencê-los. O sagrado não é um círculo de saber, mas um círculo de poder (ALVES, 2008, p. 64).

Mas apesar da força que a religião pode dar aos entrevistados Hanna ARENDT (2000) alerta que a vontade parece ter uma “liberdade infinitamente maior que o pensamento. Esse fato inquestionável jamais foi tido somente como uma bênção. Os pensadores muitas vezes consideram-no uma maldição (p. 190)”. Alguns dos entrevistados falaram da batalha diária contra a vontade, mesmo considerando estar livre do vício.

Eu acabei o processo de restauração faz seis meses, mas até hoje quando me encontro distraído, quando me encontro muito contente, quando as coisas tão dando muito certo, assim às vezes vem o pensamento é “vai lá, pega só umas dez pedra e vai pro hotel depois cê dorme de manhã, cê acorda, você vem ninguém vai descobrir” sabe? A voz fica indo em você, aí você mesmo fala pra você assim ó “é mesmo” sabe? “aí cê vai pegar um cigarro, dá um gole só cê gostava tanto de uma caipirinha depois da feijoada, num dá nada, toma só uma caipirinha” aí você fala “é mesmo”. Se você não

¹¹⁸ Gabriel MB refere-se à passagem pela primeira casa de recuperação.

viver o sacrifício [...] Então, mesmo que venha isso daí no meu ouvido, e mesmo que venha a vontade de beber, ainda, às vezes, quando acordo de manhã tomo café, eu saio lá fora assim aí o cara do ponto de ônibus ascende o cigarro dá aquela puxada no cigarro, eu falo “Jesus tem misericórdia” a vontade enche a boca de água (Josué MB).

A gente nunca vai estar livre das drogas... O mundo oferece muitas coisas agradáveis aos olhos [risos]. O que acontece: hoje eu estou na casa de Deus e o que acontece? Hoje eu saio, vou pra lá... Mas se todo dia eu sair daqui, da casa de Deus, e for já frequentar o bar da frente, vai chegar uma hora que eu não vou tomar só o refrigerante. É natural isso aí, entendeu? Então eu acho que a gente tem que ter uma vigília constante e não facilitar. Porque se você não vigiar, você acaba voltando à mesmice. E volta, tá? (Evandro MB).

Mas é uma luta todo dia, tem dia que sonho usando droga, tem dia que acordo e tô sentado soltando fumaça de crack que eu soltei de noite. Só você e o padre¹¹⁹ sabem disso agora. [Rindo muito] Mas é pra vida toda, entende? A gente deve ter essa maturidade, né? É uma luta pra vida toda, e se um dia você tiver que cair, você vai fazer pior do que você já fez. Aqui minha luta não é “ah que vontade”, não. Essa coisa ruim, a dificuldade, desejo, lembra só de como era bom, sempre você pensa isso, não pensa nas coisas que foi ruim, entende? Que eu tava lá, sujo, um mês sem tomar banho, fedendo cocô, fedendo xixi, mijo... Como a gente fica e não percebe muitas vezes, só lembra de quando tinha bastante droga. Essas coisas. Isso acaba mexendo um pouco, né? (Gabriel MB).

A recuperação de um dependente químico, hoje nós somo liberto, mas a recuperação de um dependente químico dele falar assim “hoje eu tô livre”, nós só vamo tá livre quando nós tivermos com Cristo Jesus, aí a recuperação ela é todos os dias, todos os dias eu tenho que lutar dizendo “Hoje, eu não posso usar droga. Hoje eu não posso xingar ninguém. Hoje eu não posso falar palavrão. Hoje eu não posso roubar. Hoje eu não posso me prostituir”. E o amanhã pertence a Deus. A gente tem que viver o hoje, se eu consegui chegar nesse dia hoje às 6 horas da tarde, entrar na minha casa e botar minha cabeça no travesseiro, eu venci mais um dia. Então, hoje eu consegui, hoje eu não usei nada, eu sei que Cristo Jesus Ele tá em mim, mas dentro de nós há um monstro que ele tá dormindo, então o momento em que eu deixar a palavra de Deus, eu vou voltar pra lá. É uma luta todo dia, é uma luta todos os dias. Mas, porém, liberto em Cristo Jesus (Luiz CL).

Max WEBER (2009) diz que essa vigilância constante apoiada na religião, ou na salvação, aponta para a sistematização das ações diárias que orientam o fiel, o crente, na condução da sua vida.

Neste caso, a virtuosidade religiosa sempre conduz, além de à submissão dos instintos naturais a uma condição de vida sistematizada, a uma crítica ético-religiosa das relações sociais com a vida social da comunidade, de suas virtudes inevitavelmente não-heroicas, mas sim convenções utilitárias. A mera virtude “natural” neste mundo não apenas não garante a salvação como a põe em perigo por ocultar aquilo que é verdadeiramente necessário. As relações sociais, o “mundo”, no sentido religioso,

¹¹⁹ Padre Gianpietro Carraro.

representam portanto a tentação, por serem o lugar não apenas dos prazeres sensuais eticamente irracionais, que afastam as pessoas do divino, mas muito mais de frugalidade que é própria do cumprimento dos deveres cotidianos por parte do indivíduo religioso médio à custa da concentração exclusiva das ações do empenho ativo pela salvação (WEBER, 2009, p. 365).

Um instrumento bastante usado pelas duas instituições para ajudar nas horas de dificuldade é a partilha, como a Missão Belém nomeia, ou o testemunho, como a Cristolândia prefere. Em seu trabalho, RUI comenta que nas comunidades terapêuticas é incentivado falar sobre suas experiências, mesmo as dolorosas. “Só com a dor é possível aceitar que o controle da vida foi perdido e há necessidade de ajuda” (2014, p. 100), diz.

A partir dessa lembrança é que o tratamento tem êxito, que as ideias de *doenças* e de *adicação* se concretizam e que se almeja a possibilidade de viver sem drogas. De alguma maneira, a *recuperação* se dá através das palavras, da lembrança de determinados fatos e do comprometimento por parte dos *adictos*¹²⁰ de que esses atos não mais acontecerão (RUI, 2014, p. 101).

Mesmo com esse apoio, as recaídas acontecem.

Ah eu tinha mais ou menos uns dois anos na casa e aí eu resolvi sair. Mas não foi uma recaída demorada, né? Foi mais pelo fato de não estar pronto pra encarar o mundo aí fora, que a gente hoje vive, né? Eu moro em periferia, né, então eu chegava lá... O que tem que mudar é a gente, né, o lugar continua a mesma coisa. Então eu cheguei lá, eles estavam consumindo drogas e eu acabei entrando de novo. Depois foi vergonhoso, eu fiquei com muita vergonha, né? Até de voltar pro projeto, né? A gente tem um pouco de orgulho, né? Mas eu tive que entender novamente que eu precisava de ajuda de novo (Roberto CL).

Roberto CL considerou o fato superado. Mas quando Túlio CL concedeu a entrevista, estava em pleno processo de recuperação da recaída, que lhe custou o emprego em um banco, o fim do noivado e o adiamento do lançamento do CD de rap¹²¹ que gravou com músicas que falavam da superação com o apoio da religião. Além de se ver obrigado a trancar o curso de Direito que estava fazendo e postergar a volta aos estudos para 2016.

Fui morar sozinho no Jardim Brasil¹²², num sobrado enorme dos pais da minha noiva, onde eu e minha noiva iríamos morar. [Ela] Morava próximo, ela mora no Tucuruvi, do lado. Eu trabalhei sete meses em um banco e seis meses em outro¹²³. É, por causa do dinheiro, aí rolou uma discussão, aí eu cheguei um dia e falei pra ela “Mano, não leva a mal, não mas tô com mó vontade de

¹²⁰ Grifos da autora.

¹²¹ Estilo musical que nasceu dentro da comunidade negra americana.

¹²² Zona Norte da Capital.

¹²³ Os nomes das instituições não serão divulgados.

tomar cerveja”, ficou aquele questionamento... Eu ralava muito, o Direito te suga muito... aí numa quinta-feira, infelizmente, eu fui lá, tomei cerveja, o que tava dentro de mim reviveu, fui lá comprei a cocaína e pra quem fuma crack não pode a cocaína. Aí eu cheirei a cocaína. Aí eu fui prum hotel em Santana, três dias. Só cheirei cocaína sem o crack e tomei bebida alcoólica. Eu paguei uma prostituta pra ficar comigo. O primeiro dia não foi o problema. O ruim foi o segundo: “que merda que eu fui fazer”? Aí veio Deus, veio a noiva, veio Pastor Humberto, veio a Cristolândia, veio minha carreira que eu tinha uma carreira consolidada administrativa, veio a faculdade e veio o banco. Aí eu nem conseguia sair do quarto tamanha vergonha. [Teve que] Encarar a realidade, né? Encarar a realidade, se eu fui homem pra fazer, eu tenho que ser homem pra encarar, né? Aí eu fui pra casa da minha tia, cheguei lá tomei um banho e liguei pra minha noiva. Tentou, muitas ligações perdidas [segundo ele, a noiva tentou falar com ele várias vezes no celular que ficou desligado]. Mas [depois ela] não me recebeu mais. Hoje exatamente vai fazer dois meses que eu voltei pra cá. [Disse estar se sentindo] Péssimo. Pensei até em suicídio... Mas graças a Deus essa coisa saiu da minha cabeça estou conseguindo me recuperar. Não foi fácil. Teve o lado dos amigos... Tem os dois lados né, o lado dos amigos que eu liguei, mas o lado dos invejosos que ficaram contra, né? E queira eles ou num querendo, depois do Luiz CL eu sou o cara mais conhecido do Brasil aqui. [A volta estava sendo] Mais difícil agora, muito mais. Porque não é fácil a pessoa que tava trabalhando ganhando R\$ 2.300,00, fazendo faculdade... voltar, né? Porque no dia que eu achar que eu tô livre eu vou voltar pra ela. Foi o que aconteceu comigo quando achei. Só que depois eu caí. Eu nunca mais vou achar que eu tô livre dela. Eu sei o que ela faz (Túlio CL).

Pedir perdão pelos danos materiais e psicológicos provocados às famílias é uma etapa que as duas entidades consideram importante para a recuperação de seus acolhidos¹²⁴. Mas o arrependimento não apenas pelo consumo de drogas, mas principalmente pelas atitudes tomadas durante o período de uso ou recaída, foi uma constante nas falas. Tanto que mesmo sem ser uma das perguntas previstas no roteiro, me vi impelida a perguntar se os entrevistados haviam conseguido se perdoar pelos atos classificados por eles mesmos como vergonhosos. Algumas repostas foram negativas, como a de Ricardo MB e Túlio CL.

Outras já mostraram superação. Para RICOEUR o perdão é, ao mesmo tempo, “retorno” e supressão da carga do pecado (2013, p.95).

Foi difícil. Hoje, às vezes, eu ainda penso sim e a vontade de chorar é enorme porque foi uma falha, foi uma falha minha, mas, eu sei que isso vai ser revertido. É dolorido, eu sou mãe, eu amamenteei, eu cuidei, eu criei, eu dei banho, eu sei qual é a essência

¹²⁴ Essa etapa guarda semelhança com o nono item dos Doze Passos, programa criado em 1935 nos Estados Unidos, inicialmente para o tratamento do alcoolismo, mas que é hoje usado em muitas entidades que tratam dos diversos tipos de dependência química. Fonte: Wikipédia.

de ser uma mãe, e essa essência quem realmente teve, e gosta, ela é dolorida quando ela é perdida (Elisa CL).

Primeiro passo de um liberto das drogas, se ele não se perdoar, se ele não liberar o perdão a quem um dia te fez mal, ele ainda não está em Cristo. Porque, aquele que está em Cristo nova criatura é. Então, se as coisas velhas passaram, então tá tudo perdoado (Luiz CL).

Sim, falei sim do fundo do meu, sim consigo [se perdoar]. Sabe por quê? Porque chega um tempo na nossa caminhada, que você precisa voltar atrás, né? Você precisa voltar e começar amarrar os laços que você desfez lá atrás. (Gabriel MB).

O peso da religião na recuperação e até na mudança de comportamento mostrou-se bastante presente. Para RUI a busca de uma “instância superior ou algo mais poderoso” é uma maneira que o dependente químico encontra para reestruturar sua vida (2014, p. 99). Algumas respostas foram curtas: “A religião é tudo, né, meu?”, como resumiu Ricardo MB. Mesmo assim, algumas vezes o entrevistado ressignificou sua resposta.

Você tá dizendo religião, ou você quer dizer Cristo? Todo esse conjunto se resume em um só: Deus. Deus é tudo em nossa vida, Deus é nossa cura, nosso amor. É a nossa paz, é nossa alegria, nossa transformação Deus é tudo. Cristo é o que restaura, ele dá a vida... ele me ressuscitou dos mortos (Luiz CL).

Quando eu conheci o projeto Cristolândia através daqui, eu tive um encontro verdadeiro com Deus. Nem tanto a religião, né? Eu costumo dizer que a religião não vai curar ninguém de nada. Que seja candomblé ou católico, mas quem pode libertar alguém mesmo é Deus, só Deus. O homem tendo fé em Deus é isso que vai ajudar ele (Roberto CL).

Olha o tamanho da corrente que tenho no pé aqui ó [aponta para uma corrente, como as usadas em portão, presa ao tornozelo, rindo] foi consagrada a ela... de Maria, consagração da igreja, pela igreja. Então é... tudo que eu faço, tudo que eu peço pra Deus é através de Maria (Josué MB).

Religião é religare. Ela é o instrumento de Deus pra me salvar. Foi o canal aonde Deus me alcançou, onde Deus apaixonou meu coração a Ele, né? A religião, pra mim, é onde eu me encontro com Deus, né? É onde - de verdade, eu me ligo a Ele e Ele se liga a mim. Assim, a religião pra mim é isso (Gabriel MB).

Reatar os laços familiares é um trabalho desenvolvido pelas duas entidades. Elas incentivam seus acolhidos a reencontrar suas famílias e, se possível, voltar a conviver com elas. Dos entrevistados, apenas Ricardo MB mostrou ainda desconforto com o tema, ao dizer que a família não sabe do seu paradeiro.

[Tem] Mágoa assim ... mas, sei lá! Eu gosto muito do meu pai. Eu gosto demais dele, entendeu? Meu irmão também. Meu irmão ... nossa! Pra mim era tudo, R, né? Mas eu acho que é difícil, assim, sei lá, é uma vivência de novo na família, entendeu? Por

causa do que eu já... Nossa! Eu fiz eles sofrer demais, né? E eu também sofria muito. Eu usava e chegava em casa tipo assim, eu falava “nossa, meu pai vai falar alguma coisa tipo: ô, levanta a cabeça, vamo seguir direito, vamos seguir andando pra ver se você sai desse buraco aí”. Não, meu pai me crucificava em casa, entendeu? Eu chegava e nossa “daqui a pouco tá morto aí”. Nossa, falava feio comigo. Aí minha vida não andava, né? Eu parava naquilo ali, eu ficava naquilo e naquela cisma, né? Porque ele chegava, me julgava bastante em casa, aí falava que eu nunca ia conseguir nada e eu nunca conseguia nada na vida mesmo (Ricardo MB).

Já o relato de Josué MB traz uma história de reunião familiar com enredo de novela, com direito a reencontros que parecem ter sido obra do destino e um resgate emocionante da convivência com a mãe.

Aí um dia, eu tava passando numa *lan house*, aí eu vi um rapaz e ele tinha todos os tracinhos do meu irmão I. Fiquei com aquilo: deve ser um parente meu, deve ser um parente meu. E quando eu tava na Febem, eu tinha uma vizinha muito legal que mandava foto dos meus irmãos na escola onde eles estudaram, eles foram bem... E eu falei: aquele menino é meu irmão. Aí um dia eu comentei com a freira [que estava com ele]: entra lá dentro e pergunta praquela rapaz se ele é o I. Mas como é que eu vou perguntar o nome dele? Ah, pergunta quanto que é a hora e pergunta: como você chama? E ele vai falar. Aí ela foi lá e eu fiquei escondido. É aqui na praça do Belém. Aí ela falou: como é o seu nome? E ele: meu nome é I. Não acredito! Era meu irmão! Mas eu fiquei com vergonha, não vou falar. Não vou! Ele tava bonito, forte, né? E eu tava sem dente ainda, né? Consegui um implante em pouco tempo. Aí um dia a freira foi nele e falou, né, tudo o que tava acontecendo comigo. Na hora ele localizou meus irmãos, minha mãe. Minha mãe voltou, tava com eles, casada com outro homem, tá com aquele mesmo homem até hoje, né? Ela não criou meus irmãos. Ela ficou casada com esse cara sozinha até hoje. Meus irmãos foram criados na casa dos outros. Porém cada um estudou e cada um montou sua vida. E hoje, todos eles perdoaram a minha mãe. Aí um dia, no aniversário da minha mãe, aí eles foram na escola de missão, era surpresa... só que faltava minha mãe. Aí eles falaram comigo e eu falei que perdoava ela. Meus irmãos chamaram ela pra fora [da casa dela] e disseram: mãe, vem pegar seu presente. E eu tava na porta. Na hora que ela saiu, que me viu, ela ficou assustada, demorou para me reconhecer. Ela quase enfartou na hora! Ela achou que eu tava morto, né? Aí hoje é uma alegria quando eu vou lá, né? (Josué MB)

O reencontro com o pai segue a mesma linha novelesca com reviravoltas e final feliz:

Eu tava na cracolândia fazendo uma pastoral. Aí passou um senhor por mim. Eu olhei e falei: eu vou evangelizar aquele último ali. Era um senhor caído no chão, bêbado. Falei: o senhor não quer ir para a Missão Belém, sair da rua e tal? Ele falou: não. Não tenho porque sair da rua, não quero sair da rua, sai de perto de mim. Eu falei: tá bom, vou orar pelo senhor. Qual é o seu nome? Ele falou: JM. JM do que? Ele: SF. Aí eu falei: nossa! Era meu pai! Mas eu não consegui falar com ele. Eu fui embora. Até falei com o padre. Depois eu fiquei quase um ano procurando por ele. Aí há três meses e meio atrás eu encontrei ele lá. Falei com ele e ele aceitou ir pra uma de nossas casas. Tenho até um vídeo pra te mostrar. Ele tá no nosso sítio lá. Vai fazer três meses. Está bem sem beber, sem fumar. Ele deu um pequeno testemunho aqui no celular, vou te mostrar [mostrou o vídeo em que o pai fala que está bem]. Foi uma graça [divina], né? (Josué MB).

Já para Elisa CL, a passagem pela Cristolândia não contribuiu apenas para sua recuperação. De tanto Luiz CL insistir, ela se convenceu a seguir para o acolhimento. Hoje os dois estão casados.

Deus me deu um casamento, Deus me deu uma esposa, um dia eu falei pra ela que Deus poderia mudar a história de vida dela se ela aceitasse Jesus. Ele iria mudar a história de vida dela e ela veio todos os dias, aceitou o trabalho na vida dela, a recuperação na vida dela e tá. Nossa felicidade, pros que não acredita que Deus muda a história, Ele mudou a história dela, Ele levou ela, Deus curou ela, Ele tratou dela (Luiz CL).

Mas o amor não foi à primeira vista, como conta Elisa CL: “nem pensar! Eu detestava ele! Ele sempre brigava comigo porque eu chegava aqui de shortinho e mini-blusa...”. O namoro aconteceu com a evolução do tratamento de Elisa CL.

Porque Deus, Ele foi falando que Luiz ia ser meu esposo. Parece loucura pros outro isso, “mas como que Deus falou?” falando, a gente tem uma... Eu lia na Bíblia, eu orava pra Deus e assim, no meu coração é como se eu ouvisse Deus falando “ele vai ser o seu esposo”. Então assim, eu comecei a querer saber o que era Deus, o que era trabalho missionário, entendeu? [...] Então, hoje eu tenho prazer de mostrar pras mulheres aquilo que é possível acontecer porque eu vivo esse milagre e eu sou um milagre. Então, assim, eu tenho prazer de mostrar pra elas isso. E aí eu me casei aqui na Cristolândia, fiz minha passeata na cracolândia e hoje eu tô aqui pra glória de Deus (Elisa CL).

2.4 – Esperança

ALVES diz que a grande marca da religião é a esperança. Os projetos que fazem parte dos sonhos dos entrevistados demonstram isso: ter uma família consolidada, filhos, uma nova profissão. Uma profissão inclusive de fé. Luiz CL e Roberto CL demonstraram interesse em cursar Teologia para seguir a carreira de pastor e continuar trabalhando com dependentes químicos. Já Gabriel MB foi ordenado diácono em 12 de dezembro de 2015. Será o primeiro padre saído da cracolândia pelo trabalho da Missão Belém.

[No início] Eu não entendia nem qual chamado que era. Eu só entendia que eu teria que ser de Deus, sabe, que eu queria deixar todas as coisas que eu tinha, porque eu não tava feliz de verdade, entende? Eu não tava infeliz mesmo. Se eu tinha dinheiro não tinha nem onde gastar o dinheiro, tinha moto num tinha pra onde ir, tinha namorada a gente saía fazia alguma coisa, tentava também buscar pelo lado da sexualidade, também não era feliz. Falava pro... “O que que tá acontecendo comigo? Tô ficando doido?”. O que me deixava feliz era meu irmão se restaurando, uma pessoa mudando

de vida, quando me encontrava em oração, né? Também, isso me deixava muito feliz. Assim, fui na realidade, fui aprofundando, né, isso dentro de mim até tomar essa atitude de deixar tudo, né, de deixar tudo pra servir a Deus. O primeiro trabalho que eu tive na Missão foi cuidar das crianças de rua, porque eu era responsável da Casa Nazaré e lá tinha um menino que era terrível [fala enfaticamente, separando as sílabas], o nome dele era F. Ele tinha um pouco de problema mental, aqueles meninos que causam, causam, causam de verdade e tira de dentro de você o pior que você tem, né? E depois de um dia muito difícil, muito difícil mesmo de falar, “Meu, vou embora desse lugar”, quando eu fui dormir, ele... À noite parecia um anjo, né, ele falava assim: “Tio, eu tô com medo de dormir, posso dormir aí com você”? [Imitando a voz de uma criança]. Minha vontade era esganar ele, sabe? [Rindo muito]. Falei: “F, venha, deita aqui”. Esse menino deitou, começou dormir, eu cantei uma música pra ele, eu sei que enquanto eu dormia, assim, foi uma experiência mesmo de Deus, né? Você tá meio acordado, meio dormindo, e eu olhava pra ele parecia que eu era ele e ele era eu. Eu não sabia distinguir quem era ele e quem era eu, assim, sabe? E depois, nas orações, assim, Deus falou muito ao coração, né? “Você é pai desse povo”. Eu entendi, “eu tô aqui pra ser pai, né, mas um padre? Um padre desse povo, né? E o sacerdócio é isso. É um serviço, né? Um serviço de entrega, um serviço de abandono, pelos mais pequenos, né? E foi nesse dia que eu decidi ser padre, que eu decidi que eu quis de verdade, né. Mais uma vez, dentro do chamado, deixar tudo, né, minhas convicções, deixar toda a loucura da cabeça, a afetividade e sexualidade e colocar tudo nas mãos de Deus, né? (Gabriel MB).

SANCHEZ também relata a mesma “vontade de retribuir” na conclusão de seu trabalho:

Por motivo de isolamento familiar e um forte sentimento de que necessitam “pagar” pela “graça recebida”, estes ex-usuários de drogas acabam nunca se desvinculando da instituição e tornam-se voluntários eternos da comunidade. Lá estruturam sua nova família e preferem nem cogitar um possível afastamento (SANCHEZ, 2006, p. 350).

Esse sentimento de retribuir o bem que receberam, pensando em direcionar seu futuro profissional para a ajuda de pessoas que passaram pelo mesmo problema que eles, é tratado por WEBER. Segundo o autor, o “sofrimento” da dependência pode “trazer consigo fortes esperanças de retribuição, pode assumir o caráter de algo religiosamente valioso em si mesmo (2009, p. 337)”. GOFFMAN acrescenta que o dependente químico, no caso o estigmatizado, pode entender “as privações que sofreu como uma bênção secreta, especialmente devido à crença de que o sofrimento muito pode ensinar a uma pessoa sobre a vida e sobre as outras pessoas (2004, p. 13)”.

Fora do roteiro da entrevista, perguntei se os participantes da pesquisa gostariam de acrescentar mais alguma coisa. As respostas variaram de alertas para que outras pessoas não caíam na cilada das drogas: “um abismo puxa outro”, como disse Roberto CL, a pedidos de compreensão por parte da sociedade com o usuário de drogas.

Ah eu acho importante pra dizer aí, que as pessoas olhassem pro dependente químico, não somente com um olhar de preconceito e entender que por trás do dependente químico há uma história e essa história, independente dela ser feliz ou triste, é uma história. Então, não ficar olhando nós só como doente, nós não somos eternos doentes, nós também têm sentimento, projetos, nós não é uns cara burro entendeu, mas nós é uns cara que têm uma visão, que têm um progresso, só que muitas vezes o pessoal acha que a gente tá enrolando. Então, o dependente químico não é limitado, só que tudo tem que ser o tempo certo, né. E também, né, nunca pensar que tá bom, o dia que pensar se cai, e eu quero continuar (Túlio CL).

Então, cê falou pra eu deixar alguma coisa né? Pras pessoas questionarem quando elas for murmurar, ou no julgamento de uma pessoa, né, se ela puder escutar a história e... acho que a palavra da Bíblia que segue a minha vida é “não há amor maior do que aquele que dá a vida pelos amigos”. As pessoas que eu nem conhecia deram a vida por mim, e hoje eu dou a vida pelos irmãos (Josué MB).

É mais fácil a pessoa, no mundo da droga, a pessoa ficar sem a comida do que ficar sem a droga. Ah, tá chorando de fome! Isso não existe. Já vi gente chorar por falta da droga. Já vi gente morrer por causa da droga. Mas não porque ela está usando a droga, mas pela falta da droga. Então, peço que a gente não julgue as pessoas que usam drogas porque eles são filhos de Deus também. E usar droga hoje é uma doença que não tem cura. Então, a única coisa que existe pra isso é o amor (Evandro MB).

A mudança de comportamento, resultado da vida baseada nos preceitos religiosos aprendidos durante o processo de recuperação na Missão Belém e Cristolândia, também foram ressaltados.

Pra aqueles que vão ler e que são cristãos, ou que não são cristão, possa indicar essas pessoas a caminhar com Cristo, que somente Cristo pode mudar essa história. E eu agradeço a Deus pela minha vida, porque Ele mudou minha história (Luiz CL).

Olha, assim, eu queria muito reforçar. A programação de dependentes químicos que têm por aí, as salas de narcóticos anônimos, assim, eles colocam a droga como “não tem cura”, que ela é lenta, progressiva e fatal. De verdade é isso, mas, com minha vida eu queria dizer que existe esse processo de cura e o processo de cura é, “hoje”, é dizer não hoje [ênfatisa bem a palavra hoje]. Não é só por hoje que todo mundo usa, né? “Não, hoje eu não quero”, hoje, entende? E isso é bíblico. É a vontade de Deus, deixar suas preocupações, o amanhã pra amanhã e viva o que você tem que viver hoje. E, às vezes, a pessoa acaba fazendo da própria programação, daquilo que tá buscando uma droga. Porque se coloca numa condição de não ser livre, entende? É aquilo que cê perguntou pra mim, né, “Você é livre?” Eu não tô criticando, não, não tô falando nada disso, eu tô querendo dizer com tudo isso que eu tô dizendo que, sem uma experiência profunda com Deus é impossível parar de usar droga, entende? Porque o dependente químico de verdade, ele deve morar dentro da chaga do coração de Deus, né? (Gabriel MB).

Para ALVES, a religião permite a transformação presente no relato dos entrevistados, torna o fiel mais forte “para suportar os sofrimentos da existência (2008, p.64)”. E acrescenta:

A religião fala sobre o sentido da vida. Ela declara que vale a pena viver. Que é possível ser feliz e sorrir. E o que todas elas propõem é nada mais que uma série de receitas para a felicidade. Aqui se encontra a razão por que as pessoas continuam a ser fascinadas pela religião, a despeito de toda a crítica que lhe faz a ciência. A ciência nos coloca num mundo glacial e mecânico, matematicamente preciso e tecnicamente manipulável, mas vazio de significações humanas e indiferente ao nosso amor. Bem dizia Max Weber que a dura lição que aprendemos da ciência é que o sentido da vida não pode ser encontrado ao fim da análise científica, por mais completa que seja (ALVES, 2008, p. 121).

Capítulo 3 – Náufrago ajudando náufrago

Quase oito em cada dez usuários regulares de crack no país querem ser submetidos a tratamento contra o uso da substância. O resultado apresentado pela pesquisa da FIOCRUZ aponta para um problema de atendimento dessa demanda por parte do poder público, mesmo com os programas de atendimento em pleno funcionamento na cracolândia. RUI assim define:

[...] a “cracolândia” não é um local de ausência de Estado. Ao contrário, ele está ali. Por vezes em demasia. [...] Reprimindo e ajudando. Punindo e encaminhando. Deixando morrer e fazendo viver. Portanto a questão menos interessante de ser feita é “por que o estado não está lá?”. Ele está. Não há como refutar isso. Considero mais relevante saber “como ele está lá”, o que acredito, só um olhar mais aproximado é capaz de responder. Trata-se, logo, de saber *como*, no dia a dia (e não apenas esporadicamente), policiais, serviços de assistência e de saúde – todos com propostas bastante divergentes entre si -, mídias, usuários de crack e traficantes interagem nesse espaço (RUI, 2014, p. 230).

Os modelos de tratamento da dependência química também é um tema que suscita paixões de todos os lados. Não existe consenso entre a melhor abordagem para o enfrentamento do crack e outras drogas. Essa divergência pode ser vista nos programas de atendimento com foco na cracolândia. O programa municipal “De Braços Abertos” age em linha com a Política Nacional de Redução de Danos¹²⁵. Ou seja, não incentiva a abstinência, mas oferece condições de trabalho e moradia com o objetivo de proporcionar certa dignidade ao usuário de drogas. No início do programa, a prefeitura defendia que os dependentes químicos não deveriam ser afastados de seu local de convívio, ou seja, do fluxo, fato que recebeu muitas críticas. No entanto, em março de 2016, a estratégia foi mudada, conforme publicado em reportagem do jornal Folha de S. Paulo¹²⁶. Os usuários cadastrados no programa passaram a ser hospedados em hotéis da zona norte da cidade, longe da cracolândia. “Para a prefeitura, trata-se de uma nova fase, em que um dos objetivos é distanciar cada vez mais as pessoas do local”, segundo a reportagem.

Já o Programa Recomeço, do governo do estado, caminha em direção diversa e opta por financiar a recuperação do dependente químico em casas de recuperação, conhecidas

¹²⁵ A Política Nacional de Redução de Danos faz parte da Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas de 2003, disponível em

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pns_alcool_drogas.pdf

¹²⁶ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/03/1751392-gestao-haddad-muda-estrategia-e-tenta-afastar-viciado-da-cracolandia.shtml>

como comunidades terapêuticas¹²⁷. Grande parte dessas instituições tem vínculo com alguma denominação religiosa. Mesmo que a religiosidade não seja critério para a formalização do convênio com o Governo Estadual, o tema aparece no edital de chamamento público¹²⁸ para o credenciamento de entidades¹²⁹. Entre os itens que constam na descrição do trabalho de comunidades terapêuticas aparece: “Atividades de espiritualidade, sem discriminação de credo, que promovam a dimensão da pessoa humana que traduz a busca em alcançar a plenitude da sua relação com o seu bem-estar espiritual na forma como cada um concebe”. Na triagem dos dependentes químicos interessados em ir para uma comunidade conveniada é perguntado se ele ou ela possui alguma crença e se tem preferência em ir para um acolhimento que segue sua linha religiosa. A localização dessas entidades normalmente é em área afastada da cracolândia, em cidades do interior paulista.

Um dos pressupostos da Política Nacional Sobre Drogas¹³⁰ é a “sinergia” nas ações de combate ao uso indevido de drogas lícitas ou ilícitas. De acordo com o texto a responsabilidade do problema deve ser compartilhada e deve-se buscar a “coordenação de esforços entre os diversos segmentos do governo e da sociedade, em todos os níveis”. No entanto, pouco do que está previsto na Política foi aplicado até o momento e, como visto acima, estado e município não interagem para o enfrentamento do problema.

A falta de sintonia também é vista nas críticas que prefeitura faz ao estado, e vice-versa, em relação ao atendimento. As acusações mútuas ocorrem na mesma proporção de cada ocorrência de tumulto ou crescimento de consumo na cracolândia. Um exemplo são as queixas de falta de policiamento no local por parte da Prefeitura, o que contribuiria para o aumento do consumo e de tumultos gerados pelos dependentes químicos. Já o Estado responde que faz policiamento e que a presença da força policial na cracolândia acaba dando mais segurança ao usuário no consumo do crack¹³¹.

¹²⁷ A gestão municipal anterior trabalhava na mesma linha. Com a mudança de abordagem, os antigos convênios com as comunidades terapêuticas não estão sendo renovados. A Prefeitura mantém o atendimento ambulatorial dos usuários nos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (Caps AD).

¹²⁸ O edital pode ser acessado pelo site:

<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Legislacao/326979.pdf>

¹²⁹ O governo do estado também promove o atendimento ambulatorial no Cratod, semelhante ao aplicado pelos CAPs.

¹³⁰ Aprovada pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad) em 2005. Saiba mais em: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Legislacao/326979.pdf>

¹³¹ A imprensa tem sido o palco dessa troca de acusações e tentativa de desqualificação dos programas, de ambas as partes envolvidas. Veja este exemplo: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/01/1579733-situacao-da-cracolandia-gera-atrito-entre-governo-do-estado-e-prefeitura.shtml>

Oficialmente 467 beneficiários são cadastrados no Braços Abertos. No âmbito do Recomeço o governo estadual mantém convênio com 41 comunidades terapêuticas que oferecem 983 vagas de acolhimento em todo o Estado. Dessas, 13 declaram não seguir doutrina de qualquer religião. Mesmo as que se declaram ecumênicas costumam seguir aplicar a espiritualidade como um apoio à recuperação¹³².



Figura 6¹³³

Diante de uma rede de atendimento público ainda muito pequena para o tamanho do problema, é compreensível a crítica de SPOSATI quando a autora afirma que são as pessoas mais necessitadas que têm menos acessos aos serviços e bens postos pela sociedade.

A política de assistência social no Brasil se mantém opaca, sem visibilidade, sem identidade, sem direção clara, germinando e proliferando uma caótica rede de instituições públicas produtoras de assistência e serviço social que se apresentam marginais até mesmo para seus agentes técnicos (SPOSATI, 2012, pg. 159).

¹³² Cada entidade recebe subsídio governamental de R\$ 45,00/dia/acolhido. A Secretaria Estadual da Saúde atende outros 730 em ambulatório e 1193 em leitos de desintoxicação. Fonte: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social. Dados fornecidos em 3 de novembro de 2015.

¹³³ Fonte: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social. Dados fornecidos em 3 de novembro de 2015.

Marcos DRUMOND JÚNIOR (2002) segue a mesma linha de raciocínio no que se refere às políticas de atendimento aplicadas em São Paulo. Segundo ele, a qualidade de vida de todos os grupos sociais, especialmente os menos favorecidos não acompanha a importância econômica estadual. E acrescenta: “na ausência de definições claras por parte do Estado, cabe à sociedade civil organizada as iniciativas para manter e implementar as políticas sociais necessárias (p.114)”. As duas entidades pesquisadas para este mestrado – Missão Belém e Cristolândia – trabalham com acolhimento institucional em comunidades terapêuticas e juntas atendem aproximadamente 2,5mil pessoas – homens e mulheres –¹³⁴, sem financiamento público.

Mesmo sendo um modelo amplamente aplicado, as comunidades terapêuticas estão longe de ser consideradas unanimidades. O Conselho Federal de Psicologia é contrário ao financiamento público desses espaços de atendimento. Reportagem da revista Carta Capital reproduz nota do Conselho que diz: “a proliferação maciça das Comunidades Terapêuticas, atualmente, parece indicar insuficiente expansão, organização e capacitação das redes de saúde e assistência social para o cuidado de pessoas que usam drogas”. Para o Conselho os recursos deveriam ser destinados exclusivamente à Rede de Atenção Psicossocial¹³⁵. O lobby da entidade levou o Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (Conad) a aprovar em junho de 2015 regras mais rígidas por parte do governo federal para as comunidades terapêuticas. Mas sem equipamentos públicos destinados ao atendimento ao dependente químico no padrão de acolhimento institucional, governos, como o do estado de São Paulo, lançam mão de convênios com comunidades terapêuticas para atendimento dos usuários de drogas.

Para o Conselho Federal de Psicologia a falta de regulação e fiscalização¹³⁶ fez com que algumas comunidades terapêuticas se tornassem “manicômios modernos” por aplicarem trabalhos forçados, isolamento e tratamento à base de remédios. Práticas como essas são associadas ao antigo tratamento manicomial e são condenadas desde a aprovação da Reforma Psiquiátrica, em 2001. RUI entende que seriam necessários mais estudos para fazer essa relação.

134 Como meu campo de pesquisa foi a cracolândia e as duas entidades destacam apenas homens para a abordagem e acolhimento na região, não visitei as unidades femininas. Por esse motivo, para este mestrado, os entrevistados das duas instituições são homens em sua maioria.

135 Veja reportagem da revista Carta Capital: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/governo-fecha-cercos-aos-manicomios-para-dependentes-quimicos-3883.html>. Último acesso em 03 de novembro de 2015.

¹³⁶ Antes do marco regulatório, as comunidades terapêuticas eram fiscalizadas somente por normas sanitárias.

Igualmente, a ocorrência tardia de associar o discurso da reforma psiquiátrica para criticar, sobretudo, o tratamento nas *comunidades terapêuticas* também demanda mais estudos. São transformações recentes que denotam como o consumo de drogas se tornou uma “questão de saúde pública” e, na prática, de “saúde mental” (RUI, 2014, p. 89).

Como boa parte das comunidades terapêuticas são administradas por entidades religiosas, a crítica também se dá na direção do proselitismo. Reportagem do jornal Folha de S. Paulo traz críticas nesse sentido. "Avançamos muito para reconhecer que drogas são um problema de saúde pública. Seria um retrocesso achar agora que é um problema de falta de fé", diz o procurador de direitos do cidadão em São Paulo, Jefferson Dias¹³⁷. Este não parece ser o foco do trabalho da Missão Belém e Cristolândia, mas sim, inicialmente, resgatar a pessoa do vício. Como diz RUI: “Em suma, no interior da CT¹³⁸, droga é concebida como mais um problema da ‘mente’ do que do ‘corpo’. Por isso, recorrem, sobretudo, às mudanças nos comportamentos e nas atitudes como terapêuticas mais eficazes para a abstinência das substâncias (2014, p. 97)”. Vale ressaltar que as duas entidades não usam a terminologia “comunidade terapêutica” para seus espaços de acolhimento, preferem o termo “casas de acolhida” ou “centros de formação”, mas o modelo é semelhante.

Pelo que pude perceber no trabalho de campo, as duas entidades usam a religiosidade como terapêutica e apoio, inclusive psicológico, para a superação do vício. No entanto, não há como fugir da pregação ou da conversão religiosa, afinal são instituições coordenadas por religiosos que compreendem que a “cura” do vício como “salvação”. É possível aqui fazer um paralelo com as palavras de Lucien FEBVRE. Para ele, a igreja se “imiscui em tudo ou, mais precisamente acha-se imiscuída em tudo (1978, p.49)”, mas nem por isso as pessoas envolvidas percebem tamanha influência.

Tudo isso, até aqui, mostra a igreja estabelecida em pleno coração da vida dos homens, de sua vida sentimental, de sua vida profissional, de sua vida estética, se é que se pode empregar tal palavra: de tudo o que os ultrapassa e de tudo o que os une, de suas grandes paixões, de seus pequenos interesses, de suas esperanças e de suas fantasias... Tudo isso confirma, uma vez mais, o domínio insidioso e total da religião sobre os homens (FEBVRE, 1978, p.51).

¹³⁷ Reportagem disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/08/1664532-governo-lanca-medidas-para-conter-abusos-em-manicomios-modernos.shtml>

¹³⁸ Comunidade terapêutica.

WEBER diz que a cura das almas é o verdadeiro instrumento de poder dos sacerdotes na vida cotidiana (2009, p. 319). A afirmação pode ser compreendida quando se leva em conta a história das duas entidades. A Missão Belém foi criada pelo padre católico Gianpietro Carraro. A Cristolândia nasceu na igreja Batista e é coordenada pela família Machado: o casal Humberto e Soraia, e o filho Gérson, estão mais envolvidos com o funcionamento e coordenação da Cristolândia. Já a filha Joana é responsável por outro projeto – o Novos Sonhos – que desenvolve atividades culturais, esportivas e de dança com crianças filhas de dependentes químicos.

Não foi uma tarefa fácil entrevistar os líderes das duas entidades para a redação deste capítulo. A conversa com Soraia e Humberto Machado foi adiada três vezes. Quando finalmente aconteceu, fomos interrompidos várias vezes: a todo o momento entrava alguém na sala onde estávamos para avisar ou solicitar alguma coisa. O mesmo ocorreu com o padre Gianpietro Carraro. Como a Missão Belém tem também um trabalho no Haiti, a agenda do padre estava disputadíssima. Tentei outras maneiras, como mandar as perguntas por email. Não obtive resposta.

Quando finalmente consegui conversar com ele, fui informada que teria apenas uma hora. O padre me sugeriu que eu pegasse mais informações no vídeo de apresentação no site da Missão Belém. Tive que aceitar. Parte da nossa conversa aconteceu na rua, enquanto ele se deslocava da Casa Guadalupe para a sede da Missão na Rua Nelson Gama, no meio de uma favela. E, como os imponderáveis acontecem, a conversa não foi gravada por um defeito do equipamento que eu usei. Felizmente o vício profissional de anotar tudo independente da gravação permitiu que eu “salvasse” seu depoimento.

3.1 – De traficante a pastor

A aproximação de agentes religiosos com os menos favorecidos socialmente seguiu documentos e chamamentos por parte de líderes religiosos ou campanhas institucionais realizadas pelas igrejas. Em 1995, a Igreja Católica lançou a Campanha da Fraternidade com o lema “Eras tu Senhor”, que abordava a Fraternidade e os Excluídos. Em mensagem enviada

para a Campanha no Brasil¹³⁹, o Papa João Paulo II disse ser “dever de acolher a todos que deve manifestar-se para com os mais infelizes da sociedade que o próprio Cristo no-lo recorda ao pedir para ser amado e servido nos irmãos que padecem todo o tipo de sofrimento: famintos, sedentos, peregrinos, nus, doentes, encarcerados...”

Do mesmo modo, nos documentos resultantes do Pacto de Lausanne¹⁴⁰ apareceu a expressão Missão Integral ou Evangelho Integral, que trata, entre outros temas, da responsabilidade social da Igreja. Mas foi mais recentemente que as Igrejas Evangélicas se dedicaram de forma mais atuante ao que o teólogo costarriquenho Orlando Costas chamou de “retorno” à vivência do Evangelho¹⁴¹ e da fé que não podem estar separados de uma responsabilidade mais ampla com o todo criado por Deus. Com o exponencial crescimento do consumo de crack no Brasil, grupos religiosos se aproximaram também desses dependentes químicos, sejam eles moradores de rua ou não.

Além do aspecto religioso, Missão Belém e Cristolândia têm outro ponto de convergência: faz parte de seu corpo de trabalho os ex-usuários que foram recuperados pelo trabalho das duas instituições. São eles que fazem a abordagem ou o acolhimento do dependente químico, oferecendo ajuda. É como define o padre Gianpietro Carraro: “náufrago ajudando náufrago”.

Apesar de não se tratar de instituições psiquiátricas, as duas instituições se assemelham, em seu trabalho diário, aos exemplos tratados por GOFFMAN (2010) sobre instituições totais¹⁴².

Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à

¹³⁹ A mensagem completa pode ser acessada no site do Vaticano:

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/pont_messages/1995/documents/hf_jp-ii_mes_19950301_fraternita-brasile_po.html

¹⁴⁰ Congresso mundial de evangélicos realizado em 1974. Mais informações: <http://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia/pacto-de-lausanne/pacto-de-lausanne>

¹⁴¹ Citado em artigo publicado no site Fraternidade Teológica: <http://ftl.org.br/new/index.php/publicacoes/artigos-online/55-evangelho-integral-a-busca-de-justica-igualdade-e-dignidade-ao-ser-humano>

¹⁴² Segundo o autor, instituição total “pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”.

seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição (GOFFMAN, 2010, p.18).

A disciplina faz parte do “tratamento”. FOUCAULT defende que o horário é uma velha herança e que a disciplina é a anatomia política do detalhe.

Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica de poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 1991, p. 127).

GOFFMANN acrescenta mais dados sobre a influência da disciplina no “tratamento”. Seu exemplo é com internados de instituições totais, mas pode ser aplicado à Missão Belém e à Cristolândia.

Os internados precisam ser levados à *auto-orientação* controlável, e, para isso, a conduta desejável e a indesejável precisam ser definidas como decorrentes da vontade pessoal e do caráter do internado, e definidas como algo que pode controlar. Em resumo, cada perspectiva institucional contém uma moralidade pessoal, e em cada instituição total podemos ver, em miniatura, o desenvolvimento de algo próximo de uma versão funcionalista da vida moral (GOFFMANN, 2010, p. 80).

No caso da Cristolândia, as duas figuras centrais da instituição – o pastor Humberto Machado e sua esposa, Soraia Machado – são protagonistas de uma história de amor bandido antes de chegar à coordenação do projeto. E os dois também são ex-usuários de drogas. Pastor Humberto conta que foi criado em família católica, frequentou o terreiro de Mãe Menininha do Gantois e a Assembleia de Deus antes de se tornar pastor da Igreja Batista. Começou a usar drogas aos 12 anos. Aos 16 anos, foi “sentenciado a três anos, e aí fiquei na Febem, mas eu fugia, entrava, fugia, entrava... Minha vida foi essa até os 26 anos, saindo e entrando das cadeia”.

Eu conheci a Soraia em 1982. Eu vivia um relacionamento com uma mulher e aí decidi me livrar desse relacionamento e fui morar sozinho em Salvador. Indo pro shopping em Salvador, Soraia trabalhava no shopping com 16 anos [...] E lá eu

conheci Soraia e me apaixonei. Logo em seguida ela ficou grávida, e eu raptei ela pra mim [abre um grande sorriso] (Humberto).



Figura 7 - Pastor Humberto Machado¹⁴³

Soraia conta que aceitou o convite prontamente.

Ele 24 anos, e tudo que eu não era ele era, falante, brincalhão, eu uma menina triste, complexada, cheia de frustrações, achando que não era daquela família, rejeitada aquela coisa toda, e ele totalmente diferente do que eu era me fez a proposta de ser feliz “vamo ser feliz”. “Vamo ser feliz, você precisa ser feliz, você não é feliz” e eu não entendi que eu não era feliz, tendo a minha casa, minha família, meu quarto tudo. [...] Fugi. Fugi, tinha dado uns beijinho e aí fugi fui embora. Fui embora com ele e meu pai não sabia onde eu estava e me deparei no Morro do Barro Branco¹⁴⁴ dormindo no chão, passando dificuldade, fiquei logo grávida... Oito irmãos, os irmãos dele todos os oito viciado em droga. Aí fui descobri que ele era alcoólatra, viciado em drogas, traficante de droga, traficante de armas e eu me vi refém dessa situação. A minha vida acabou. Grávida, passando muita dificuldade, muitas vezes a polícia

¹⁴³ Foto tirada por mim em 28 de abril de 2015.

¹⁴⁴ Comunidade localizada em Salvador.

invadia a casa levava ele preso e... Cheguei no fim do poço, passei muitas dificuldades (Soraia).

Soraia entrou nas drogas pelas mãos do marido, conforme relato do próprio pastor Humberto.

Foi por minha influência. Ela nem fumava, eu fui o passaporte pra ela entrar nas drogas. [...] Eu sinto sim, arrependimento, porque hoje eu tenho nojo daquilo que eu vivia e se eu tenho nojo daquilo que eu vivia, todo mundo que eu influenciei, eu sinto um arrependimento de ter feito tudo aquilo. Eu já confessei ao meu Deus, o quanto eu me arrependo não só de Soraia, mas de João, de Pedro, de Joaquim e dos invisíveis com que eu vivi na época e eu levei ao crime comigo (Humberto).

Até se livrar das drogas foi um longo caminho. Soraia buscou ajuda antes, mas foi o pastor Humberto que teve sucesso primeiro.

Humberto... ele tomou essa decisão de mudança. E Humberto foi muito mais fácil, eu fui mais difícil, eu quis ir várias vezes na boca buscar droga ele queria mudar... Muitas vezes, eu cáí muitas vezes na igreja, eu passei por todo tipo que você imaginar e não imaginar de dificuldade eu passei [ênfatisa bem as palavras], mas eu sempre fui muito determinada. [...] Ah ele foi primeiro pra Assembleia de Deus. Ele primeiro foi sozinho, aí ele foi e eu ainda fiquei. Muito tempo depois que eu fui, um tempo bem depois, um bom tempo por sinal. [...] Mas depois eu comecei a frequentar a igreja da Assembleia de Deus junto com ele (Soraia).

A mudança para a igreja Batista foi influenciada pelo trabalho do pastor como missionário nos presídios e cadeias que compõem o sistema prisional baiano.

Eu senti um chamado para trabalhar nos presídios. E no presídio eu fiquei pela Assembleia de Deus, eu dirigia uma igreja lá na cadeia. Já era pastor. [...] Então eu não consegui enxergar um evangelho somente no espiritual. E com isso me levou a convidar na época alguns pastores batista, pra me ajudar no presídio. E eles traziam escova, pasta de dente, eles trazia pra manutenção que não existia na cadeia. Há carência na cadeia de pasta, sabonete, de uma toalha, de uma comida às vezes na cela... Só que a Assembleia de Deus, quando ficou sabendo da minha interferência com a Batista, eu fui chamado no conselho de pastor e fui proibido de convidar os batistas. E a alegação, o que ele alegou pra mim é que o batista era um povo que não era irmão, não era crente. [...] E isso me incomodou, porque eu não via o ecumenismo social, eu não conseguia enxergar, achava que todo mundo tinha que se ajudar, eu acho que a caridade, o amor, não é só os dos cristãos, aqueles que se dizem evangélicos, né? Foi daí que eu tomei uma decisão e disse “eu não vou mais continuar na igreja Assembleia de Deus”. Talvez se fosse hoje eu não teria saído. [...] Eu abri uma igreja com todas as cadeias de Salvador, todas [fala de modo bem enfático] eu abri uma igreja, até hoje. Aí eu criei um projeto chamado S.O.S Presídio. Foi o primeiro projeto que eu criei foi o S.O.S Presídio e era um projeto de cunho social. [...] depois de 14 anos eu resolvi ampliar o trabalho pra outros estados. Aí cheguei no Espírito Santo. [...] E eu passei quatro anos em Vitória e assumi todas as cadeias de

Vitória. A Soraia foi a primeira diretora feminina do Estado, porque a cadeia, na época, era com delegacia, a feminina. E Deus nos honrou muito com esse ministério, né? Depois de quatro anos o governo Vitor Buaiz mudou aí eu criei a primeira APAC evangélica, eu conheci a APAC, Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (Humberto).

Mas, pastor Humberto conta que a indicação dele e da esposa para a administração do projeto não foi bem recebida por conta de seu histórico com o tráfico e com a dependência química: “infelizmente, como eu tinha um antecedente, eu fui muito bombardeado pela mídia ‘ah o pastor que era traficante, agora é diretor da APAC’”. Após uma temporada de quatro anos no Espírito Santo, de 1996 a 2000, voltou para Bahia com o objetivo de ser “apenas pastor” na cidade de Mucuri. O convite para liderar o projeto da Junta de Missões Nacionais¹⁴⁵, chamado de Radical Brasil Cracolândia, veio em 2009.

E aí eu não queria vir, não queria, não queria... Eu não acreditava mais na instituição¹⁴⁶. Minha mulher, ela tinha um chamado muito forte, né, mais do que eu inclusive e, num dos telefonemas que ligaram pra mim pra eu poder liderar o radical, a Soraia atendeu o telefone e decidiu vir conhecer e me trouxe com ela (Humberto).

A primeira visita de Soraia à cracolândia foi em maio de 2009. “Nunca mais eu fui a mesma, com essa visão de um vale de ossos secos, de mortos-vivos”. Depois de ser informada que o coordenador do projeto havia desistido da empreitada, aceitou vir para São Paulo à revelia da vontade da família: “Minha filha ficou tão revoltada que não me deu uma palavra, ninguém me disse nada, eu já fui dizendo ‘não me digam nada’, mas todo mundo ficou assustado e sem entender”.

Soraia explica que, inicialmente, o objetivo do Radical Brasil Cracolândia era evangelizar. O trabalho começou em julho de 2009, com 13 voluntários.

Mas eu comecei a ir pra rua com esse pessoal aqui que eram 13, ninguém sabia nada, tinha gente de 19 a 52 anos de idade, eram todos voluntários. Treze pessoas, também não conheciam São Paulo, nem ninguém aqui em São Paulo e a gente começou. Deus colocou no meu coração pra gente andar pelas ruas e a gente traçar um diagnóstico, levantar um perfil dessas pessoas em situação de rua, tudo que eles faziam, que horas faziam, como comiam, tudo. [...] Eles andavam pela [rua dos] Gusmões, na [avenida] Duque de Caxias, então a gente ia andando até a Praça da Sé cada um em uma rua diferente, outros iam pela estação da Luz e nós íamos observando tudo quanto eles

¹⁴⁵ Agência missionária pertencente e subsidiada pelas igrejas Batistas da Convenção Batista Brasileira.

¹⁴⁶ Em seu depoimento, por várias vezes o pastor Humberto demonstrou cansaço com o trabalho e até mesmo mágoa da igreja. Veja a íntegra no Anexo 2.

faziam, todas as crianças em situação de rua, todos os moradores de rua, tudo. [...] Então eu descobri que eles migravam pras comunidades do Moinho, que nos finais de semana o fluxo aumenta porque as pessoas saem das suas residências, as pessoas que têm residência fixa migram pra essa região e eu comecei a fazer uma leitura de tudo isso que acontecia a nossa volta. E, a partir daí, eu fui criando estratégias de trabalho. [...] Eu coloquei tendas na Praça Júlio Prestes, coloquei tendas porque eu criei a marca do projeto Cristolândia, que é a cor e a camiseta amarela. Deus falou no meu coração “precisa ser algo que identifique o grupo, nunca diga o nome do seu grupo, nunca diga que era igreja, nunca diga que era nada, mas tenha algo que as pessoas identifiquem que faz parte do seu grupo”: a camisa amarela. A estratégia foi as tendas dentro do fluxo, pra cortar cabelo, e depois a gente começou a cortar cabelo, a dar água, dar algum tipo de alimentação mais a frente, bem mais a frente. E a gente ia cortando cabelo e ia tendo contato com essas pessoas e falando, conversando, estabelecendo uma conversação, uma relação de amizade. Tempos depois eu entendi que eu precisava fazer um momento aonde tivesse um café com eles, porque eu percebi que eles passavam a noite na drogadição e pela manhã eles saíam a campo em busca de alimento. E eu criei o que eu chamei, naquela época, que era um “café com Jesus”. E era na Primeira Igreja e era o primeiro momento tê-los ao nosso lado. Agora eu não estava mais dentro da cracolândia, eu agora estava retirando-os da cracolândia e trazendo-os pra um lugar específico (Soraia).

Em dezembro de 2009, o marido decidiu se juntar ao projeto.

Foi então que o Humberto teve essa sacada e disse “não, nós vamos fazer agora o nosso próprio trabalho, então a gente mesmo vai fazer isso” foi quando a gente teve a ideia de... Porque depois de um tempo aí o que aconteceu, a gente começou a mandar pra casa de recuperação e a gente descobriu que na casa de recuperação, a gente começou a ter assim, um custo de R\$ 300,00 por cabeça. [...] Só que o retorno era muito pouco. A gente percebeu que as pessoas eram punidas nessas casas, era interrompida sua alimentação, as punições era tirar a alimentação, deixar de tomar banho, e a gente entende que tava trabalhando com pessoas de rua a gente não podia punir essas pessoas, né? [...] É porque era assim, a gente terceirizava o trabalho aí a gente mandava e o retorno era muito pouco, a gente percebia que as pessoas não ficavam. A gente chegava a tirar assim tipo, 40, 30 pessoas por dia mas essas pessoas não ficavam. O mesmo número que nós mandávamos era o mesmo número que dois, três dias saíam, então nosso trabalho perdeu o sentido de ser. A gente tava custeando, terceirizando o serviço e não via o retorno. E, quando se pensou num nome de abrir aqui, aí pensou-se então que a gente tá levando Cristo dentro da cracolândia então pensou no nome da Igreja Batista Cristolândia, em 27 de março de 2010. Já não era mais Radical, aí nasceu a Cristolândia com essa proposta de fazer esse trabalho 24 horas atendendo às pessoas (Soraia).

O funcionamento da Cristolândia segue um cronograma rígido de horários e tarefas a serem cumpridos pelos residentes, que são acolhidos pela instituição. Apenas homens moram no local. As mulheres que participam das atividades são missionárias voluntárias que não tiveram problema de dependência química. A única exceção é Elisa CL, já tratada no capítulo anterior.

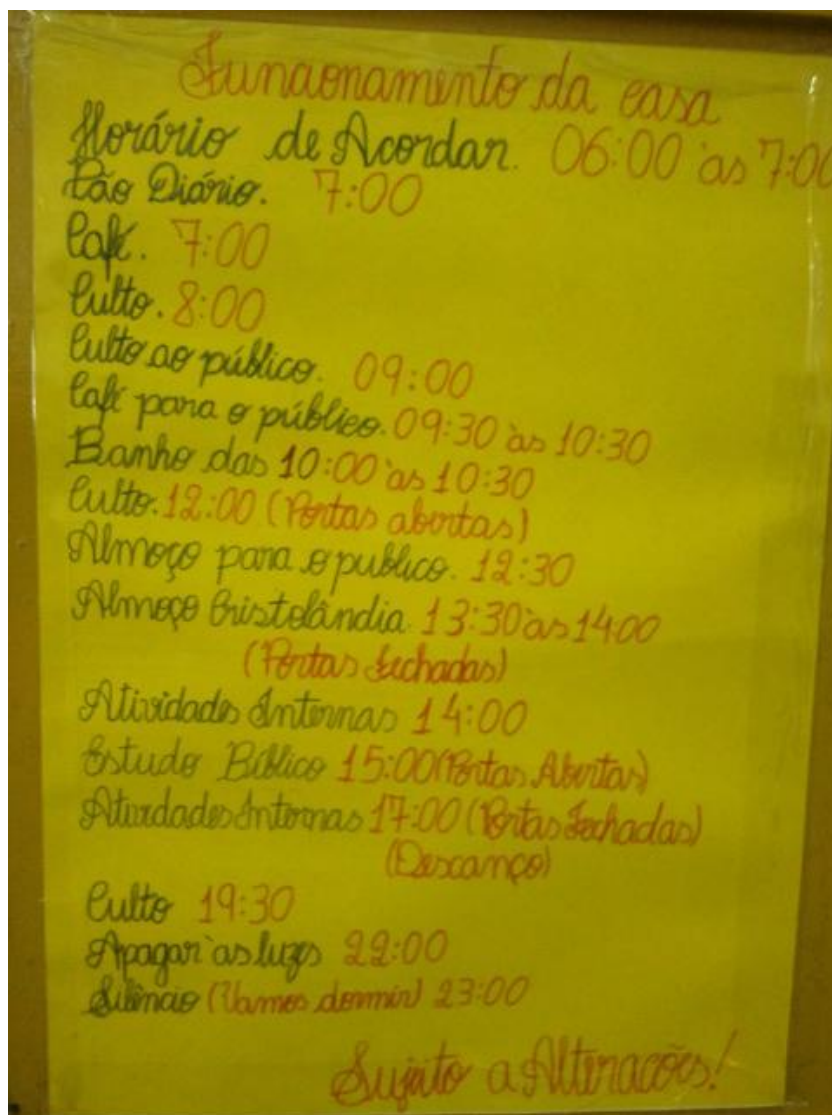


Figura 8¹⁴⁷

Os residentes/acolhidos da Cristolândia¹⁴⁸ participam de um culto fechado (às 8h) normalmente ministrado pelo pastor Humberto, pelo filho Gérson, ou por algum pastor convidado. O culto aberto ao público acontece às 9h, antes de o café da manhã ser servido. Animada, a celebração tem apresentações musicais dos residentes/acolhidos, que variam de

¹⁴⁷ Foto tirada por mim em 19 de setembro de 2014.

¹⁴⁸ A Cristolândia também é um espaço de acolhimento institucional, mas para homens que já estão na fase final do processo de recuperação da entidade. Por essa razão, chamarei seus moradores de residentes/acolhidos.

músicas religiosas mais tradicionais e até rap¹⁴⁹. Os testemunhos também fazem parte do culto público.

Cheguei aqui destruído, sem perspectiva de vida. Só queria morrer. Hoje sou um homem de Deus. O mesmo Deus que mudou minha vida é o Deus que quer mudar a vida de vocês. Fiquei 16 anos no crack e seis meses nas ruas da cracolândia. Hoje eu moro na Cristolândia, sou um espelho para vocês (Luiz CL)¹⁵⁰.

Ao final, o espaço, que antes parecia uma igreja, é rapidamente transformado em refeitório com a arrumação das cadeiras em torno das mesas plásticas que ficam empilhadas no canto do salão. Mulheres e homens ficam separados nas mesas, “para evitar conflitos”, segundo a coordenação da Cristolândia. A maioria é de dependentes químicos que dormem em frente à Cristolândia ou do outro lado da rua. Mas não é raro que moradores das imediações que não necessariamente são usuários de drogas apareçam para o café da manhã, às vezes levando crianças. Dependentes com o uniforme do programa Braços Abertos também podem ser vistos no local.

Residentes/acolhidos e missionários colhem os dados dos presentes e anotam os nomes de quem quer tomar banho. Dos cerca de 200 presentes para o café da manhã, em geral, metade se interessa pelo banho¹⁵¹. Os integrantes da Cristolândia tentam condicionar o banho e a troca de roupa apenas para quem participou do culto. Mas quase sempre aparecem pessoas apenas para o café e o banho e que são atendidas, desde que cheguem até as 10h30. No entanto, novas peças de roupa são dadas apenas às pessoas que tomaram banho na Cristolândia, salvo alguma situação excepcional. O controle é necessário para evitar que os usuários troquem roupas por drogas, de acordo com Soraia Machado. As peças distribuídas são sempre sóbrias: calças compridas e camisetas, que no caso das mulheres são sempre sem decote. O código de vestimenta também é seguido pelos acolhidos e pelas missionárias que nunca usam bermudas ou saias durante o “trabalho”. Todos usam camisetas identificando a Cristolândia.

O banho segue a lista marcada por ordem de chegada. O banheiro masculino comporta três homens por banho. Já o feminino, apenas duas mulheres. As travestis que eventualmente

¹⁴⁹ A maioria das letras de rap são de autoria de Túlio CL. Muitas vezes é ele mesmo quem faz a apresentação.

¹⁵⁰ Conforme anotação de 28 de novembro de 2014 no caderno de campo.

¹⁵¹ Média colhida a partir das informações das fichas de credenciamento para o banho.

apareçam são deixadas por último e tomam banho no banheiro masculino, sem a presença de outros homens. Em todos os casos, é destacada uma dupla de residentes/acolhidos ou missionárias para ficar dentro do banheiro controlando o tempo e evitando possíveis atritos. Após o banho, é sempre feita uma oração para o usuário.

No momento da coleta de informações, os integrantes da casa fazem uma abordagem mais próxima de quem procura alimento e banho. Nessas conversas são comuns perguntas sobre situações de conflito familiar ou problemas pessoais, seguidas de mensagens bíblicas e testemunhos pessoais de fé, além do oferecimento de vagas de acolhimento, tratadas pela Cristolândia como “plano de salvação”. Como a conversa parte de alguém que já viveu o problema deles, os dependentes costumam receber bem as palavras, mesmo que não aceitem ir para o acolhimento.

Como Claudia, mulher que encontrei quase todas as vezes que fui à Cristolândia. Ela me contou que estava participando do Braços Aberto, mas desistiu. “As coisas não está mais como antes. Os hotéis são muito precários. Não tem água nem pra usar o banheiro”¹⁵². Chorou muito durante a conversa com Soraia, que presenciei. Ela tem um problema no olho direito e aguardava a cirurgia no SUS¹⁵³, sem previsão de data. Mas o que a amargurava era a relação tumultuada com o companheiro. “Ele vive metido em briga e agora tá ferido de facada. Ele bebe muito e fica doido. Aí eu fujo aqui pra igreja”.

Claudia contou que está participando das atividades no Cratod. “Eu não quero internação”. Soraia tentou argumentar. “A gente não vai dizer que vamos te tirar da droga. Quem vai sair da droga é você. Não vamos interferir na sua vida”. O convite não surtiu efeito. “Já fiquei fora do crack quatro anos. Eu sei que posso sair da droga sem internação”. Apesar da recusa pelo acolhimento, até onde pude acompanhar Claudia continuou frequentando a Cristolândia para banho e alimentação.

Essas abordagens seguem as instruções contidas no Manual Operacional da Cristolândia. Na publicação, são sugeridas algumas ações e atividades:

¹⁵² Anotações do caderno de campo em 30 de setembro de 2015.

¹⁵³ Sistema Único de Saúde.

Aproximar-se, oferecer ajuda, confortar, suprir necessidades mais imediatas. Conquistar a simpatia e estabelecer relacionamentos de uma forma geral – por meio de um trabalho de inclusão. Fazer com que a pessoa se sinta incluída no projeto. Criar vínculos e estreitar relacionamentos. É imprescindível ouvir (conhecer as necessidades básicas). A partir do ouvir surge a necessidade de compartilhar (alguns desejam voltar para casa) outros querem ir para outro lugar. Conversar, ouvir, orar, oferecer um alimento. Trabalhar a aceitação e a autoestima. Atuar de maneira geral e não com foco apenas no dependente químico. Todos devem ser alvos da ação, para não gerar resistências ou dificuldades de relacionamento. Essa ação atrai as pessoas à participação (MANUAL OPERACIONAL, 2012, p. 20)¹⁵⁴.

O clima local, em geral, segue em tom amistoso e respeitoso. Mas já presenciei algumas discussões entre os usuários, como tentativa de furar a ordem do recebimento do café da manhã. Todas controladas por Luiz CL que também está sempre atento à vestimenta ou o linguajar de quem procura o café. Palavrões são repreendidos com veemência. Se as mulheres estão de vestido muito curto ou shortinhos, logo aparece um lençol para cobri-las. “Aqui é uma igreja, é a casa do Senhor”, lembra Luiz CL. Como diz GOFFMANN (2010) “a autoridade nas instituições totais se dirige para um grande número de itens de conduta – roupa, comportamento, maneiras – que ocorrem constantemente e que constantemente devem ser julgados (p.44)”.

De modo geral, os frequentadores da Cristolândia são conhecidos dos residentes/acolhidos e missionárias que sabem, por exemplo, o tamanho das roupas e calçados a serem distribuídos após o banho. Mas, a partir das conversas depois do café da manhã, a pessoa pode ser enquadrada como usuário ou dependente químico. De acordo com o Manual Operacional, usuário é quem usa drogas esporadicamente, mas ainda mora com a família e/ou está trabalhando. Já o dependente químico é aquele que perdeu vínculos familiares ou com a sociedade, mora na rua e perdeu valores e perspectivas. Por isso, pode ir para o acolhimento.

3.2 – “Mainha”

De acordo com o diagnóstico traçado nas conversas, os residentes/acolhidos ou missionárias repassam as informações para a coordenação da Cristolândia. A definição pelo acolhimento é feita após análise da coordenação e da família do usuário, se possível. Um caso que pude acompanhar foi o de Celso, rapaz que acompanhou o pai Joaquim que aceitou ir

¹⁵⁴ Publicação Ministério Cristolândia: Manual Operacional, publicado pela Junta de Missões Nacionais, distribuição interna.

para um dos sítios da entidade. Na despedida, muitas lágrimas. Soraia puxou Celso de lado: “você precisa entender que seu pai é doente. A drogadição é uma doença. E como doente ele não responde pelo que faz. E você e sua família são responsáveis por ele agora”. Diante do questionamento de Celso sobre o que aconteceria se o pai decidisse ir embora quando chegasse ao sítio, Soraia respondeu: “nosso trabalho agora é ajudar no período da abstinência. Não se preocupe, nós vamos fazer tudo para ele melhorar. Mas se ele realmente quiser sair não temos como segurar ele lá. Senão isso vira cárcere privado”¹⁵⁵.

Soraia explica que a Cristolândia é a porta de entrada e de saída do acolhimento. A instituição coordena nove unidades em São Paulo¹⁵⁶: Santana (Zona Norte da Capital) e nas cidades de Guarulhos, Itaquaquecetuba, Osasco, Pedra Bela, Piratininga, Presidente Prudente, Indaiatuba, Rio Preto, com 420 acolhidos¹⁵⁷. É fácil notar a influência da experiência que o casal teve ao realizar trabalhos no sistema prisional quando faz a analogia do método de recuperação aplicado pela entidade.

Na primeira fase nós tocamos cinco pontos: abstinência, resgate ao vínculo familiar, cidadania, raio-X clínico e levantamento das pendências judiciais. Depois de trabalhar esses cinco pontos a pessoa fica em média de seis a oito meses na primeira fase, depois ele passa por um processo avaliatório e vai pra segunda fase aonde focamos capacitação e profissionalização¹⁵⁸. E essa é a fase maior até a gente trabalhar a terceira fase que é a reinserção social e a última fase, que é ele já fora sendo assistido pela igreja mais próxima, que a gente chama da quarta fase. [...] O programa do ministério Cristolândia é fácil é só você fazer uma leitura do trilha do sistema prisional. Aqui funciona como uma delegacia: triagem e abordagem. A primeira fase funciona como uma casa de detenção: é o provisório, a segunda fase que é capacitação e profissionalização funciona como uma penitenciária, e a terceira fase, que é a fase da reinserção social, como um semiaberto e a última fase é o aberto. Então a gente pegou um pouco da experiência que a gente assistiu dentro do trilha do sistema prisional e aplicou dentro de um programa educacional. Tiramos as pessoas e vamos seguindo com elas¹⁵⁹. Agora, olha, a reincidência aqui é muito baixa, porque a gente tem um programa que a gente trabalha a família no momento que a pessoa entra adere o programa do ministério Cristolândia, a gente tem um trabalho paralelo que é o programa com a família, que é onde a psicóloga faz todo atendimento, todo diagnóstico e aí vai trabalhando gradativamente. Posterior a isso a gente procura ver qual a igreja mais próxima pra que aquela pessoa também seja assistida pela igreja mais próxima. Porque a igreja vai ser um suporte pra essa pessoa (Soraia).

¹⁵⁵ Conforme anotação do caderno de campo em 28 de abril de 2015.

¹⁵⁶ Existem unidades Cristolândia em outros Estados: Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia e Distrito Federal. Mais informações: <http://www.cristolandia.org/#!ondeestamos/csgz>

¹⁵⁷ As unidades de Santana e Indaiatuba são femininas e acolhem 70 mulheres. Informações de outubro de 2015.

¹⁵⁸ No dia 23 de fevereiro de 2016, a Cristolândia publicou em sua página no Facebook informação de parceria com uma universidade particular que concedeu bolsas de estudos nos cursos de Direito, Educação Física, Engenharia Civil e Psicologia para acolhidos e acolhidas da instituição.

¹⁵⁹ O processo todo pode passar de dois anos.

Na Cristolândia o usuário de drogas só é admitido no acolhimento se ele for por vontade própria. A instituição não faz acolhimento involuntário ou compulsório. Também não vincula o fornecimento de roupas e alimentos ao acolhimento. O mesmo discurso é usado pela Missão Belém. RUI diz ser importante o desejo, a aceitação, para ingressar em uma comunidade terapêutica.

A tentativa de anulação de desigualdades sociais anteriores à internação, a meu ver, envolve a tentativa de criação de uma identificação que, no interior da *comunidade terapêutica*, é considerada a mais importante: ali estariam (ou deveriam estar) todos *dispostos a se recuperar*. Ou seja, independentemente das trajetórias sociais e individuais de engajamento com as substâncias, ali seriam apenas *adictos em recuperação* que, em algum momento, falharam em suas escolhas. O termo *adicto* passa a ser, assim, um atributo que confere ao *residente*¹⁶⁰ durante o período de tratamento uma condição especial. Torna-se pois, um estigma no seu sentido goffmaniano de “linguagem de relações” (Goffmann, 1963) a partir do qual se estrutura o programa de tratamento e se pretende interferir na autonomia individual (RUI, 2014, p.98).

Para GOFFMANN (2010), o processo de admissão em uma instituição pode ser considerado uma despedida e um começo. A nudez é a figura usada pelo autor.

Ao examinar os processos de admissão de instituições totais, o que nos chama a atenção são os aspectos impermeáveis do estabelecimento, pois o processo de despojamento e nivelamento que ocorrem nesse momento afastam várias distinções sociais com que chega o novato (GOFFMANN, 2010, p. 104).

Após o almoço servido ao público, a Cristolândia é fechada para a realização de atividades internas com seus residentes/acolhidos, que têm folga às segundas-feiras. No entanto, mesmo nos horários em que está fechada, a Cristolândia funciona em esquema de plantão. Presenciei uma dessas atividades¹⁶¹ lideradas por Soraia em que os residentes estudavam junto com as missionárias. Eles foram divididos em cinco grupos de cinco pessoas. Em cada grupo foram escolhidos dois “pacientes”: um que está bem e outro que está mal por conta de doenças provocadas pelo pecado. Os dois casos eram analisados e para cada um era prescrito um remédio. Entre os exemplos de doenças provocadas pelo pecado foram elencadas morte espiritual e as doenças de comportamento. Os sintomas: maquiavelismo, glotonaria, vícios e preguiça. Alguns resolveram apresentar sua parte por meio de teatro. Mesmo para os

¹⁶⁰ Grifos da autora.

¹⁶¹ Conforme anotação em 25 de outubro de 2015 no caderno de campo.

pacientes “sãos” eram prescritos “remédios” como fortalecer a fé, manter a alegria e ser exemplo. Para os “doentes”: chá de bíblia três vezes ao dia. Piadas entre eles eram frequentes.



Figura 9¹⁶²

Para a atividade da terça-feira seguinte, Soraia pediu para cada um dos presentes prepararem uma apresentação de oito minutos sobre o que uma pessoa que é guiada pelo Espírito Santo pode fazer para salvar seu companheiro. “Usem a criatividade porque vocês

¹⁶² Um dos “remédios” prescritos por um acolhido durante a atividade

não poderão usar a palavra. Os outros terão que entender o que vocês estão dizendo apenas pelos gestos”. A atividade foi encerrada com uma oração¹⁶³.

Essa compreensão de que o pecado é o gerador de doenças vai ao encontro do que WEBER diz ao avaliar que os males que atingem um indivíduo são as consequências de suas faltas.

E a ética religiosa compartilha com a mágica, a princípio, também a outra peculiaridade: de que o complexo de mandamentos e proibições cuja infração constitui o “pecado” é muitas vezes extremamente heterogêneo, derivado de motivos e ocasiões muito diferentes, e não distingue, segundo nosso parecer, entre coisas “importantes” e “insignificantes”. Pode ocorrer agora uma sistematização dessas concepções éticas que abrange tanto o desejo racional de assegurar para si, mediante um comportamento agradável ao deus, vantagens pessoais externas, quanto a concepção do pecado como um poder único do antídívino em cujas mãos cai o homem, da “bondade” como uma capacidade única de disposição santa e de ações homogêneas que dela resultam e, por fim, da esperança de salvação como um desejo irracional de poder ser “bom” simplesmente, ou pelo menos, primariamente, por ter a gratificante consciência de sê-lo (WEBER, 2009, p.302).

Como em muitas outras igrejas, a participação feminina na liderança batista é modesta, basicamente restrita ao trabalho missionário. Em artigo publicado na revista *Último Andar*, Gina Nicolau escreve que “o corpo feminino é visto a partir da ótica cristã e batista, especificamente, como o elemento responsável por ter transportado a mulher muitas vezes para um espaço de reclusão doméstica”¹⁶⁴. Mais recentemente, em 2014, a Ordem dos Pastores Batistas Brasileiros (OPBB), ligada à Convenção Batista Brasileira, passou a aceitar o ingresso de pastoras¹⁶⁵. Mas o mais frequente é que as igrejas sejam lideradas por pastores homens.

No organograma da Cristolândia, Soraia não tem cargo. A coordenação é do marido. “Eu sou apenas uma humilde cooperadora. Quem manda aqui é ele. É. Parece que não, mas é

¹⁶³ Eventualmente a Cristolândia também faz eventos abertos, como um almoço durante a transmissão do jogo Brasil x Chile na Copa, no dia 28 de junho de 2014. Antes, integrantes da Cristolândia, acompanhados de voluntárias e voluntários, fizeram o convite aos usuários na cracolândia e a pessoas que estavam na praça Princesa Isabel. Como falo inglês, convidei três nigerianos que disseram estar morando na região, vindo como refugiados de seu país, “por conta das ações do (grupo fundamentalista islâmico) Boko Haram” segundo eles. Outras ações próximas a datas religiosas como Natal e Páscoa também são realizadas. Em dezembro de 2015, por exemplo, a Cristolândia distribuiu panetones na cracolândia.

¹⁶⁴ NICOLAU, Gina Valbão Strozzi. Corpo feminino e religião. In: Revista *Último Andar*: caderno de pesquisa em ciências da religião / Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências da Religião, PUC-SP, ano 6, nº 8. São Paulo, Educ, 2003.

¹⁶⁵ Reportagem da revista *Época* noticiou a abertura: <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/batistas-abrem-espaco-para-que-mulheres-sejam-bpastorasb.html>

[rindo]. Porque eu sou muito tudo... [Risos]”. Mas sua influência é tanta que os residentes e até mesmo as missionárias a chamam de mãe ou “mainha”.



Figura 10 – Soraia Machado¹⁶⁶

Ela diz não saber porquê começou a ser chamada assim. O pastor Humberto não é chamado de pai.

Não sei dizer. [Foi] Natural, não sei dizer porquê que me chamam de mãe. Não sei se tá implícito pela ausência da figura materna... [Fez sinal com o ombro, como se não soubesse a resposta] Mas a mim me chamam assim e não sei, porque ao mesmo tempo que eu tô ali, tô muito presente em tudo no que ele tá precisando, mas também sou muito presente em dizer “não, não é por aqui, é por ali”, entendeu? Eu acho que um dos motivos é esse, eu podia dizer a você porque minha família toda tá aqui também e talvez eles se sentem integrantes da minha família. Eu não sei, eu vejo assim que é um sentimento de carência entendeu? Eu me sinto muito honrada na verdade, não usaria nem essa palavra gostar, mas eu me sinto muito honrada porque eu consigo perceber que de alguma forma ele se sente como uma família. E, nesse contexto de família, a gente tem um papel de encaminhar pra nova vida como se eles, de fato, fosse uma família. A gente passa muito isso pra eles, a gente quer que eles entendam isso que nós somos uma família e que na família existem todos esses erros e acertos, mas que um dia ele vai se desligar dessa família e ter sua própria família. Eu gostaria, eu não sei se isso a gente consegue transmitir pra eles, mas na verdade o meu sonho, o meu sentimento é que eles percebam que de fato nós somos uma família e que eles sonhem em ter uma família (Soraia).

¹⁶⁶ Reprodução do Facebook da Cristolândia.

No depoimento acima, Soraia fala da presença constante que exerce sobre os acolhidos. Tanto que essa figura materna pode até interferir nos relacionamentos dos residentes. Em seu relato, Luiz CL conta que antes de se casar com Elisa CL estava em “outro relacionamento”, mas que a “liderança dizia não, não é pra você”. Elisa CL faz relato parecido:

Primeiro, a minha mãe – é a minha mãe Soraia, toda vez que eu falar “mãe” [bem enfática] você vai saber que é a Soraia – aí a minha mãe foi e me ligou, eu conversando com Luiz CL a gente assumiu um compromisso por telefone no dia 28 de abril de 2014, a gente assumiu um compromisso e começamos a orar e, aí nessa oração, eu falei assim “Deus, o Senhor vai me confirmar” e aí a minha mãe me ligou e falou assim “Ó, o CL02 não é menino pra poder namorar a distância” e eu tava no Rio e ele aqui em São Paulo. E aí todo mundo começou a aprovar o namoro sabe, que antes todo mundo negava aprovação, no nosso caso foi aprovando (Elisa CL).

Soraia não nega a interferência que, por vezes, alcança a família do acolhido, com duras críticas.

Agora, o meu maior índice de reincidência se chama um: família e mulher. O maior problema meu hoje se chama um: família [batuca os dedos na mesa com ar preocupado]. Sim, a mesma família que vem buscar ajuda pra o seu ente querido é a família também que interrompe todo processo, até porque o programa dura em média de dois a três anos. Num consegue [esperar pelo resultado], ela olha pro cara vê que o cara tá assim forte... A gente tá trabalhando em diversas questões. Por exemplo, a gente vai trabalhando em todo processo, aqui também funciona como a porta de entrada e a porta de saída, daqueles que são vocacionados que tão aqui, que a gente vai interagindo com ele, trabalhando, trabalhando a família, mas a família é o nosso maior problema. E a mulher tá inserida pelo contexto da família porque ela acha que “não, tá bom, ele tem que ir embora, tem que trabalhar” (Soraia).

Ela cita o caso de Túlio CL, que está em processo de recuperação após uma recaída, como exemplar.

A mulher... era mulher dele? Não era, mas vivia com ele é mulher. Aí tira o cara desse convívio aqui, o cara tá vivendo num ambiente, quer dizer ele tá aqui é uma família, é como se ele tivesse assim, é como um adolescente, um jovem. Então ele tá aqui, tem todo processo, você vai encaminhando e você tira e interrompe tudo isso aqui e isola o cara. Aí o cara tem questões que ainda não foram trabalhadas. Quando a gente tá trabalhando a gente não trabalha clinicando individualmente aqui, a gente trabalha sempre em grupos, porque são questões que a gente vai trabalhando coletivamente. Até porque pra ele interagir no grupo, pra ele aprender viver num contexto social, nunca só. Se você pegar uma pessoa dessa em situação de rua, aonde ela está nesse processo aqui, você centralizar pra clinicar, essa pessoa entra em parafuso (Soraia).

A figura do panóptico, de FOUCAULT parece ser propícia para o papel exercido por Soraia na Cristolândia com olhar hierárquico e normalizador.

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este exerça (FOUCAULT, 1991, p. 180).

O mesmo panóptico se aplica à Missão Belém. Aliás, para FOUCAULT o modelo pode ser aplicado em situações diversas.

O Panóptico ao contrário deve ser compreendido como um modelo generalizável de funcionamento; uma maneira de definir as relações do poder com a vida cotidiana dos homens. [...] É polivalente em suas aplicações: serve para emendar os prisioneiros, mas também para cuidar dos doentes, instruir os escolares, guardar os loucos, fiscalizar os operários, fazer trabalhar os mendigos e ociosos. É um tipo de implantação dos corpos no espaço, de distribuição dos indivíduos em relação mútua, de organização hierárquica, de disposição de centros e dos canais de poder, de definição de seus instrumentos e de modos de intervenção, que se podem utilizar nos hospitais, nas oficinas nas escolas, nas prisões. Cada vez que se tratar de uma multiplicidade de indivíduos a que se deve impor uma tarefa de comportamento, o esquema panóptico poderá ser utilizado (FOUCAULT, 1991, p.181).

3.3 – Padre de rua

Assim como na Cristolândia, a figura do líder da Missão Belém é emblemática. O franzino padre Gianpietro Carraro está sempre vestido de maneira muito simples, geralmente camisa azul, calça da mesma cor com a barra por fazer e chinelos de dedo. Italiano de Sandon de Fossò¹⁶⁷, foi ordenado padre diocesano em 1987, ainda na Itália. Chegou ao Brasil em 1994, indo para Belo Horizonte. Chegou a São Paulo dois anos depois. O padre conta que nem sempre trabalhou com comunidades excluídas.

Em 1996 fui nomeado pároco na região sul de São Paulo e vinha muito ao Centro da cidade e via os moradores de rua. A paróquia que eu era responsável, no Jacira, M'Boi Mirim, é no extremo sul da cidade. A cidade acabava na minha igreja. Em 1999 pouco antes do ano 2000 tive o pensamento, desejo de sempre me dedicar a esse povo tão sofrido, marginalizado. No ano 2000 consegui a permissão do bispo D. Claudio Hummes, ele me confiou a paróquia em Taipas¹⁶⁸, mas depois me liberou em 2001. E eu me tornei "padre de rua" (Gianpietro) .

¹⁶⁷ Região de Veneza, norte da Itália.

¹⁶⁸ Zona Norte de São Paulo.



Figura 11 – Padre Gianpietro Carraro¹⁶⁹

A primeira experiência como “padre de rua” foi com menores que circulavam pelo Vale do Anhangabaú cheirando cola e tiner. Junto a um grupo de missionários, que mais tarde seria a primeira formação da Missão Belém, o padre passou a conviver com esses meninos. Segundo a narração do vídeo que está no site da Missão Belém “Logo nas primeiras visitas, os missionários entenderam que para entrar nesse mundo não bastava levar um cafezinho, mas

¹⁶⁹ Foto tirada por Luiz Vicente Pereira, fotógrafo da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social, no dia 28 de dezembro de 2012.

era necessário mergulhar, descer, tornar-se um deles. Até virar as noites e dormir junto aos meninos de rua, debaixo da ponte”¹⁷⁰.

A Missão Belém nasceu em 2005, como conta o padre Gianpietro Carraro, ainda como uma base na rua, com um pequeno grupo: irmã Cacilda (que ele conhecia desde 2001), Paulinho, Gilson, Luciana (que se casou e agora atua como voluntária), Sandrinha (hoje missionária no Haiti), Miriam e a freira Chiara Carraro, irmã do padre Gianpietro. “Esse grupo cresceu e entre consagrados ou a caminho da consagração¹⁷¹, que são 90, e irmãos que sustentam as casas de acolhida somos cerca de 200 pessoas. Hoje são 160 casas de acolhida. Em 2005 era uma casa com dez acolhidos. Hoje temos 2100”.

O padre Gianpietro explica a escolha do nome e as características do grupo:

Belém é o lugar onde Jesus nasceu, pobre no meio dos pobres. Nós moramos em um barraco. Missão porque formamos um corpo único. Não somos obra de assistência. Mas nossa obra não é social é de vocação. Vivemos como uma família. Missão se entende muita coisa, ir além, ao motivo dos últimos. A palavra que gostaríamos de usar é restauração. Nosso principal alvo não são as drogas, mas o vazio que as pessoas têm dentro de si que pode se manifestar como compulsão no uso das drogas. É classificado como usuário de drogas. Muitas pessoas usam bebida excessiva, o sexo para alguns é uma droga. Outros como o dinheiro como droga (Gianpietro).

Como a Cristolândia, a Missão Belém tem uma porta de entrada, que é a Casa Guadalupe. No entanto, o espaço não tem a mesma característica de redução de danos: alimentação e banho apenas para os acolhidos que lá moram¹⁷². Uma vez que aceitem o acolhimento, o dependente químico passa pela triagem na Guadalupe por um período médio de 20 dias. Segundo o padre “para conhecer a missão, conseguir superar a abstinência”. Passado esse prazo é solicitado ao acolhido que ele escolha entre ficar na Guadalupe ou ir para uma das casas de acolhida da Missão. “Não é uma cadeia, [...] nos primeiros dois, três dias, querem só dormir e comer”, acrescenta.

¹⁷⁰ O padre me contou a mesma história na época em que o Governo do Estado fez o convênio com a Missão Belém, em 2012. Na opinião dele, a distribuição de alimento aos dependentes químicos em situação de rua não contribui para o processo de recuperação e facilita a permanência na cracolândia. A entrevista resultou no press release que está disponível em <http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/lenoticia.php?id=1701>

¹⁷¹ Dedicção exclusiva ao trabalho religioso.

¹⁷² A casa também acolhe idosos que estavam em situação de rua. Para o atendimento deste público e de outros acolhidos que tiverem algum problema de saúde, principalmente dificuldade de locomoção, a casa recebe a visita rotineira de agentes de saúde do SUS.

A Missão Belém também recebe dependentes químicos de substâncias diversas, não apenas o crack. O padre Gianpietro reforça que o álcool tende a ser a pior dependência, fato que pode ser comprovado pela abstinência, de acordo com ele. “O alcoólatra pode tremer por um mês. No caso do crack, depois de uma semana, o usuário não tem mais alucinações”.

A disciplina segue o mesmo padrão comentado por FOUCAULT. Para o autor “os procedimentos disciplinares revelam um tempo linear cujos momentos se integram uns aos outros, e que se orienta para um ponto terminal e estável (1991, p.145)”. O padre Gianpietro exemplifica um dia na vida do acolhido:

Acordam às 6h. Têm um momento de espiritualidade, de oração, deve estar presente, mas é um momento que não pode ser imposto. Às 8h é o café da manhã. Depois, é o momento de trabalho. A casa precisa funcionar, ser limpa, fazer a manutenção, acolher os recém chegados... dividimos as tarefas entre todos. Antes do almoço há um momento de espiritualidade¹⁷³. Depois, voltamos aos afazeres da casa. Por volta das 16h há um lanche e banho. Às 18h palestras ou filmes escolhidos, sempre com alguma mensagem edificante, com temas positivos e construtivos, como Gandhi, por exemplo. Depois do jantar nos reunimos e contamos como foi o nosso dia, nossas dificuldades (Gianpietro).

A disciplina também é tratada por GOFFMANN (2010) em seu trabalho sobre instituições totais.

Em primeiro lugar, existem as “regras da casa”, um conjunto relativamente explícito e formal de prescrições e proibições que expõe as principais exigências quanto à conduta do internado. Tais regras especificam a austera rotina diária do internado. Os processos de admissão, que tiram do novato os seus apoios anteriores, podem ser vistos como a forma de a instituição prepará-lo para começar a viver de acordo com as regras da casa. (GOFFMANN, 2010, p. 50)

Cada acolhido da Missão Belém recebe um diário, uma brochura com textos bíblicos em forma de mensagens diárias e com espaço para escrever o que sentem durante o dia. Os livretos são trocados mensalmente. Há uma versão online do diário. As mensagens diárias são gravadas pelo padre Gianpietro e pela irmã Cacilda e ficam disponíveis no Facebook da Missão Belém (<https://www.facebook.com/missaobelem/?fref=ts>).

¹⁷³ Os momentos de espiritualidade normalmente são acompanhados da reza do terço.

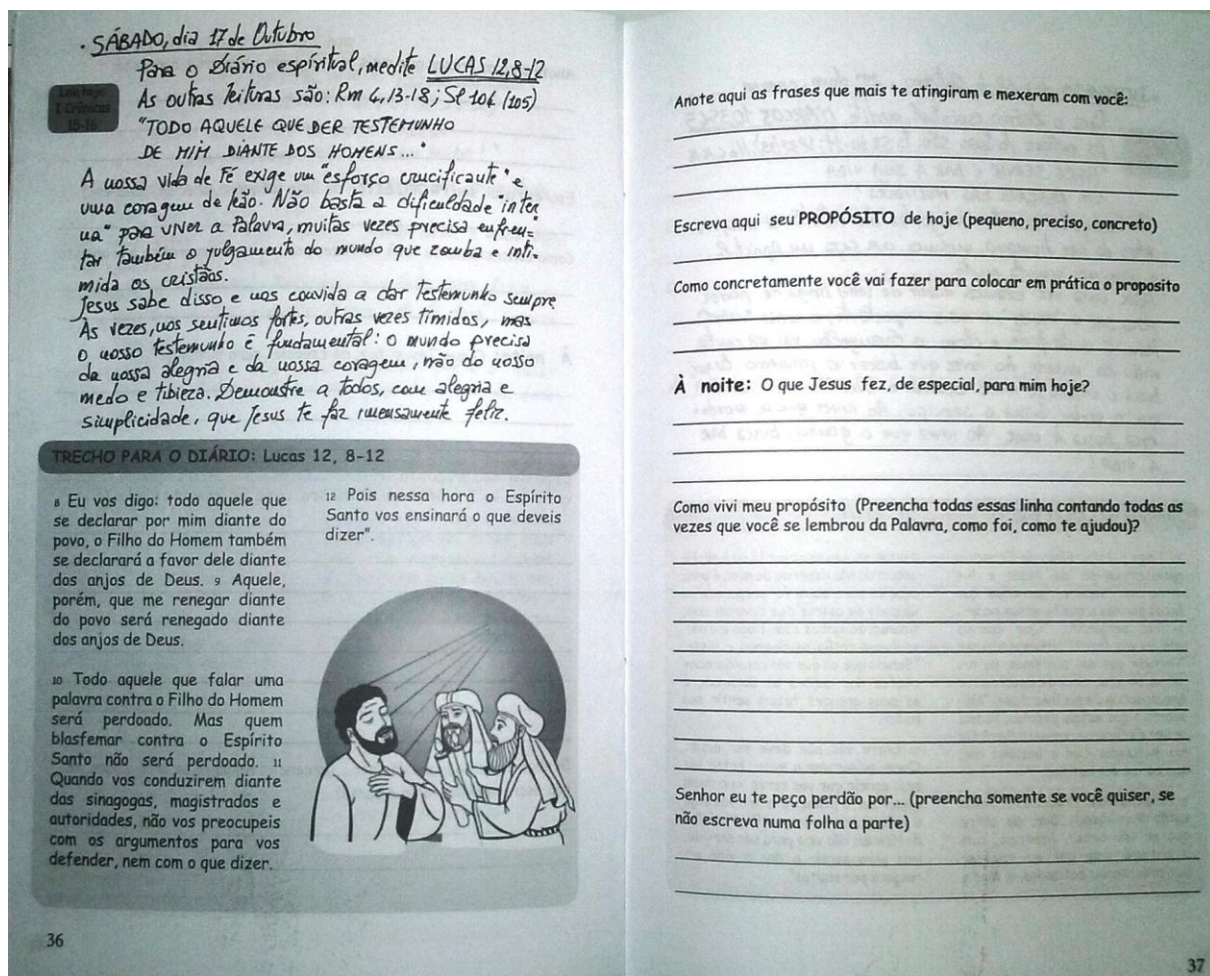


Figura 12¹⁷⁴

No momento de reflexão, a pessoa se sente interrogada de fato e a maioria acolhe a mensagem. Também incentivamos que escrevam cartas para suas famílias. No diário eles podem anotar as frases que mais tocam o coração deles. E transformam isso num propósito¹⁷⁵. Se a pessoa é mais nervosa, pode trabalhar a calma. Pedimos para escrever na mão porque é mais fácil de lembrar. Mas se não quiser escrever, não tem problema. O importante é trabalhar um propósito diário. E à noite se perguntar se conseguiu atingir o objetivo. A tentação de ir embora é fácil. Somos todos dependentes, todos estamos sujeitos a cair, eu inclusive (Gianpietro).

¹⁷⁴ Exemplo de um dia do diário dos acolhidos da Missão Belém. Foto tirada por mim em 25 de outubro de 2015.

¹⁷⁵ Algo parecido com um objetivo, uma meta, que a pessoa deve tentar alcançar naquele dia.

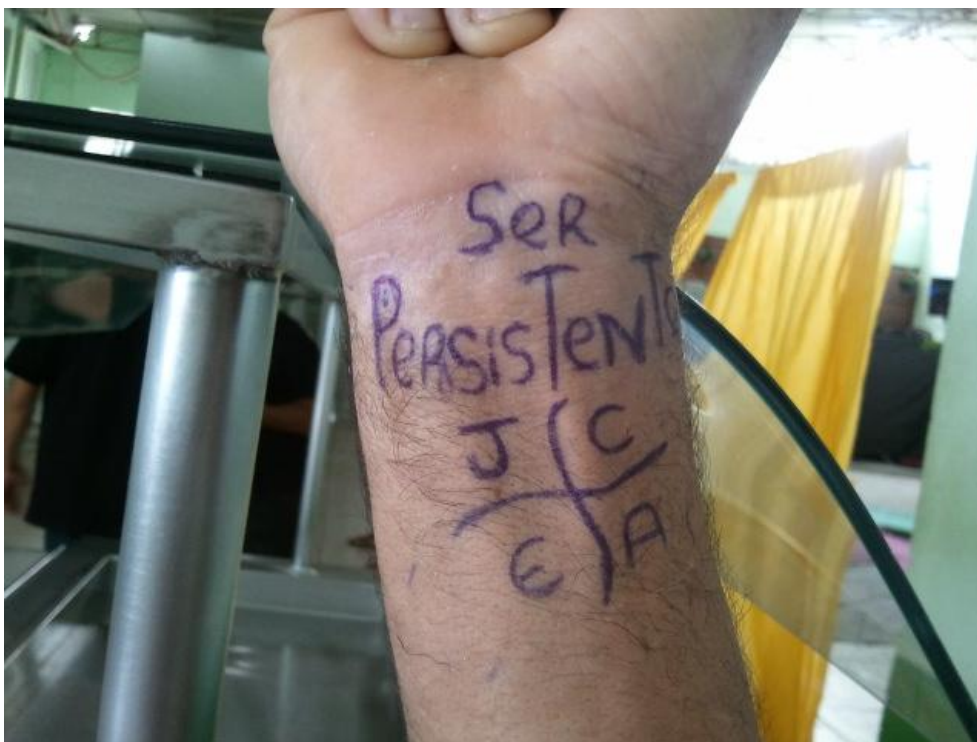


Figura 13 – Propósito definido por Vicente¹⁷⁶

O processo de recuperação é mais breve que o da Cristolândia – de seis meses a nove meses. Mas da mesma forma, a Missão Belém procura reatar os vínculos familiares e trabalha para a reinserção social das pessoas acolhidas. A percepção da recuperação parece ser mais subjetiva.

Nosso objetivo é oferecer um preenchimento a esse tremendo vazio. A droga é usada como uma defesa para não enlouquecer. Aquela brisa¹⁷⁷, aquela viagem... se você oferece a essa pessoa algo mais precioso que a brisa ela deixa a droga. E se tem boa vontade e fé, a religião tem interferência na psique e afeta o desejo de droga. [...] Caminhada de restauração mais global é muito simples. Na casa respiram clima de família muito típico da fé cristã. Encontram o prazer de ser filho de Deus. [...] O tempo que entra em contato com a dimensão espiritual, o tempo é relativo. Mas sugerimos três meses de retiro espiritual, para sair do mundo louco da cracolândia. Depois aconselhamos a ficar mais seis meses. Mas só podemos aconselhar, aqui não é uma prisão e se a pessoa quiser ir embora... Como sabemos se a pessoa se restaurou? O sinal é quando as pessoas pensam mais nos outros do que em si mesmos, quando tem a sua psicologia e sua força projetada nos outros. Assim essa pessoa pode ficar bem tranquila, mesmo no ambiente da cracolândia que costumava ser dela¹⁷⁸. Ela sabe lidar com o problema, adquire uma força, sabe? (Gianpietro)

¹⁷⁶ Foto tirada por mim em em 29 de outubro de 2015. Segundo ele, as letras J, C, E e A significam: Jesus Cristo Esposo Amado.

¹⁷⁷ Gíria para a viagem alucinógena provocada pelo crack.

¹⁷⁸ Mesmo em processo de recuperação, alguns acolhidos ajudam na abordagem diária dos dependentes químicos na cracolândia. Soraia Machado, da Cristolândia, é bem mais rigorosa. Mesmo com os acolhidos em situação final de recuperação ela controla a circulação deles pela cracolândia. Presenciei algumas vezes ela orientando os rapazes que precisavam sair para tratar de algo na rua a não passar perto do fluxo.

A Missão Belém faz um acompanhamento com os egressos do processo de recuperação. A pesquisa feita com 2000 pessoas entre 2014 e 2015 se estendeu também às famílias. A avaliação considera totalmente recuperado do vício quem não consome qualquer tipo de droga, mesmo uma cerveja no final de semana. Mas principalmente se tem trabalho e moradia. Segundo o padre Gianpietro, os itens diferenciam o integrado do não integrado socialmente.

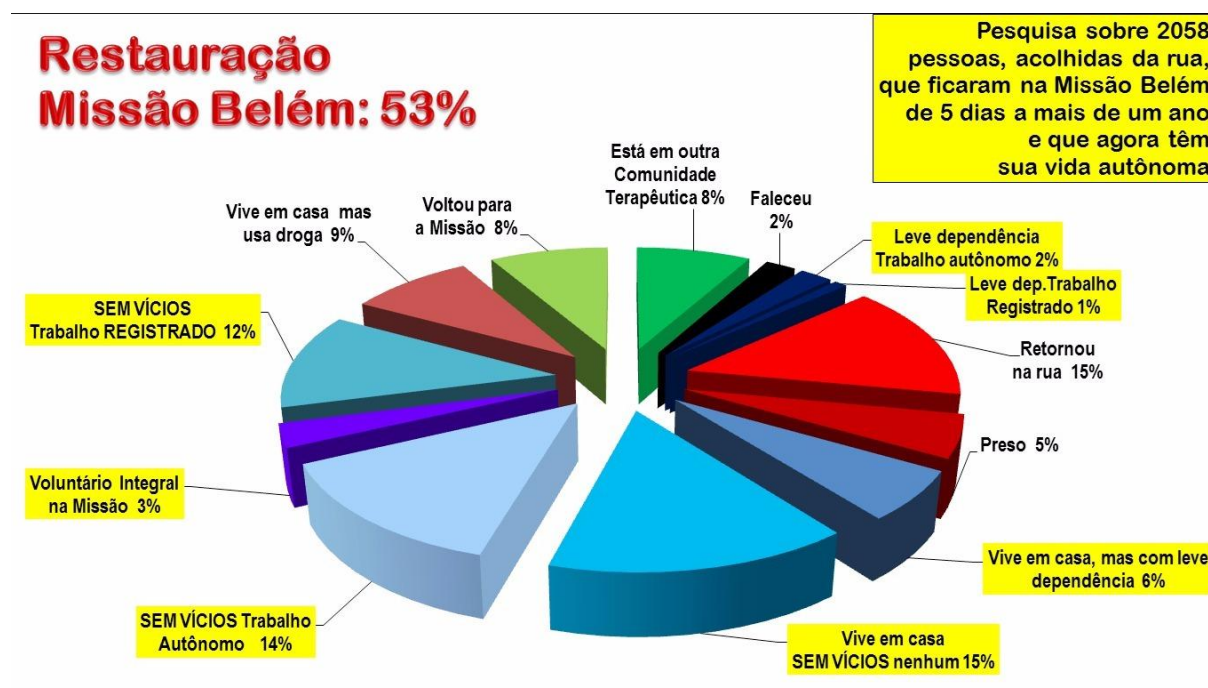


Figura 14¹⁷⁹

Para a integração social, a Missão Belém também trabalha com (re)capacitação profissional durante o processo de recuperação. A entidade tem convênio com a Fundação Porta Aberta¹⁸⁰ e com o Senai.

Se a pessoa ficar seis meses na Missão vai poder participar da capacitação e sair com trabalho. Temos por nossa conta a capacidade de colocar 30 a 40 pessoas no mercado de trabalho por mês. Com o convênio com essa associação [Porta Aberta] poderemos dobrar a capacidade. Em Jarinu temos oficina de marcenaria, padaria, serralheria e oficina mecânica. Com o Senai também vão aprender informática e montagem de móveis (Gianpietro).

A Missão Belém dá prioridade ao trabalho de campo, ou de evangelização como eles preferem, nas ruas da cracolândia. Além da atuação semanal, duas vezes por ano é organizada a Missão de Rua. Voluntários, missionários e acolhidos passam de uma semana na

¹⁷⁹ Gráfico fornecido pela Missão Belém em 3 de dezembro de 2015.

¹⁸⁰ <http://www.fundacaoportaaberta.org.br/>

cracolândia, dormindo com os “irmãos da rua”, partilhando da mesma vida. Ou seja, o grupo chega à cracolândia com o mínimo para sua subsistência: algumas garrafas de água, pouca comida, nada de dinheiro. “Temos que viver da maneira que nossos irmãos vivem, pedindo comida e dormindo na praça”, explica André, noviço que atua como missionários no sítio de Jarinu¹⁸¹.

Acompanhei duas Missões de Rua: uma que se iniciou em 3 de janeiro de 2015 e a outra em 19 de julho do mesmo ano. Nas duas ocasiões, o ponto de partida é a Casa Guadalupe onde fazem as preparações para o trabalho com missa, orações, leituras bíblicas e música. “Da tua palavra, do teu sorriso, depende a vida de uma pessoa”, exortou o padre durante a missa preparatória¹⁸².

Depois o grupo vai até a Praça Júlio Prestes e lá se divide em duplas para abordar os dependentes químicos nas ruas. Como de hábito é pedido que cada um escreva seu propósito do dia na mão. As tralhas, pertences que levam em sacos de lixo pretos para a ação, são amontoadas em frente à Sala São Paulo. A vestimenta é sempre muito simples e o chinelo de dedo quase uma marca registrada. O véu das freiras consagradas se resume a um pano amarrado aos cabelos cortados bem rentes. O cabelo dos homens é quase raspado. Nas duas ocasiões que acompanhei as missões não vi cobertores ou colchonetes. Se precisarem, usam banheiros de estabelecimentos comerciais ou o público que há no largo Coração de Jesus, que não fica aberto à noite. Se o desejo por um banho for muito grande, pegam o Metrô e vão até a Casa Guadalupe. O alimento é conseguido com doações do comércio local¹⁸³.

O comportamento durante a Missão de Rua lembra o que WEBER fala sobre ascetismo¹⁸⁴.

Como objeto dessa comprovação ativa, a ordem do mundo transforma-se, pelo asceta nela colocado, numa “vocação” que deve “cumprir” racionalmente. Despreza-se, portanto, o desfrute da riqueza, considerado como “vocação” a economia ordenada de modo racional e ético e dirigida em legalidade rigorosa, cujo êxito, isto é, o lucro torna visível a bênção de Deus ao trabalho piedoso e, portanto, a benevolência para com seu modo de viver econômico (WEBER, 2009, p.365-366).

¹⁸¹ Conforme anotação no caderno de campo em 3 de janeiro de 2015.

¹⁸² Anotação do dia 4 de janeiro de 2015 no caderno de campo.

¹⁸³ Nas duas Missões que acompanhei, o restaurante Bom Prato dos Campos Elíseos destinou 25 refeições gratuitas durante as ações. O café da manhã e o jantar eram conseguidos em outros estabelecimentos.

¹⁸⁴ Vale acrescentar que o dia a dia na Missão Belém não é muito diferente no que se refere à vestimenta e aos hábitos de consumo. A instituição vive de doações.

Os missionários evitam falar com os dependentes quando eles estão fumando. “Alguns usuários reclamam que ficam sem graça de fumar na frente dos padres e das freiras. Mas evitamos porque durante a brisa eles nem enxergam a gente”, explicou Mirna, freira consagrada que eu acompanhava naquele dia¹⁸⁵.

A música é um componente importante da Missão de Rua¹⁸⁶. Um grupo formado por homens e mulheres, entre missionários, voluntários e acolhidos, com violão, guitarra e bateria, cantam músicas na praça Júlio Prestes ou onde for possível montar o palco improvisado. As músicas incentivam largar o consumo de drogas, algumas com letras divertidas: “pó pará com o pó, pó pará com o pó aí!”. Muitos dependentes químicos se juntam para dançar com os integrantes da Missão.



Figura 15¹⁸⁷

Mesmo para os integrantes da Missão Belém acostumados ao trabalho na cracolândia, o esgotamento físico pode ser inevitável. Durante a Missão de Rua, no meio da tarde, eles param para um período de oração na igreja Sagrado Coração de Jesus. “Como o clima é sempre pesado e triste, precisamos dessa horinha pra recuperação”, explica o noviço André.

¹⁸⁵ Anotação do dia 23 de julho de 2015 no caderno de campo.

¹⁸⁶ A música também tem caráter agregador e até terapêutico na Cracolândia. Nos cultos sempre há a apresentações musicais dos acolhidos. Além disso, a instituição tem um coral masculino que costuma se apresentar regularmente não apenas em eventos religiosos, mas também sociais.

¹⁸⁷ Foto tirada por mim em 5 de janeiro de 2015.

Mas alguns deles, vencidos pelo cansaço, acabam dormindo nos bancos da igreja ainda em posição de oração¹⁸⁸.

Muitos usuários aceitam ir para o acolhimento. No entanto, uma média de 30% desiste logo no dia seguinte, segundo dados da Missão Belém. “São pessoas que só querem descansar um pouco, comer, tomar banho e trocar de roupa”, disse Alberto, acolhido da Guadalupe que estava responsável pela triagem dos recém-chegados¹⁸⁹. Conversei com dois homens que aceitaram sair das ruas. Um foi Armando, que disse ter 50 anos e que era de São José do Rio Preto. “Tenho mulher e filho, mas minha família acha que eu morri. Essa vida cansa!¹⁹⁰”. No dia seguinte, o encontrei de novo na cracolândia, com uma aparência um pouco melhor que a do dia anterior. “Sabe o que é, moça? É que eu sou usuário e não dependente. É muito [ênfatisa bem a palavra] diferente! Como eu sou mecânico, vou procurar um emprego”.

Outro foi Maurício. Já dentro da Kombi que o levaria para a Casa Guadalupe, fazia anotações em um caderno. “É para o livro que vou escrever sobre a minha vida”, disse animado. “O missionário que me trouxe disse que é para eu escrever um prefácio. Mas o que é isso?”, me pergunta. Explico que é o texto de apresentação do livro. “Ah, então já tá pronto?” E mostra o que escreveu para mim¹⁹¹.

¹⁸⁸ Anotação do dia 5 de janeiro de 2015 no caderno de campo.

¹⁸⁹ No dia 21 de julho de 2015, 120 pessoas aceitaram o chamamento dos missionários. No dia seguinte, 40 pessoas haviam desistido e voltado para a cracolândia. Conforme anotação no caderno de campo em 22 de julho de 2015.

¹⁹⁰ Anotação do dia 5 de janeiro de 2015 no caderno de campo.

¹⁹¹ Conforme anotação do dia 21 de julho de 2015 no caderno de campo. Não consegui informação sobre sua continuidade ou não no processo de recuperação.

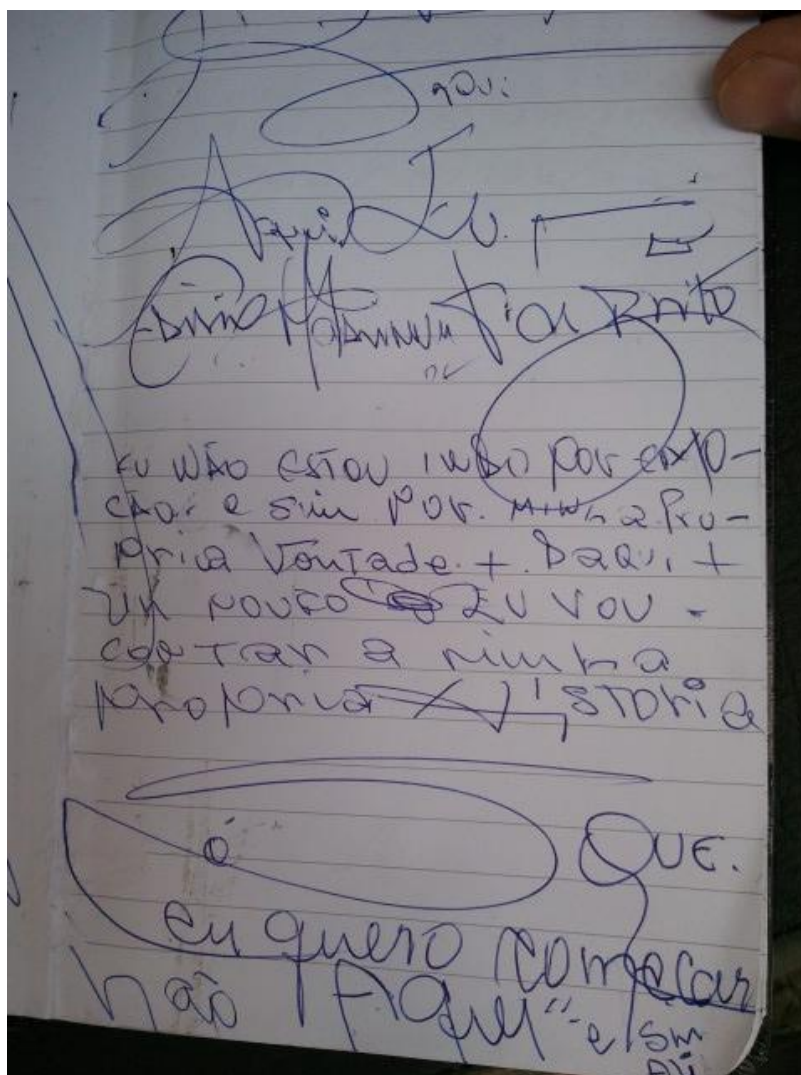


Figura 16¹⁹²

Independente das missões de rua, os acolhidos que estão na Guadalupe em processo de triagem participam de uma atividade chama Jeshua¹⁹³ às quintas-feiras. O dia começa cedo com missa, orações e muita música. Mas o ponto alto da atividade é o “se joga”. Um púlpito com quase dois metros de altura é armado no salão que também serve de igreja. Ao pé da estrutura, duas filas de rapazes se preparam para segurar os recém-chegados que se jogam do alto do púlpito. Um coro de palavras de incentivo é ouvido por cada um que sobe. No dia que presenciei a atividade, apenas um dos nove rapazes que subiram não teve coragem de se jogar. Um acolhido subiu no púlpito com ele e dizia para ele confiar enquanto que os rapazes da fila

¹⁹² Foto do “prefácio” de Maurício, tirada por mim em 7 de janeiro de 2015.

¹⁹³ Atividade preparatória para o encaminhamento dos acolhidos para os sítios da Missão Belém. Jeshua é considerado por algumas pessoas o nome hebraico de Jesus. Mas também pode ser traduzido por salvar.

rezavam a Ave-Maria em voz alta. Não houve jeito e o homem desistiu. O restante da audiência aplaudiu dando apoio. Não presenciei repreensões ou gozações com o desistente¹⁹⁴.

O “se joga” lembra os exercícios de confiança das dinâmicas promovidas por consultorias de recursos humanos ou até mesmo os treinamentos das Forças Armadas. FOUCAULT fala inclusive no ascetismo de práticas como essa.

Antes de tomar essa forma estritamente disciplinar, o exercício teve uma longa história: é encontrado nas práticas militares, religiosas, universitárias – às vezes ritual de iniciação, cerimônia preparatória, ensaio teatral, prova. Sua organização linear, continuamente progressiva, seu desenrolar genético ao longo do tempo tem, pelo menos no exercício e na escola, introdução tardia. E sem dúvida de origem religiosa. (...) Sob sua forma mística ou ascética, o exercício era uma maneira de ordenar o tempo aqui de baixo para a conquista da salvação. Vai pouco a pouco, na história do Ocidente, inverter o sentido guardando algumas características: serve para economizar tempo de vida, para acumulá-lo de maneira útil, e para exercer o poder sobre os homens por meio do tempo assim arrumado. O exercício, transformado em elemento de uma tecnologia política do corpo e da duração, não culmina num mundo além; mas tende para uma sujeição que nunca terminou de se completar (FOUCAULT, 2009, p. 146).

3.4 – O modelo português

Não é interesse desta pesquisa comparar os dois serviços prestados pela Missão Belém e Cristolândia ao atendimento dos programas públicos. Tampouco compará-los com os atendimentos prestados pela prefeitura e governo de São Paulo. Mas sim verificar as histórias de quem se voluntariou aos processos de recuperação e acredita que esse trabalho os ajudou em seus casos particulares. Como diz ALVES: “aos fieis pouco importa se suas ideias são corretas ou não” (2008, p.64).

No entanto, gostaria aqui de apresentar rapidamente o modelo português de atendimento à dependência química. Tive a oportunidade de conhecer pessoalmente parte do trabalho desenvolvido naquele país, no Centro de Tratamento das Taipas, em Lisboa, por ocasião do I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões, organizado pela Universidade Lusófona, em maio de 2015¹⁹⁵. O Centro fica localizado no Parque da Saúde de Lisboa, um espaço de concentra várias instituições públicas de saúde. Fui recebida inicialmente pela assistente social Nélia Gonçalves que me guiou pelas unidades de atendimento do local: salas de atendimento individual, terapia de grupo, apoio familiar. Há também quartos destinados à

¹⁹⁴ Conforme anotação do caderno de campo em 29 de outubro de 2015.

¹⁹⁵ O Congresso ocorreu de 9 a 13 de maio de 2015. No dia 11, apresentei um recorte desta pesquisa sob o título Acolhida aos excluídos: o atendimento religioso aos dependentes químicos na cracolândia de São Paulo. Já minha visita ao Centro de Tratamento das Taipas ocorreu no dia 13 de maio.

desintoxicação e espaços para convivência com salão de jogos, aulas de artesanato e terapias corporais. “Temos dois pontos aos quais damos grande importância: a família e a reinserção social”, explicou Nélia¹⁹⁶. Ela acrescentou que para se chegar ao atendimento que é feito hoje foi feita uma busca ativa nos locais de consumo para conhecer e cadastrar os usuários. Além do atendimento no Centro das Taipas, o programa possui unidades móveis de atendimento em bairros mais distantes e outras cidades. “Com o cadastro, o utente¹⁹⁷ pode ser atendido nesses vários pontos de atendimento”.

Depois da visita guiada, conversei com o psiquiatra Miguel Vasconcelos, coordenador do Centro das Taipas, que me explicou melhor o programa de atendimento. Segundo o médico, o governo português entendeu que deveria unificar o atendimento debaixo de um único guarda-chuva: o Instituto da Droga e da Toxicodependência (IDT). O Centro das Taipas é parte do IDT.

Havia inúmeros programas e atendimentos à dependência química sendo feitos de maneira desconectada uns dos outros. Hoje temos uma gama de atendimento que vai da desabilitação¹⁹⁸, internação clínica ou em comunidades terapêuticas e atendimento ambulatorial. O direcionamento será de acordo com a avaliação interdisciplinar com cada utente (Vasconcelos).

De acordo com Vasconcelos, a droga mais consumida em Portugal é a heroína. “A partir de 1980, o consumo e o tráfico público aumentou. Percebemos também o surgimento de bairros de uso e tráfico e o crescimento do número de doenças, como a Sida¹⁹⁹”. O médico acrescentou que a Aids e outras doenças decorrentes do uso compartilhado de agulhas foi o motivador inicial da união dos programas de atendimento. “Os gastos com os tratamentos dessas doenças eram muito grandes. Por isso optamos pela redução de riscos e minimização de danos à toxicodependência de modo a diminuir os custos”. O médico refere-se às ações de redução de danos como a distribuição de seringas e a substituição opiácea. Desde 1996, o governo português distribui metadona²⁰⁰ aos dependentes de heroína cadastrados. Durante minha visita ao Centro pude observar dois homens que foram buscar sua cota de metadona. Os frascos são etiquetados com as informações dos usuários. Ao receber a cota nova, os

¹⁹⁶ As conversas com Nélia Gonçalves e Miguel Vasconcelos constam do caderno de campo em 13 de maio de 2015.

¹⁹⁷ Usuários para nós.

¹⁹⁸ Desintoxicação para nós.

¹⁹⁹ Sida – síndrome da imunodeficiência adquirida, como a Aids é nomeada em Portugal.

²⁰⁰ A metadona é um opiáceo com propriedades parecidas com a morfina. Pelo fato de não ser injetada, mas consumida via oral, evita sintomas de grande prazer súbito que ocorrem com a heroína, o que ajuda a vencer a dependência psicológica (fonte: Wikipédia).

frascos da entrega anterior devem ser entregues no programa. “É uma maneira de controle, para evitar que eles tentem vender a substância”, explica Vasconcelos.



Figura 17 – Distribuição de metadona a cadastrados²⁰¹

No ano 2000, o país descriminalizou o uso de entorpecentes.

Pudemos observar avanços depois da descriminalização e reforço das políticas públicas de atendimento à toxicodependência, tais como a redução do consumo entre jovens de 15 a 19 anos, contrário à tendência do que é verificado na União Europeia, aumento do número de doentes em tratamento, redução do consumo problemático, isto é, em vias públicas, diminuição de doenças infecciosas e mortes decorrentes do consumo. Também percebemos um aumento da confiança na polícia e a diminuição da carga do sistema judicial (Vasconcelos).

Na opinião do médico, os avanços não podem ser apenas atribuídos à descriminalização.

É claro que a lei diminuiu o estigma social da toxicodependência e colocou o fenômeno como uma questão de saúde. Mas as ações paralelas de prevenção, tratamento e reinserção, além da recuperação dos bairros de consumo, antes degradados, permitem uma abordagem mais abrangente e compreensiva do fenômeno.

²⁰¹ Foto fornecida pelo dr. Miguel Vasconcelos.

Os desafios agora são aumentar a capacidade de resposta das instituições legais e de saúde face às novas substâncias como as metanfetaminas, ecstasy e análogos (Vasconcelos).

Segundo Vasconcelos, no país todo são quase 40 mil atendidos/ano pelos programas do IDT. A rede nacional é formada por 45 centros de atendimento, três comunidades terapêuticas, três unidades de alcoologia, quatro unidades de desabilitação, dois centros-dia e 22 centros de respostas integradas (prevenção, tratamento, reinserção e redução de danos). Além disso, existem unidades móveis para atendimento remoto, distribuição de medicamentos, preservativos e seringas descartáveis. Por conta da falta de tempo, não pude conhecer essas unidades móveis.

Mesmo com pouco tempo para conhecer o programa, apenas uma tarde, me pareceu que o modelo de atendimento português parece estar em estágio mais avançado que o nosso. A descriminalização do uso e a troca de substâncias parecem surtir efeitos positivos. Mas, de fato, o rápido contato não me dá condições de fazer comparações. Até porque, em minha opinião, dificilmente o congresso nacional aprovaria uma lei permitindo que o governo brasileiro forneça uma substância química como redutora de danos ao crack, o que no caso, seria a maconha. Portanto, o exemplo do atendimento em Portugal foi apresentado apenas como ilustração.

4 - Conclusões

O que pude perceber durante estes dois anos de pesquisa junto à Missão Belém e à Cristolândia foi que as duas entidades buscam a recuperação da dependência química dando suporte religioso aos seus acolhidos. Mas, ao buscar também a reintegração familiar e a reinserção social desses indivíduos, acaba tendo sucesso na linha do que GOFFMANN (2010) define como “maneiras incidentais de cruzar a fronteira”. “Tais práticas exprimem solidariedade, unidade, e compromisso conjunto com a relação à instituição, e não diferenças entre os dois níveis” (2010, p. 85). Uma diferença importante é que, enquanto a Missão Belém não restringe o número de tentativas de “tratamento” por parte dos dependentes, a Cristolândia é mais criteriosa e chega a barrar os reincidentes. “Temos poucas vagas, infelizmente tenho que priorizar quem demonstra o desejo real pela recuperação”, explica o pastor Humberto²⁰².

A experiência que muitos tiveram com o abuso de substâncias químicas parece criar um ambiente favorável à interação com o dependente químico que busca acolhimento institucional ou apenas os serviços de redução de danos. Para Soraia Machado, o exemplo dela pode ser útil para quem busca ajuda. “Acho que muitas dessas meninas, ao ver essa superação por assim dizer da minha vida, têm também uma... É como se fosse uma luz no fim do túnel dizendo ‘não, fulano conseguiu, eu também posso conseguir’, entendeu? ”. Além do exemplo, há também o sentimento de retribuição em ajudar alguém que se assemelha a sua história.

Eu olhar pro irmão, tirar o irmão da cracolândia com a força de Deus, depois... eu vê ele se restaurando, depois eu vi ele ir pra casa, e vi... vejo ele voltando, casando... e eu, eu tenho dois ano de missionário... Sou padrinho²⁰³ de vinte e seis pessoas, vinte e seis irmãos que não têm família, que eu acompanho espiritualmente são quase cem (Josué MB).

A sensação de amparo parece ser uma constante entre os atendidos. Como disse Vicente, rapaz que está na sua terceira passagem pela Missão Belém, tratado no capítulo 2: “no contato, na evangelização, o mais importante é o abraço. Parece que é a última coisa que

²⁰² Conforme anotação do caderno de campo em 8 de agosto de 2014.

²⁰³ O termo padrinho aqui é usado para definir o trabalho de monitoramento dos dependentes químicos que estão em processo de recuperação na Missão Belém.

a gente quer na vida. A gente pode ser evangelizado o dia inteiro, mas o que eu preciso mesmo é do abraço”.

Elisa CL falou na sensação de segurança, inclusive física, na aproximação com a Cristolândia antes mesmo da sua recuperação.

E, nisso que eu fiquei muito doente, a única segurança que eu tinha era aqui na porta, porque quando eu dormia nos outros lugares, a droga era tanta, o consumo era tanto, o cansaço era tanto, que sempre eu acordava meio inchada e eu nem sabia se tinham me molestado. Então assim, aqui na porta ninguém fazia isso entendeu? Aí eu sabia que se eu dormisse na porta eu ia acordar com a minha roupa no corpo e bem, aí eu vim pra porta e comecei a dormir aí porque eu tava muito doente (Elisa CL).

A religião é a base do trabalho das duas instituições e pelos relatos dos entrevistados demonstra ser um suporte para o desafio individual de superação do vício, ou salvação – termo algumas vezes usado pelos integrantes da Missão Belém e da Cristolândia como sinônimo de recuperação²⁰⁴. WEBER fala sobre o caráter “democrático” da salvação:

A salvação é, portanto, universal e acessível não a penas aos virtuosos religiosos. Estes últimos podem até facilmente parecer ameaçados em suas possibilidades de salvação e na autenticidade de sua religiosidade, e em todo caso isso tem de ocorrer em alto grau, quando ele espera chegar a Deus por um caminho individual, especial, em vez de confiar na graça institucional. Cumprir as exigências de Deus, de tal modo que basta para a salvação o acréscimo da graça dispensada pela instituição, isto deve ser possível, em princípio, a todos os homens (WEBER, 2009, p. 375).

Dessa maneira, a hipótese inicial se confirma: a experiência religiosa experimentada pelos entrevistados contribui para a superação do problema, no caso o vício das drogas. Mas entendo que de modo parcial. Digo parcialmente porque há algo mais. O que me parece pelos relatos é que o grupo, ou a comunidade, é que dá o maior suporte para a recuperação, como confirma o mote da Missão Belém: “uma família para quem não tem família”. Josué MB acrescenta: “a comunidade ela cura, sabe, a fraternidade cura”.

O próprio WEBER traz a discussão sobre a ação comunitária da religião ao tratar sobre a relação entre religião e sociedade.

Mas não é da “essência” da religião que nos ocuparemos, e sim das condições e efeitos de determinado tipo de ação comunitária cuja compreensão também aqui só pode ser alcançada a partir das vivências, representações e fins subjetivos dos

²⁰⁴ Conforme percebido durante a observação participante.

indivíduos – a partir do “sentido” –, uma vez que o decurso externo é extremamente multiforme (WEBER, 2009, p.281).

Outros autores concordam que “a religião é uma expressão da vida coletiva”, como PADEN (2001, p.59)²⁰⁵ ou CROATTO para quem o aspecto social da religião é inevitável²⁰⁶.

Mesmo as religiões místicas (as que mais destacam a experiência pessoal do sagrado) são fatos sociais, aglutinam grupos e são partícipes da cosmovisão comunitária [...] À sua maneira, as crenças religiosas cristalizam-se em grupos, comunidades (igrejas, irmandades, ordens, seitas etc.) com um impacto social inevitável (CROATTO, 2001, p.19).

O caráter familiar da Missão Belém e da Cristolândia são defendidos pelos coordenadores das duas instituições. “Vivemos como uma família. Na casa respiram clima de família muito típico da fé cristã. Encontram o prazer de ser filho de Deus”, diz o padre Gianpietro. O vídeo institucional no site da Missão Belém completa o raciocínio:

Aqueles que aceitam [o acolhimento], logo vêm para nossas pequenas casas. Residências familiares privadas, onde um irmão de rua resgatado há mais tempo, representa o pai da família e todos se empenham a viver como irmãos, segundo convite do santo evangelho. [...] Trata-se de pequenas famílias de oração e vivência evangélica. Famílias privadas e particulares, não clínicas, nem comunidades terapêuticas, que afastam das drogas e de qualquer vício.

O trabalho desenvolvido pela Cristolândia tem forte influência da família Machado. Tanto que Soraia define que a instituição é “um projeto familiar e religioso efetivamente”. Ela acrescenta que o dependente está sempre em busca de um grupo de integração.

Porque na verdade as pessoas que tão em situação de rua nada mais é, na comunidade, dentro do fluxo, a busca de uma família, de um porto seguro e um lugar de abrigo. Eu acho tão interessante isso, porque mesmo os que já passaram pelo projeto que saem, eles sempre voltam aqui e olha como aqui a “minha família”; “foi aqui que eu aprendi a viver em família”, quer dizer vou ser a figura daquela mãe punitiva, mas ao mesmo tempo presente e que tá empurrando “vá, vá”. Então eu motivo eles. Olha, pra você ter uma ideia, eu me inscrevi no Enem pra motivá-los a se inscrever no Enem [risos], eu me inscrevi na faculdade, fui até o último momento pra levar algumas pessoas que trabalham comigo a estudar e fui junto. Aí depois eu dou pra trás, mas a ideia é que “eu tô caminhando com vocês, eu posso fazer isso”. [...] Então isso é muito importante, eu acho que todos buscam de fato uma família (Soraia).

²⁰⁵ PADEN, William. *Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião*. São Paulo, Paulinas, 2001.

²⁰⁶ CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo, Paulinas, 2001.

GOFFMANN (2010) acrescenta que, para o “sucesso” da instituição, é fundamental que a equipe dirigente da instituição compreenda que seu material de trabalho são pessoas. “Este *trabalho com pessoas*²⁰⁷ não é idêntico ao trabalho com pessoal de firmas ou ao trabalho dos que se dedicam a relações de serviço; a equipe dirigente, afinal de contas, tem objetos e produtos com que trabalhar, mas tais objetos e produtos são pessoas” (GOFFMANN, 2010, p. 70).

Mas esse “sucesso” também depende de uma complexa união de forças e cada um dos envolvidos, dirigentes, acolhidos e outros integrantes perceberem que as duas instituições são um só corpo, ou como define FOUCAULT, “peças de uma máquina multissegmentar”. “São também peças as várias séries cronológicas que a disciplina deve combinar para formar um tempo composto. O tempo de uns deve-se ajustar ao tempo de outros de maneira que se possa extrair a máxima quantidade de forças de cada um e combiná-la num resultado ótimo” (FOUCAULT, 1991, p. 148).

Em sua tese de doutorado, SANCHEZ tem a mesma conclusão sobre a “chave do sucesso” dos “tratamentos” promovidos por instituições vinculadas a grupos religiosos ser a “formação de uma nova família”:

A religião não promove apenas a abstinência do consumo de drogas, mas, em especial, oferece recursos sociais de reestruturação: nova rede de amizades, ocupação do tempo livre em trabalhos voluntários, atendimento “psicológico” individualizado, suporte financeiro num primeiro momento, valorização das potencialidades individuais, coesão do grupo, apoio incondicional dos líderes religiosos, sem julgamentos e, em especial entre evangélicos, a formação de uma “nova família” (SANCHEZ, 2006, p.346).

A análise do conteúdo das entrevistas também direciona para o entendimento de que, apesar de ser visível o resultado positivo do suporte religioso, esse tipo de atendimento pode apresentar resultados apenas para um grupo particular de pessoas. Mesmo quem já está considerado totalmente recuperado pelas duas instituições, mantêm um vínculo muito grande com as duas instituições. Durante a observação participante presenciei vários testemunhos de ex-integrantes nesse sentido. Algumas dessas pessoas acabam trabalhando nas casas de acolhida da Missão Belém e da Cristolândia ou colaboram voluntariamente nas ações

²⁰⁷ Grifo do autor.

realizadas extratrabalho diário. Provavelmente, para quem não for “tocado” pelo discurso da “importância de Deus” em suas vidas, o método possa não ter o mesmo resultado²⁰⁸.

SANCHEZ conclui seu trabalho na mesma linha:

Os resultados mostram que é inegável o papel positivo da fé desenvolvida através da religião professada, na recuperação do usuário de droga. Porém, também é nítido que os indivíduos que se beneficiaram destes métodos religiosos tinham características muito semelhantes (crise intensa, isolamento social, problemas de saúde, emprego e relacionamento gerados pelo consumo de drogas, falta de prazer atual com a droga e, acima de tudo, crença em Deus), independente da religião professada. O que nos faz pensar que o tratamento religioso não se presta a qualquer usuário, mas àqueles que cumprem certos critérios (SANCHEZ, 2006, p. 349).

²⁰⁸ Trata-se de uma percepção pessoal. O tempo restrito da pesquisa de mestrado não me permitiu aprofundar o assunto.

5 – Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, Editora Martins Fontes, 6ª edição, 2012

ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira e RAUP, Luciane Marques. *Jovens em situação de rua e usos de crack: um estudo etnográfico em duas cidades*, 2011 - <http://portal.cnm.org.br/sites/9700/9797/docArtigos/jovensecrack.pdf>. Acesso em 01.02.2013

ALBUQUERQUE, Bernardo Starling. “Idade doida da pedra”: configurações históricas e antropológicas do crack na contemporaneidade. In. SAPORI, Luis Flávio e MEDEIROS, Regina (org). *Crack: um desafio social*. Belo Horizonte. Ed. PUC Minas, 2010.

ALVES, Rubem. O que é religião? Edições Loyola, 9ª edição, 2008.

ARENDT, Hanna. *A vida do Espírito*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 4ª. Edição, 2000.

BARBOSA, Alexandre de Freitas (org). *Brasil Real: Desigualdade para Além dos Indicadores*. São Paulo, Outras Expressões, 2012.

BECKER, Howard Saul. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2008.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Fronteiras da Fé*, Estudos Avançados 18 (52), 2004.

CARNEIRO, Henrique. Transformações do significado da palavra “droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. In. VENÂNCIO, Renato Pinto e CARNEIRO, Henrique (org). *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

DALLARI, Dalmo. *Direitos Humanos e Cidadania*, editora Moderna, 1999.

DOMANICO, Andrea. “*Craqueiros e Cracados: Bem Vindo Ao Mundo Dos Nóias!*” - *Estudo sobre a implementação de estratégias de redução de danos para usuários de crack nos cinco projetos-piloto do Brasil*. Tese de doutorado apresentada à Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

DRUMOND JÚNIOR, Marcos. *Vida e Morte em São Paulo*, editora Brasiliense, 1ª edição, 2002.

ESPÍNDULA, Joelma Ana. *O significado da religiosidade para pacientes com câncer e para profissionais de saúde*. Tese de doutorado apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Programa de Enfermagem Psiquiátrica, 2009.

FANTAUZZI, Gustavo dos Santos e AARÃO, Bruna Fátima Chaves. *O advento do crack no contexto político brasileiro*. In SAPORI, Luis Flávio e MEDEIROS, Regina (org). *Crack: um desafio social*. Belo Horizonte. Ed. PUC Minas, 2010.

FEBVRE, Lucien. *O domínio da religião sobre a vida*. In Febvre: história/organizador Carlos Guilherme Mota. Ática, 1978.

IORE, Maurício. *A medicalização da questão do uso de drogas no Brasil: reflexões acerca de debates institucionais e jurídicos*. In. VENÂNCIO, Renato Pinto e CARNEIRO, Henrique (org). *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*, Vozes, 1991.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes. *Brasil urbano: narcotráfico e violência*. In IULIANELLI, Jorge Atilio Silva et. al *Uma guerra sem sentido: Drogas e Violência no Brasil*. Koinonia, nº 11, 2004. Disponível em http://www.koinonia.org.br/uploads/310_Dctni.pdf

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Data da digitalização: 2004 (data da publicação original: 1963).

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*, Editora Perspectiva, 2010.

GUIMARÃES, Laís de Barros Monteiro. *Luz/História dos Bairros de São Paulo*, PMSP, 1977.

LOBO, Edileuza Santana. *Católicos e Evangélicos nas Prisões do Rio de Janeiro*. In Revista Comunicações do ISER, Religiões e Prisões, nº 61, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo, 14ª edição, Hucitec, 2014.

NAPPO, Solange A; GALDUROZ, José Carlos e NOTO, Ana R. *Uso do “crack” em São Paulo: fenômeno emergente?* Rev ABPAPAL; 2(16): 75-83, abr./jun. 1994.

PESCUMA, Derna e CASTILHO, Antonio Paulo Ferreira de. *Projeto de Pesquisa – o que é? como fazer?: um guia para sua elaboração*. São Paulo, Olho D’Água, 2013.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigações em Ciências Sociais*, Gradiva, 1992.

RAUPP, Luciane e ADORNO, Rubens de C. F. *Uso de crack na cidade de São Paulo/Brasil – Revista Toxicodependências*, Edição IDT, volume 15, número 2, 2010.

RICOEUR, Paul. *A simbólica do mal*. Lisboa, Portugal, Edições 70, 2013.

RODRIGUES, Thiago. *Narcotráfico: um esboço histórico*. In. VENÂNCIO, Renato Pinto e CARNEIRO, Henrique (org). *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

RUI, Taniele. *Nas tramas do crack: etnografia da abjeção*. São Paulo, Ed. Terceiro Nome, 2014.

SANCHEZ, Zila van der Meer. *As práticas religiosas atuando na recuperação de Dependentes de drogas: a experiência de grupos Católicos, evangélicos e espíritas*, Tese de doutorado apresentada à Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, 2006.

SCHENKER, Miriam e MINAYO, Maria Cecília de Souza. *A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas: uma revisão da literatura*, Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20(3):649-659, mai-jun, 2004.

SPOSATI, Aldaíza. *Os direitos (dos desassistidos) sociais*, Cortez Editora, 7ª. Edição, 2012.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*, capítulo 5: Sociologia da Religião (p. 281-418). Ed. Universidade de Brasília, 2000, 2009 (reimpressão).

ZALUAR, Alba. *Exclusão e Políticas Públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091997000300003&lng=en&nrm=iso

Anexo 1

A primeira versão do roteiro foi aplicada a dois entrevistados da Missão Belém. Modelo segue abaixo:

1- Dados gerais

- 1.a) Nome (será mantido em sigilo)
- 1.b) Sexo
- 1.c) Idade
- 1.b) Natural de
- 1.d) Trabalha? O que faz?
- 1.e) Estuda? Estudou até que série?
- 1.f) Estado civil?
- 1.g) Mora com a família?

2- Contato com as drogas

- 2.a) Quando foi seu primeiro contato com as drogas?
- 2.b) Por que usou drogas?
- 2.c) Qual (is) tipo (s) de droga (s) você usava?
- 2.d) Quantas vezes você consumia a droga por dia?
- 2.f) Quando consumia drogas você mantinha contato com sua família? Morava com ela ou chegou a morar na rua?
- 2.g) Fez algum tipo de tratamento médico e/ou religioso enquanto usava drogas, antes de conhecer a (Missão Belém ou Cristolândia)?

3- Processo de recuperação

- 3.a) Qual a sua religião?
- 3.b) Você frequenta alguma igreja atualmente?
- 3.c) Você praticava essa religião antes? Se sim, a religião não te ajudou a se afastar das drogas? Por que?
- 3.d) É a mesma religião da sua família?
- 3.e) Você continua consumindo algum tipo de droga? Se não, por que parou de usar drogas? Há quanto tempo não usa mais?
- 3.f) Qual a importância da religião hoje em sua vida?

- 3.g) O que mudou na sua vida depois de conhecer sua religião atual? (Voltou a trabalhar, estudar? Contato com a família? Relacionamentos?)
3. h) O processo de recuperação dentro da religião foi fácil ou difícil? Você pensou em desistir? Por quanto tempo você ficou na entidade? Conte como foi.
- 3.i) Você se considera livre das drogas?

Logo na primeira entrevista percebi que as perguntas 3.a e 3.b não se aplicavam porque os entrevistados, após o processo de recuperação, acabaram assimilando a influência religiosa da entidade. Por isso elas foram retiradas do roteiro. Também percebi que o tema da disciplina foi recorrente nas primeiras conversas e incluí uma pergunta sobre isso no guia.

MINAYO diz que o roteiro pode e deve ser modificado durante as conversas quando o pesquisador perceber que determinados temas ou perguntas não funcionam para o grupo pesquisado. Dessa maneira, o roteiro recebeu a seguinte formatação final:

1- Dados gerais

- 1.a) Nome (será mantido em sigilo)
- 1.b) Sexo
- 1.c) Idade
- 1.d) Natural de
- 1.e) Trabalha? O que faz?
- 1.f) Estuda? Estudou até que série?
- 1.g) Estado civil?
- 1.h) Mora com a família?

2- Contato com as drogas

- 2.a) Quando foi seu primeiro contato com as drogas?
- 2.b) Por que usou drogas?
- 2.c) Qual (is) tipo (s) de droga (s) você usava?
- 2.d) Quantas vezes você consumia a droga por dia?
- 2.e) Quando consumia drogas você mantinha contato com sua família? Morava com ela ou chegou a morar na rua?

2.f) Fez algum tipo de tratamento médico e/ou religioso enquanto usava drogas, antes de conhecer a (Missão Belém ou Cristolândia)?

3- Processo de recuperação

3.a) Você praticava alguma religião antes? Se sim, a religião não te ajudou a se afastar das drogas? Por que?

3.b) É a mesma religião da sua família?

3.c) Você continua consumindo algum tipo de droga? Se não, por que parou de usar drogas? Há quanto tempo não usa mais?

3.d) Qual a importância da religião hoje em sua vida?

3.e) O que mudou na sua vida depois de conhecer sua religião atual? (Voltou a trabalhar, estudar? Contato com a família? Relacionamento?)

3.f) O processo de recuperação dentro da religião foi fácil ou difícil? Você pensou em desistir? Como você lidou com as regras da casa? Por quanto tempo você ficou na entidade? Conte como foi.

3.g) Você se considera livre das drogas?

Anexo 2 – Íntegra das entrevistas

Missão Belém – Evandro MB – 10.08.15

Dados gerais - coordenador

Tenho 47 anos, sou natural de Bauru. Vim para São Paulo com 18 anos. Sou voluntário na Missão Belém. Foi através da comunidade que eu saí da situação de rua e hoje Deus me proporcionou que eu tenha essa responsabilidade de coordenar São Paulo. Todas as casas²⁰⁹ de São Paulo eu sou o responsável, em todos os sentidos.

Eu estudei até a 8ª série do 1º grau²¹⁰. Não voltei a estudar, mas o padre quer que eu volte²¹¹. Fui amasiado, tenho uma filha de 22 anos e três netos. Hoje não tenho ninguém, a não ser que Deus providencie. Tamos aí [risos]. Hoje eu moro aqui [no Guadalupe].

Contato com as drogas

Eu venho de uma família que é de classe média alta e foi uma coisa que ninguém levou eu pra droga. Tudo começou eu tinha 15 anos. Estudava numa escola particular aonde tinha um pessoal de uma boa classe, né? Barzinho, festinha, menininha, né? Meu pai era bem rígido, então. E nós também... apesar de... Meu pai não tinha dinheiro para esbanjar, né? Nós vivíamos bem, mas não tinha dinheiro para esbanjar.

Aí eu decidi que ia trabalhar. E chegou uma hora que passei a estudar à noite e aí ficou uma situação melhor ainda. O pessoal era mais adulto. E bar, festa, bar, festa, chegou uma situação que o meu dinheiro não dava mais para sustentar as festinhas. Aí eu passei a cometer pequenos furtos, né? Dentro da minha própria casa, pegando coisas para vender. Depois eu fui descoberto e comecei a roubar na rua. Depois eu passei a usar droga e foi indo de mal a pior, chegando a um ponto eu ser uma das pessoas mais conhecidas dentro da criminalidade de Bauru.

²⁰⁹ O entrevistado é o coordenador das 12 casas de passagem da Missão Belém. A casa de passagem central, Guadalupe, onde o entrevistado “trabalha”, fica na R. Dr. Clementino, 608, Belém. É nesse endereço que os dependentes químicos são levados quando saem da rua [depois de feito o cadastro nas casas de passagem auxiliares e se não tiverem nenhum problema de saúde que necessite de atendimento imediato. Nesse caso é usada a rede pública de saúde. Os dependentes químicos, lá denominados de irmãos, ficam em média uma semana para o período de adaptação e depois são encaminhados para os sítios, as comunidades terapêuticas da instituição.

²¹⁰ Hoje 7ª série do ensino fundamental.

²¹¹ O incentivo à volta aos estudos parece ser sempre feito pelo padre Gianpietro. Mesmo em conversas informais outros membros da Missão Belém comentaram isso.

Eu nunca usei maconha. Fui direto na pinga, na bebida e na cocaína, que era a droga da moda na época. E passei a roubar. Depois começou a polícia a me procurar e tudo e assim foram por alguns anos a minha vida. Fugi pra São Paulo, depois voltei. E chegou numa situação que, quando não era a polícia que invadia a minha casa, era o bandido atrás de acerto, né? Até que chegou uma situação meio insustentável e minha mãe pediu que eu fosse embora de casa porque lá eu ia morrer.

Eu fui embora pra São Paulo. Já tinha a R. A N²¹² já tinha nascido, já. Fui me meter em algumas coisas aqui, em sequestros, algumas coisas aqui em São Paulo. Fui preso, né? Quando eu saí da cadeia por volta de cinco, seis anos atrás... fiquei preso 13 anos e oito meses. Não só por sequestro. Na realidade eu tinha 143 processos, a capivara²¹³ era grande, o negócio era complicado [risos]. E fui morar na rua. Na seguinte forma: eu saí da cadeia, a minha mulher já tinha ido embora, tinha abandonado tudo. Eu morava com ela no Edifício N, na av. 9 de Julho, aqui em São Paulo, eu tinha uma boa vida, entendeu? E quando eu saí da cadeia eu fui lá procurar. E o Sr. L, o porteiro, falou assim: olha, o senhor não tem mais nada aqui.

Aí eu saí do prédio, desci e encontrei a babá da minha filha. Oi, B, tudo bem? Quanto tempo! Você sabe que eu tô preso, tava preso. Não sei onde a R foi, não sei onde tá a criança. E eu queria que você conversasse com o G pra eu ficar uns dias na sua casa, até que eu possa... [Resposta da babá] Ah! não precisa falar com o G, não, vamo embora. Nós estávamos subindo a [Avenida] 9 de Julho até chegar na Praça 14 Bis. Tinha uma maloca lá. Ela encostou perto da maloca e ela falou assim: então... aí ela pegou logo um sapeca neguinho²¹⁴ e um pedaço de papelão... então, eu moro aqui, o senhor fica à vontade. Ela já estava em situação de rua e ela tirou um corote²¹⁵ de dentro da bolsa e falou: bem-vindo à maloca da 14 Bis! E assim eu fui morar na rua e fiquei por dois anos e meio debaixo do viaduto.

Depois comecei a roubar, a usar droga, enfim, e a polícia já estava de olho. E eu já estava causando muitos problemas pro comércio e pra polícia ali. Aí foi pedido assim: ou você some daqui ou nós vai dá fim em você. A polícia mesmo que pediu, não os vizinhos. Aí eu mudei. Fui morar no metrô na Amaral Gurgel ali aonde tinha uma maloca muito grande. Aí

²¹² Os nomes não serão divulgados.

²¹³ Capivara é a gíria usada para ficha policial.

²¹⁴ Gíria usada para denominar os cobertores usados pelos moradores de rua.

²¹⁵ Gíria usada para pinga ou para uma garrafa, geralmente pequena, de pinga.

eu fiquei ali por dois anos e pouquinho. E minha vida era essa: cachaça, droga, cachaça, droga... Roubo, furto... enfim...

Eu usei muito pouco crack. Mas usei. Chegou uma hora que eu já não conseguia mais nem me levantar da calçada mais pra buscar minha própria droga. E aí passou a menina da Missão Belém, a missionária. E ela falou: moço, o senhor não quer ajuda? Ajuda? [fez um sinal de desdém] Que tipo de ajuda você tem para me oferecer? Aí ela explicou que tinha um sítio, assim, assim, assim. Eu falei: eu vou lá, fico uns três dias lá e depois que eu sair a gente sai para comer uma pizza comigo. [Risos após meu comentário sobre ele ter passado uma cantada na missionária]. E os três dias se transformaram em três anos e meio. Eu não saí mais da Missão. Hoje eu tenho, Deus me restituiu, né? A amizade com a minha filha, amizade com meus pais. Tudo, né, na minha vida. Minha dignidade, minha confiança. Porque hoje eu sou uma pessoa que sou digno de uma confiança, todo mundo confia em mim.

Mais é difícil, né? Porque a adicção é uma doença que não tem cura e você tem que ter uma vigília constante. Mas hoje eu sou feliz. Eu boto minha cabeça no travesseiro e eu consigo dormir. Tenho minhas responsabilidades. Sou responsável por quase 400 pessoas, em alimentar, em cuidar, em disciplinar e tudo, né? Em informar... E hoje eu acredito que Deus me permitiu que eu conhecesse esses dois lados da moeda: conhecesse essa vida boa, conhecesse a vida de rua, conhecesse a cadeia, pra que hoje eu tivesse aqui hoje fazendo esse trabalho que eu faço. Porque só passando pelo que eles passaram, pelo que eles passam, pra gente poder entender, né, o coração de cada um deles. E tenho tido êxito. A casa vai de vento em popa e os meninos têm permanecido. Eu sou muito grato a Deus por isso.

Tenho dois irmãos [dois homens] e minha família mora em Bauru. Semana passada eu estive lá. A princípio não foi muito [fácil] não. Porque eu aprontei muito. Eu destruí muita coisa além do material, fisicamente, psicologicamente meu pai, minha mãe e minha filha. E é aquele negócio: eles nunca vão confiar plenamente na minha pessoa. E eu, por meu lado, não posso cobrar isso deles. Eu estou colhendo o que eu plantei. Mas eles me tratam bem. Buscam saber de mim. Procuram saber como eu tou. Chegaram a arriscar me convidar a voltar para Bauru, o que eu não aceitei, entendeu? Porque, se você sair de perto de Deus... não dá pra sair.

Olha, eu acredito que comecei a usar a droga... eu não fui induzido por ninguém. Foi uma carência, eu acho que não conseguia me satisfazer com o que eu tinha. É natural do ser humano sempre querer mais e esse algo mais eu busquei na bebida e na droga. Era muito bom, muito fácil. Porque o que acontece, até hoje funciona assim: você tem a droga na mão, a

droga hoje vale mais que o dinheiro. Na realidade, se você tem a droga na mão, você tem bebida, você tem dinheiro e você tem mulher, você tem tudo. Então a droga te proporciona tudo disso. Então, conscientemente ou inconscientemente, você vai buscando as facilidades disso aí, né? Certo, porque foi isso que me levou a isso. Porque eu achava que eu parava a hora que eu queria, mas não foi bem assim, né?

Eu consumia de dez a 15 papелotes por dia [de cocaína]. Eu roubava pra usar a droga e beber. Eu ficava 24 horas drogado. Quando eu usava não tinha contato com minha família, já tinha largado mão mesmo. [Nunca buscou ajuda antes da Missão Belém]. Eu achava que não tinha necessidade. Sempre achava, como eu gostava de dizer, sempre achava que eu conseguiria parar sozinho, a hora que eu quisesse. Mas eu nem tentei. Só tentei na hora que eu não conseguia mais levantar da calçada. Só caí em si quando não conseguia nem mais levantar pra buscar minha própria pinga.

Processo de recuperação

Eu não era nada na realidade [não tinha religião]. Eu nasci em berço católico. Mas eu não era nada. Se tivesse uma menina bonita na igreja evangélica eu ia. Se tivesse uma bebida no candomblé eu ia. Se tivesse um frango assado na macumba eu ia. Eu não era nada [risos]. Minha família é toda católica.

Em certo ponto sim [sobre se considerar livre das drogas]. A gente nunca vai estar livre das drogas... O mundo oferece muitas coisas agradáveis aos olhos [risos]. O que acontece: hoje eu estou na casa de Deus e o que acontece? Hoje eu saio, vou pra lá... Mas se todo dia eu sair daqui, da casa de Deus, e for já frequentar o bar da frente, vai chegar uma hora que eu não vou tomar só o refrigerante. É natural isso aí, entendeu? Então eu acho que a gente tem que ter uma vigília constante e não facilitar. Porque se você não vigiar você acaba voltando à mesmice. E volta, tá? Estou sem usar há três anos e meio.

Hoje, a religião é a base de tudo na minha restauração. Tudo hoje é a religião: a doutrina, a obediência. Porque na realidade, o que eu aprendi aqui: eu não vim pra tratar a droga. Ninguém aqui está tratando a droga. Porque aqui é uma igreja, aqui não é uma clínica. Aqui nós tratamos um defeito de caráter chamado desobediência. Porque você concorda comigo? Se eu tivesse obedecido meu pai e minha mãe eu nunca teria usado a droga. O problema não tá na droga. O problema tá nesse defeito de caráter chamado desobediência. Porque a droga, na realidade, é a arrogância, o orgulho, a falta de respeito. Porque é você

achar que é o dono do mundo, que o mundo gira em volta do seu umbigo. É isso. Então a droga, a princípio, eu acredito que é meu menor problema. A partir do momento que eu passe a querer a fazer as coisas do meu jeito... Porque eu tentei a vida inteira fazer a coisa do meu jeito. E pelo visto não deu certo, porque se tivesse dado certo eu não estaria aqui. Então eu acho que a base de tudo daí: é a obediência.

E a história é a mesma pra todos. E não existe muita diferença. Todos vieram para cá porque não obedeceram nem seu pai, nem sua mãe. A religião foi a base de tudo. Se a religião não tivesse me ajudado, eu não estaria vivo. A base de tudo tá na religião, né? A pessoa que tá na rua, que tá usando droga, ela não segue regra nenhuma. É uma liberdade que na verdade não existe. Que liberdade que você tem de ficar o dia inteiro olhando pro chão procurado pedaço de pedra? É uma falsa sensação de liberdade.

[A recuperação] Pra mim foi muito difícil, porque eu sou muito imperativo. Sempre fui de uma arrogância muito grande, arrogante eu sempre fui. Eu não aceito opinião, até hoje eu tenho essa dificuldade. Se eu pôr essa caneta desse jeito aqui você não se atreva a tirar ela do lugar. Mas é muito difícil. Tem que vigiar muito, rezar muito. Eu rezo muito. Também peço muito a Deus que me dê condições e sempre que me abra o caminho. Porque tem umas coisas que acontece aqui dentro da própria casa que eu falo assim: se eu tivesse no mundo hoje se eu não tivesse o coração voltado para as coisas que eu faço talvez eu tivesse feito alguma besteira [risos].

Quando eu entrei aqui o pior foi o relacionamento com as pessoas [sobre a disciplina]. A abstinência também, né? Eu cheguei a tomar a água da torneira e a ficar bêbado com a água, pra você ter uma ideia [risos]. Pensei em desistir, várias vezes, né? Graças a Deus eu consegui ter o discernimento das coisas Eu consegui pesar os prós e os contras. A princípio foi um pouco na malandragem. Ah, vou ficar aqui, daqui uns dias, pá, não vou precisar mais fazer isso, fazer aquilo. Mas depois eu fui me adaptando às coisas e vendo que quanto mais tempo eu ficava, mais responsabilidades iam chegando. E essas responsabilidades foram preenchendo, parece, o vazio que eu tinha que eu preenchia com a droga e com a bebida. E eu cheguei à convicção de que, se você está fazendo o bem você não está fazendo o bem pra ninguém, você está fazendo o bem para você mesmo. É bem filósofo isso! Eu ouvi uma frase esses dias, que Jesus disse: eu sou o amor e nada pode mudar isso. E a realidade é essa. Se você está em Deus você consegue transmitir amor. E se você transmitir amor, você consegue receber amor, é recíproco. Isso faz bem! Hoje eu não sinto vontade de sair daqui, eu não tenho

intenção de sair daqui. Eu não meço esforço, eu não fico cansado, eu não tenho preguiça, não tenho dificuldade nenhuma com os irmãos. Estou no lugar certo.

[Se se considera livre das drogas] Não. Porque é como eu te disse: se eu começar a frequentar um bar todo dia, se eu começar a sair todo dia, se eu começar a frequentar onde tem prostituição onde tem droga, automaticamente eu vou cair. Tem que estar se apegando em Deus. A realidade é essa.

[Fora do roteiro, pergunto se ele gostaria de acrescentar alguma coisa que considerasse importante] As pessoas falam: o cara já foi quatro, cinco, dez vezes numa casa de restauração ou numa clínica. E é muito difícil, mas muito difícil mesmo uma pessoa buscar essa mudança, né? É mais fácil a pessoa, no mundo da droga, a pessoa ficar sem a comida do que ficar sem a droga. Ah, tá chorando de fome! Isso não existe. Já vi gente chorar por falta da droga. Já vi gente morrer por causa da droga. Mas não porque ela está usando a droga, mas pela falta da droga. Então, peço que a gente não julgue as pessoas que usam drogas porque eles são filhos de Deus também. E usar droga hoje é uma doença que não tem cura. Então, a única coisa que existe pra isso é o amor. É isso.

Dados gerais – missionário

Tenho 35 anos, nasci na Vila Formosa, mas fui criado na favela do Heliópolis. Hoje eu estudo e sou um missionário [da Missão Belém], eu trabalho muito, viu? Eu estou terminando a escola, o segundo colegial²¹⁶ porque eu nunca estudei na vida. Comecei a estudar o ano passado aí este ano eu termino. E talvez no próximo, ou 2017, eu comece a faculdade²¹⁷. Eu senti a vocação de ser padre, né? Então eu pretendo fazer Filosofia primeiro e depois a Teologia. Só entra no seminário quem tá na faculdade. Então eu tou no aguardo, né? [Riu sobre minha pergunta de estar solteiro] É claro! Eu quero ser padre, né? Moro com a Missão.

Contato com as drogas

Muitas vezes quando a gente olha um morador de rua, aí normalmente a primeira coisa que vem na cabeça da gente é o julgamento: vagabundo, não gosta de trabalhar e tá bebendo. Mas se você parar para ouvir, assim, 90% são vítimas da sua história. Sempre aconteceu alguma coisa. Não é porque não gostam de trabalhar e gostam de beber que eles tão lá. Eu, quando eu era pequeno, meu pai tinha muita dificuldade com álcool. Então ele batia muito em mim. Minha mãe se separou dele, arrumou um namorado e deixou um filho em cada casa na favela. E ele batia mais em mim porque eu era o mais velho. Então ela me deixou embaixo dum caminhão porque toda noite ele chegava bêbado. Então ela me pegava na escola, eu ia pra casa, e quando dava sete horas da noite ela me levava pra Avenida do Estado, fazia uma caminha assim pra mim e dizia: você dorme aí, amanhã a mãe vem te buscar. E aí ela vinha depois, ela me pegava e me levava de novo pra escola. Eu tinha sete anos. Eu dormi debaixo do caminhão uns dois anos. Aí um dia ela veio, tava toda bonita, arrumada. Aí ela falou que tinha arrumado um namorado e que ia fugir e que não vinha mais. Aí eu fiquei na rua até... até ficar velho. Aí eu conheci uma menina, conheci a cola, conheci o tiner... Aí quando a igreja não acolhe, o tráfico acolhe. Aí eu entrei no tráfico.

²¹⁶ Ensino médio

²¹⁷ Está fazendo supletivo.

Minha mãe me deixou na rua sozinho com nove anos. No começo eu não fui pra droga direto. O que eu fiz foi vender droga muito cedo. Experimentar eu já tinha uns 12 anos. Comecei com cola. Com 14 anos eu fui pra Febem. Saí com 18 [risos constrangidos]. Eu não tinha família, não tinha nada. Não tinha lugar pra ficar e era muito rebelde. Saí com 18. Fui para Febem por tráfico, eu era olheiro. Eu não ficava preso muito tempo. Eu saía, ficava três dias na rua e a Rota²¹⁸ me pegava de novo. Aí, na terceira vez, me deixaram até fazer 18.

[Aqui ele começa dar mais detalhes sobre os dois anos que dormiu embaixo dos caminhões] Chegava de noite meu pai me batia. Porque ele achava que se batesse nela, ela não tomava jeito. Ele tinha muito ciúmes dela. E se ele batesse ni mim ela ficava mais desesperada. Um dia, ele tava batendo nela e ela foi pular o portão e ele deu um soco ni mim e ela ficou desesperada e voltou. Então ele viu que se batesse em mim atingia mais ela. Então aí ele mudou o alvo.

Então eu não conseguia passar na escola. E ela falou assim: você não pode dormir dentro de casa, tem que dormir fora. Aí ela descia comigo na Avenida do Estado e lá tinha um monte de caminhão. Ela escolhia um caminhão, me fazia uma caminha e “amanhã a mãe vem te pegar”. E eu dormia embaixo do caminhão. Mas chegava de manhã, o caminhão saía... às 4 e meia da manhã, o caminhão saía. E eu mudava de caminhão, de um lado pro outro [risos]. Dormir debaixo do caminhão era mais seguro assim. Os caminhoneiros nem percebiam eu lá porque... nunca ninguém foi falar comigo, que eu me lembre, né.

Aí o caminhão saía de manhã e eu mudava de um lado pro outro. Aí quando ela vinha de manhã, com o lanche do café da manhã, ela ficava olhando debaixo do caminhão assim... “onde é que eu deixei ele?”. Aí eu levantava, mamãe eu tou aqui. Aí ela vinha, me dava um abraço e me dava um lanche que hoje eu acho muito ruim, né? [risos] mas naquela época eu achava gostoso. Ela fervia um ovo assim por uns dois minutos, aí ela colocava num copo, aí ela batia com uma colher e botava sal. Mas às vezes ela colocava açúcar. E eu não sei se ela errava ou se ela queria fazer uma coisa diferente [risos]. Aí eu tomava aquele café da manhã e me levava pra escola.

²¹⁸ Rota – Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar, batalhão de elite da Polícia Militar de São Paulo.

E quando eu saía, ela tava lá me esperando com meus irmãozinhos no colo, era um monte, né? Somos em cinco: três homens e duas mulheres e eu sou o mais velho. Aí chegou um dia, pra você entender, um dia ela veio e falou que ela arrumou um namorado e deixou meus irmãos nas casa dos vizinho, que eles iam ser bem cuidados. Mas que se ela pegasse eu, que meu pai descontava em mim e que era para eu não voltar.

Eu não entendia que ela tinha arrumado um namorado. Pra mim ela falou: vai arrumar outra mãe e eu não gosto mais de você. Aí eu fiquei sozinho. Aí um dia um homem perguntou assim pra mim: você quer... eu tava com fome, né? Você pega cinco papéis de cocaína pra mim? Eu te dou 10 reais. Eu tou com o carro aqui fora e tudo. Eu sabia onde era, conhecia o movimento pra entrar na fila... a fila tem até hoje pra comprar a droga... aí eu subi, fiquei, comprei... sabia que morador não pega a fila pra comprar droga. Aí eu peguei e ganhei 10 reais. Aí eu vi que dava pra ganhar dinheiro. Eu ficava na porta da favela perguntando: quer comprar droga? Cê é louco, muleque? [risos]... Aí chegava outro: ô, eu quero! Pega pra mim? Aí eu fiquei famoso porque eu ia e voltava certinho, né? Então eu arrumava todo dia 50 reais, 60, aí me chamaram para trabalhar dentro da favela.

Primeiro eu fazia essas entregas, de aviãozinho²¹⁹, aí eu fui preso e fui pra Febem²²⁰. Nessas indas e vindas fui preso com 14 anos. Aí, que eu me lembro, já saí da Febem com 18. Quando eu saí... eu fiquei dois dias, depois fui preso e fiquei dois anos, depois mais dois anos... foram quatro anos direto, né? [olhou para mim como se pedisse confirmação do tempo, não parecia ter certeza de quanto tempo ficou detido]. Aí quando eu saí da Febem com 18 eu comecei a cheirar cocaína. E pra mim eu tinha encontrado meu lugar no mundo. Porque a cocaína te dá um prazer. Substitui o amor da mãe, o amor do pai. É um êxtase muito forte, você sente que não precisa de ninguém. Cola e tiner eu usei logo no início [com 13 anos]. A cola passa a fome, deixa você quente. Se você tá com fome e dá uma cheirada na cola, dá pra você passar bem o dia. Você sai um pouco de si. O menor de rua, o que ele querem, é sair da realidade.

O tempo que eu fiquei na Febem não tive contato nem com minha mãe, meu pai ou meus irmãos. Agora eu tenho contato, vou chegar lá [risos]. Porque foi assim, eu tinha amigo

²¹⁹ Pessoa que leva a droga do ponto de venda na favela até o consumidor final.

²²⁰ Hoje Fundação Casa.

mais velho, eu tinha 9 pra 10 [anos]. Eu tinha amigo com 13 que falava assim: você quer uma cola? Se eu falo não aí eu sou tirado, sou menininha não sei o quê. Sempre tem um mais velho que influencia todos, né?

Com a cocaína eu usava... pra tudo o que eu ia fazer eu usava... se eu ia na lan house, se eu ia assistir um filme, eu usava. Chegou uma hora que eu tinha que usar até pra comer, porque é quase impossível você comer ou dormir [usando cocaína]. Eu falava: eu vou dormir, vou dar um tiro²²¹ porque eu era muito viciado. Aí eu fui preso mais três vezes onde eu tirei... passei pela penitenciária de Piracicaba, Hortolândia, Lucélia... aí só no tráfico. Aí quando eu fiz 30 anos, uma vida inteira de drogas e cadeia, aí o irmão do Comando²²² falou assim pra mim: meu, você não quer ir pra cracolândia? Porque lá tá tendo muito dinheiro, tão vendendo muito. Vou te dar um quilo de crack, uma arma, você monta sua equipe e trabalha lá. Então eu cheguei na cracolândia, né?

Trabalhei lá por um ano sem usar crack, só cocaína. Morava num hotel, vendia 2 quilos e quatrocentas. No mínimo dois quilos por dia. Porém um dia eu experimentei, né? Um dia uma menina me chamou, ela era muito bonita, foi lá no hotel e falou... eu falei pra ela que eu comandava tudo, que eu que vendia... Aí ela falou: já que você... dá um trago comigo. Eu falei não. E ela falou assim: mas você não fala que não tem medo de nada? Por que não experimenta? Se você não gostar você não fuma mais. Aí eu fui, né? E assim, depois que eu fumei a primeira vez eu não conseguia mais parar. Aí eu fui perdendo o respeito, perdendo o crédito... Eu pensava que podia ficar com eles, fumar eles, mas nunca me tornar como eles: sujo, com cobertor nas costas... Mas em muito pouco tempo mesmo, em questão de seis meses que eu dei o primeiro trago, eu me tornei um deles.

Não me deram mais droga pra eu vender, eu tinha que me virar. Aí eu comecei a comprar uma [pedra] por 10 [reais], porque é a maior droga que tem, a melhor qualidade e o maior tamanho. Então eu comprava uma de 10, cortava no meio, vinha alguém de fora, eu vendia e comprava outra de 10. Eu fumava o dia inteiro, todo dia. Eu fiquei de usuário na cracolândia três anos. Mas um ano, eu fiquei no mesmo lugar, na mesma rua. Eu fiquei um

²²¹ Gíria usada para o ato de cheirar a cocaína.

²²² PCC – Primeiro Comando da Capital, facção criminosa de São Paulo.

ano sem sair da mesma rua, perto da Júlio Prestes, ali onde fica o Bom Prato²²³ [na Alameda Dino Bueno]. É onde ela é agora, a cracolândia já mudou pra vários lugares, mas é onde está hoje. Tinha um buraco lá, um prédio invadido, eu ficava ali no buraco, um ano com a mesma roupa, tomando chuva, tomando sol, né? E não tinha mais sentido nenhum, tudo era o crack. Comia comida azeda porque não tinha mais paladar, você não consegue distinguir se a comida tá boa ou não. Às vezes comia o marmitex da chuva, com poça de água. Você come pra não morrer. Mas se me desse um real, eu comprava crack. E se a pessoa me desse a comida, quentinha, eu levava lá e trocava por uma pedra e tal.

É um inferno mesmo assim! Só fiquei esperando só pra morrer. Aí quando eu fiquei gripado, com pneumonia, depois veio a tuberculose. Daí eu cuspi muito sangue. E ali eu via lá as pessoas passando. Um dia eu tava lá, dentro do buraco, aí o padre Gianpietro olhou e colocou a cabeça e colocou o ostensório²²⁴ dentro do buraco assim. Aí eu falei assim pro irmão que tava dentro do lado: que é isso? E ele: é Jesus! E eu: meu Deus! Será que ele veio me buscar? [rindo muito]. Aí eu falei: esse cara deve tá mais louco do que eu! Será que vai sair um tiro lá de dentro? Mas graças a Deus foi um tiro sim e que Deus me enxergou

E depois daquela missão de rua, em janeiro de 2013, eu tava com 33 anos, desde os 30 anos na cracolândia. E eu deitei assim, pra dormir debaixo do... eu não sei o que aconteceu. Eu comprei álcool de posto, acho que eu pensei que era carro [risos]. Era mais barato. Eu comprei cinco pedras e uma garrafinha de álcool de posto. Aí tomei álcool de posto e saí andando, andando... aí eu lembro que parei debaixo do viaduto Tatuapé e ali eu dormi. Eu acho que passou algum carro e deixou um marmitex ali do meu lado. Só que choveu e essa água vinha e passava por cima de mim. Mas eu tava tão louco, tão louco, que eu não queria sair dali. E eu fiquei.

Aí amanheceu, eu levantei para pegar o marmitex, assim, que tava cheio d'água também. Aí passou uma mulher e disse assim: você tá vivo? Eu falei sim e pensei: pronto! Vou arrumar 5 real agora! E ela: vou rezar por você! Falei: Obrigado! E ela falou: olha, vou rezar pra você morrer! E eu falei: Eita, meu Deus do céu! [risos] Por que rezar pra mim morrer? E ela falou: olha, por que se você... se eu te der dinheiro você vai gastar. Como você

²²³ Programa de restaurantes populares coordenado pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social.

²²⁴ Segundo o dicionário Houaiss, é o receptáculo, geralmente de ouro ou prata, no qual se deposita a hóstia para expô-la à adoração dos fiéis da igreja católica.

vai sobreviver desse jeito? Olha seu estado, olha seus dedos. Meus dedos eram todos queimados pelo crack, pus puro, assim. Aí eu falei assim: meu Deus, eu vou morrer mesmo! Aí eu falei, eu vou tentar, vou lá pra Missão Belém. Um dia eles me chamaram na cracolândia. Um dia o irmão falou assim pra mim: no dia que você for, você não volta mais. Aí eu falei: ih! eles vão matar eu lá! [risos].

Processo de recuperação

Entre ver o padre e ir para a Missão Belém demorou uns dois meses. Mas quando eu vi o padre, eu já fiquei... que eu tinha uma chance. Se eu quisesse um lugar pra mim ir se eu quisesse. Bastasse eu dar um sim. Mas eu fiquei, no fundo do coração eu sabia que eu tinha uma chance. Então a esperança brotou quando eu vi o padre, eu vi os missionários. Aí quando essa mulher me disse eu falei: eu vou tentar. Aí eu levantei, fui... aí... eu cheguei na favela do Belém... não sei o que aconteceu, foi um milagre. Eu subi um viaduto, desci, saí na [Avenida] Celso Garcia e perguntei: onde é a favela da Missão Belém²²⁵? Me falaram assim: é ali, pode ir reto ali. Eu cheguei e o padre esta lá na porta. Tava a Mirna, a Cacilda²²⁶ e perguntei: eu queria saber se tinha uma vaga pra mim. Aí a freira falou assim pra mim: você só não vai se você não quiser. Eu pensei que encontrei um lugar no mundo. Falaram: você vai direto pro sítio²²⁷. Me colocaram no mesmo dia, na mesma hora.

Me colocaram na perua e me levaram pro sítio. Aí vem uma parte engraçada! Foram me dar um banho. Tava na rua há um ano, com a mesma roupa. Eu tomava chuva e tomava sol. Aí a calça grudou na minha pele e eu fui tirar a calça e ela não saiu. Eu falei pro irmão: não vou tomar banho porque não dá pra tirar a calça. E o irmão: ah! Fica tranquilo! Ali só tem doido também! É doido cuidando de doido [rindo muito]! Fica tranquilo, péra um pouquinho. Eu pensei que ele fosse buscar um spray, alguma coisa que ele vai passar e vai sair. Aí ele voltou com um escovão de aço e um teco de telha. Eu falei: Meu Deus! Eu saí de lá que nem um camarão! Sem nenhum pelo nas pernas [rindo muito]! Mas aí, quando eu saí, Deus fez o primeiro milagre: cortaram meu cabelo, fizeram a minha barba. Eu não era mais aquele monstro que eu via no espelho! Eu olhava... eu tinha alergia da barba, ficava vermelho, o

²²⁵ A “sede” da Missão Belém, fica na rua Nelson Cruz, 10, no Brás.

²²⁶ Freiras consagradas que atuam na Missão Belém.

²²⁷ Não costuma ser o procedimento normal. Os acolhidos, normalmente, passam uma semana na casa de passagem até ser direcionado ao sítio.

bigode enrolando na barba, aqueles pedaços de arroz... os piolho andando na cara... sempre é assim, né? E eu era muito magro também.

Aí quando eu vi o segundo milagre aconteceu. Porque eu passei muito tempo preso. Meu nome era minha matrícula: 2918506. Então, o que acontece? O irmão me chamou: J vai tomar café? Meu Deus! O irmão me chamou pelo meu nome! Eu nem lembrava mais do meu nome. Aí nós tomamos café. À tarde teve a partilha do diário. Aí à noite nós partilhamos entre família o que cada um fez. Eu falei: eu limpei o jardim. Aí comíamos juntos...

Aí me chamaram para trabalhar na padaria porque na penitenciária eu fazia pão. Aí o irmão passou e falou assim: ó hoje não tem pão porque o padeiro foi embora e vou passar umas bolachas. Vamos rezar pra chegar um padeiro. Aí eu pensei: meu Deus, eu sou padeiro. E aí? Falo ou não falo? Eu tava na missão há três dias. Eu falei: ó, eu sou padeiro. Você é padeiro? Aí me levou na padaria, um monte de máquina, um monte de coisa, igual na penitenciária. A padaria é linda [no sítio de Jarinu], né? Faz 500 pães aí! Tem 400 pessoas lá, fora os velhinho. Faz 500 pães pro meio da tarde. Eu falei: nossa! Como eles confiam rápido, né meu! Eu falei: agora eu vou fazer pra Deus. Não tou preso.

Só que minhas mãos era todas queimadas assim. Não posso pegar na massa, senão vou começar a sangrar. Aí eu fiquei triste. Pensei: ele vai ter que colocar outra pessoa até meus dedos sarar. Aí eu falei: irmão, não dá pra mim fazer. Olha como tá meus dedos. Aí ele olhou: ah! péra aí, vamo fazer um bem bolado! Aí ele foi lá e pegou umas luvas e de meu. Eu falei: meu Deus! [risos] E eu fui embora! Fiquei um ano fazendo pão. Foi uma felicidade muito grande! Eu nunca trabalhei na minha vida até hoje, assim, de receber salário. Então eu cuidava da padaria como se fosse meu coração. Você olhava pro chão e via seu reflexo, eu deixava ela limpinha!

Aí começava vir as visitas no final de semana, né? [Pergunta] Eu tou falando demais? Tou lembrando e vou ficando emocionado! Porque você fala da sua história, você tá vivendo de novo [parou um pouco de falar para se recompor, visivelmente emocionado]. Aí eu fui limpando a padaria, ela foi ficando bonita... Aí quando eu tava com uns seis meses comecei a ficar triste. Porque todo mundo tinha visita. A namorada ia visitar, o filho ia visitar, todo mundo ia visitar todo mundo, a mãe... e eu não tinha uma visita. Então eu fiquei triste. Aí eu

falei: vou embora, né? Agora que eu tou gordo, tava dando certo nas roupas, eu volto a assaltar, volto pro tráfico. Agora que eu parei e não uso droga vão me aceitar, né? Então eu vou tentar de novo. Aí eu fui na capela... Eu sou muito apegado com Maria... Não sei, como eu tinha a ausência da minha mãe, né... Aí eu cheguei lá na capela e fui falar pra Maria que ia embora, pra ela cuidar de mim, pra eu não usar mais droga... Aí tinha uma imagem de Maria e um bilhetezinho no pé dela dizendo assim: alguma coisa te falta? Não sou sua mãe que tou aqui? Se você soubesse o quanto eu te amo choraria de alegria. Aí aquela palavra ficou no meu coração e eu fiquei.

Mas o clique mesmo que me deu, que eu falei que eu ia parar, que eu nunca mais ia usar droga, foi no testemunho dum irmão. Eu fui fazer um retiro, aí o irmão M tava lá, dando o testemunho e a vida dele é muito parecida com a minha. Eu fui me identificando com o testemunho dele. Aí, de repente, ele levantou a mão assim: a mão que tocava no marmiteix azedo, a mão que tocava no cachimbo de crack, hoje toca no corpo de Cristo. Eu falei: Eita! A minha vai tocar também, mano! Porque era difícil, eu ainda não entendia que era Jesus que tava ali na eucaristia. Aí depois que ele pegou a eucaristia, colocou na âmbula²²⁸, saiu e todo mundo aplaudiu Jesus e tudo, eu falei: é isso que eu quero! Vou dar meu testemunho, vou me converter também, comecei a chorar, quero fazer a experiência missionária, nem que for um ano.

Aí quando eu falei... aí olha a dificuldade: para ir para a experiência missionária normalmente é os irmãos da paróquia, os jovens que tem a vocação, né? E eu não sabia escrever, não sabia ler, não sabia nada! E já tava velho! Aí [risos] ... eu fiquei na abstinência, chorava por causa de vontade de fumar, dava soco na parede, eu passava a noite chorando. E vomitava... Aí o que aconteceu? Eu comecei a comer muito! Nunca consegui emagrecer mais [risos]. Eu fazia um pão, comia outro. Aí eu fiquei fofo assim [rindo muito]. Eu fazia coxinha, esfiha... tudo o que eu tinha vontade de comer e nunca tinha comido eu inventava na padaria. Fazia nhoque, fazia tudo o que tinha massa!

Aí todo mundo começou a falar: meu, o padre nunca vai te aceitar na escola de missão porque você é gordo, você é velho, você não sabe escrever, você não tem dente [risos]... como

²²⁸ Receptáculo onde se coloca as hóstias que serão distribuídas no rito da comunhão na missa católica. Também pode ser o vaso onde se guarda os santos óleos.

você pode ser missionário? Eu falei: meu, é verdade. Mas eu vou tentar. Aí eu fui falar com o coordenador do sítio. Ele falou: olha, caminha uns três anos aí porque é quase impossível mesmo. Você chegou agora, tem muita dificuldade, você é adicto... e tem outra, você já tem 30 anos! Cheguei aqui na casa 33 para 34 anos. Não tem como mais, entendeu? Reza! Meu olho até inchou, entrei em crise! Deus me chamou tarde!

Aí um dia eu acordei, parece que Maria que falou pra mim, porque... eu vou deixar aquela padaria um brinco! Já era um brinco. Eu limpei o chão, encerei, limpei os vidros. Aí eu falei: vou fazer uns pães de queijo pros velhinhos. Depois: eu vou fazer pão doce pros irmãos. E fiz pão doce. Fiz um monte de coisa, cobri com um véu. Deixei a padaria belíssima! E quem foi nesse dia visitar a padaria? O padre Gianpietro e o bispo, acho que era o dom Edimar [não pareceu ter certeza]. Meu, eu coloquei cheirinho²²⁹... Eu gosto muito de flor agora. Então eu deixei sempre cheio de flor e tudo... A padaria tava linda!

Aí o padre Gianpietro entrou com o bispo, olhou pro bispo e disse assim: nunca entrei numa padaria mais limpa na minha vida! Aí eu falei: agora chegou a minha chance! O bispo foi começar a querer chorar assim... me perguntou: você veio da onde? Eu vim da cracolândia. Ele olhou pra mim e disse: não acredito! E eu: padre, inclusive, eu queria fazer um pedido. Você quer trabalhar? Eu vou te arrumar um emprego. Porque eu sou amigo do dono de uma fábrica de pão. Eu falei: não, padre. Meu sonho, o que eu tenho aqui no meu coração, Deus me chama para ser missionário. Só que eu não sei ler, não sei escrever, não sei nada. Sou gordo, velho... Mas Deus tá me chamando. Então ele falou assim: no ano que vem eu te espero lá no barraco²³⁰. Eu falei: yesssss!!! [rindo muito].

Mas todo mundo ria de mim quando eu falava que eu ia, né? Eu nunca consegui terminar nada na minha vida, né? Mas eu fui pra escola de missão. Tinha que aprender a ler, escrever, raciocinar, rezar e acompanhar os jovens de 17 anos. E eu já era velho e tinha as vocações, falava de virgindade. E eu com tudo isso. Tive um filho com 14 anos. Fui pai com 13 pra 14 anos. Então eu tenho um filho de 18 anos. Tenho muito pouco contato com ele. Tou lutando ainda. Eu fui corrigir ele porque ele foi num funk e fui falar pra ele: filho, aquelas moças que você tá chamando de novinha são crianças. Nossa! Aí ele virou a cabeça contra

²²⁹ Aromatizador de ambiente.

²³⁰ Na rua Nelson Cruz.

mim. Até o padre falou: você é muito pior do que ele como quer corrigir? Então eu errei nesse aspecto e tou conquistando ele de novo. Mas eu vou chegar nessa parte.

Aí eu fui na escola de missão. Aí um dia, eu tava passando numa lan house, aí eu vi um rapaz e ele tinha todos os tracinhos do meu irmão I. Fiquei com aquilo: deve ser um parente meu, deve ser um parente meu. E quando eu tava na Febem, eu tinha uma vizinha muito legal que mandava foto dos meus irmãos na escola onde eles estudaram, eles foram bem... E eu falei: aquele menino é meu irmão. Aí um dia eu comentei com a M: entra lá dentro e pergunta praquele rapaz se ele é o I. Mas como é que eu vou perguntar o nome dele? Ah, pergunta quanto que é a hora e pergunta: como cê chama? E ele vai falar. Aí ela foi lá e eu fiquei escondido. É aqui na praça do Belém. Aí ela falou: como é o seu nome? E ele: meu nome é I. Não acredito! Era meu irmão! Mas eu fiquei com vergonha, não vou falar. Não vou! Ele tava bonitão, forte, né? E eu tava sem dente ainda, né? Consegui um implante em pouco tempo.

Aí um dia a freira foi nele e falou, né, tudo o que tava acontecendo comigo. Na hora ele localizou meus irmãos, minha mãe. Minha mãe voltou, tava com eles, casada com outro homem, tá com aquele mesmo homem até hoje, né? Ela não criou meus irmãos. Ela ficou casada com esse cara sozinha até hoje. Meus irmãos foram criados na casa dos outros. Porém cada um estudou e cada um montou sua vida. E hoje, todos eles perdoaram a minha mãe. Aí um dia, no aniversário da minha mãe, aí eles foram na escola de missão, era surpresa... só que faltava minha mãe. Aí eles falaram comigo e eu falei que perdoava ela. Meus irmãos chamaram ela pra fora [da casa dela] e disseram: mãe, vem pegar seu presente. E eu tava na porta. Na hora que ela saiu, que me viu, ela ficou assustada, demorou para me reconhecer. Ela quase enfartou na hora! Ela achou que eu tava morto, né? Aí hoje é uma alegria quando eu vou lá, né?

Depois eu vou chegar em como eu parei de usar droga. Eu tava na cracolândia fazendo uma pastoral. Aí passou um senhor por mim. Eu olhei e falei: eu vou evangelizar aquele último ali. Era um senhor caído no chão, bêbado. Falei: o senhor não quer ir para a Missão Belém, sair da rua e tal? Ele falou: não. Não tenho porque sair da rua, não quero sair da rua, sai de perto de mim. Eu falei: tá bom, vou orar pelo senhor. Qual é o seu nome? Ele falou: JM. JM do que? Ele: SF. Aí eu falei: nossa! Era meu pai! Mas eu não consegui falar com ele.

Eu fui embora. Até falei com o padre. Depois eu fiquei quase um ano procurando por ele. Aí há três meses e meio atrás eu encontrei ele lá. Falei com ele e ele aceitou ir pra uma de nossas casas. Tenho até um vídeo pra te mostrar. Ele tá no nosso sítio lá. Vai fazer três meses. Está bem sem beber, sem fumar. Ele deu um pequeno testemunho aqui no celular, vou te mostrar [mostrou o vídeo onde o pai fala que está bem]. Foi uma graça [divina], né?

Agora, o remédio, que eu acredito, né, sobre a droga, que muitos falam que não tem cura. Uns vão para os Estados Unidos, outros tomam remédio, diazepam²³¹, todos os remédios que você imaginar. O remédio que me curou foi o amor de uma família. Todo mundo sabe o que é bom pro pobre. Olha eu sei, faz isso, faz aquilo, vai por aqui, vai por ali, mas ninguém para pra ouvir o pobre. Se você ouvir o pobre vai ouvir que eu fui estropado pelo pai²³², fui abandonado debaixo do caminhão, não tenho um motivo pra viver. Então, é um vazio no coração tão grande que só quem cobre esse vazio é Deus. E hoje eu consegui terminar a escola de missão, né? Se Deus me permitir eu posso entrar na faculdade, né? Eu sonho em ser padre assim, né, é o que eu sinto.

É, que eu sinto, mas o... o que é importante pra mim é que eu terminei o que eu comecei, minha escola de missão né? E não sei onde Deus vai me levar, porém eu dei meu sim. Meus irmãos pedem pra mim voltar, um irmão meu tem estacionamento, posto de gasolina, são bens de vida, eles não entendem porque quero viver essa vida de pobreza, de tudo, mas Deus mexeu meu coração não consigo mais embora. Num é, num é nem, parece que é egoísta, mas num tem nem uma mulher que vai fazer eu mais feliz do que Deus. Eu olhar pro irmão, tirar o irmão da crackolândia com a força de Deus, depois... eu vê ele se restaurando, depois eu vi ele ir pra casa, e vi... vejo ele voltando, casando... e eu, eu tenho dois ano de missionário... Sou padrinho²³³ de vinte e seis pessoas, vinte e seis irmãos que não têm família, que eu acompanho espiritualmente são quase cem. Sem ser consagrado ainda né, no... pela igreja, são consagrados por Maria...

E vai ter outro sacramento agora vão vim mais alguns [afilhados], que eu sou catequista daqui né, da região de São Paulo toda, e... imagina né, num sabia ler num sabia

²³¹ Ansiolítico.

²³² Deu a entender que falava genericamente, e não dele mesmo.

²³³ O termo padrinho aqui é usado para definir o trabalho de monitoramento dos dependentes químicos que estão em processo de recuperação na Missão Belém.

escrever há três anos atrás, e hoje eu sou catequista da igreja. É assim... não pela minha, não sei nem como... Deus ele ressuscita de verdade. Hoje, né, se eu for falar, eu também virava marmitex do lixo, molhado né, dormia, quantas mordidas de rato eu tomei dormindo na rua, né, é a... minha mão que revirava marmitex às vezes também, e também às vezes que ela foi queimada pelo crack, hoje também toca no corpo de Cristo. Eu... o click que deu, foi um sentido “não, eu quero isso pra minha vida” eu fui, agora, onde Deus me levar...

Eu fiz [tratamento para a tuberculose] durante um ano, mas agora não há necessidade mais, não tem... não tenho mais vestígio nenhum né. Eu fiquei... eu fumei cigarro desde os... treze, quatorze, na Febem eu fumava um... quando eu cheguei na Febem eu fumava, das 14 [horas] às 18, quase dois maço por dia. [Conseguir cigarro] era fácil.

[Pergunto se ele não se interessou em estudar dentro da Febem] Então, tem [escola], mas é... Você não é obrigado. Você vai, mas não tem prova, você vai ficar lá o dia inteiro olhando assim, eu num vou... entende? Então... é... não aprendi nada na Febem.

[Sobre procurar algum tipo de tratamento médico para vencer o vício] Ah, eu procurei bem, só na cracolândia né, eu procurei o CAPs... depois o Cratod. E... o CAPs me ajudava com marmitex e com o psicólogo, porém ele falava as coisas que... e, e depois, ele ia pra casa dele e eu voltava pra rua. Aí o Cratod me deu um monte de remédio, então eu fiquei viciado no remédio. Então depois o remédio num começou fazer efeito mais.

[Sobre a duração dos tratamentos] Ah foi umas duas semanas só, que eu fiquei, que eu fui, fui... enfim. É um dia... o psiquiatra falava que a culpa era nossa, isso aí nois sabia, né. Mas... “você quer mudar, você é um lixo, você... cê tem que admitir que você é” Tá bom mas e agora, entende? “É você tem que usar”, “não eu não vou usar que se eu usar eu sou um lixo” então, pra mim num, num arrumei um sentido, eu arrumei um sentido de quando, é... as pessoas não achavam o que era melhor pra mim, elas só me ouvia, e me dava amor.

[Sobre procurar outras entidades antes da Missão Belém] Ó, eu tinha um... não é só isso, porque, eu passei nos albergue de São Paulo todo, então um exemplo o Arsenal, o Arsenal da Esperança me ajudou muito, só que eu tinha que dormir e de manhã eu saía. Porém eu não tinha a partilha sabe, eu não tinha aquilo de eu ter que... o irmão cozinha, e eu faço o

pão e o outro limpa a casa, o outro lava a louça, sabe? A... a comunidade ela cura, sabe, a fraternidade cura. Então, o vínculo com a família é o mesmo vínculo que eu acho que José, Maria e Jesus na gruta, a pobreza, mas tinha no grupo. É... Jesus nunca falou, num tá na bíblia não, mas, nunca na bíblia diz que ele sentiu saudade do paraíso, porque ele encontrou um paraíso aqui, que era com José e com Maria.

Então, eu encontrei um paraíso por acaso em algum lugar que ele existe porque, a vontade [de fumar crack novamente] vinha. Ó parecia um terremoto no meu coração porque... eu sentia o gosto do crack saindo na minha boca, escorrendo pelos meus lábios, e eu dava soco na parede, chorava, eu vomitava, eu cheirei pó de café, mas... por que, que eu não ia embora? Porque eu sentia que ali tinha um amor que ia me curar. Eu podia chegar à noite e falar assim na partilha “olha eu... hoje eu chorei, hoje eu fiquei vontade, mas hoje eu to aqui pra... tentando mais aqui, mais um dia, eu não fui embora” e ninguém falava pra mim “é... você num foi embora porque Deus num quis, porque você...” coisa pior que tem prum pobre ou dependente químico, é as pessoas saberem o que é bom pra eles. As pessoas têm que ouvir mais eles. Se você deixa ele falar, ele vai cair por si que ele vai descobrir o que é bom pra ele, é o que nós fazemos aqui.

Não [tinha religião], só tinha um carinho de Maria, mas nem sabia que Maria era católica, ela era evangélica, ela era católica, eu tinha no coração que mãe de Jesus é minha mãe, né. Um dia eu li uma palavra na bíblia que dizia assim. né, Jesus morrendo tudo, todo mundo quando vai pregar pro pobre não duvide que ele vai falar [muda o tom de voz, como se estivesse pregando para uma multidão]: “ele num morreu por você, você é um pecador, você num vale nada, né, ele tá lá na cruz, você tá em cima do...” então aí um rapaz um dia me deu uma passagem também pra ler, né, e... aí Jesus dizia que “este é o meu corpo que será entregue por vós”, né, “este é o meu sangue que será derramado por vós” aí eu pulei muitas parte, aí quando ele tá lá morrendo na cruz, né, que alguém quando tá morrendo na cruz num fala besteira, né, que num é pra falar, e uma parte que eu li ele disse “eis aí a sua mãe” então eu peguei essa frase pra mim “eis aí a sua mãe”.

E quando a mulher, quando me olhou debaixo do viaduto e me disse que... que eu ia morrer, eu pedi pra tirar uma palavra na bíblia e eu tirei uma palavra que dizia assim “vai e faz tudo o que ele vos disser” aí depois ele vem “eis aí a sua mãe” que ele fala pra João, né,

“João...”, né, “eis aí a sua mãe, mãe eis aí o seu filho”, né, que ele deu um pra cuidar do outro, então “vai faz tudo o que ele vos disser” e “eis aí a sua mãe” Maria pedindo “vai lá faz tudo que ele vos disser que tu num foi”. Então religião não tinha, mas sempre tive Maria próximo de mim. Então, assim porque, a minha irmã ela é catequista da igreja, né, e a minha outra irmã também. Só meus dois irmãos que num, num procuraram Deus ainda, porém eles num tem nenhum vício, nada, mas eu to tentando convencê-los... um pouquinho de tempo.

Faz três anos que não uso mais droga. Desde quando eu coloquei o pé, né, Deus me deu a graça. Olha, a igreja católica pra mim é... é linda porque, se você olhar como um álbum de fotografia, você vai olhar o fundador da Universal é o Macedo né, você olha a do... católica é Jesus Cristo, né, e é o que é, a primeira igreja. Eu sou muito feliz de ser católico porque, eu tenho a cruz, tenho a eucaristia, né mano, que foi deixada por Deus, ah... e a Maria, né, cara? Não tem como eu... eu num seguir Jesus pela mãe, né.

[Pergunto se ele ainda sente uma ligação forte com a figura de Maria] Olha o tamanho da corrente que tenho no pé aqui ó [aponta para uma corrente, como as usadas em portão, presa ao tornozelo, rindo] foi consagrada a ela... de Maria, consagração da igreja, pela igreja. Então é... tudo que eu faço, tudo que eu peço pra Deus é através de Maria. Tudo que eu peço pra Deus é... é, por intercessão de Maria, né, é como, quem vai pedir uma coisa pro pai, é tipo “deixa eu saí na festa?” aí vai “mãe pode pedir pra mim porque...” entendeu? Se não for bom ela fala [muda o tom de voz] “filho nem pede” entendeu, então.

Mudança de atitude

Uma coisa que eu... eu tenho um carinho muito forte porque eu num, eu num dava risada. Porque no mundo do crime, na penitenciária, e na favela, quem tá alegre é fraco, né, “fica dando risada à toa, cê tá alegre na cadeia meu irmão?” entendeu, sempre assim “tira esse sorriso da sua cara muleque” entendeu? “polícia vai entrar aí cê vai ficar sorrindo pra cara do polícia?”. Então, é, eu num ria, eu era uma pessoa totalmente agressiva. E Deus me reconstruiu uma pessoa totalmente nova, porque, o que eu sinto a diferença de mim muito grande, antigamente eu via as pessoas atravessavam a rua. Quando eu ia, as mulher segurava os nenenzinho mais forte, e outras segurava as bolsa né, e hoje, num sei eu tenho um carisma muito forte com os irmãos que vem da rua. E todo mundo quer me dá um abraço, todo mundo

quer falar comigo seus problema, e as pessoas de fora mesmo quem num é morador de rua, quase as mesmas pessoas que atravessava a rua pra num passar por mim, essas quase mesmas pessoa pede pra mim rezar por elas. Então é, pra mim virou... um tabu assim mesmo, não tem explicação, né. Ah, Deus me transformou né.

É... hoje as pessoas falam que minha vocação é alegria, né, o que ia ser alegria não esteve em tudo isso. Deus, como Adão e Eva, é... quando Adão pecou e tudo que, que Deus faz? Ele num passa na sua cara, seu pecado, ele cobriu o Adão, quando descobriu que ele tinha pecado, cortou um animal e cobriu, né. Então, foi o que Deus fez comigo, não viver mais no passado, eu uso ele como uma caixinha de presente que eu possa abrir e mostrar pros meus outros irmãos, falar “olha você tá assim, mas eu cheguei assim também”.

[Sobre o filho] Ah eu fiquei 14, 15 anos sem ver. Não e... e ele é muito bonito viu, ele é muito inteligente, não tem contato nenhum com droga, com cigarro. Ele foi pros Estados Unidos e tudo, que a mãe dele teve um... vida normal, né? Porque na época, na minha época lá quando eu tinha quatorze anos, saí com uma menina que morava na Anália Franco²³⁴, pra cê ter uma ideia. Nós se encontramos numa festa e eu tinha carro com treze pra quatorze ano, né, um fusca velho, mas eu tinha, porque eu era do tráfico e tudo, e assim eu saí com ela e aí que ela engravidou. E assim ela... Quando eu conheci outra da Bahia também ela engravidou, tenho dois filhos né. Minha S linda. Só que a S eu fiz ela na cadeia, eu fiquei na cadeia, ela nasceu e conviveu comigo até os quatro anos, preso indo me visitar, depois que a mãe dela sumiu com ela. Tenho a foto dela tudo, só [conviveu com ela] até os quatro ano.

[A mãe do filho] Ah, ela dá aula de inglês, né? Pra muita gente importante assim, que... pessoas que trabalham juntos com... americanos assim, Estados Unidos, então... tá dando aula de inglês. Eles tão tudo muito, tão bem assim, né. Ela já arrumou outro, né, teve filhos também. Só que não, ela... Ela falou que agora ele já é, ele já... ele já é dono dos seus atos, então ele tem dezoito anos, não tem como ela querer influenciar, ele tem a opinião própria sobre mim. Então é um... se ele quiser falar comigo ela fala que tudo bem, se ele não quiser também.

²³⁴ Bairro de classe média da Zona Leste da Cidade.

[Pergunto se ela gostou de revê-lo] Não demonstrou nenhum sentimento, nem bom nem ruim [fez sinal dando de ombros]. Disse friamente, assim, “que bom, mas espero que cê num volte mais... e num confio muito porque...” eu já saí na televisão umas vezes né, na época do Aqui Agora²³⁵, já pequeno e aprontando no sequestro um monte de coisa. Não que eu tava indo e nunca fui muito agressivo envolvido diretamente, mas sempre tava com as pessoas erradas no lugar errado, então tava junto. Então aí por ter muitas passagens sempre acabava voltando, indo, voltando, indo.

Mas o meu filho sabia que eu era o pai dele. Ela falou que a única foto que eu tinha com ela, acho que tem ainda, era eu com uma nove milímetro na mão segurando seis quilo de cocaína, e ela do meu lado com um correntão de ouro aqui, então, criança né, eu era criança. Então é... [Sobre meu comentário de que ela talvez tivesse gostado do “poder” que ele representava na ocasião] É depois ela me julgou, né, até hoje, né. Ela “é cê num foi bem, cê poderia ser como seus irmão, ter ido pro lado certo, né” mas eu fui um... um degrau a menos porque eu fiquei na rua.

[Pergunto como é o relacionamento atual com o filho] Então, eu tenho que rezar muito porque, eu não posso cobrar dele, igual, eu num tenho direito de ser um pai, porque eu nunca corri atrás dele. Porém, só posso ser um pai se ele quiser ter um pai, porque não posso impedir ele ser meu filho e sim ele pode me chamar pra ser o pai dele porque, como que eu vou corrigi-lo, nunca eu vou poder corrigi-lo, né. E se ele falar pra mim “e você que fumou pedra a vida inteira?”, né. Ele foi no funk, o que eu acho que num é um lugar bom, porém eu sou formador dessa casa então, eu falo de boa assim né, “filho” [Para um pouco pensativo] às vezes o jeito que eu falei num foi tão dócil, falei “filho cê vai em funk fazer o que?” entende, sem camisa e tudo...[muda o tom de voz como se estivesse dando uma bronca] Deus protege a gente do pecado, o tempo todo, protege a gente do mal o tempo todo, desde que a gente fique longe dele, “cê vai ficar perto do fog,o cê vai queimar” então a hora de tá gritando aí que eu erreí “aonde tá chamando as novinha... as novinha tá num sei o que, as novinha... aonde que você chama as menina de novinha, nós chamamos de criança”. Aí um dia ele falou “cê vai me corrigir agora depois de ter fumado crack durante quinze anos?”. Então eu tenho que ser forte e pedir perdão e jogar meu orgulho fora, né. E agora tenho que reconquistar ele

²³⁵ Telejornal de apelo popular veiculado pelo SBT entre 1991 e 1997 [primeira versão] e 2008 [segunda versão] quando saiu definitivamente do ar [fonte: Wikipédia].

de novo. Mas, Deus sabe que eu quero proteger ele né, pra não passar o que eu passei. Porque... é mas agora ele não responde mais [faz um gesto de desalento]. Aí assim, aí vem o funk, aí vem a ostentação de querer ter o que não pode. Aí depois da ostentação vem a maconha, vem a cocaína porque ela dá o poder, aí depois da cocaína é fácil chegar no crack, aí dá seis meses tá na cracolândia.

Não e também a mãe... a mãe também fala que não, mas ela fala “é pra que quer agora?” entendeu? “agora é tarde demais” e tudo, entendeu? E ele não tem religião nenhuma, nossa aí eu... eu penso em ser padre porque não tem como ficar com a realidade que eu tô agora né, bom e também, meu amor por Deus é muito grande, mas, é... Quando eu falei que eu pretendia ser padre né, ela falou “é ser padre é sua cara mesmo, que padre não pode ter filho né?” então, é muito tiro assim mano...

[Pergunto se ele acha que essa reação dela é por ressentimento] É, eu já estudei sobre temperamento. Já estudou sobre sanguíneo, melancólico, fleumático e colérico? Normalmente o sanguíneo é assim, ele explode, dá cinco minutos ele tá assobiando lá...

[Muda de assunto e volta a tocar nas dificuldades dos períodos de abstinência] Foi horrível porque, é... olha tenta entender: a abstinência do álcool, aí quando passa a abstinência do álcool vem a abstinência do cigarro, você toma café de manhã cê quer fumar, aí depois da abstinência do cigarro tem a abstinência do crack. Então, é tudo que vem duma vez só. Ela vem, fica...é, tipo ela vem e passa dez minutos com abstinência e vai embora, aí fica meia hora sem, e ela vem depois de dez minuto. Ai cê começa a ficar com falta de ar, e aí é... eu pegava o cabo de vassoura raspava pra poder tentar fazer um cigarro com o pó do cabo da madeira, e num dava certo e saía fumaça e... Aí, eu fui rezando e Deus veio. Quando Deus entra a droga sai, porque aí Ele foi entrando e [a vontade] foi saindo sozinho, assim. Droga, é a primeira coisa é querer, não ficar forte três a mais.

[Pergunto se ele teve alguma recaída] É, mas é diferente porque Ele tá sempre comigo, uma hora... A gente já viu uns irmãos que foi, veio, foi aí voltou com tiro, aí foi voltou na cadeira de roda, aí mesmo na cadeira de roda foi e voltou só pra morrer. Eu entrei e fiquei. Até hoje. Eu acabei o processo de restauração faz seis meses, mas até hoje quando me encontro distraído, quando me encontro muito contente, quando as coisas tão dando muito

certo, assim às vezes vem o pensamento é “vai lá, pega só umas dez pedra e vai pro hotel depois cê dorme de manhã, cê acorda, você vem ninguém vai descobrir” sabe? A voz fica indo em você, aí você mesmo fala pra você assim ó “é mesmo” sabe? “aí cê vai pegar um cigarro, dá um gole só cê gostava tanto de uma caipirinha depois da feijoada, num dá nada, toma só uma caipirinha” aí você fala “é mesmo”. Se você não viver o sacrificio... Olha, o amor não é um sentimento, agora eu falo pra você “eu amo Jesus e tudo” e “ele é minha vida” né? Mas amanhã eu posso cair, o amor é uma experiência, né? Então minha experiência de amor com Deus foi muito forte, e o amor também é uma decisão, eu decidi não mais. Então mesmo que venha isso daí no meu ouvido, é mesmo que venha a vontade de beber ainda, às vezes quando acordo de manhã tomo café, eu saio lá fora assim aí o cara do ponto de ônibus ascende o cigarro dá aquela puxada no cigarro, eu falo “Jesus tem misericórdia” a vontade enche a boca de água, mas eu... eu tomei uma decisão, não é um sentimento que vai mudar a minha vida, né. Posso me apaixonar por uma mulher de novo, mas eu decidi ser todo de Deus e é isso aí, não aqui do sentimento né, a experiência de amor que eu tive com Deus é...

Sim. Mas é... é pra sempre né, cê vai, tem pessoas que fica vinte anos e cai. Pra você entender, ela tá ali dentro de você, ela é mais real do que você pode entender, só tá adormecida. Por mais que tentamos nos alienar dela não podemos. Ela é real, ela é forte, tá ali. É como um cachorro, se você alimentar ele, se você não alimentar ele, ele vai ficar fraco fraco, fraco, vai ficar ali, mas cê começa alimentar ele “ó lá a mulher se eu pegasse, mulher danada, olha que mulher bonita, olha que não sei o quê, é só uma caipirinha” eu vou alimentando aí eu vou cair, não posso alimentar.

E como que eu alimento? Nos pensamentos. Eu vou criando um arquivo e aí uma hora eu vou “nossa que mulher bonita”. Aí a bíblia diz que só em pensar de pecar já pecou, aí o que acontece eu não posso cair naquela hora, mas no melhor momento eu posso cair. Aí eu já usava droga “não, cê podia comprar e ninguém ia ficar sabendo, né meu” fui flechado na cabeça, eu não posso naquela hora, mas no melhor momento na melhor hora eu vou, então não posso cair nem aqui na cabeça. Tenho que lutar...

[Pergunto se ele tem algum técnica para evitar que a vontade vença] Eu penso primeiramente nos meus irmãos, né, porque se eu cair eu levo comigo uma jornada de irmãos, porque quantos não se espelham em mim e falam “não, infelizmente, né...” eles me chamam

de gordão, né, é que infelizmente eu engordei [rindo muito], aí eles falam “gordão, não sei que que cê tem que até hoje mano, já cai duas, três vezes volto aqui, mas não é possível você parou, você parou então crack tem cura... e eu vou tentar” e assim eles vão embora e volta e, tendeu? Aí se eu caio? Que Deus vai me cobrar? E também que que Deus já me deu, né, de coisas boas, eu num posso cuspir na cara de Deus, né. É... é como um porco, cê pegar um porco, tirar ele da lama, dá banho e tudo e ele voltar pra lá. É o cão voltando pro vômito.

[Pergunto se ele quer acrescentar algumas palavras finais] Falando sobre a dependência química, né? Então, eu acredito que num pode curar com o remédio né, é... também levar o alimento na rua é muito ruim, ajudando os irmãos a se matar, né. Às vezes as pessoas acha que levar uma... levar um alimento, e uma roupa e um cobertor na rua, mas num vai tirar ele da rua, não vai fazer ele uma pessoa melhor, né. Pensar “como? como que eu vou fazer?”. Aí nós começamos a levar o irmão, comida pro irmão na rua, aí chega lá ele tá com dois, três marmiteix de ponta cabeça, às vezes com algum dinheiro ainda, pega uma esmola de dois, três real, que que eu vou fazer lá, né? Eu vou questionar. Aí um irmão um dia falou, né, é... foi uma criança inclusive, né, aí a criança falou “tá bom, e agora? Ceis vão pra casa, e eu?”, né, “eu estou aqui e você pra onde vai?”. Aí o padre começou lá a dar acolhida, né. No início veio o medo, né, porque imagina, você vai acolher uma criança que fuma dois maço de cigarro por dia, treze anos, cheia de gíria, fala um monte de palavrão e o padre levou ele pra casa. Morava num barraco, ele e a Cacilda e os vizinhos... E os vizinho vendo eles fumando, e que o cigarro ele ia quebrar tudo, e ele foi trocando, às vezes trocava o cigarro por um pirulito... Aí resumindo, a fé venceu o medo, né? Dá medo de pegar criança, depois dessa criança vieram quinhentas e dessas quinhentas vieram o Haiti que são duas mil. Pensa.

Agora uma experiência que eu tive pouco tempo bonita, né, é... eu fui na Sé comprar um... umas partículas²³⁶ né, e tava chovendo, aí é... eu passei – missionário é conhecido pela bolsa né, faz parte do nosso corpo, e o chinelo havaiana, mesmo no frio da bixiga nós usa o chinelo [rindo muito] – aí nós passamos assim com a, havia um... escutei um falar “tio, tio” e eu fui embora né, olhei pra trás num vi ninguém. Aí quando eu cheguei na catraca [do metrô] o Espírito Santo falou “volta” né, aí eu falei “nossa, que a maior alegria do missionário é resgatar uma criança”, falei “putz é uma criança que me chamou, foi coisa da minha cabeça” aí eu falei “mas eu vou voltar na chuva” tava cheio de coisa pesada, e eu num tinha dinheiro

²³⁶ Hóstia pequena distribuída durante a comunhão na missa católica.

também né. Aí eu falei “se molhar o passe meu Deus, não... eu vou voltar” aí eu voltei, fazer o mesmo caminho na chuva.

Aí atrás da banca de jornal tinha um papelão cobrindo assim, sapeca neguinho. Sabe o que é sapeca neguinho? Eu vou te mostrar, é um cobertor que sapeca todo você. Aí eu puxei falei “ei,ei, tudo bom?” era uma criança, né, de onze anos, como minha idade que tava na rua, né, “que cê tá fazendo aqui?” aí ele falou “tio eu vi você passar, já morei na Nazaré” ,né, que é nossa casa criança, aí falei “porque cê não me chamou?” aí ele falou “é que eu tô com falta de ar” que ele tava com bronquite, né, “mas aí você foi embora eu rezei pra você voltar”. Aí eu falei “quer voltar pra Nazaré?” aí ele “quero”, ele tava meio cuspino sangue, né, aí tava com um saquinho de tiner, que agora não tem mais o cheiro, né, graças a Deus, agora eles ficam com o tiner. Aí é... aí ele voltou, aí ele foi comigo, aí eu falei pra jogar o tiner fora porque “ah, quer mandar” num sei o que, então deixa aí. Aí fui descendo as pessoas já foram falando “a lá levando a criança, pedino dinheiro pra criança, pra dá dinheiro pra ela”. Aí chegou no ônibus e eu num tinha dinheiro, né, mano. Aí falei “filho joga o tiner fora pra gente pegar o ônibus” aí tá bom ele jogou. Só que tava todo sujo, mijado, cagado, né. Aí ele falou “tio to com fome” né, aí eu falei “meu Deus do céu, num tenho dinheiro” né, aí tirei a cruz pra fora assim, aí falei “vamo lá que agora cê vai comer”. Aí passou uma senhora assim “isso mesmo, vai lá” acho que ela conheceu que eu era missionário “vem cá” aí me deu vinte reais eu falei “graças a Deus”, aí eu falei “vamo lá comer”, aí falei “que que cê quer” aí ele “eu quero um x-tudo”, aí eu falei “ainda bem que ela deu vinte reais” [rindo], aí ele comeu um pouquinho, né.

Aí pegamo o ônibus, aí tive uma experiência muito bonita no ônibus que todo mundo tava olhando feio pra nós, né, “ah, I o menino pra pedir pra ele”, aí eu falei pra ele “vem cá neném, deixa eu falar uma coisa pra você. Se Deus tivesse aqui agora, agora, hoje, que que você pedia pra ele? Qualquer coisa que ele falasse que você podia pedir 'casa, carro, ouro', né, o que você queria pedir pra Deus hoje?” e as criança são muito fechada, elas não responde né, fica só com o olho sério, fixo, né? Aí ela parou, parou, aí ela falou assim “aí eu pedia duas coisa” aí eu falei “o que?” ela falou assim “primeira que hoje eu pudesse dormir numa cama quentinha e também que eu pudesse comer um arroz com ovo frito, mas com a gema molinha”. Aí eu lembre da gema molinha que minha mãe fazia. Eu falei “nossa” por isso que

Deus fala tantas vezes que prefere os pobres, né, porque ele podia pedir o que ele queria e ele pediu a comida mais pobre do mundo, o arroz com ovo frito.

Aí, eu não ia questionar né, é... Qual é a riqueza do meu coração que eu tenho hoje? Será, o que que eu quero, né? Eu tenho tudo e murmuro, né, e a criança só queria comer um arroz com ovo e dormir numa cama, só que num tinha, né. Então, cê falou pra eu deixar alguma coisa né? Pras pessoas questionarem quando elas for murmurar, ou no julgamento de uma pessoa, né, se ela puder escutar a história e... acho que a palavra da bíblia que segue a minha vida é “não há amor maior do que aquele que dá a vida pelos amigos”. As pessoas que eu nem conhecia deram a vida por mim, e hoje eu dou a vida pelos irmãos.

Dados gerais – acolhido

Eu tenho 26. Nasci em São Paulo, nasci em Santo Amaro. Eu sou segurança, eu sou porteiro e segurança. Parei [de estudar] no primeiro ano. Sou solteiro. [Somos interrompidos. Um dos rapazes entra na sala onde estávamos e dá um recado para ele se encontrar com outra pessoa à noite]. Moro aqui na Guadalupe.

Contato com as drogas

Nossa! Meu primeiro contato foi... Nossa Senhora! 13 pra 14 anos de idade, por influência mesmo de amigos, na porta da escola. Eu comecei a fumar cigarro, depois comecei a fumar maconha também, tudo na mesma época. Aí, com meus 15 anos, por aí, já foi cocaína, baladinha também nós sumo da favela, né? Aí, no meio da favela, baladinha com baseado, aí da cocaína pro crack foi um pulo, né, com 16 anos eu já comecei a usar crack.

Eu sempre trabalhei. Mesmo com essa idade, trabalhei desde novinho. Trabalhava na feira, comecei trabalhar também no McDonalds, no shopping, né? Aí depois já começou os primeiros trabalhos com carteira registrada, né? Aí trabalhava o mês todo, chegava o final do mês, pegava o salário e queimava o salário. Grande parte do salário ia com drogas.

Grande parte foi influência dos amigos mesmo, mas também em casa. Meu pai é um alcoólatra, né, a minha mãe também bebia um pouco. Ela parou. Hoje em dia ela não bebe mais. Meus tios bebiam, a família inteira, tipo, eles bebem pra caramba. Eu cresci nisso daí. Pra mim foi se tornando normal até pelo lugar onde eu fui criado. Fui criado no Jardim da Conquista, São Mateus. Ali ... e ali é complicada a situação. Eu nasci em Santo Amaro mas fui criado na Zona Leste. Com três anos de idade já fui pra São Mateus, ali.

Eu fiquei em situação de rua durante dois meses, até agora [antes de entrar em recuperação na Missão Belém]. Então eu comecei com cigarro aí maconha, coca e crack. O álcool já era antes, né, sempre tomava socialmente com meus primos mesmo ali. Não tenho uma noção assim, [de quanto consumia] por dia não. Mas, assim, quando eu pegava meus pagamentos, assim, não tinha limite, né? Eu recebia 800 reais de pagamento, aí eu tentava gastar pelo menos só cem reais. Não conseguia gastar só cem reais. Quando eu cheguei no crack mesmo ou na cocaína, né, eu não conseguia gastar só cem reais. Eu ia além disso, eu ia muito mais, eu chegava estourar o pagamento inteiro.

[Pergunto se ele sabe quanto isso daria em droga] Nossa, uns... Não faço a mínima, mas oitocentos reais de droga era muita droga. Eu consumia tudo de uma vez, nunca cê tá sozinho. Quando cê tem dinheiro com droga aparecia uma pá de gente, aparecia muita gente. Aí eu ia bancando todo mundo sempre, aí usava todo mundo junto.

Não, não cheguei a ter envolvimento sério com a polícia. Eu fui preso uma vez na porta da escola, na porta do Celso Mateus, ali, porque os menino que tava comigo tava fumando, né? Maconha. Aí a GCM pegou a gente. Aí acabou me levando pra 49ª onde eu fiquei só um dia só e pronto, eu só paguei umas cestas básicas.

[Pergunto como ele chegou a ficar em situação de rua] Eu fui por atitude minha, né? Porque eu já tava cansado, já, de fazer minha mãe sofrer em casa, né? Porque eu tava começando a passar as noites fora, entendeu? Já tava brigando demais com meu pai. Meu pai já chegou trancar a porta umas duas vez, fez eu dormir na calçada de casa, falei “ah, deixa quieto eu vou...” Chegava não doidão, tipo, assim, eu usava e tinha vergonha de voltar pra casa. Acabava ficando duas, três noites fora andando, né? Aí, quando eu tava muito cansado eu voltava pra casa. Aí, nessa daí, meu pai “não, cê não vai entrar, não, cê gastou tudo agora cê quer entrar em casa?”.

Cheguei, cheguei a pegar o DVD de casa, cheguei a pegar dinheiro dos meus irmão. Consegui me manter empregado. Mas o meu dinheiro não dava mais. E eu recebia de 15 em 15 [dias], né? O final de mês aí, às vezes, tinha festa de final de semana assim, com pessoal da quebrada. Mesmo o pessoal fazia um funk, alguma coisa assim. Aí eu acabava usando, aí num tinha como manter, deu fora de pagamento aí...

Somos em... são mais quatro. [conta em voz baixa o número de irmãos. Consigo ouvir parcialmente que todos os nomes começam com a letra R]. Sou o mais velho. Tenho duas irmãs e dois irmãos. [Pergunto se ele tem contato com a família] Não. Eu procurei não procurar eles mais, já tem mais ou menos uns dez meses que eu não procuro eles já. Porque eu to achando que é melhor pra mim assim, né? E pra eles também, né? Porque eu to na caminhada firme com Deus, né? Mas eu tenho que restituir minha vida primeiro pra poder chegar em casa ou procurar notícia, procurar saber, né? Então procurei me afastar mesmo.

Ninguém sabe que eu to aqui. O pessoal até tá tentando procurar minha mãe pra falar com ela, mas eu queria só falar com ela só, mas tá difícil. Tava ficando complicada por causa de mim mesmo, bastante complicada. Eu tava brigando com meu irmão, meu irmão tem 25

anos, né, quase a minha idade. E brigando com meu pai, muito, tava brigando com meu pai demais. Com a minha mãe não, minha mãe sempre tava do meu lado ali, né?

[Pergunto se ele conseguiu se perdoar] Ainda não [responde com a cabeça baixa]. [E se guarda mágoa da família] Não. Mágoa assim ... mas, sei lá! Eu gosto muito do meu pai. Eu gosto demais dele, entendeu? Meu irmão também. Meu irmão ... nossa! Pra mim era tudo, R, né? Mas eu acho que é difícil assim, sei lá, é uma vivência de novo na família, entendeu? Por causa do que eu já... Nossa! Eu fiz eles sofrer demais, né, e eu também sofria muito. Eu usava e chegava em casa tipo assim, eu falava “nossa meu pai vai falar alguma coisa tipo: ô, levanta a cabeça, vamo seguir direito, vamos seguir andando pra ver se você sai desse buraco aí”. Não, meu pai me crucificava em casa, entendeu? Eu chegava e nossa “daqui a pouco tá morto aí”. Nossa, falava feio comigo. Aí minha vida não andava, né? Eu parava naquilo ali, eu ficava naquilo e naquela cisma, né? Porque ele chegava, me julgava bastante em casa, aí falava que eu nunca ia conseguir nada e eu nunca conseguia nada na vida mesmo.

Eu sempre tive sonho de comprar meu carrinho, sempre tive sonho de comprar meu primeiro carro e via a molecada na quebrada, cresceu comigo, assim, todo mundo comprando seu carrinho, já começando a engatinhar pra comprar uma casinha própria e não conseguia essas coisas. A primeira vez que falei pro meu pai que ia comprar um carro ele falou assim: “se colocar aqui dentro eu toco fogo”. Aí to começando a caminhar sozinho agora com minhas próprias pernas. Pretendo sim [procurar a família], não por agora, mas, se Deus quiser, eu vou procurá-los.

Processo de recuperação

Eu conheci uma fraternidade parecida com a Missão Belém, eu conheci a Fraternidade O Caminho. São Franciscanos, né? E aí eu tava na rua, eu tava na porta dum albergue. Eu nunca... tipo, eu nunca tive essa vivência de dormir no albergue. Aí tava um certo dia na porta do albergue e acabou as vagas pra dormir no albergue. Aí tinha um rapaz na porta do albergue, também ficou sem vaga. Aí ele falou “vamo num lugar aí cara, tem um lugar ali que dá pro cê comer e tomar banho; amanhã cedo cê sai”. Aí eu falei “demorô... vamo lá sim”. Aí ele me apresentou a Missão Belém aqui, me trouxe aqui na porta, entramos junto.

Aí ele ficou uma noite, chegou, saiu. No outro dia, falou: “vou embora”. Aí eu falei “não. Vou ficar, vou permanecer, cara”. Aí fiquei. Aí já me aliei com o pessoal da música, já comecei tocar, o pessoal gostou, já me chamou, já fez preposta pra mim tocar nos encontro

deles e desde então firme e forte na música aqui. [Pergunto se ele já tinha vivência com a música] Eu já tocava sim... Toco sertanejo universitário. Toco violão.

[Antes da Missão Belém] Eu tinha procurado só no Caminho, só. Tinha me internado duas a três vezes no Caminho, fraternidade Caminho. No Caminho eu conheci, faz muito anos, eu conhecia eles já porque assim, eu tava perto de fazer minha primeira comunhão lá no Jardim da Conquista, lá em São Mateus, né, aí eu sempre via eles na igreja. Aí eu fui procurar saber, eu já tava me envolvendo com drogas, já. Eu fui procurar saber e só vivia por fora, né? Só via eles por fora. Isso há mais de 10 anos atrás. Aí, uma vez eu estourei um pagamento meu. Aí eu não queria voltar pra casa, eu fui lá na porta do Caminho. Bati lá na porta deles e eles me acolheram. Aí, essa primeira passagem eu fiquei oito meses nessa casa, né, que hoje é uma casa da Missão Belém, lá no Boa Esperança. Aí eu saí, fiquei um tempo limpo, fiquei mais ou menos uns... Fiquei um ano e meio limpo mais ou menos. Aí eu acabei caindo de novo. Aí voltei pro Caminho, fiquei mais uns cinco, seis meses.

Aí eu saí porque eu cabei casando com uma mulher, né? Casando, assim, “ajuntando”, né? Aí fomos morar juntos. Tentamos morar na casa dos meus pais juntos, né, até que ela engravidou também e ficamos juntos ali, morando na casa dos meus pais, tentando, né? Meu pai num queria me dar a laje pra mim construir. Aí fomo se enfiar no aluguel. Aí eu comecei cair de novo. Tentava ficar em pé por minhas perna, sozinho e comecei cair de novo e de novo e, de novo... Nossa! Eu acho que foi 2010, se eu não me engano... Não, não foi 2010. Foi bem antes, nossa! Primeira passagem que eu tive no Caminho foi há mais de dez anos. [Fiquei lá] Oito meses, porque tem um tratamento lá que é oito meses só. Depois voltei. Fiquei seis meses que era numa casa de Parelheiros, né?

[Pergunto se ele conheceu a mulher na Fraternidade] Não, eu trabalhava numa firma que meu pai também tava trabalhando, minha mãe também trabalhava na mesma firma. Aí acabei entrando nessa firma, que era limpeza. Aí eu trabalhava num prédio em Moema. Aí, numa festa de fim de ano que a firma fez pros funcionários, eu acabei conhecendo ela. Tinha acabado de sair da casa de recuperação, tava firmão. Aí a gente se conheceu, trocamos telefone, eu acabei ligando pra ela direto. Foi assim, era F o nome dela. [Tem] Uma filha, R. Tá com quatro anos, vai fazer cinco. Não, não tenho contato com ela. Nem com a mãe dela, não. Elas tão em Guaianases, Jardim Nazaré.

[Pergunto se a menina o conhece] Conhece [responde com os olhos baixos. E boa parte da conversa ele permanece com os olhos baixos]. Então, a gente tava junto. A gente

ficou junto durante quatro anos. Só que aí comecei a recair de novo. Aí ela falou que ia pra casa da mãe dela. Num impedi ela de ir pra casa da mãe dela. Ela foi. Aí ela falou que se eu quisesse morar lá tudo bem, que a gente construía lá, né, porque até o aluguel tava pesado já. Um mês a gente tava pagando quinhentos conto de aluguel. Aí a gente tentando voltar entre idas e vindas aí ela me traiu. A primeira vez, né? Ela ficou com um cara que era do serviço dela. Aí o cara só zuou ela. Aí ela chegou e falou “nossa que não sei o quê”... ela num pensou que eu tava em casa, né, que eu mais uma vez pra fraternidade Caminho fiquei mais cinco meses. Foi em Guaianases.

Já passei quatro, cinco vezes no Caminho. Aí, quando eu saí do Caminho, que eu voltei pra casa, ela me encontrou de novo em casa. Ela falou “nossa não pensava que cê tava aqui”... a gente acabou tentando voltar, né? Aí eu arrumei um trabalho lá perto de casa. Eu tava trabalhando, a gente tentando voltar, eu tava tentando arrumar casa lá perto mesmo pra gente ter nossa vida, né? Só que aí eu vi uma foto dela com um rapaz no WhatsApp, né? Tava na foto do perfil ela abraçada com um rapaz. Aí eu perguntei pra minha irmã. Minha irmã falou que ela tava namorando já aí eu... Num procurei mais ... que eu gostava muito dela falei “não, deixa quieto”.

Morro de saudade dela [da filha], demais. Tudo pra mim é a R [fala o nome da filha no diminutivo], só que é complicado, né, chegar... Sei lá! Eu tenho uma cisma comigo mesmo. Chegar assim, na porta dela assim e bater “oi tô aqui”, não tenho nada que fazer ali. [Ao falar da filha é o semblante se abre e ele sorri pela primeira vez durante a entrevista]. Principalmente por causa de mim também, né? É complicado, tenho que tá muito bem pra chegar lá. Tenho como meta na minha vida conseguir minhas coisas primeiro, conseguir uma reestruturação sozinho, conseguir me reestruturar, conseguir uma permanência de verdade, uma mudança de vida real, poder procurar alguém da minha família assim mesmo.

Tem um longo caminho ainda pra... Eu mesmo, assim por mim, eu me considero livre das drogas, né? Porque meu pensamento já mudou desde o início que eu entrei aqui, né, porque na hora que eu fui entrar aqui eu falei “meu agora ou muda ou muda, meu”. Porque num dá não, num dá mais não, entendeu? Aí essa passagem minha na Missão Belém eu tô fazendo diferente de tudo que eu já fiz lá atrás. Peguei tudo que eu já fiz lá atrás, ajuntei e falei assim “ó eu errei nisso, nisso e nisso”; aqui na Missão Belém eu não posso errar nisso, nessas mesmas coisas eu tenho que mudar agora.

[Pergunto por que ele acha que será diferente na Missão Belém] O “click” diferente é que a Missão Belém dá mais oportunidades, entendeu? A Missão Belém dá oportunidade de você trabalhar dentro da Missão Belém, dá a oportunidade de você começar a se manter, né, tipo procurar, né, um aluguel, alguma coisa pra você. A Missão Belém dá essa força pra você, né, dá o suporte. Por exemplo, eles dá uma ajuda de custo pra você, pra você começar a caminhar. No Caminho não. No Caminho você acabava o tratamento, eles chegava “ó você tá limpo” e agora? Aí você chegava num pós-tratamento, que nem você falou agora, e chegava você entrava numa firma, chegava na firma alguém lá usava, aí você tentava caminhar ali... Nossa! Complicado. Eu sempre fui católico desde berço, minha família inteira é católica, minha mãe... Já cheguei a tocar na igreja, mas eu só tocava final de semana e olhe lá, nem isso. [Pergunto se o interesse maior dele era a igreja ou a música] Grande parte por causa da música.

Sem usar drogas? Eu to há... Uns dez meses mesmo, quase um ano aí. Isso, foi aonde eu tive uma recaída mesmo. Foi nessa firma que eu tava mesmo, só da foto dela que eu vi em conversas e mais nada, né?

A religião é tudo, né, meu? Porque no Caminho, mesmo assim eu tocava e tudo, andava ali na... com os irmãos franciscanos. Mas eu achava muito chato. Achava horrível, né, porque eles se entregam mesmo, eles se entregam de andar descalço e eu achava, sei lá, estranho. Eu não conseguia viver assim... [Sorri] Aqui tem pelo menos o chinelinho, mas também o mesmo estilo, né? [Ri] Isso, a mesma ênfase se entregar totalmente, né? Só que eu não enxergava isso com bons olhos, né? Eu falava “nossa, vai entregar a vida pra Deus assim mas, meu, não é melhor você trabalhar e conseguir o dinheiro que você vai lá e ajuda a fraternidade, ajuda a igreja?” [Faz uma cara de desdém]. Sempre pensava assim, mas num é bem assim, né? A ajuda deles vem em todas as partilhas, vem na possibilidade de você conhecer outras pessoas, né, porque o Caminho ela... Tipo, pra mim, mesmo na música, assim, o Caminho privava, né? Você num vai tocar numa certa igreja, você num vai tocar numa certa fraternidade, entendeu? Pra não ter uma vivência maior com o pessoal. Aqui não. “Não, você vai tocar num retiro lá em Suzano”. Eu pego o violão vou. “Você vai tocar num retiro lá na... no Rio Grande da Serra”. Eles pega a perua me leva, vou. Entendeu? Eu conheço todo mundo, entendeu, dentro Missão Belém, tipo tocando em todas as casas. No Caminho não, era tocar naquela capela ali e pronto.

E pra mim dá um suporte muito grande, principalmente aqui também que é a Guadalupe, né, que é a casa central, né, que é um setor vermelho. Aqui na Guadalupe, por incrível que pareça, o que me ajuda é ver como a rapaziada tá chegando da rua. Eu vejo o cara chegando muito zoadado da rua... nossa é... Do jeito que eu cheguei, entendeu? O cara chegando horrível da rua. Aí cê vai lá e dá um suporte pra ele, cê dá uma ajuda psicológica, dá uma força de ânimo pro cara, dá uma alimentação, entendeu? Só de ver ele chegando daquele jeito já é um empecilho pra mim não cometer o mesmo erro.

Eu procurava serviços ali perto ali, que era trabalhar atrás do mercado Vovó Zuzu [no Parque Dom Pedro II]. Eu descarregava os caminhões, entendeu, pra tentar me manter. Nunca fui muito de roubar, fazer essas coisas. Dormia na rua, na calçada ou então procurava os albergues, né, pra dormir, tomava banho nas tendas... [Ficou] Por pouco tempo. Dois meses. Mas é complicado. Num passa, meu, a hora num passa.

Mudança de atitude

Eu antes era soberbão, [estufa o peito] o R [fala dele mesmo em terceira pessoa] antes era... nossa! Era demais, nada freava ele, né? Tipo, digo assim nas drogas, né? Ia até os limites mesmo. Hoje em dia já penso duas vezes antes de pisar o pé pra fora, de andar na rua, penso duas vezes antes de fazer muita coisa.

[Pergunto se ele trabalha na Missão como monitor] Só na música aqui dentro. [Pergunto se ele pensa em voltar a estudar] Eu não. Não penso voltar a estudar não. Música eu tô pretendendo fazer um projeto meu, né, de gravação de... Tentar mesmo porque o pessoal gosta, todo mundo gosta bastante, né? Aqui não tinha músicos aqui. Tinha um rapaz que tocava só um violão mesmo nos encontros. Aí eu fui lá, procurei dentro da casa, encontrei um baterista, né, aqui dentro da casa, o T. O cara tocava e toca muito bateria. Aí já se juntamo. Achei um baixista também agora, que é o E e mais um menino que cantava mais eu. Formei uma banda, a Miriam. Somos em... eu, o T, o E e o E, somos quarto. Mas todos os três já saíram. O T foi pra casa dele com a família essa semana, o E saiu semana passada, tá morando num albergue aqui perto e o E saiu faz umas três semanas, tá trabalhando aqui do lado, num horti-fruti. Tá em casa com a família também. O E também tá conversando com a família dele também, parece que vai voltar pra família dele. Aí eu fiquei aqui firme e forte.

[Pergunto se a recuperação desta vez na Missão Belém está sendo mais fácil] Não. Totalmente ao contrário: mais difícil. Parece que o inimigo escuta, né? [rindo] “Ah cê vai

persistir nisso aqui, eu vou fazer você cair nisso aqui”. Abstinência nem tanto, como eu disse eu sou aquele usuário de mês, né, só na última parte que eu comecei a usar direto. Mas aqui dentro da casa, aqui as regras da casa são bem difíceis mesmo, sem pensar em possibilidade de sair aqui, no portão pra fora, né? No começo pesa demais, pesa muito. Hoje posso, posso sair normalmente. A porta sempre ficou aberta, mas eu num saía. É complicado. É complicado demais.

A gente entra com um coordenador entendeu? Essa pessoa vai dando os indícios pra você do que fazer dentro da casa, pra você não ficar com a cabeça parada, entendeu? Pra você sempre se movimentar, entendeu? Se você tiver com abstinência ele permite você assistir um filme, alguma coisa assim, uma leitura, entendeu? Sabe das horas do café, banho, chama você, né, se você tiver dentro do quarto, chama a casa inteira... Vai coordenando a casa realmente. Ajuda a fazer o diário espiritual, né, que a Missão Belém fornece diário. Um paizão dentro da casa mesmo, né? Aí, de acordo com a sua caminhada, de acordo com o tempo, por exemplo, que nem eu, eu cheguei já, o coordenador me coordenava na casa. Aí, quando eles viram que eu já tava começando com o grupo da música, a gente procurou uma direção espiritual em si na música, né, que era o J, missionário, que é um pai espiritual, né?

[Pergunto se o coordenador impede ele de sair] É na conversa. Se quiser pegar as coisas e sair... “Sair, saiu”, né. Aí é da pessoa mesmo. É pra quem quer mesmo, realmente. Aqui foi mais difícil assim, a vivência,, né cara? Porque no Caminho as pessoas pra entrar dentro do Caminho, eles passam por uma triagem diferente. Geralmente, quem procura muito o Caminho são pessoas de família, né, porque assim faz uma triagem. Do Caminho é assim, você vai um dia, aí você partilha com os irmãos, os franciscanos, aí eles marcam outra data pra você voltar, geralmente na mesma semana ou na próxima, entendeu? Você volta de novo, conversa com eles... aí, na terceira vinda que você já pode entrar pra comunidade.

Normalmente são pessoas que estão com a família, porque o trabalho deles com a rua, eles são pastorais de rua do Caminho, né? Eles vão até o pobre na rua, pessoal dá banho, o pessoal faz barba, dá alimentação, evangeliza na rua, aquele pessoal da rua, né? Mas, pra casa de acolhida, geralmente, são pessoas que ainda têm a família, entendeu? É muito poucos ainda que são da rua que procura realmente o Caminho, né? Eles oferecem ajuda, mas geralmente quem tá na rua não aceita ajuda do Caminho, né? São poucos. Aqui não, aqui o cara chega aqui na porta e “quer entrar meu filho? Quer mudar de vida entra pra dentro”. Você entra,

entendeu? Depois vai tentar o contato com a família, vai procurar buscar como é que tá né, entendeu?

[Pergunto se ele pensou em desistir] Várias vezes. Me segurou em si mesmo foi o missionário mesmo, o J, né? Aconselhando pra caramba, né? Me colocando pra movimentar também, né, porque ele via quando a música tava muito pesada aqui só aqui, só aqui, porque eu toco pro pessoal de rua, toco pros irmãos de rua, né, que é um som mais pesado, pra ver se anima, né? Aí, quando ele via que tava pesado, ele sempre arrumava um jeito de “ô tem um encontro em tal lugar, vamo lá tentar tocar”, “tem um encontro em tal lugar, vou dá palestra, cê toca” entendeu? E essa movimentação pra mim é o que me agita. É o que me deixa, né? Sem deixar a peteca cair.

Eu me vejo fora daqui já, meu. Nossa! Quero trabalhar de todo jeito, quero construir minhas coisas. Ah, me vejo, meu primeiro intuito assim mesmo é a gravação mesmo. É um sonho desde moleque. Eu nunca conseguia, né, gravar meu cedezinho, gravar minhas músicas... [Pergunto se ele está preparado para ouvir os “nãos” da indústria fonográfica] Então, minha preparação é se apegar com Deus porque não é fácil, mas eu pretendo continuar lá fora com a vivência da igreja, né? Que a Guadalupe outra coisa que permite, assim, é a vivência também. Se eu to lá fora lá e tiver uma missa aqui eu posso vim e aqui tocar. Ninguém vai me impedir... por causa do laço que eu criei aqui, né? Já teve um contato pra tocar na paróquia aqui, na favela também, entendeu? E é um... Como é que fala, um contrato não, uma permanência minha, né, é um coisa que eu to escolhendo pra mim, tocar nas igrejas e tudo, entendeu? [Pergunto se o trabalho é remunerado] Não.

Então, eu dei mais seis meses pra mim aqui dentro, né? [Antes de entrar em contato de novo com a família] Eu tava brigando muito com eles, com o pessoal. [Quando saiu de casa] Fui perto de casa, eu fui pro terminal São Mateus e fiquei uma semana dormindo no terminal São Mateus ali. Ninguém conhecido, ninguém me viu. Aí eu fiquei ali por perto, dali eu já comecei conhecer o pessoal da rua mesmo, ali, que comia num albergue perto, na Mateo Bei, ali. Aí conheci lá o pessoal também, comecei a trocar ideia. Aí, um dia, do nada, eu peguei um ônibus, vim, eu falei “vou embora cara, vou sentido centro, vamo ver o que tem pro centro”. A coisa pior. Aí cheguei no Parque Dom Pedro, ali mesmo e fiquei, porque o mercado ali sempre precisava descarregar um caminhão, tudo. Aí comecei a trabalhar na porta do mercado, ali na parte de trás, né, só descarregando caminhão.

[Pergunto se ele já consumia crack antes de parar na cracolândia] Não, já tinha usado já mais ou menos uns... Nossa eu já usava há mais ou menos uns oito anos crack. Tem gente que fica na direta, dez anos usando direto, sem parar.

[Pergunto como é que é sobreviver na rua] No meu caso é perigoso, né, porque eu pegava o dinheiro todinho. Aí chegava, usava o dinheiro todo, entendeu? Risco de dá uma overdose. Eu chegava muitas vezes assim e meu coração ficava a milhão e suando muito, entendeu, mesmo assim não parava de usar, entendeu? Mesmo com a sensação ruim eu continuava usando. Tem a dependência psíquica e física também, né? Aí muita gente que tá, às vezes, nessa caminhada que você falou, de oito, nove anos usando, usa todo dia, mas usa uma, duas por dia, três por dia... Aí, geralmente, quando faz a boa que é roubar alguma coisa assim, aí faz o grande uso, né? Mas também sustenta todo mundo que tem à volta, entendeu? Por isso que num para.

Pra mim, assim eu tirei mais ou menos ainda, porque eu fazia o seguinte: eu pegava, trabalhava, eu comprava minha alimentação, né? Eu comprava alguma coisa pra comer, aí comprava bebida pra ficar, né? Aí eu chapava, acabava capotando na rua, entendeu, dormindo no ponto de ônibus, aí chegava de manhã já saia andando de novo, até esperar um outro caminhão, né? Pra poder descarregar, né? Ficava andando, nunca fui de ficar parado, ficava circulando.

[Pergunto se ele quer acrescentar alguma coisa além das minhas perguntas] Não, não.

Dados Gerais – missionário

Sou nascido em Santo André, ABC paulista, tenho 39 anos. Sou o responsável pela acolhida da Missão Belém. Fiz faculdade de Teologia e Filosofia. Fazem dez anos que eu moro com a Missão Belém.

Contato com as drogas

A princípio, a primeira droga que eu usei na minha vida foi o cigarro, né, assim. Aquela coisa de sempre, meu pai tava deitado, sentado na... Era um costume: “vai lá acende pra mim”, né? Aí ia lá no fogão acendia e chegava com a metade do cigarro pra entregar pra ele. Eu tinha oito anos, nove anos por aí. É que a mentalidade do povo da roça é mais ou menos assim, eles começam muito cedo no álcool e no cigarro. Então não tem tanta essa coisa aqui, assim né, não tinha tanto... Meu pai não pensava nisso, né, que talvez me tornaria um fumante depois. A princípio ele pedia o cigarro aceso, era só isso.

Aí nas festinhas de aniversário eu já bebia, com nove/dez anos já bebia, bebia de ficar bêbado mesmo. É porque, todo mundo bebia, meu pai bebia, meus tios bebiam, meus primos bebiam, e aí... [Consideravam] Normal assim, juntava os primo bebia ficava ali, os pais não via mesmo, tava bêbado já também, então aquela coisa, né? Assim, mas o contato com droga ilícita de verdade foi aos onze anos de idade, que foi a maconha, né?

Assim, primeiramente a curiosidade, porque eu cresci no meio do tráfico de drogas, vendo meus primos usando e também assim, né, porque alguns dos meus amigos já... Porque eu sempre andei com meninos mais velhos, eu tinha onze, andava com os meninos de quatorze, quinze, dezesseis anos, né? Assim, então, meus primos já usavam, entende? Então, por exemplo, na escola, tava lá então queria ser como eles, essa mentalidade de criança, vamos dizer assim de território, de ser conhecido, de querer ser um maloqueiro, a princípio por isso, né?

Depois, com aprofundamento na droga, assim, na maconha de verdade, era... eu me sentia muito bem fumando a maconha, gostava porque, a dependência dela é psicológica. Então me deixava tranquilo, não pensava nos problemas aqui de casa que eram muitos, porque quando eu tinha onze anos de idade meu pai e minha mãe se separaram. Nesse tempo, rompeu com a família que na realidade não era uma família, meu pai espancava minha mãe todos os dias, batia a cabeça dela no chão, a gente cresceu vendo isso e pra mim, hoje, eu tenho essa concepção, mas naquele tempo claro que não, que eu era uma criança, mas quando eu fumava me sentia bem, sorria, comia bem, ficava no meio dos outros, brincava... Ah olha, assim, eu passei por todos os tipos da droga, né. Então, maconha, cola, benzina, essas foram as primeiras drogas até me apresentarem à cocaína, né? Aí, quando me apresentaram a cocaína, também que eu me aprofundei bastante no uso da coca. [Usava] todo dia.

Então, eu estudei só que daquele jeito, né? Assim, o ensino não ajudava muito, daí eu parava muito de estudar, né? Parei de estudar duas vezes na sexta série, parei de estudar no primeiro colegial, depois eu fui retomar só depois de anos, né? Pra mim poder concluir, fazer faculdade, todas essas coisas que eu busquei, né?

Eu [ficou morando com], minha mãe e minha irmã. Por um certo tempo, né? Depois, com essa questão da separação da minha mãe, assim, por exemplo, minha mãe só apanhou do meu pai, então quando separou, coitada, ela virou quase uma prostituta de carente, entende? Ela saía... Todo dia que eu chegava em casa via minha mãe com um homem diferente, tentando tapar esse buraco que meu pai deixou, mesmo gostando dele. Porque, querendo ou não, ela ainda gostava dele. Então, é bem bagunçado. Então eu tinha que cuidar da minha irmã e aí eu não cuidava nem de mim, como que eu cuidava da minha irmã entende? Graças a Deus minha irmã, invés de eu cuidar dela, ela que cuidava de mim, né? Que nós temos a diferença aí de cinco anos, né?

Sou mais velho. E ela assim, conforme o tempo foi passando ela também começou a se tornar minha mãe, se preocupava, que ia me buscar na biqueira²³⁷, que dava bronca em mim, entendeu? Devido a esse uso de droga, até romper a família mesmo, né, chegou uma hora que minha mãe foi mandada embora, a gente não tinha mais dinheiro pra pagar aluguel.

²³⁷ Gíria que define o local onde se fuma a droga.

Esse tempo também me aprofundei bastante no crime. Tava roubando bastante, pra manter o uso de droga, assim, coisa de moleque mesmo e aí eu tive que ir morar com meu pai, né?

[Para sustentar o vício acabou] Roubando. [Roubava] Só pra usar, então eu usava todo dia e roubava todo dia. Quase fui preso uma vez, só que eu tinha um dinheiro e consegui pagar. Pra não ser preso, né, dei um dinheiro na hora ali, ajuntei um dinheiro com o qual eu consegui pagar. Nem fui processado. Deus me cuidou muito de mim.

Fui morar com meu pai. Meu pai um alcoólatra inveterado... É... hoje não é mais, né? Bebia muito, morava sozinho, ninguém aguentava ele, então era muita briga. Pra você ter uma ideia, lá na frente eu vou falar mais, quando eu fui morar com meu pai, assim que eu fui morar com meu pai, no finalzinho de novembro de 1996, que foi quando eu me aprofundei no crack, né, que eu conheci o crack, desci na biqueira pra pegar uma cocaína. Não tinha. O menino que tava lá falou: “ó chegou algo novo aí que chama casca” que era o nome do crack no início, né? Crack, casca, birico, pitilho e aí usei.

Comecei a usar em Santo André e Mauá. Quando meu pai separou da minha mãe, nós fomos pra Mauá. Morava com meu pai em Santo André. Eu morava com minha mãe em Mauá e meu pai em Santo André. Minha mãe foi morar na casa de uma tia e minha irmã foi morar na casa de uma madrinha dela. Minha mãe não tinha condições, né? Começou se afundar também no espiritismo, essas “coisas” aí, nessa loucura assim, né? [Questionei se ele falava de espiritismo mesmo] É macumba braba, macumba feia!²³⁸

[A irmã] Foi morar com a madrinha. E aí fiquei perdido, né? Tentei estudar, nesse tempo assim, arrumei namorada, mas a droga sempre foi assim, né? A minha verdadeira alegria, né? Eu pegava um dinheiro na mão, cê sabe como mexe com todo o organismo, né, eu sorria só de pegar o dinheiro na mão, e saber que eu ia fumar um crack. E quando não tinha o crack era tudo, né? Entende? Era álcool, era o que tinha, entende? Sempre era o que tinha, mas a droga de preferência mesmo sempre foi o crack. Aí, quando não tinha cê fazia tudo, cê ficava bêbado, cheirava cola, fumava maconha, cheirava cocaína, era “total flex” [rindo].

²³⁸ Em entrevistas com outras pessoas, surgiu esse preconceito em relação às religiões afro. Apesar de não concordar com isso, mantive a fala sem edição.

Processo de recuperação

[Sobre buscar ajuda para a recuperação] Sim. Final de 1998 eu procurei uma ajuda, depois de uma noite de uso de droga fria. Sabe, de muito frio, na cracolândia... não era do jeito que é hoje ali entende? Mas já tinha muita droga ali. E ali, não sei se você lembra, ali na onde é a cracolândia, ali quando tinha aquele shopping grande²³⁹... [e me pergunta o que funcionava ali antes]. Sim, a rodoviária. Aí sentado ali na calçada da rodoviária, né, mal, mal, mal... Já fazia quase três anos que eu tava como nômade, né, indo e voltando pra rua, indo, indo e voltando e muito mal. Foi quando passou uma senhora, me deu um sorriso e disse a frase da minha vida, né, “Jesus te ama”. E nesse dia eu tive força pra poder levantar e pedi ajuda pra minha mãe, né. Ela me ajudou, me mandou pra uma clínica lá no Rio Grande do Sul, chamava São Francisco. Ela, sabe, e me conhece muito bem, que aqui eu não conseguiria ficar. Nesse lugar eu fiquei nove meses, né? E depois disso eu reiniciei minha vida. Foi nesse tempo que eu me encontrei com Deus, foi nesse tempo que eu me envolvi na música, foi nesse tempo que, de verdade, a minha restauração começou a caminhar. [Ficou lá] Nove meses. De lá eu voltei pra São Paulo, voltei pra Mauá pra ajudar minha mãe, né, assim. Então aí foi uma luta, né, pra chegar.

[Pedi para ele voltar um pouco o relato e explicar melhor a primeira experiência em comunidade terapêutica] Então, porque chegou um tempo que eu não tava me contendo mais, tava usando muito crack, muito crack mesmo, tava roubando demais, tava queimado na comunidade, na favela onde eu morava no Jardim Silvana, Santo André. E aí eu roubei a casa do meu pai, tirei tudo que meu pai tinha dentro de casa, entendeu? Assim, tanto é que ele tentou me matar. Já tinha tentado me matar uma vez por causa de mistura e dessa vez aí ele comprou um revólver pra tentar me matar. Foi quando eu, de verdade, eu deixei tudo e fui pra rua mesmo. Na realidade foi por isso, né, porque eu roubei a casa do meu pai e ele disse que ia me matar, ia tirar minha vida.

Hoje, graças a Deus, conseguimos já nos relacionar. Já sabe da minha ordenação, tá muito feliz comigo, sabe? Foi um tempo muito difícil, né? Então, não é que eu ficava na rua

²³⁹ O prédio do Antigo Shopping Fashion Center Luz foi demolido em 2010. Antes o local abrigou a Rodoviária.

assiduamente, mas passava quinze dias, dez dias, ia pra casa de um parente, ficava cinco dias, voltava pra rua... Já cheguei ficar três meses na rua, tipo nômade de rua mesmo, né? Às vezes não tava na rua, mas tava às vezes dentro dum apartamento fazendo uma coisa pior, pior do que se fosse na rua assim sabe, sempre em função do uso da droga. Fiquei nove meses limpo.

Eu tive uma recaída depois de cinco anos. [Rindo] Hoje eu dou até risada! Depois que a gente muda de vida, que se encontra com Deus, o que você quer? Você quer uma mulher de Deus, né, e eu arrumei uma mulher de Deus, assim, né? Ela é a mulher que acho que eu mais amei na minha vida, e essa moça me traiu, né? [Ri muito com o meu comentário de que, se ela o traiu, não “era muito de Deus”] Hoje eu entendo que ela era de Deus porque Deus quem me quis mais. E aí não guentei, não guentei porque por causa dela eu já tinha deixado um pouco a espiritualidade, tava bem envolvidão, e tal, e a gente tava noivo há três anos, né? Aí tive uma queda feia.

Mesmo assim, que eu fiquei quase dois meses usando droga, né, retomei pro crack. Não usava mais nada depois disso. Só que era diferente, não era mais um nóia, né? Já tava há cinco anos limpo, tinha dinheiro, tinha moto, minha vida tava firmeza assim, né? Trabalhei de porteiro em São Caetano, no edifício I. Então, aí eu voltei a morar com a minha mãe, né, tinha um quartinho lá que era minha casa, tranquilo, ia na igreja, voltava, namorava, voltava, tinha uma convivência boa assim, né?

[Pergunto se ele voltou para a cracolândia] Não, não fui. Conseguia comprar crack lá no ABC mesmo. Eu entrei em depressão profunda depois disso, porque ficava pensando, né, que a minha mulher me traiu... essas coisas. Entrei em depressão profunda mesmo e não conseguia nem sair de casa mais. Os vinte dias antes de eu voltar pra uma casa de acolhida, minha segunda internação, eu já não saía de casa e ficava só dentro do quarto, mal, mal, mal mesmo assim, sabe? Quando um irmão que foi lá me buscar, o nome dele é Carlinhos, que me ajudou de verdade a retomar minha vida de novo assim. E aí começou o processo de restauração, né? Comecei a buscar de novo e... Só que eu tinha uma coisa diferente no meu coração, eu decidi dentro de mim que eu não me afastaria mais disso, entende? Eu decidi dentro de mim, que eu queria tá o mais perto de Deus possível. Porque somente na minha vida, assim, os momentos com Deus, daquilo que eu vivi com Deus, assim, que me fizeram feliz de verdade, né? Não é nem quando eu tinha... Hoje com maturidade parando e pensando,

fora do vício, da abstinência, essas coisas, você parando e pensando e hoje eu pensando, eu tenho certeza disso: que os momentos que eu vivi com Deus foram os mais felizes da minha vida. Não é o vício de droga, prostituta, ou seja lá o que for que a gente têm no meio do caminho pode dar essa felicidade que Deus dá.

A Missão Belém nem existia, a Missão Belém nasceu em 2005. Então aí fui pra essa casa, essa casa que ficava em Ribeirão Pires, né? Depois tivemos um pouco de dificuldade lá, mudamos pra Rio Grande da Serra, aí eu já tava envolvido no trabalho, já tava mais de anos assim, já tinha arrumado uma nova namorada, tava caminhando, fazendo um caminho tranquilo. Mas, como eu passei nesse processo de trabalho com os pobres, eu queria muito fazer algo gratuito pros pobres, né? Porque essa casa não é que era só minha, mas tinha um envolvimento da igreja que me cobrava isso. Era trezentos reais e uma cesta básica, né? Assim, a casa não valia nem a cesta básica, né, tanto é que a gente não passava de dez acolhidas nas casas assim.

E veio um desejo muito grande de fazer um trabalho. Foi um tempo que eu me aprofundei muito na espiritualidade, sabe, um tempo que eu coloquei muito meu coração em Deus, tava namorando, conseguir viver um pouco a castidade, né? Consegui colocar mesmo meu coração junto ao coração de Deus. E isso foi me impulsionando a conhecer pessoas, a estar juntos. Uma delas é até o Paulinho²⁴⁰, né, que tá aqui, que me apresentou, né?

Quando eu conversei com o Paulinho, ele era duma comunidade que chamava ‘Servos de Resgate’. Quando eu conversei com o Paulinho ele falou pra mim: “Eu tô conhecendo um padre muito louco aí, ele dorme na rua, você não quer conhecer, não?”... É muito bonito, né? [se emociona ao comentar a atitude do padre Gianpietro]. Aí ele falou: “olha, semana que vem ele vai vim aí e vai conversar com a gente”. A Missão Belém tinha ali nesse tempo um mês de nascimento. E assim foi. O padre ali tava reunido, eu, Paulinho e alguns jovens, ele ia celebrar, apareceu lá do jeito dele... já me encantei. Quando a gente sentou na mesa pra conversar que ele começou colocar o coração da obra, aquilo que ele tinha como desejo de viver, o meu coração bombava e... [aponta para o peito]. Sabe, quando você encontra, o quê você mais quer encontrar? Uma pérola preciosa como diz o evangelho, né?

²⁴⁰ Missionário que ajudou padre Gianpietro a criar a Missão Belém.

Assim, aí nesse dia ele me convidou pra uma formação²⁴¹ que seria quinze dias depois, que foi feita em Jarinu, na casa da dona Gina. E essa formação falava do jovem rico, né, e é muito bonita essa história, né, que o padre falava assim que, contando a história do jovem rico, dizendo que o olhar de Jesus, né, apaixonou ele, o jovem. Você conhece a parábola do jovem rico, com certeza, né? O jovem se aproxima de Jesus e fala pra ele “Senhor o que eu faço pra te servir melhor?” Ele fala: “Olha, cumpre os mandamentos” e aí o jovem sorriu e diz “Ah, eu já faço isso”. Aí eu pensei comigo: “Eu já faço isso” - porque eu tava bem envolvido, tava trabalhando, eu tava com o coração legal.

E é muito bonito esse evangelho, ele sai dizendo assim: “E Jesus olha para ele e disse, fitando nos olhos dele disse: Alguma coisa te falta”, essa palavra “alguma coisa te falta”, ela entrou dentro de mim com uma força tão grande! Tão grande mesmo [ênfatisa bem as palavras], que ela me remeteu lá aos onze anos de idade, quando eu comecei a usar droga. E dentro desse retiro eu comecei enxergar em meio a poucos minutos, de que tudo que eu fiz, tudo que eu busquei, tudo que eu queria, era pra de verdade encontrar aquilo que era maior, que era Deus dentro de mim. Que, na realidade, o quê me faltava era Deus, entende? Era isso que eu queria. Claro que aqui entra a admiração do chamado, aqui entra tudo isso, aqui assim. Mas eu encontrei o que eu queria, entende? O evangelho sinaliza, né, “alguma coisa te falta”, você deve ser perfeito. Vai. Dá tudo aos pobres, depois vem e “segue-me”, né?

O que faltava eu entendi, mas depois de dar tudo aos pobres também eu nem pensei, eu sei que eu saí dessa formação e já não cheguei mais em casa o mesmo. No outro dia dei tudo que eu tinha, tudo, tudo... Vendi moto, dei dinheiro pra minha mãe, as coisas que eu tinha dei tudo. Assim eu fiquei com duas calças, duas camisas, um chinelo.

[Ri quando comento que chinelo é a marca registrada da Missão Belém] E aí comecei. Só que tava meio noivo esse tempo também... [Pergunto o que é “meio noivo”] [Rindo bastante] Meio “tico tico no fubá”. Tava meio envolvido com uma pessoa, comprometido e chegou o tempo que não deu mais também, né? E eu cheguei nessa pessoa, conversei e ela ficou quase louca, me odeia até hoje por causa disso e quando entrei no carro dela e disse a ela que eu não queria mais, ela me xingou, falou que eu tô virando viado, que tava sabe, ela tirou a camisa e

²⁴¹ Retiro espiritual.

falou “Toca em mim pelo amor de Deus, o que que tá acontecendo com você?”, né, essas coisa assim.

Ficou difícil pra ela assim, né, mas quando eu saí daquele carro não existia homem mais feliz no mundo do que eu, porque a coisa que me prendia, a única coisa que me prendia que eu tinha assim, que me impedia de ser todo de Deus, de colocar no lugar tudo aquilo que faltava, como dizia o evangelho, eu tinha deixado pra trás.

Mudança de atitude

E aí seguiu. No dia 13 de julho de 2006, eu cheguei na Missão Belém, depois do processo de caminhada que eu cheguei até o padre, eu cheguei na Missão Belém. E dentro desse chamado, né, houve também um outro chamado, né, através do serviço, da entrega, né, do bem da fraternidade, eu cheguei aqui. Eu tava com vinte e nove anos, né, e eu fui identificando dentro do meu coração o desejo de ser padre.

[Pergunto se ele logo compreendeu o sentimento de ser padre] Não, não. Eu não entendia não. Eu não entendia nem qual chamado que era. Eu só entendia que eu teria que ser de Deus, sabe, que eu queria deixar todas as coisas que eu tinha, porque eu não tava feliz de verdade, entende? Eu não tava infeliz mesmo. Se eu tinha dinheiro não tinha nem onde gastar o dinheiro, tinha moto num tinha pra onde ir, tinha namorada a gente saía fazia alguma coisa, tentava também buscar pelo lado da sexualidade, também não era feliz. Falava pro... “O que que tá acontecendo comigo? Tô ficando doido?”.

O que me deixava feliz era meu irmão se restaurando, uma pessoa mudando de vida, quando me encontrava em oração, né? Também, isso me deixava muito feliz. Assim, fui na realidade, fui aprofundando, né, isso dentro de mim até tomar essa atitude de deixar tudo, né, de deixar tudo pra servir a Deus.

[Pergunto se ele sabe o momento exato que ele compreendeu que queria ser padre] O primeiro trabalho que eu tive na Missão foi cuidar das crianças de rua, porque eu era responsável da Casa Nazaré e lá tinha um menino que era terrível [fala enfaticamente, separando as sílabas], o nome dele era F. Ele tinha um pouco de problema mental, aqueles

meninos que causam, causam, causam de verdade e tira de dentro de você o pior que você tem, né? E depois de um dia muito difícil, muito difícil mesmo de falar, “Meu, vou embora desse lugar”, quando eu fui dormir, ele... À noite parecia um anjo, né, ele falava assim: “Tio, eu tô com medo de dormir, posso dormir aí com você”? [Imitando a voz de uma criança]. Minha vontade era esganar ele, sabe? [Rindo muito]. Falei: “F, venha, deita aqui”. Esse menino deitou, começou dormir, eu cantei uma música pra ele, eu sei que enquanto eu dormia, assim, foi uma experiência mesmo de Deus, né? Você tá meio acordado, meio dormindo, e eu olhava pra ele parecia que eu era ele e ele era eu. Eu não sabia distinguir quem era ele e quem era eu, assim, sabe? E depois, nas orações, assim, Deus falou muito ao coração, né? “Você é pai desse povo”. Eu entendi, “eu tô aqui pra ser pai, né, mas um padre? Um padre desse povo, né? E o sacerdócio é isso. É um serviço, né, um serviço de entrega, um serviço de abandono, pelos mais pequenos, né? E foi nesse dia que eu decidi ser padre, que eu decidi que eu quis de verdade, né. Mais uma vez, dentro do chamado, deixar tudo, né, minhas convicções, deixar toda a loucura da cabeça, a afetividade e sexualidade e colocar tudo nas mãos de Deus, né?

[Pergunto se ele foi para o seminário logo depois] Não, não, isso foi... Eu entrei na Missão Belém dia 13 de janeiro de 2006, isso foi no final de 2007. Final de 2007 eu comecei a estudar, entrei na Teologia eu entrei em 2010. Desculpa 2009. Tá chegando a hora, do serviço, né? Muito feliz. É um tempo de... Assim, é um tempo de síntese, né, da nossa vida, porque você para e pensa: o quanto Deus me amou, o quanto Deus me quis, quantos jovens não morrem no uso de drogas, quantos jovens não estão presos por causa de droga, e Deus me tirou do lixo pra ser padre, me tirou do crack pra ser padre, né? Assim, isso toca muito no meu coração. O tempo que a família tá voltando também, depois de todo esse tempo: “Nossa, que bom que você vai...” não digo o reconhecimento, mas fico muito feliz por retomar alguns laços assim, né? Coisas da minha história mesmo, né, que Deus trabalhando assim... Então eu tô bastante feliz, tô em paz também, né? Tudo isso, né, o meu sacerdócio, o meu serviço, minha vida, minha consagração, tudo isso é pros pobres de minha comunidade, né, da igreja de Deus, tudo isso é pra eles assim.

Nunca procurei atendimento médico, nunca. Assim, sempre fui católico, mas nunca...

[Pergunto se a mãe aceitou bem a ideia de ele ser padre] Minha mãe na verdade ela... A vida da minha mãe era homem, era sair, show do Amado Batista [rindo bastante]... Hoje ela é diferente, ela também se encontrou com Deus. Hoje ela é católica, tá na luta dela também, hoje ela tá muito feliz. Você vai conhecer ela um dia, se Deus quiser. [Pergunto se ele teve filhos] Não, eu nunca tive filhos, graças a Deus. Parei de usar drogas em 1998, dezessete anos, né? Tive a recaída e parei mesmo em 2003. Mas nunca tive filho não.

[Ri antes de responder sobre a importância da religião na vida dele] Religião é religare. Ela é o instrumento de Deus pra me salvar. Foi o canal aonde Deus me alcançou, onde Deus apaixonou meu coração a Ele, né? A religião, pra mim, é onde eu me encontro com Deus, né, é onde - de verdade, eu me ligo a Ele e Ele se liga a mim. Assim, a religião pra mim é isso.

[Ri ao responder sobre a diferença dele antes e depois do que ele chama de “caminhada”] Não mudou muita coisa, não. A única diferença é que eu coloquei Deus no centro de tudo. É isso. Muitas dificuldades, muitas lutas, que a gente deve travar todos os dias. Uma pessoa que nunca usou drogas também deve travar as suas. Pra mim, as maiores drogas do mundo é o orgulho, é a inveja, é a mentira - são contra essas drogas que nós lutamos hoje, que eu luto hoje. Também assim, sobre Deus, né?

[Pergunto se o processo de recuperação foi fácil] Não é até hoje. Não é até hoje. [Rindo] Todos os dias eu luto contra as drogas. Eu não tenho fissura, assim, mas por exemplo num momento de dificuldade, né, quando altera o ânimo, nas dificuldades, sempre a primeira luta que vem, que você quer fazer primeiro, né, sempre é essa coisa. É a luta, tem gente que é viciado em sexo, tem gente que é viciado em jogo. A droga também foi um canal de graça pra minha vida, né, porque eu acredito muito que eu sou fruto dessa história que eu tô te contando, que se eu cheguei até aqui existe um motivo grande pra isso. E eu sei que é minha vida, minha doação, né. Falo sem nenhuma soberba, assim, o pouco que eu posso dar aos pobres é Deus, né, já pensou? Penso muito assim. Mas é uma luta todo dia, tem dia que sonho usando droga, tem dia que acordo e tô sentado soltando fumaça de crack que eu soltei de noite. Só você e o padre sabem disso agora. [Rindo muito]

Mas é pra vida toda, entende? A gente deve ter essa maturidade, né? É uma luta pra vida toda, e se um dia você tiver que cair, você vai fazer pior do que você já fez. Aqui minha luta não é “Ah que vontade”, não. Essa coisa ruim, a dificuldade, desejo, lembra só de como era bom, sempre você pensa isso, não pensa das coisas que foi ruim, entende? Que eu tava lá, sujo, um mês sem tomar banho, fedendo cocô, fedendo xixi, mijo... Como a gente fica e não percebe muitas vezes, só lembra de quando tinha bastante droga. Essas coisas. Isso acaba mexendo um pouco, né? É uma escolha, né, a vontade é igual sorvete: dura cinco minutos. Depois passa. Só resistir. No início são lutas duras. Eu cheguei ter convulsão de desejo de usar, eu tive a opção no início de não andar com dinheiro. Então eu trabalhava e quem recebia o dinheiro era minha mãe. Eu sabia que se eu pegasse na mão, pra mim seria difícil. Deus me deu um pouco dessa graça e um pouco da maturidade de pensar dessa forma, entende? De não sair, aquilo de procurar velhos lugares, velhos amigos, essas coisas, assim, foram coisas que me ajudaram muito. Hoje eu volto na cracolândia tranquilo, vou lá evangelizo, mas nunca vou lá sozinho. [Rindo] Vou em missão. Eles tão na luta, né, todos estão na luta ali.

[Sobre sua primeira passagem em casa de recuperação] Eu era um moleque, né? Quando eu cheguei lá, eu tava com 20/21 anos, assim. Então eu era muito bobo, malandro, aquelas coisas de moleque assim, né, quer impor regra, acha que é... Coisa de moleque de rua mesmo. Então sofri muito na disciplina porque era bem rígido, era esquema de AE, Amor Exigente, né, então era aquilo “Eu te amo, mas não te aceito do jeito que você é”, entendeu? Então, assim, foi um pouco penoso, mas devagarzinho eu fui entrando, assim... Esses dias, eu fazendo uma reflexão sobre isso, acho que desde esse tempo Deus já trabalhava ali dentro de mim, porque foi um processo muito forte assim, né, de mudança.

Perdão, esqueci de falar uma coisa importante. Quando eu tinha quatro meses nessa casa, era o dia das mães e assim, quando era festa por volta das quatro/cinco horas da tarde faziam louvor, né, na casa. Esse dia eu senti muita falta da minha família, sabe, muita, muita falta da minha família. E eu nunca tinha ajoelhado pra Deus, assim, sabe? Nunca tinha me prostrado pra Deus. Já tinha me ajoelhado pra catar biritinha de droga no chão, mas pra Deus, pedindo “muda minha vida”, eu nunca tinha feito isso, né? Nesse dia, em meio a pranto, assim, chorava muito, chorava, chorava... Eu me ajoelhei assim, sabe? Me ajoelhei e pedi pra Deus, assim, fui tomado por uma força tão grande! Hoje eu sei que é o Espírito de Deus que mudou minha forma de falar. Eu sei que, quando eu acordei, eu tava ali no chão, eu levantei,

eu limpei minhas roupas, eu senti uma paz muito grande e muito forte dentro de mim, como eu nunca tinha sentido na minha vida. Aqui também é um ponto-chave que me deu forças pra mudar, depois desse tempo eu nunca mais fui o mesmo.

Depois desse dia aí eu comecei a respeitar mais, eu comecei a ser mais silencioso, a observar mais. Eu deixei o povo que não queria nada, comecei a caminhar com quem buscava de verdade. Então, foi uma coisa bonita aí que aconteceu, um ponto bonito. Aqui acho que foi a minha primeira efusão²⁴² no Espírito Santo, acho não tenho certeza, foi a efusão do Espírito Santo na minha vida. [Hoje] Eu sou livre. Aí você coloca do jeito que você quiser, livre, curado, liberto. Eu sou livre graças a Deus. [Rindo].

[Pergunto o que ele espera para depois de 12 de dezembro de 2015, dia de sua ordenação] Depois do dia 12 de dezembro é minha ordenação diaconal, né, depois a minha ordenação presbiteral, né, que aí eu vou ser padre de verdade. Então, não tem data ainda. Assim, às vezes as pessoas pensam... É o caminho, né, de chegar no final e dizer: “Ufa agora cheguei, ah já era”, né? [Faz sinal de alívio]. Não é isso. Pra mim, pra mim, o sacerdócio, a minha vida de oração, meu contato com Deus é um meio de eu ir além pra chegar nos pobres. Os pobres é a minha única razão de ser padre. É pra eles tudo isso. O meu desejo é servir os pobres até o final da minha vida, até quando eu não tiver mais forças, em meio às minhas limitações, em meio às dificuldades, coisas que eu preciso fazer, mudar, mas esse é o desejo mais profundo que eu tenho dentro de mim, serviço aos pobres na minha comunidade. É, isso não sou eu que decido. São os meus superiores. Meu desejo é ficar com os pobres. É da cracolândia, do Haiti, ou qualquer canto do mundo. Madre Teresa falava uma coisa muito bonita, né, falar de Jesus. Se os pobres estivessem na lua, lá nós iríamos, Então eu quero levar Jesus aonde ninguém quer ir, né. Quantas pessoas que se ordena e querem ficar nas paróquias ricas, querem... Quero ficar com os pobres é esse o meu desejo. Na rua, dentro das casas de acolhida, dentro de um grupo, aonde precisar...

[Fora do roteiro, pergunto se ele gostaria de acrescentar alguma coisa que considerasse importante] Olha, assim, eu queria muito reforçar. A programação de dependentes químicos que têm por aí, as salas de narcóticos anônimos, assim, eles colocam a droga como “não tem

²⁴² Experiência que normalmente decorre de um momento de oração e pela qual a pessoa adquire um novo e apurado senso de valor espiritual [Fonte: Wikipédia].

cura”, que ela é lenta, progressiva e fatal. De verdade é isso, mas, com minha vida eu queria dizer que existe esse processo de cura e o processo de cura é, “hoje”, é dizer não hoje [ênfatisa bem a palavra hoje]. Não é só por hoje que todo mundo usa, né? “Não, hoje eu não quero”, hoje, entende? E isso é bíblico. É a vontade de Deus, deixar suas preocupações, o amanhã pra amanhã e viva o quê você tem que viver hoje. E, às vezes, a pessoa acaba fazendo da própria programação, daquilo que tá buscando uma droga. Porque se coloca numa condição de não ser livre, entende? É aquilo que cê perguntou pra mim, né, “Você é livre?” Eu não tô criticando, não, não tô falando nada disso, eu tô querendo dizer com tudo isso que eu tô dizendo que, sem uma experiência profunda com Deus é impossível parar de usar droga, entende? Porque o dependente químico de verdade, ele deve morar dentro da chaga do coração de Deus, né? Isso pra você colocar, você pode colocar do jeito que você quiser... Eu sinto muito isso, porque é isso que ajuda a gente no trabalho de recuperação também. Que eu já tô já há quase dezoito anos, que as pessoas que prosperaram são aquelas que se aprofundaram em Deus, no serviço aos irmãos, entende? Acho que isso é importante a gente poder colocar, assim, somente isso.

A gente só pode dar o que têm, né? E nessa bagagem eu trago muita coisa. [Rindo]. Acredito que sim. Do jeito que eu era antes, do que Deus me transformou, sempre têm muita coisa pra mudar, né? Droga não é só crack, maconha, cocaína, álcool, cigarro, né? Têm drogas que é muito piores, né? Orgulho é a pior droga do mundo. [Pergunto se ele era muito orgulhoso] Se eu era? Eu sou ainda [Rindo muito]. Vou melhorar muito. É, o orgulho é a raiz de todas as coisas, né, soberba. O dependente químico, em si, são pessoas muito especiais, sabe? Assim... que às vezes acaba... Por ser inteligente, acaba caindo bastante nesse orgulho, assim. Atrapalha, porque o chão da caminhada é a humildade, né?

Sim, falei sim do fundo do meu, sim consigo. Sabe por quê? Porque chega um tempo na nossa caminhada, que você precisa voltar atrás, né? Você precisa voltar e começar amarrar os laços que você desfez lá atrás. Então eu consegui retomar isso, consegui conversar com a minha mãe, consegui trazer ela pra igreja, consegui ir conversar com meu pai, consegui olhar nos olhos dele e perguntar: “pai, por que cê quis me matar?” Chorar junto com ele... a gente se abraçar, né? Claro que das coisas que eu tirei isso não dá pra restituir, entende? Mas de ir lá e pedi perdão, arrumo os laços com as famílias assim, né? Também pra essa noiva que ficou

brava comigo de dizer pra ela: “olha, me perdoa”. Eu queria te convidar pra ordenação... Mas não fui nela, não. Foi a minha mãe. Não ousaria fazer isso. [Rindo muito].

Missão Belém – Padre Gianpietro Carraro – 03.12-2015

Entrevista realizada depois de várias tentativas. O padre passou bastante tempo no Haiti neste ano, acompanhando a obra da Missão Belém no país, que atende crianças órfãs do terremoto. Cheguei a mandar o email abaixo, no dia 14 de outubro de 2015, por sugestão da irmã do padre, Chiara, que trabalha com ele na Missão Belém. Sem sucesso.

Prezado pe. Gianpietro, meu nome é Ana Trigo e no ano passado nós conversamos sobre o início da minha pesquisa de mestrado O PAPEL DA RELIGIÃO NA RECUPERAÇÃO DOS DEPENDENTES QUÍMICOS NA CRACOLÂNDIA, que estou fazendo na disciplina de Ciências da Religião da PUC-SP (o senhor inclusive assinou a autorização para eu acompanhar o trabalho missionário).

Estou com o trabalho bastante adiantado e já entrevistei alguns dos rapazes na Guadalupe, com o apoio do Eduardo e do Lucas. Mas preciso de informações adicionais. São elas:

Local e data do nascimento

Chegada ao Brasil

Qdo se ordenou? Qual congregação pertence?

Sempre trabalhou com populações de excluídos?

Qdo percebeu que esse era seu chamado?

1) Uma vez que a pessoa se interesse na recuperação, qual o caminho que ela faz dentro da Missão Belém? Quanto tempo fica numa casa de passagem? Obrigatoriamente tem que ir para o sítio? Quanto tempo em média dura o processo até ser considerado recuperado? O tempo é o mesmo para homens e mulheres?

2) Como é feito o processo de recuperação? Quais atividades, estudos e, inclusive, obrigações da pessoa em processo de recuperação? Aqui é interessante descrever um dia de trabalho do "interno" na casa.

3) O que é necessário para que a pessoa seja considerada recuperada? Como a Missão Belém percebe isso?

4) O Elizeu me contou que vocês estão acompanhando um grupo de pessoas que estão recuperadas. Como é feito esse acompanhamento? Por quanto tempo? O que o senhor considera importante nessa etapa? A abstinência total, por exemplo?

5) O senhor tem uma estatística pronta desse acompanhamento? Quantas pessoas passaram pelas casas de Missão e hoje são consideradas recuperadas?

6) Posso receber essas estatísticas? Quantos homens e quantas mulheres?

7) Quantas pessoas estão acolhidas hoje na missão? Gostaria de receber esse número separado por casas e por homens/mulheres/crianças.

Finalmente, consegui a entrevista. Como tínhamos pouco tempo (parte da conversa se deu na rua, quando o padre se dirigia para o escritório da Missão) ficou combinado que eu pegaria o histórico da entidade no vídeo que está no site da entidade (disponível em <http://www.missionebelem.com/brasil/quem-somos/>). Esta é a única entrevista que não tem áudio. Infelizmente, o gravador, apesar de ligado, não registrou a conversa com o padre. Recorri às anotações que fiz durante o encontro.

Nascido em Sandon, na cidade de Fossò, norte da Itália, perto de Veneza, no dia 1º de dezembro de 1962. Foi ordenado em 1987 ainda na Itália como padre diocesano. Está em São

Paulo desde 2000. Chegou ao Brasil em 1994 em Belo Horizonte. Pertencia a uma comunidade italiana. Em 1996 chegou a SP. Nem sempre trabalhou com comunidades excluídas. Em 1996 foi nomeado pároco na região sul de SP e vinha muito ao Centro da cidade e via os moradores de rua. Em 2000 começou a viver na rua. A paróquia no Jacira, M'Boi Mirim. Extremo sul da cidade. A cidade acabava na minha igreja. Em 1999 pouco antes do ano 2000 teve o pensamento, desejo de sempre se dedicar a esse povo tão sofrido, marginalizado. No ano 2000 conseguiu a permissão do bispo D. Claudio Hummes confiou paróquia em Taipas, ZN, e depois o liberou em 2001 tornou padre de rua. Teve a permissão do bispo. Precisou pedir a permissão. A Igreja é uma família e eu represento a Igreja de SP.

Em 2005 começamos a ser uma base da Missão Belém na rua com um pequeno grupo: irmã Cacilda, que conhecia desde 2001, Paulinho, Gilson, Luciana (que se casou), Sandrinha (hoje missionária no Haiti), minha irmã Chiara e Miriam (outra missionária). Esse grupo cresceu e entre consagrados ou a caminho da consagração, que são 90, e irmãos que sustentam as casas de acolhida somos cerca de 200 pessoas. Hoje 160 casas de acolhida. Em 2005 era 1 com 10 acolhidos. Hoje temos 2100. Consagração – voto de entrega total a Deus.

O nome missão Belém expressa a nossa natureza. Belém é o lugar onde Jesus Nasceu, pobre no meio dos pobres. Nós moramos em um barraco. Missão porque formamos um corpo único. Não somos obra de assistência. 40 mil pessoas já passaram (pelas casas da Missão). Calculamos que 43% saíram mesmo (do vício). Estatística de 2000 pessoas (que conseguiram entrevistar). Mas nossa obra não é social é de vocação. Vivemos como uma família. Missão se entende muita coisa, ir além, ao motivo dos últimos.

A palavra que gostaríamos de usar é restauração. Nosso principal alvo não são as drogas, mas o vazio que as pessoas têm dentro de si que pode se manifestar como compulsão no uso das drogas. É classificado como usuário de drogas. Muitas pessoas usam bebida excessiva, o sexo para alguns é uma droga. Outros como o dinheiro como droga. já ouvimos falar até em óculos com simulação de sexo ou drogas (óculos de realidade virtual). O mundo tem dificuldade em saber o que é droga ou o que não é.

Nosso objetivo é oferecer um preenchimento a esse tremendo vazio. A droga é usada como uma defesa para não enlouquecer. Aquela brisa, aquela viagem... se vc oferece a essa

pessoa algo mais precioso que a brisa ela deixa a droga. e se tem boa vontade e fé, a religião tem interferência na psique e afeta o desejo de droga. Quem convenceu a não usar o crack...

Usam o crack debaixo dos olhos da polícia. Você tem certeza que a fé mexeu e chega a não sentir mais a necessidade do crack.

Caminhada de 6 meses. Voltam à crackolândia, o irmão usa e eles não usam. Caminhada de restauração mais global é muito simples. Na casa respiram clima de família muito típico da fé cristã. Encontram o prazer de ser filho de Deus. Nestes anos 40 mil pessoas, mas são muito mais. Eu poderia te apresentar milhares de pessoas.

O tempo que entra em contato coma dimensão espiritual, o tempo é relativo. Mas sugerimos 3 meses de retiro espiritual, para sair do mundo louco da crackolândia. Depois aconselhamos a ficar mais 6 meses. Mas só podemos aconselhar, aqui não é uma prisão e se a pessoa quiser ir embora...

Mas temos um caso de 3 dias. Está nos testemunhos que colocamos no canal do youtube Drogas, nunca mais! (https://www.youtube.com/channel/UCKs7ED1qeF5qve1-_ixuzsA). Há casos de dois meses e casos infelizes de pessoas que ficam um ano conosco e caem de novo. Nestes anos todos 50 mil acolhidos. Pesquisando os 40 mil conseguimos constatar que 43% está muito bem. 8% voltou à Missão (como missionários e/ou voluntário). 8% foi para outros serviços. 2%, 3% estão mortos. 5% ou 6% estão na cadeia. 15% ainda estão nas ruas por conta das recaídas. Grande laço. Há casos de usuários que já passaram por aqui mas caíram, que chegam aqui com 3 ou 4 irmãos para serem restaurados, mas eles mesmo não ficam. Pergunto se tem algum que não quis ir embora nunca mais. E temos esses 200 que trabalham. A maioria ficou aqui para sempre. E não ganhamos nada, não temos salário. Apenas o básico, moradia, comida, dinheiro para transporte.

Temos uma entrada mensal de 700 pessoas. A metade entra por aqui (Guadalupe) a outra metade vai direto para os sítios. O processo sempre é o mesmo, basicamente há um período de 20 dias para a triagem, para conhecer a missão, conseguir superar a abstinência. Depois pedimos uma escolha (ficar aqui ou ir para o sítio), mas não é uma cadeia. A

abstinência do álcool é pior que a do crack. O alcoólatra pode tremer por um mês. No caso do crack, depois de uma semana, o usuário não tem mais alucinações.

“Somos todos dependentes”, todos estamos sujeitos a cair, eu inclusive. Tivemos um caso de um psiquiatra que trabalhava numa grande estrutura pública, não vou dizer o nome, quis trabalhar conosco como voluntário. Mas chamou muito a atenção porque passou a comer as folhas das plantas que temos aqui. Logo os irmãos começaram a comentar que ele era usuário de cocaína. Eles sabem os sinais, conhecem...

Como sabemos se a pessoa se restaurou? O sinal é quando as pessoas pensam mais nos outros do que em si mesmos, quando tem a sua psicologia e sua força projetada nos outros. Assim essa pessoa pode ficar bem tranquila, mesmo no ambiente da cracolândia que costumava ser dela. Ela sabe lidar com o problema, adquire uma força, sabe?

Sobre o número de mulheres. Mais ou menos 10% (dos acolhidos) são mulheres. Temos 80 mulheres em uma casa, 30 são doentes e 27 na casa das mães. Média na cracolândia diária são mil pessoas. Na sexta à noite sobe para 1800 pessoas. Sabemos porque ajudamos a Temer²⁴³ a contar. Mas ficar no fluxo um dia dá pra ver claramente que não existe uma política, falta claramente vontade política (comentou sobre o uso e venda de droga aos lado dos policiais que patrulham o local diariamente).

Nos primeiros 2, 3 dias, querem só dormir e comer. Acordam às 6h. Têm um momento de espiritualidade, de oração, deve estar presente, mas é um momento que não pode ser imposto. às 8h é o café da manhã. Depois, é o momento de trabalho. A casa precisa funcionar, ser limpa, fazer a manutenção, acolher os recém chegados... dividimos as tarefas entre todos. Antes do almoço há um momento de espiritualidade. Depois, voltamos aos afazeres da casa. Por volta das 16h há um lanche e banho. às 18h palestras ou filmes escolhidos, sempre com alguma mensagem edificante, com temas positivos e construtivos, como Gandhi, por exemplo. Depois do jantar nos reunimos e contamos como foi o nosso dia, nossas dificuldades.

²⁴³ Segundo o padre, foi um pedido da secretária Municipal da Assistência Social e Desenvolvimento Social, Luciana Temer.

O diário é feito no momento de espiritualidade da manhã (cada um tem seu diário, um livreto com mensagens diárias e com espaço para escrever seus sentimentos do dia. A cada mês os acolhidos recebem um novo diário com mensagens diferentes). Sempre há um trecho bíblico por dia. Também gravamos, eu ou a irmã Cacilda, uma mensagem em áudio (fica disponível no Facebook da Missão). No momento de reflexão, a pessoa se sente interrogada de fato e a maioria acolhe a mensagem. Também incentivamos que escrevam cartas para suas famílias. No diário eles podem anotar as frases que mais tocam o coração deles. E transformam isso num propósito. Se a pessoa é mais nervosa, pode trabalhar a calma. Pedimos para escrever na mão porque é mais fácil de lembrar. Mas se não quiser escrever, não tem problema. O importante é trabalhar um propósito diário. E à noite se perguntar se conseguiu atingir o objetivo. A tentação de ir embora é fácil.

Temos um convênio com a Fundação Porta Aberta e com o Senai. Se a pessoa ficar 6 meses na Missão vai poder participar da capacitação e sair com trabalho. Temos por nossa conta a capacidade de colocar 30 a 40 pessoas no mercado de trabalho por mês. Com o convênio com essa associação poderemos dobrar a capacidade. Em Jarinu temos oficina de marcenaria, padaria, serralheria e oficina mecânica. Com o Senai também vão aprender informática e montagem de móveis.

Reproduzo aqui o “histórico” da Missão Belém que consta do vídeo de apresentação da entidade.

(Narradora) A pré-história da missão Belém, iniciou no ano 2000. Ano do grande jubileu. Padre Gianpietro e Cacilda, se encontraram na grande metrópole de São Paulo. Ambos sentiam que Deus os chamava a uma especial missão com os pobres. Juntos, se aventuraram no misterioso mundo dos meninos de rua, e do povo de rua da capital.

O primeiro encontro com os menores de rua, aconteceu no Vale do Anhangabaú, no Viaduto do Chá. Rapidamente se criou uma profunda identificação entre os missionários e esses pobres meninos, perdidos na cola e no tiner. Como São Paulo disse: “Da mesma forma

que a ama, acalenta suas crianças. Levados pela nossa ternura para convosco, desejávamos dar-vos não somente o evangelho, mas a nossa própria vida, porque sois muito queridos”.

Nada conheciam desse mundo perdido, somente tinham um imenso desejo de descer nesses porões infernais, para levar o amor e o carinho de Deus a esse povo sedento e abandonado. Deus pedia mais e mais. Logo nas primeiras visitas, os missionários entenderam que para entrar nesse mundo não bastava levar um cafezinho, mas era necessário mergulhar, descer, tornar-se um deles. Até virar as noites e dormir junto aos meninos de rua, debaixo da ponte. Foi assim que se abriu o imenso e trágico cenário do povo de rua. Acorrentado aos vícios da rua.

Os dias e as noites na rua se multiplicavam sempre mais. A rua parecia o tanque de todos os caídos, todos os abandonados, todos os que estavam sós. Nossos irmãos eram como buracos negros, sedentos de amor. A rua parece um submundo esquecido, um porão infernal. Apesar de estar diante dos olhos de todos, muitos preferem não ver, não tocar, não pensar, não sentir.

Os missionários, ao contrário, se sentiam fortemente atraídos por esse mundo de sofrimento. Como se o próprio Jesus os falasse: “Eu estou aqui, e você? Para onde vai? Os pobres são o meu sacrário, vem me visitar”. Com um imenso afeto, nos lançamos no meio desses irmãos. Sentíamos o amor de Deus transbordar dos nossos corações. Os pobres eram para nós um potente imã que nos atraía, e dentro desse laço de amor acontecia a evangelização.

Seguindo o caminho que Nossa Senhora nos indicava, no dia 1º de outubro, do ano de 2005, festa de santa Terezinha do Menino Jesus, a santa da pequenez, iniciou a Missão Belém, na Itália e no Brasil. Padre Gianpietro, Cacilda e os primeiros, foram morar em uma favela no centro de São Paulo. Iniciaram essa experiência com a bênção do cardeal Hummes, ex-prefeito da congregação para o clero, e com o acompanhamento carinhoso de Dom Pedro Luiz Stringhini, bispo auxiliar, que se sentia parte da Missão Belém.

Nesse 1º de outubro de 2005, a Missão Belém contava com: uma casa de restauração que acolhia dez irmãos; o casal Silvio e Marlene, que já acolhia alguns meninos de rua; Chiara e Miriam, duas consagradas que decidiram dar tudo aos pobres, unindo-se a Missão Belém. Alguns jovens estavam se aproximando, mas a recém-nascida Missão Belém não

passava de seis membros consagrados e dez acolhidos. Jesus operou um verdadeiro milagre de multiplicação. Todo dia, novas pessoas se uniam a nós nesse ideal de amor aos pobres.

Ficando na rua constantemente, inúmeros irmãos queriam sair e assim os acolhidos aumentavam mais e mais. Nossa Senhora como mãe cuidadosa, nos ajudava a abrir sempre novas casas de restauração. No término do primeiro ano já eram doze, hoje, as casas da Missão são 105, os irmãos acolhidos são 1.400. Na Missão do Haiti, 500, entre crianças e adultos, são acolhidos no nosso centro de sol a sol. Todo dia na Missão se cozinham mais de duzentos quilos de arroz, acontecem dez mil refeições diárias e Deus providencia tudo.

A simples existência da Missão Belém, testemunha que Deus existe e cuida dos seus filhos. Sentimos que Maria, a mãe de Jesus se tornou também a nossa querida mãe. Todas as etapas fundamentais da Missão Belém foram marcadas pela sua presença de mãe cuidadosa. A primeira inspiração da Missão Belém iniciou no dia de Nossa Senhora do Carmo, no ano de 2005, e a aprovação canônica aconteceu na festa de Nossa Senhora do Carmo, em 2010.

Maria nos abraça do começo ao fim, em tudo. E nos dá a força de enfrentar qualquer combate, como ela fez com o dragão antigo. Hoje, além dos acolhidos, a obra religiosa Missão Belém é composta por: 70 missionários consagrados com votos regulares, professados nas mãos do cardeal de São Paulo; 14 casais acolhedores; 200 membros leigos, responsáveis das casas de restauração; Dezenas de grupos de evangelização para jovens e adultos no Brasil e na Itália, que recolhem cerca de 800 pessoas; 8 mil amigos e colaboradores, sobretudo na Itália e no Brasil, que vivem a espiritualidade da Missão Belém, através do diário espiritual, que é a nossa coluna.

Desde o início, apesar da nossa pequenez, a igreja de São Paulo nos apoiou e encorajou. O cardeal Dom Odilo Pedro Scherer visitou o nosso primeiro barraco e se entreteve familiarmente conosco, partilhando seu coração. O carisma que Deus nos ensinou, pode ser comparado a uma grande roda cujo centro são os pobres. Tudo se move ao redor deles.

Desde o início, realizamos continuas missões na rua, vivendo inteiras semanas junto ao povo de rua. Passando dia e noite com os irmãos de rua. Dormindo com eles nas calçadas, debaixo das pontes e marquises, partilhando em tudo sua vida sofrida, a fim de propor os novos valores evangélicos.

É nossa profunda convicção, de que a vivência do evangelho resgata por si mesma, oferecendo valores humanos suficientes para iniciar uma caminhada de restauração que afaste de qualquer vício. A nossa missão é levar o santo evangelho em todos os fundos do poço que existem na nossa sociedade, diante dos quais normalmente o poder público se encontra impotente.

Escreve Erich Fromm, um mestre da psicanálise: “O número dos suicídios, dos homicídios, dos atos de vandalismo, a porcentagem dos alcoólatras e dos drogados, não seriam talvez um eficaz comentário ao ditado ‘não só de pão o homem viverá’”. O homem sem Deus se perde totalmente.

Diante de tudo isso podemos entender a frase do famoso psicanalista Jung: “O homem vive inteiramente quando, e apenas quando ele se relaciona com Deus e aquele que dirige seus passos e determina seu destino”. Continua o psicanalista Jung: “Entre todos os meus doentes, não houve um só, cujo problema mais profundo não fosse constituído pela questão de sua atitude religiosa. Todos em última instância estavam doentes por terem perdido aquilo que uma religião viva, sempre deu em todos os tempos aos seus adeptos, e nenhum se curou totalmente sem recuperar a atitude religiosa que lhe fosse própria”.

Descobrimos Jesus e seu evangelho, esses irmãos que encontramos nas ruas têm a sensação extraordinária de renascer, e de ser capazes de uma vida nova. Aqueles que aceitam, logo vêm para nossas pequenas casas. Residências familiares privadas, onde um irmão de rua resgatado a mais tempo, representa o pai da família e todos se empenham a viver como irmãos, segundo convite do santo evangelho. Nada se paga e nada se ganha, participando livremente dessa família de Deus.

Em qualquer momento cada um está livre de tomar um outro caminho, mas a experiência feita é tão profunda que impede de voltar para o buraco de onde cada um saiu. Trata-se de pequenas famílias de oração e vivência evangélica. Famílias privadas e particulares, não clínicas, nem comunidades terapêuticas, que afastam das drogas e de qualquer vício.

(Padre Gianpietro) Na Missão Belém, temos um lema que costumamos repetir com frequência “náufrago salvando náufrago”. A nossa vida é muito simples, humilde, pessoas que se resgataram das ruas, saíram dos vícios terríveis - que vimos em todo este filme que apresentamos para vocês - decidem ficar conosco.

A maioria regressa à sociedade, entra no convívio social normalmente, trabalha, têm uma vivência normal, mas alguns sentem de ficar conosco como missionários ao nosso lado, e eles se torna responsáveis das casas de acolhida. Repito que são pessoas simples, humildes, a única preparação é a experiência de vida que eles tiveram, e a força do santo evangelho que renova todo dia a vida deles.

Então, o exemplo que damos é do naufrago que tenta salvar a si mesmo, mas acontece se com uma mão ele nada e com a outra ele segura o irmão que está atrás dele, então salva a si mesmo e salva aos outros. Isso é muito forte na Missão Belém, porque cada um que está dentro da missão não procura a sua própria salvação somente, mas o nosso objetivo é estender a mão a quem está pior do que nós. Então se torna um estímulo. Amando se constrói a própria personalidade. Cuidando dos irmãos se fortalece também a nossa caminhada. “Naufrago salvando naufrago” este é o nosso princípio.

(Narradora) Quando a palavra de Deus entra no coração de uma pessoa, logo o que não presta vai embora. Colocando a palavra de Deus diante dos nossos olhos, dentro da nossa mente, os pensamentos negativos fogem. Colocando Deus dentro do coração, as más vontades se afastam.

Estamos convencidos que a droga e qualquer vício, são os sintomas mais claros da falta de Deus, e que é possível sair deles somente através de um encontro profundo com Deus. Como falava o psicanalista Jung: “O salmo 106 expressa claramente, o princípio que alicerça a nossa restauração”. “Jaziam nas trevas, e na sombra da morte, prisioneiros de sofrimentos e de grilhões, por se terem revoltado contra os oráculos de Deus e desprezado os designios do altíssimo, ficaram abatidos e ninguém os socorria. Insensatos, no caminho da transgressão, eram afligidos por suas iniquidades. Jaziam pelas culpas abatidos, na sua aflição clamaram ao Senhor e ele o livrou de suas angústias. Enviou sua palavra para curá-los e da cova preservar sua vida. Que louvem o Senhor por sua bondade e por suas maravilhas em favor dos homens”.

Ao longo desses anos, entendemos que as drogas são um sintoma e não uma doença profunda. O crack, o oxi e a cocaína, a maconha, o álcool e qualquer substância entorpecente, são um sinal da profunda insatisfação que a pessoa sente. A tristeza existencial, a falta de ideais e de motivações para viver, impulsiona a pessoa a fugir do seu terrível vazio, que a faz enlouquecer. A droga é uma fuga para não sentir a solidão.

Cada um de nós precisa de fortes ideais para se levantar e caminhar sem as muletas dos vícios. Aqui se insere a nossa proposta: evangelizar. Oferecer aos nossos irmãos os belíssimos valores do evangelho, que inflamaram os homens de todos os tempos. Fazer com que conheçam a bíblia sagrada e se encontrem com a pessoa de Jesus. Esse é um caminho da nossa restauração. Com essa simples proposta, nesses sete anos, 22 mil pessoas encontraram a força para sair da rua e iniciar uma vida nova. 60% deles conseguiram uma completa reinserção social, vencendo a escravidão dos vícios.

(Padre Gianpietro) Com o termo restauração, entendemos se dizer, o homem novo que se forma em nós pela vivência do santo evangelho. Não é uma simples recuperação das drogas, inclusive há muitas drogas que ninguém considera como vício, mas que diante da palavra de Deus, diante de Deus são aberrações, são coisas extremamente negativas, que nós chamamos de vícios capitais.

Então, o santo evangelho nos liberta de todas as drogas que existem, de todos os vícios capitais, e vai formando em nós um homem novo, um homem livre, um homem que não precisa de muletas, de vícios, qualquer vício que seja, para caminhar. Então, restauração indica a plena realização interior da pessoa como filho de Deus. Sem precisar de mais nada de vício para ficar em pé. A restauração acontece pelo encontro pessoal, profundo, forte com Jesus. Pelo encontro pessoal com a palavra do santo evangelho. Sem esse encontro com Deus, não se pode nem imaginar nenhum mínimo de recuperação e ainda menos de restauração.

(Narradora) Sem dúvida, a realidade mais triste da rua são as crianças abandonadas. Os assim chamados ‘meninos de rua’ que vencem sua tristeza e solidão cheirando cola ou tiner, ou experimentando maconha e cocaína, até chegar ao crack.

O carisma Belém, consiste em viver o milagre de Belém. O espírito de família forte e humilde, que existia entre Maria, José e Jesus, na pobre gruta de Belém. Imagem da família divina da trindade, encarnado no meio dos pobres como os pobres, para os pobres, até uma plena e total identificação com eles.

Na gruta de Belém havia um homem santo e virgem, São José. E uma mulher santa e virgem, Maria Santíssima. Esse casal de virgens testemunha e explica o plano originário de Deus sobre a humanidade, por isso a Missão Belém é constituída por homens e mulheres, que juntos servem Jesus nos pequenos, a exemplo do que foi o natal de Belém.

Desejamos mergulhar no mundo de miséria material e espiritual, que desfigura os nossos irmãos, para que eles nos sintam parte de sua vida, nas favelas, nos cárceres, nos barracos das miseras periferias, nos cortiços ou nas ruas. Em todo fundo do poço que existe nesse mundo.

Desejamos viver com eles, no meio deles, nas condições deles, para ressuscitar com eles, no meio deles e como eles receber a vida nova que a potencia de Deus irá nos doar. Até um dia se Deus quiser, viver dentro deles, identificando-nos totalmente como Cristo, que assumiu a natureza humana e se tornou coração do mundo e do homem, expiando todo pecado.

Em conformidade a Jesus, buscaremos de todo coração o mais baixo, o mais feio, a moradia mais ruim, a roupa mais humilde, o transporte mais sacrificado, a comida mais pobre, a vida mais simples. O que cria a repugnância.

Não ficaremos em paz até enquanto existir um pobre mais pobre do que nós. Uma atenção especial será dada ao povo de rua. Os nossos irmãos de rua, jogados e esquecidos em todas as praças. Viveremos e dormiremos com eles nas calçadas, debaixo das pontes, nas praças, para resgatá-los do inferno dos vícios que os prende. Alguns de nós se tornarão autênticos mendigos de rua igual eles, para evangelizar essa multidão de ossos áridos e torná-los o exercito de Cristo. Para eles, serão criadas casas de acolhida, onde experimentarão a vida nova de Jesus ressuscitado. Eles fazem parte do eixo.

Única mulher entrevistada – missionária

Dados gerais

Eu tô com 30 anos. Eu sou natural de Minas Gerais. Eu tô aqui em São Paulo já vai fazer nove anos... 10 anos, porque meu filho nasceu lá e hoje ele tá com 10, então 10 anos que eu já tô aqui. Estudei até a 6ª série, mas depois eu parei de estudar por conta das drogas, né, aí eu parei de estudar. Hoje eu to casada [com Luiz CL] e moro em Mauá. E tô terminando meus estudos. Tô fazendo EJA²⁴⁴ no ensino médio.

Contato com as drogas

O meu primeiro contato com as drogas, praticamente, não foi bem as drogas. Por que eu, com 10 anos, eu já era viciada em cigarro e em bebida alcoólica. Isso é, em Minas, né, foi numa escola porque eu queria ser popular na escola e daí eu conheci uma amiga que - eu tava na 2ª série na época e ela tava na 6ª e eu conheci ela e ela fazia tudo isso, ela bebia e ela fumava e na minha cabeça aquilo era o foco de eu poder me enturmar com as pessoas, porque ela tinha muito mais amigos e eu não. Então eu comecei em tudo isso. Mas um ano depois desse tempo, eu vi que ela já tava fumando maconha e eu não sabia, mas tive a curiosidade de saber e experimentar, daí foi meu primeiro passo pra poder entrar no mundo das drogas.

[O consumo] De início eram poucas as vezes porque eu não tinha a maldade de como conseguir [fazer] pra consumir a droga. Mas depois que eu comecei a vim pra rua, né. Com 12 anos que eu aprendi a como enganar as pessoas, a como obter dinheiro fácil nas ruas, aí meu consumo era constante. De dia todo e se desse a noite toda enquanto eu pudesse ia usar.

[Pergunto se ela conseguia a droga sozinha ou partilhava dos amigos] Não. Então, eu tinha amigos, né, e geralmente eu fazia trabalho pra esses amigos, tipo eu trabalhava na casa

²⁴⁴ Ensino de Jovens e Adultos.

de pessoas pra lavar uma roupa, por exemplo, aí conseguia - acho que na época era cruzeiro²⁴⁵ ainda né, então eu conseguia um troquinho e aí, ao invés de eu comprar bolacha, eu comprava a droga, ou pedia um trocadinho nas ruas falava que era pra comprar bolacha ou alguma coisa pra comer e acabava comprando a droga.

Vivi com a minha mãe. Eu conheci minha mãe verdadeira eu tinha 8 anos, porque ela tinha me dado pra adoção mas essa adoção foi dentro da própria família e não saiu da família, e aí eu comecei a morar com a minha mãe, porque a minha mãe adotiva ela faleceu aí eu fui morar com a minha mãe verdadeira. Então, eu só conhecia a minha mãe e a minha avó só, não tive mais contato com outros parente, não. Não conheci meu pai, não conheci minha outra irmã que eu tenho uma irmã de sangue, mas eu não sei nem onde anda.

Eu saí de casa tinha 12 anos, completamente assim pra viver nas ruas eu já estava com 12 anos. Antes eu só ficava tipo uma semana na rua e voltava pra casa, teve um momento que eu resolvi sair de vez. [Pergunto se ela procurou ajuda] Sim, eu passei por três casas, né. Uma em Belo Horizonte, esse foi meu primeiro contato com uma casa de recuperação, e duas aqui em São Paulo. Mas assim, essa seria minha terceira né, casa. Esta [a Cristolândia] foi a terceira casa e última casa.

Eu nasci em Belo Horizonte só que eu me criei no interior, Barbacena. E quando eu fui pra... [Neste momento um rapaz entrou onde estávamos, pegou o que precisava e, sem perceber nossa presença, apagou a luz ao sair nos deixando no escuro]... Então, mas aí eu saí do interior, né, pra poder ir pra Belo Horizonte. Isso porque eu já estava em condições de rua e eu queria realmente conhecer coisas novas, sendo que quando eu fui pra Belo Horizonte eu fui com a finalidade de conhecer o meu avô. Só que não deu muito certo essa busca pelo meu avô. Aí eu acabei nas ruas lá, e aí foi lá que eu conheci o crack pela primeira vez. Quando eu fui pra Belo Horizonte, que eu conheci o crack, eu já tinha uns 15 anos já.

[Pergunto se ela conseguiu algum tipo de ajuda para se manter em Belo Horizonte] Não. Porque assim, devido que no interior eu aprendi a pedir, né, aprendi fazer as amizades e assim pra coisa ruim você sempre consegue as coisas fácil. Em Belo Horizonte foi um pouquinho mais complicado porque lá eu aprendi, eu recebi a maldade e aprendi ser mau, lá,

²⁴⁵ Ela não tinha certeza qual era a moeda corrente na época do fato.

pra mim sobreviver na rua, eu tive que apanhar, eu passei por situações que não foram muito agradáveis, pessoas querendo me estuprar, tudo isso, e, nisso, eu comecei a adquirir um pouco de maldade que é aprender fazer 155²⁴⁶ que é roubar escondido, aprendi a pedir no farol que antes eu só pedia a pessoas conhecidas. Lá não. Lá já foi livremente vocacionado pro lado do crime de como as pessoas fazia e aí eu fazia essas ações e ia comprar droga.

Dormia na rua, dormia na praça da estação em Belo Horizonte. Então, depois que eu saí, né, de Belo Horizonte, eu fui parar numa casa de prostituição lá em Nova Serrana. Nessa casa de prostituição depois de um ano e meio mais ou menos por aí, ou alguns meses não sei se chegou a um ano, eu conheci um cara e ele me trouxe pra Belo Horizonte de novo. Nisso que ele me trouxe pra Belo Horizonte, ele começou a me bancar. Só que ele ia em casa de 15 em 15 dias e o dinheiro que ele deixava eu comecei a gastar com drogas e tal e saídas e tudo.

[Pergunto se eles eram namorados] É eu comecei a ficar com ele que, no caso, ele era casado. Então eu me tornei amante dele. E aí nessas saídas minhas, quando ele não ia lá em casa, eu fiz amizade com o traficante que eu comprava droga na época, e aí, muito tempo conversando, né, com ele, comprando droga das mão dele, teve um dia que eu fui ligar pra ele pra pedir a droga. Quem atendeu foi o irmão dele, e aí, nesse atendimento do irmão dele, eu me envolvi com o irmão dele. E eles tinham parentes em São Paulo. Então eu comecei a namorar o irmão dele, fiquei com ele um tempo em Minas e aí ele foi me convidou pra poder vim passar o Natal, eu tava grávida já dele, me convidou pra passar o Natal na casa da irmã que é aqui em São Paulo, em Piraporinha, na Zona Sul. Só que desde então nunca mais voltei mais pra Minas. Aí foi o foco que eu vim para em São Paulo.

[Pergunto se ele era viciado também] Ele era viciado em cachaça e de vez em quando usava cocaína. Ele é falecido hoje. Meu filho mora com a irmã dele, eu deixei ele na casa da irmã dele e fui pras ruas, vim parar na cracolândia. Não, não tenho contato com ele. Porque depois que eu vim... O pai dele faleceu, ele foi assassinado na minha frente, então na cabeça da irmã dele, ela pensa que eu tenho envolvimento pelo fato de eu usar crack, e o crack - ele faz isso - qualquer coisa você pode fazer pra obter a droga. Então, na cabeça deles eles entende que eu mandei assassinar o pai dele por conta de dinheiro, porque querendo ou não ele era trabalhador, né, entre aspas, assim - sabia usar moderadamente não era tão viciado

²⁴⁶ No Código Penal corresponde a furto.

quanto eu. Então, quando ele faleceu que eu fui pra casa da minha cunhada. Ela pediu que eu trabalhasse que não sei o que, só que eu tava numa estrutura muito caída porque ele era uma estrutura em São Paulo. De repente é como se o chão se abrisse e eu falasse “poxa agora ele morreu eu tô fazendo o quê numa casa que eu não conheço direito, que não é minha família, tão me acusando de assassinato? ”. Então, assim eu me foquei mais nas drogas e aí foi o ponto que eu não tenho contato porque eu abandonei meu filho pra usar droga nas ruas, e na cabeça deles eu mandei matar o pai do meu filho, então a gente não tem contato por esse motivo.

Já tentei. Já tentei, já conversei com meu filho algumas vezes, quando eu tava internada numa casa, na Remar Brasil, ele foi me ver e tudo. Mas hoje, literalmente, assim foi cortado todo tipo de contato. Eu já deixei recado, eles sabem aonde eu estou e eu espero, na graça de Deus, porque eu vivo pela fé, vivo pela misericórdia de Deus, pra que Ele possa assim, como Ele trabalhou na minha vida de me tirar das ruas, né, usar pessoas pra acreditar em mim. Eu acredito que um dia Ele possa trabalhar no coração deles e que a gente possa um dia ter contato. Isso já me sofreu muito, isso já fez eu sofrer bastante porque, poxa, meu filho tava chorando no portão e eu falando pra ele que eu ia voltar e não voltei, eu troquei o meu filho pelas drogas. Então, depois, quando a gente toma a consciência e vê nossas atitude, isso dói muito o meu coração. Mas hoje não me machuca tanto porque eu acredito num Deus que perdoou os meus pecados, entendeu? E assim, eu sei que o que eu cometi não foi pelo natural de eu mãe sã. Eu estava doente, eu precisava de ajuda, eu precisava que alguém compreendesse o meu sofrimento, porque embora eu fosse uma viciada eu também tava sofrendo com a perda do meu esposo, né, do pai dele. Então, assim foi um mistura de sentimento como se fosse um labirinto que eu não tivesse outra saída, porque nas drogas eu não pensava no problema, nas drogas eu me sentia bem, então, eu procurei o conforto, então, hoje não me machuca tanto porque eu acredito que eu vou ter a oportunidade de explicar isso pra ele e ele vai me entender.

[Pergunto se ela conseguiu se perdoar] Foi difícil, hoje às vezes eu ainda penso sim e a vontade de chorar é enorme porque foi uma falha, foi uma falha minha, mas, eu sei que isso vai ser revertido. É dolorido, eu sou mãe, eu amamenteei, eu cuidei, eu criei, eu dei banho, eu sei qual é a essência de ser uma mãe, e essa essência quem realmente teve e gosta ela é dolorida quando ela é perdida.

Então assim, eu sempre acreditei em Deus, sempre acreditei que existia um Deus eu só não conhecia. Minha mãe, ela passou um tempo em uma igreja, falava e tudo mas eu, particularmente, adentrar dentro de uma igreja e falar que eu praticava? Não, nem católica, nem evangélica, nenhuma. No projeto onde eu tava, na Remar, eram evangélico também, e eu vivia por viver eu fazia por fazer então assim, de coração mesmo, assim não. Minha mãe era evangélica, né, ela conheceu a Cristo e a minha avó ela é católica. Então assim, só minha mãe teve contato com os evangélicos, mas mesmo assim por pouco tempo também, não teve força pra continuar. Ela faleceu quando eu tinha 17 anos.

[Pergunto se ela mantém contato com algum parente em Minas] Hoje eu tenho... Então, depois de todo o meu tratamento, de tudo que tem acontecido, hoje é que eu tenho contato com meu tio, irmão da minha mãe, e com a minha vó. Minha vó ainda é viva. Só que hoje ela tá no asilo.

Processo de recuperação

Vai fazer quatro anos [que está longe das drogas]. Quando eu cheguei na cracolândia eu ficava em um bairro, Robert Kennedy, na Zona Sul de São Paulo, e ali eu comecei a aprender a roubar as pessoas na rua. Eu roubava no banco, roubava na rua, no ônibus, aonde desse, então de tanto roubo que eu comecei a praticar naquele local, que eu num tinha hora nem quem. As polícias da época, por ser bairro nobre ali no Robert Kennedy, eles começaram a me visar e começaram falar que eu não... Depois que eu fui presa e passei um tempo presa e tudo, eu voltei pro mesmo local, só que eles falaram que se eu continuasse eles iam me matar.

Então assim, eu fiquei com medo disso porque aonde eu tava eles estava e eles tinha muito mais poder físico, não era nem os bandido tipo, era os policial que me ameaçaram de me matar. Então eu resolvi, eu já tinha ouvido falar sobre a cracolândia e aí eu pensei “pô eu vou pro centro da cidade, vou pra lá vou conhecer o centro da cidade” e vim pro centro da cidade, conhecer o centro da cidade. E aí eu comecei ali na República, né, conheci algumas pessoas ali. Aí, desse conhecimento se torna muito fácil no meio das drogas. Eu consegui uma pessoa pra me levar numa outra pessoa pra eu traficar drogas, então eu traficava ali na República. E, daí, um dia eu traficando, eu querendo vender a droga mais rápido, desci pra cracolândia e quando eu desci pra cracolândia eu nunca mais saí, porque ali eu comecei a usar

e era muito mais forte o meu uso contínuo, né, do que eu apenas traficar. E aí eu passei quatro anos aí na cracolândia. E aí até que teve um ano, de 2009, foi quando eu saí da cadeia, é verdade, eu vim pro centro. Antes não [parece um pouco em dúvida quanto às datas]. Foi depois que eu fui presa. [Ficou presa] Quase um ano. Fiquei em Santana. Por furto, assalto a mão armada.

[Quando chegou à cracolândia dormia] Na rua. Eu cheguei aqui em 2009. É que eu saí da cadeia em 2009 e aí eu ficava e só via o pessoal indo na cracolândia, mas eu nunca tive interesse de vim pra cá conhecer [a Cristolândia]. Então, teve uma vez que foi em 2011, finalzinho de 2011 mais ou menos metade do ano eu acho, o LUIZ CL começou me evangelizar, e aí uma vez eu tive curiosidade de vim conhecer o projeto. É. Eu tava na cracolândia, na época era na [Rua] Triunfo e nessa outra parte de cima, da Júlio Prestes, ali e aqui também tinha aqui, na época aqui, só que eu não ficava aqui na porta quando o fluxo era maior. E aí eu peguei e resolvi vim conhecer porque eu tava precisando tomar um banho e trocar de roupa, e eu vim conhecer e eu gostei de conhecer entendeu? Aí eu comecei a vim todo dia. Todo dia vinha tomava banho e ia embora, tomava café e ia embora, todo dia. E todo dia o LUIZ CL falava na minha cabeça que Jesus ia transformar minha vida. E aí teve um dia que ia abrir a Casa Rosa²⁴⁷ e ele falou “Ó vai abri a Casa Rosa, você vem e tal” e eu falei “tá bom”. E eu fiquei muito doente. E, nisso que eu fiquei muito doente, a única segurança que eu tinha era aqui na porta, porque quando eu dormia nos outros lugares, a droga era tanta, o consumo era tanto, o cansaço era tanto, que sempre eu acordava meio inchada e eu nem sabia se tinham me molestado. Então assim, aqui na porta ninguém fazia isso entendeu? Aí eu sabia que se eu dormisse na porta eu ia acordar com a minha roupa no corpo e bem, aí eu vim pra porta e comecei a dormir aí porque eu tava muito doente.

[Pergunto qual era a doença] É porque assim, primeiro porque quando teve a ação dos polícia pra retirada do pessoal²⁴⁸, eu era uma das pessoas que, tipo, traficava, roubava, fazia de tudo e teve uma vez que eles me pegaram e me bateram muito, muito muito e eu fiquei muito debilitada devido o que eles me bateram. É, na operação quando teve a ação dos polícia que levaram a gente pra delegacia, e não pode deixar ninguém aí voltá pra cá, e eu quereno consumir droga no meio dessa ação toda ainda arranjava jeito de roubar. Aí eu tava aqui na

²⁴⁷ Casa de acolhimento para mulheres que fica no bairro de Santana, Zona Norte da Cidade.

²⁴⁸ Operação Centro Legal

Guaianases e eu tava traficando, só que aí eles percebero e aí correram atrás de mim. Aí eu ainda consegui entrar nesse hotel e guardar toda a droga dentro de um item plástico sem nada, mas mesmo assim eles não abriram mão de me agredir, entendeu? Porque sabiam que tava fazendo a coisa errada e que tava encobrindo o traficante. E aí meu corpo ficou muito debilitado, muito.

E fora o resfriado né, griagem, e aí eu vim pra porta porque eu não tava aguentando mais, não tava aguentando ficar de pé, sentia cansada. E aí o LUIZ CL orou por mim e me disse que ia mudar minha história, que Deus ia fazer uma transformação e aí eu fui. Passou um tempo, eu melhorei e eu fui e resolvi me internar. Vim até a Cristolândia pra realmente me internar e aí foi onde que eu me internei, no dia 10 de julho de 2012.

Eu não vou te dizer a palavra “religião” porque religião, pra mim, é uma coisa que você pratica todo dia, faz as mesmas coisas e talvez não há mudança na sua vida. No meu caso eu vou dizer pra você que eu sou uma serva de Jesus Cristo, porque Jesus Cristo foi a pessoa que me apresentaram que se tornou o meu amigo, né, que me caminhou me dá a mão e que me sustenta até hoje. Então eu sou serva de Jesus Cristo, eu ando com Deus. Eu não gosto muito dessa palavra “religião” porque é uma coisa muito cômoda aquela fase de você só ter um compromisso no dia de domingo e no meu caso não é isso. Meu caso é caminhar com Cristo todos os dias.

Muita coisa aconteceu porque hoje eu entendo que Cristolândia é um projeto de Deus, porque eu passei por uma mesma casa né, em outro local, que tinha a mesma doutrina, que tinha o mesmo caminhar, mas algo diferente me despertou aqui, porque eu tive... Eles me abraçaram de uma forma tão assim especial, que eles me apresentaram o melhor que eles puderam, então eu recebi comida, recebi, eu recebi roupa, recebi amor, recebi carinho, mas me apresentaram a Cristo que hoje me deu a oportunidade de voltar a estudar, me deu oportunidade de... Eu não tinha como, eu quando tava na Cracolândia eu sempre declarei “eu não tenho mais família como é que eu vou construir?”. Aonde que eu, na minha cabeça humana, jogada nas ruas, doente, toda fedida, toda suja, alguém ia querer casar comigo? Ninguém nenhum homem, a não ser os nória da rua, e eu não queria os nória da rua. Então, ou seja, eu já não tinha esperança de construir uma família. E aí depois disso, hoje eu poder casar vestida de noiva, entrar numa igreja, sabe, andar de vestido de noiva, ter convidados, poder

olhar e ver que tem um monte de gente convidada, então, assim é uma transformação muito grande porque é um... Coisas que eu não imaginava acontecer na minha vida.

Pra cê ter uma ideia, até minha decoração, eu descobri que eu gostava de roxo, porque quando a gente tá na rua a gente não sabe quê que a gente gosta, a gente não sabe o quê que realmente somos, eu não sabia o quê que eu era. Eu só sabia que meu nome era E, e que tinha tantos anos e que era uma usuária de drogas. Hoje não, hoje eu sei eu sou a E, que eu tenho 30 anos, que eu sou uma mulher casada, que eu gosto de roxo, e tudo isso Deus preparou. Até minha decoração eu nem sabia da onde que saiu, pessoas que não me conheceram, que intercede por mim, vieram fazer. Então, assim transformou muita coisa na minha vida, principalmente o fato de hoje eu poder sonhar, coisas que eu não fazia.

[Pergunto se ela pensa em ter outros filhos] Nossa com certeza se penso! [Sorri] É assim, eu penso de ter, eu quero voltar sabe, a sentir a essência de novo de carregar o meu filho ou a minha filha e terminar esse processo porque, antes de Cristo e de Cristolândia, tudo que eu começava eu nunca terminava nem o meu filho eu consegui cuidar, não consegui terminar. Então hoje eu quero concretizar mais essa etapa de poder criar meu filho ou a minha filha, e vê ela crescer, vê casar, vê... Sabe? Quero terminar, tudo que eu começar eu quero terminar.

[Quando ela ia começar a contar sobre o processo de recuperação na Casa Rosa, somos interrompidas por um dos rapazes que nos entregou uma bandeja com chá e biscoitos] Então, o meu tratamento foi o seguinte: Passei pela primeira fase durante três meses, quase três meses porque foi dois meses e meio mais ou menos, depois eu fui pra segunda fase. A primeira fase é a fase aonde que você se desintoxica, que você descansa, você se reabilita né, fisicamente. Mesmo pra poder parar e pensar na sua vida e mudar os seus planos né, então é uma fase que... Mais de tranquilidade, e aos poucos e ir levando a você a conhecer a Cristo porque que esse é o foco da Cristolândia. Aí, depois, eu fui pra segunda fase.

A segunda fase é um momento de reaprendizagem, reeducação. O que é a reeducação no caso, é voltar à essência de você aprender a arrumar uma casa, a voltar a estudar, né, é a se preparar pra trabalhos futuros se você quer trabalhar, e a principalmente também aprender a caminhar com Deus. Qual é a essência de Jesus Cristo na sua vida? Então assim, no meu caso

eu já vi muitas pessoas né, passaram por essas fases, retornaram pra suas casas, outras arranjaram trabalho e seguiram seus caminhos. No meu caso, Deus me separou pra fazer a obra d'Ele, ele separa todo mundo conforme quer, porque a obra d'Ele tá na sua casa como líder na sua casa, ou como, né, você sendo mordoma de seus filhos, porque você tem a obrigação de poder levar os seus filhos a fazer o que é certo, né. Você pode estar no seu trabalho, lá você também, Ele te separa pra você mostrar com as tuas atitudes boas coisas, coisas certas. E no meu caso, eu não entendi muito bem, por que? Porque Deus, Ele foi falando que LUIZ CL ia ser meu esposo. Parece loucura pros outro isso, “mas como que Deus falou?” falando, a gente tem uma... Eu lia na Bíblia, eu orava pra Deus e assim, no meu coração é como se eu ouvisse Deus falando “ele vai ser o seu esposo”. Então assim, eu comecei a querer saber o que era Deus, o que era trabalho missionário, entendeu? E queria ficar dentro do projeto pra ajudar [deu bastante ênfase ao falar].

O meu tratamento durou um ano e meio. Dentro desse um ano e meio, 10 meses eu orei pela vida de LUIZ CL pra mim poder casar com ele porque, esse era um dos meus sonhos, de casar e ter minha vida e ter minha casa²⁴⁹. Queria continuar no projeto? Queria, mas eu queria casar e ter minha casa, e aí eu orei pela vida desse moço durante 10 meses. Aí não deu muito certo minhas orações assim. Eu achava que não tinha dado muito certo porque deu alguns problemas, eu achei que ele tava comprometido e tal, e eu fui pro Rio de Janeiro terminar meu tratamento lá, e lá eu comecei minha ressocialização à sociedade, porque assim, gente, eu não tenho família, não tenho ninguém, mas eu também não posso ficar presa assim naquele mundinho e eu queria mais, eu queria fazer algo mais.

E aí eu comecei trabalhar na igreja, continuei estudando, né, porque eu voltei pra escola e assim foi minha vida. Então eu já tinha uma vida normal, saía com as amigas, ia pra uma pizzeria, tudo aquilo que a gente aprende de bom né, ir numa pizzeria, sem beber, só refrigerante, essas coisas. Então eu comecei a gostar disso. Só que aí Deus me responde às minhas orações de tanto tempo atrás e aí eu tive contato com LUIZ CL através do Facebook. E aí, no dia que eu tava conversando com ele, ele pegou e mandou sabe aquelas carinha de choro, né? Mandou uma carinha de choro pra mim e aí eu falei assim “que será que tá acontecendo?” aí “quê que tá acontecendo?” aí ele falou que queria relacionamento com uma

²⁴⁹ Fora da entrevista, com o gravador desligado, pergunto a ela se o interesse por L havia acontecido logo que ela o conheceu. “Nem pensar! Eu detestava ele! Ele sempre brigava comigo porque eu chegava aqui de shortinho e mini-blusa...”. Só depois mesmo, quando estava na Casa Rosa, é que ela diz ter “sentido” algo pelo marido.

mulher de Deus... eu fiquei radiante, nossa eu... Só faltava entrar dentro do computador e me apresentar pra ele, mas tudo bem eu falei assim “Deus, se o Senhor tá me respondendo o Senhor vai confirmar” e aí algumas situações foram acontecendo por que?

Primeiro, a minha mãe – é a minha mãe Soraia²⁵⁰, toda vez que eu falar “mãe” [bem enfática] você vai saber que é a Soraia – aí a minha mãe foi e me ligou, eu conversando com LUIZ CL a gente assumiu um compromisso por telefone no dia 28 de abril de 2014, a gente assumiu um compromisso e começamos a orar e, aí nessa oração, eu falei assim “Deus, o Senhor vai me confirmar” e aí a minha mãe me ligou e falou assim “Ó, o LUIZ CL não é menino pra poder namorar a distância” e eu tava no Rio e ele aqui em São Paulo. E aí todo mundo começou a aprovar o namoro sabe, que antes todo mundo negava aprovação, no nosso caso foi aprovando, enquanto eu trabalhava numa igreja, trabalhava numa comunidade que era da Cristolândia também e aí eu falei assim “E a escola?” e aí Deus foi tirando sabe, foi fechando as portas. O pastor, ele era militar e eu pegava carona com ele pra igreja e pra poder dar aula pras criança, ele foi transferido aí eu perdi minha carona. Então num dava pra mim ir mais dá aula pras criança. Eu trabalhava como zeladora da igreja daí a esposa lá do pastor me chamou e falou que eu não ia mais poder trabalhar lá porque ela, a igreja, era muito grande eu dava conta do serviço mais ela tava achando que tava muito pouco o meu salário, pra mim poder fazer muito serviço então ela iria contratar uma firma terceirizada. Essa firma terceirizada nunca chegou lá. Eu, “Não, beleza, tudo bem... Ok” e aí eu falei “Senhor e agora a escola, né, a escola só vai terminar em dezembro”, então, quando for em 2015 eu venho pra São Paulo, a escola entrou de greve. Passou todo mundo que tinha que passar e fechou a escola e aí eu vim pra São Paulo.

Eu vim pra São Paulo e aí eu comecei a trabalhar na Casa Rosa com as mulheres, fiquei noiva em novembro do ano passado [2014], e aí Deus me trouxe pra cá pra missão, da onde eu saí. Então, hoje eu tenho prazer de mostrar pras mulheres aquilo que é possível acontecer porque eu vivo esse milagre e eu sou um milagre. Então, assim, eu tenho prazer de mostrar pra elas isso. E aí eu me casei aqui na Cristolândia, fiz minha passeata na cracolândia e hoje eu tô aqui pra glória de Deus. [Casou] Dia 14 de março de 2015. Aqui, casei aqui [na Cristolândia].

²⁵⁰ Soraia Machado. Todos os integrantes da Cristolândia a chamam de mãe ou mainha.

Então, é que assim, a droga ela foi uma consequência da minha vida pra mim tornar independente, por que? Porque eu sempre tive vontade de ser independente na minha vida, quando eu conheci a droga isso facilitou pra mim, por que? Porque eu já saí de casa logo. Então assim, eu tive abstinência um dia, né, que assim, que eu me lembro que foi bem visível, os outros dias sentia muita vontade de usar mas eu tava determinada a não mais voltar pra rua, porque já tava cansada de sofrer e eu acreditei que alguma coisa ia acontecer. Mas o que me sofreu mesmo é receber “não” porque eu podia tudo na rua entendeu? E aí de repente eu quero pegar aquela xícara e vem uma pessoa e fala “não, você não vai pegar”. Aí eu venho “por que que eu não posso pegar?” sabe? Então, assim, foi bastante difícil. Pra mim foi difícil, por causa de eu querer ser independente, não foi nem tanto a falta da droga entendeu?

[Pergunto se ela lembra como foi o dia em que ela sofreu mais com a abstinência] Lembro. Eu lembro que eu chorava muito e aquela vontade de usar droga muito forte e eu tinha, mas ao mesmo tempo eu não queria sair dali porque se eu saísse dali eu ia acabar morrendo. Então, assim, eu fiquei com aquela vontade que não passava e eu só chorava o dia inteiro, o dia inteiro eu chorava, chorava, chorava. Até Miriam que tava coordenando na casa, ela “Para de chorar” e eu não conseguia falar pra ela porque que eu tava chorando, e era porque eu queria muito usar droga, mas, ao mesmo tempo, que eu ficava naquela coisa de querer usar droga eu sabia que talvez se eu fosse usar droga, talvez eu ia, não taria aqui, aqui na Cristolândia, taria ali jogada nas ruas.

É, aí nos dias seguintes teve uma missionária na casa, Ana Beatriz, que ela sempre conversava comigo, conversava, conversava, e aí foi passando e aí quando eu saí de São Paulo, aí pronto. Aí passou mais ainda porque aí eu comecei a caminhar com Cristo e aí já era, Cristo tomou conta da minha vida e acabou [faz sinal com as mãos, sorrindo]. Hoje em dia não sinto falta de nenhuma de droga, eu vejo a droga, as meninas vêm, tomam banho, deixam a droga aqui e hoje, assim, para honra e glória do Senhor feita todos os dias... Glória a Deus. Eu gostaria de bater em cada uma delas e jogar tudo fora, eu falo pra elas, eu falo “Ó...” elas já sabem, eu falo “Se eu ver isqueiro aqui, droga, eu vou jogar fora, eu vou jogar fora” e aí elas “não, que não sei o que tia” aí elas nem deixa eu ver.

[Pensou em desistir] Muitas vezes, muitas vezes. Teve uma época que eu tava na casa já tinha um ano e tra lá lá, e lá tinha uma grade, tinha um campo de futebol, né, numa quadra e

tinha uma grade assim e assim, eu ia pra escola acompanhada entendeu? Voltava acompanhada, tudo que fazia era acompanhada e aquilo, nossa, me agoniava. Eu falava assim “Gente eu tô na cadeia, eu vou embora não aguento mais, não. Não quero isso pra minha vida mais” só que passava a vontade, aí eu lembrava de tudo que eu ia viver na rua de novo e eu “Não, eu vou esperar mais um pouco”. [Explica que isso aconteceu quando estava em Campinas] Não, aqui em Campinas, que era em Campinas a casa. Na Casa Rosa eu não senti tanto porque tava pouco tempo, tava recente, tudo tava novo entendeu? Primeiro fui pra Casa Rosa, depois você fui pra Campinas. Agora em Campinas pra mim foi mais... Porque quando Deus começa a trabalhar na sua vida você entra em conflito, porque aí você vai se deparar com o seu “eu” como você é, entendeu? Com a sua arrogância, com o seu jeito altivo e isso começou ficar de frente a mim. Então, assim, principalmente a vontade de ir embora que era enorme, porque quando Deus trabalha na vida da gente às vezes dói, porque quem quer se deparar que você é arrogante? Que você é altivo? Porque a gente é, só que nem percebe. Mas, quando você cai na realidade, que você vê que você é assim “Ai não Senhor, imagina” e aí Deus quer te trabalhar, então fica difícil, sabe? Convivência assim. E sem contar que ainda tem algumas pessoas que tá no tratamento que nem sempre estão com Cristo e atropela seu caminho e aí você já lembra da velha mulher, que você batia, que você brigava, que você fazia e já quer grudar e não pode mais bater, e não pode mais grudar e aí pronto, aí cabou. Porque eu era muito agressiva nesse caso sabe assim, nossa... Tinha algumas meninas que a minha vontade era de cortar a cabeça e jogar no quintal [risos].

Então, assim, sabe, eu sempre fui uma menina obediente, sempre ouvi entendeu? Só que eu sempre fui de guardar as coisas, tipo, você me cutuca hoje eu falo “pô não faz isso não”. Aí cê me cutuca de novo “faz isso não” aí pronto, cê vai cutucando, eu vou ficando só calada eu não vou respondendo, mais aquilo só vai alimentando, então via “brun” sabe? [faz um sinal com as mãos, como uma explosão]. A minha amiga falava pra mim que não me conhecia, que ela não sabia quem era eu, porque poucas as vezes que eu sentava com ela e falava o quê que acontecia comigo. Quando ela ia vê ou eu já tinha aprontado alguma coisa, ou eu já tava chorando, era sempre assim.

É como eu te disse, eu não tive dificuldade de obedecer, não, sabe? Isso aí eu nunca tive essa dificuldade, graças a Deus, nem com a minha mãe quando eu... Eu sempre fui obediente, todas as vezes eu não respondia. Eu saí de casa pra não ter que responder a minha

mãe sabe, eu nunca respondi pra minha mãe, nunca. Então, assim, o negócio é aquele negócio de você ser acompanhada em tudo sabe, vai no médico: vai acompanhada, cê ia pra escola: vai acompanhada, cê vai... Num tinha dinheiro num tinha nada, cê vai comprar as coisas: num pode. Então, isso é que eu entrava mais em conflito, mas consegui superar. Deus me deu força.

[Pergunto se ela considerava aquilo falta de confiança] Exatamente. Exatamente, porque eu sempre coloquei na minha cabeça assim: você nunca usou droga, eu sou uma ex-adicta, então você nunca vai confiar em mim, porque quem usou droga, quem roubou, quem fez isso fui eu, você não sabe a diferença e eu não tiro a razão porque você não sabe o que se pode passar na cabeça, que a cabeça do ser humano é assim, mas, por outro lado, eu quero que você acredite me demonstrando que eu possa ser capaz de fazer isso. Mas se tivessem me soltado eu teria caído de novo nas drogas, eu não teria assim hoje, tanta convicção igual eu tenho hoje de que realmente não quero as drogas.

Jesus me libertou, pra mim poder viver pra glória d'Ele, e isso é incomparável, porque na palavra de Deus diz que, quando a gente conhece a Jesus Cristo, é impossível você voltar atrás, que é naquele “porque conheceu a verdade vos libertará” então, a verdade é Jesus Cristo. Se hoje eu tô aqui é porque Ele me sustenta, e o dia que eu deixar de ler essa palavra cê pode ter certeza que cê vai me encontrar lá fora de novo. Então eu sou livre pela graça do Senhor Jesus Cristo.

Futuro

Olha, cara... Deus quando me criou, quando Ele criou eu e você, Ele nos criou criativo, porque Deus Ele é criativo, só por Ele ter feito a gente já é a perfeição. Já começa por aí e Ele fez à imagem e semelhança d'Ele [com ênfase]. Então, hoje, eu sempre sonhei desde quando eu tava em Campinas que eu seria uma engenheira, né, então assim eu tô empenhada pra terminar os meus estudos pra fazer engenharia da informática. Só que, assim, eu sei que Deus quer algo mais do que isso pra mim, igual eu não sei o quê que Deus quer de mim, eu sei que eu quero fazer uma faculdade. Agora eu tô que nem adolescente, entendeu? Que não sabe qual área eles quer fazer realmente? Eu tô nessa fase, mas, assim, eu quero... Eu tenho um sonho

de ter meu filho novamente, e tenho um sonho de ter um outro filho, mas dentro desse pacote de sonhos da minha família, eu tenho esse sonho de fazer essa faculdade.

[Pergunto se ela quer acrescentar alguma coisa] Ah é porque minha vida foi tantas histórias, tantas histórias assim que, não é que eu não goste de lembrar. Eu não tenho dificuldade nenhuma de contar, mas assim o quê que acontece, eu posso dizer que hoje eu sou uma mulher que vive pra sonhar, que vive pra levar as pessoas pra sonhar, porque isso é independente se eu sou evangélica. E não é independente da pessoa, eu acho que cada ser humano ele tem esse papel de acreditar em uma pessoa e levar ela a sonhar e acreditar que tudo é possível.

Hoje nós estamos aqui, hoje eu tô aqui na missão né? Tô aqui na missão, tô feliz em tá aqui, antes eu entrava aqui dentro infeliz, então hoje eu sou feliz. E não cabe só a mim que conheci as drogas, cabe a todas as pessoas que conhece o que é certo o que é errado, de acreditar nessas pessoas. Então eu acho que é muito importante porque muitas vezes, eu deitada na calçada, eu pedino um real, dois reais, porque eu realmente estava com fome, as pessoas simplesmente me esnobavam.

Teve uma vez que o dono da padaria, eu fui pedir um pão, o cara da padaria ele me chutou como se chutasse um homem, então, assim, hoje eu entrei no mesmo local pra comprar um crédito e eu olhei pra ele, e eu falei “Deus te abençoe” e aí ele nem lembrou de mim, não me reconheceu. Então, assim, hoje ele me tratou bem, hoje eu entro dentro de restaurante, hoje eu entro em qualquer lugar que ninguém fica andando atrás de mim, ninguém fica me vigiando.

Então, assim, hoje a minha vida é transformada e eu falo pra todo mundo, sabe, no mundo inteiro não há solução que não for Jesus Cristo. E não há solução se você não acreditar e querer fazer alguma coisa porque não importa, não importa o quê que vai acontecer, o que importa é o seu papel com Deus, porque um dia Deus vai cobrar isso da gente, um dia vai, e aí eu quero me apresentar ao Senhor como uma obreira d’Ele, uma obreira d’Ele que [fala de maneira enfática], sou pecadora, sou falha, não espere muito de mim, mas eu quero um dia deitar no colo de Jesus e dizer pra Ele “muito obrigada”. E é isso, não tenho muito o que dizer

porque se eu for contar minha história mesmo são muitos casos, são muitas histórias que nem vale a pena.

[Ri muito quando eu explico que, apesar de ela ter dito que eu poderia usar o nome dela, eu não poderia por motivos éticos] Minha filha depois que eu saí no Fantástico²⁵¹ primeiro... [Pergunto se ela ficou famosa] Não, esse negócio de famosa não é comigo. Eu sempre tive dificuldade com esse negócio de... Hoje em dia até que eu tô me adaptando um pouquinho. Eu paro às vezes, as pessoas param, eu e o LUIZ CL “Ah vocês apareceram no Fantástico”... eu “Não moça, eu passei lá, só”.

²⁵¹ Ela e o marido foram personagens em uma reportagem no Fantástico, exibida em 18 de setembro de 2015.

Dados gerais – gerente da Cristolândia

Tenho 39 anos. Nasci em Minas Gerais. Está em São Paulo desde 1993, 1994. Não tinha assim, praticamente uma profissão, né? Eu entrei muito cedo no negócio das drogas, então a minha profissão foi entrar no mundo do crime, né? Uma profissão que não é uma profissão. É que eu nunca trabalhei. Eu só trabalhei com coisas erradas, eu fui perueiro, trabalhei 12 anos na lotação que faz parte do movimento do crime também... Estudei até a 6ª série, parei na 6ª, né, não sei nem como eu consegui chegar até a 6ª, porque eu acho que de tanto que eu era uma pessoa má na escola, uma pessoa tão temida, né, então os professores foi passando aí, e eu parei na 6ª série. Hoje tô casado [com Elisa CL], né? Glória a Deus [abre um sorriso]. [Mora com a mulher em Mauá, região do ABC Paulista].

Contato com as drogas

Meu primeiro contato, tudo começa pelo álcool, né? Aos 8 anos de idade eu bebi, eu tive meu primeiro porre, porque a minha mãe ela era alcoólatra e eu tentava tirar esse álcool dela e não conseguia, pegava e jogava fora, ela compra outro, esvaziava, colocava água, misturava água, ela me batia e comprava outro. Então um dia pra... De loucura mesmo, de desespero pra não ver minha mãe mais bêbada brigando comigo, batendo em mim, eu peguei e tomei toda aquela garrafa de cachaça dela, aos 8 anos de idade. Ela chegou em casa eu tava caído em coma, e daí pra frente foi entrando as coisas. Vieram o cigarro, depois do cigarro veio a maconha, aí eu trabalhei uns tempo numa oficina mecânica e funilaria, e eu conheci a cola, então eu cheirei cola, depois foi lança-perfume e assim por diante todo tipo de droga que cê imaginar e não imaginar na sua vida. Foi o que passou comigo antes de conhecer a Cristo.

O que me levou definitivamente às drogas mesmo, foi quando a minha mãe descobriu que tava com câncer e nós lutamos contra esse câncer, e aos 13 anos, no dia que eu tava fazendo meu aniversário de 13 anos, minha mãe veio a falecer. Então eu fiquei com dois irmãos, e eu cuidava desses dois irmãos. É muito doloroso falar... [se emociona] minha mãe veio a falecer e eu fiquei dois anos ainda cuidando dos meus irmãos. Mas quando eu fiquei com os meus irmãos eu já não tinha mais chão, não tinha mais alicerce, meu alicerce era minha mãe, e perdi tudo. Mas só que ela falava pra mim, sempre ela me dizia, que eu tinha pai, que meu pai era policial. E eu não queria conhecer meu pai porque tinha mãe, não tinha nada que conhecer meu pai eu nunca tive pai, então sempre tive minha mãe.

Aí, quando minha mãe faleceu, eu trabalhava nessa oficina e foi morar na minha cidade, foi morar um sargento que trabalhou com meu pai nessa época, e eu perguntei pra ele se ele sabia como eu pudesse encontrar meu pai, e ele mandou uma carta pra Belo Horizonte, né, pro quartel onde meu pai residia, e passando tipo uns 15 dias depois, quando a carta chegou lá, meu pai veio pra minha cidade, Alterosa. Aí ele veio pra lá me conhecer, e me conheceu e no dia quando ele me conheceu ele foi na oficina, veio e me chamou de canto pra me falar que era meu pai. Eu já tinha sentido no meu coração que era o meu pai, aí, a hora que ele me chamou de canto eu falei “eu já sei que ele vai falar, é meu pai”. “É e eu vim te buscar” e fui morar com ele. Eu morei com meu pai até os 17, 18 anos e até aí, nessa época, já era drogado, já cometia pequenos furtos, e não daria certo, né, bandido morando com policial.

E eu decidi largar aquela vida e parti pra São Paulo, com 18 pra 19 anos eu cheguei em São Paulo. Eu cheguei, eu cheguei já num dos bairros mais perigosos de São Paulo, na época, que era o Jardim Brasil²⁵², e ali eu vivi ali por quase 22 anos. Então cheguei ali, o crime me abraçou. E eu não usava o crack ainda, né, só cocaína. Fui usuário de cocaína 7, 8 anos direto todos os dia. E chega uma época que o corpo da gente, o organismo da gente, ele não aceita mais, né, ele não sente mais a mesma paranoia, a mesma brisa²⁵³ da droga, então a gente procura uma droga mais forte. E foi aí que eu conheci o crack, que foi o final, porque tudo que eu tinha conquistado com o mundo das drogas, que não é uma conquista, né, é um bafio errado, umas coisas erradas que eu conquistei ali e ali fui perdendo tudo. Tinha carro, tinha habilitação, fui perdendo tudo, fui vendendo tudo, até viver nas ruas.

Depois eu caí no mundo, eu peguei um ônibus lá em Belo Horizonte e vim pra São Paulo. Eu morei na casa de um traficante, o primeiro lugar que eu morei foi na casa de um traficante. Aí, depois, quando eu pedi ajuda pras pessoas, eu comecei a morar numa casa aqui outra ali. Eu morei na casa de um policial da família que me ajudou, aí morei em outra casa de um pessoal que era espírita também, que tentou me ajudar, quando eu tava nas drogas, ainda tinha uma van de lotação, então eu corria pros canto pra tentar sair das drogas.

O caminho até aqui foi distante porque foram 16 anos nas drogas, porque eu... Um dia eu tava ali no bairro do Jaçanã²⁵⁴, ali chamava de “Serra Pelada” né, eu tava ali, então eu tava dentro do bar, eram umas 2h40 da madrugada, muito drogado, muito, tava tomando uma cachaça lá e eu ouvi uma voz me dizendo “sai daqui” eu pensei que era loucura, e eu comecei

²⁵² Zona Norte da Cidade.

²⁵³ A experiência provocada pela ingestão da droga.

²⁵⁴ Zona Norte da Cidade.

olhar pro lado e não tinha ninguém do meu lado aí eu tomei aquela cachaça e fui embora. Acho que eu tava uns 50 metros daquele bar eu escutei uma salva de tiros, muito tiro e “pa, pa pa” [faz sinal com a mão como se fosse um revólver] muito tiro e continuei indo embora. Fui embora e vim parar aqui, na Vila Maria debaixo da ponte da Vila Maria, cheguei aqui era 6 horas da manhã. Quando eu cheguei, aí, à tarde muita droga, usando muita droga, eu resolvi pegar um ônibus, peguei o Jardim Tremembé, que passa ali na Vila Maria e fui, fui lá pro Jaçanã de novo. Assim que eu cheguei lá, no bar, lá eu vi que o bar tava fechado tinha uma faixa amarela de morte com algumas pessoas, então aí eu tava ali. Aí eu perguntei pra eles o que é que tinha acontecido, tinha nove pessoas dentro daquele bar, os nove morreram, o décimo que tava lá dentro era eu que não tinha morrido. Então eu comecei a mudar, falei “agora é hora de entregar a vida pra mão de Deus” daí... Mas eu num tinha ainda força, e eu fui parar na cracolândia, aí eu fiquei 6 meses aqui na cracolândia. Antes eu morava debaixo da ponte da Vila Guilherme²⁵⁵

Quando eu vim pra cracolândia fiquei seis meses aí dentro. Quando a gente chega, quando o usuário de droga ele chega, até ele sabe que cracolândia é o final, porque quem chega aqui ou sai pra caminhar com Cristo, ou sai pra morte. Quem tá dentro da cracolândia ou sai pra Cristo, ou sai pra morte. [Pergunto onde ele dormia] No papelão, dentro dos buracos da cracolândia. Todos dormem lá, em algum chão no canto lá. E minha vida era isso aí. Caído junto com os lixo lá de dia.

Esses 22 anos de luta nas drogas, foram 22 anos de luta contra as drogas, e eu passei em 22 casas de recuperação tentando me libertar das drogas. Mas eu não conhecia, não conhecia a Cristo e não sabia que somente Jesus Cristo, não há um estudo, não há uma medicina que possa tratar e o que tive, somente Jesus, só ele pode tirar a droga. Ficava cinco meses, três meses, dois meses... o máximo que eu cheguei a ficar foi seis meses em uma casa. Então, tem um tratamento em casa que é seis meses, nove meses de tratamento que cê terminou seus nove meses, cê vai embora, e eu ia pra onde nessas horas? A gente não tem casa, não tem parente, não tem nada? Volta provavelmente pras drogas.

Hoje eu tenho [contato com a família]... eu vou dizer pra você... hoje tem aparecido tanta gente, mais tanto parente, tanto irmão, que eu não sabia que eu tinha na minha vida. Sai no Fantástico o povo achou²⁵⁶. Se eu devesse alguma coisa pra alguém hoje eu tava preso já.

²⁵⁵ Todos bairros da Zona Norte de São Paulo.

²⁵⁶ Ele e a mulher foram personagens em uma reportagem no Fantástico, exibida em 18 de setembro de 2015.

Hoje, meu pai, era capitão da polícia militar, hoje ele tá aposentado e, através do meu testemunho de vida, da minha mudança de vida, hoje toda minha casa, menos a minha irmã que eu tenho uma luta muito grande com ela, ontem mesmo foi muito difícil hoje tá sendo muito difícil pra mim, porque ontem eu tive uma luta muito grande com ela. Ela não entende a nossa igreja, então foi uma luta muito grande com a minha irmã. Eu não tou bem comigo mesmo, hoje eu não tou legal. Eu tô aqui porque Deus... ele me chamou e eu não tenho como correr.

[Pergunto se a irmã tem problemas com drogas] Não. Minha irmã mora em Campinas, mas ela é católica, católica de coração fechado. Então ela quer que a gente viva a vida do jeito dela, que eu tenho que fazer isso, que eu tenho que ganhar dinheiro, que eu tenho que não sei o quê, que “cê apareceu na Globo agora você tem que ter dinheiro”. E a vida não é isso, o propósito de Deus não é isso. Deus não me trouxe pra rede Globo, pra essas coisas, pra esse propósito não. Eu sei que o quê vai acontecer na minha vida amanhã é de Deus. Se alguém chegar na minha vida amanhã e falar assim ó “tô te doando uma casa pra você ter a sua casa” só pode ser Deus, porque eu não tenho condição, eu tenho sonhos de ter uma casa, de dar uma casa pros meus filhos, pra minha filha que tá aí, pro meu filho que vai vim ainda, pra minha esposa... Eu tenho um sonho, eu quero conquistar isso daí e eu sei que um dia eu vou conquistar, não sei como, quando, mas vou conquistar.

Tenho uma filha de 13 anos. Mora c’a madrinha dela. Que um dia, eu e a mãe dela, nós éramos envolvidos no crime, né, então eu fiquei muito procurado pela polícia, então eu fugi pro Rio de Janeiro, e a mãe dela ficou aí. Só que a mãe dela deixou com uma vizinha cuidar, que ela ia pagar a vizinha pra cuidar dela e sumiu também. Aí os dois sumiu: pai sumiu, mãe, aí, pronto - ficou com a mulher. Mas aí depois de muito, uns dois anos depois eu voltei pra São Paulo e eu comecei a cuidar da minha filha, só que aí eu já tava no crack e o crack foi me afastando. E eu fiquei sete anos sem vê a minha filha. Então, hoje eu tô com ela, ela já passou as primeiras férias dela comigo, hoje eu posso senti ela me chamar de pai. Sei que a situação tá difícil, eu não consigo levar o que ela precisa, mas o amanhã virá, então a gente busca em Jesus pra conquistar, pra levar o melhor pra ela, porque eu quero dar o melhor pra ela. [Pergunto como é o relacionamento com a filha] Muito bom, muito bom.

[Pergunto se ele era o filho mais velho] Não, o mais velho eu não conhecia que era o M, né, o mais velho. Não conhecia, vim conhecer agora, por telefone a gente se fala e a gente tá marcando um dia, eu acho que vai atrasar um pouquinho, mais porque era pra ser no Natal

agora. Mais que Deus abençoe aí porque ontem não foi bom a conversa ontem com a minha irmã, né, achei ela até mais dura. Meu irmão mora em Lavras, meu pai mora no norte de Minas que é São Gonçalo do Rio Preto do Norte de Minas perto de Diamantina e o povo mora no Brasil inteiro aí, Belo Horizonte tem parente, São Paulo tem gente que eu não achei ainda mas daqui a pouco eles me acha.

Processo de recuperação

Então, eu cheguei, eu vim da Vila Maria pra cracolândia, então eu fiquei ali na cracolândia por seis meses e chegou uma altura do campeonato que eu falei “ah mano, vou voltar lá pra Vila Maria”. E voltei pra lá. E eu tava ali, debaixo daquela ponte e um policial chegou em mim e falou assim pra mim assim, foi num domingo, “se hoje eu pegar você debaixo dessa ponte eu mato você”. Aí eu falei “meu Deus e agora? Mais uma vez o Senhor tá me chamando pra alguma coisa”. Aí eu pedi a Deus, falei “Deus, se é o Senhor que tá me direcionando essas palavras, se é o Senhor quer que eu mude, essas coisas, então me dê um sinal”. Aí eu saí debaixo daquela ponte às 2h45 da manhã, eu digo que eu tenho um anjo da madrugada [risos], que lá no Jaçanã foi 2h40 da madrugada e aqui foi às 2h45 da madrugada.

Eu saí debaixo daquela ponte e tava caminhando em direção à favela pra pegar mais droga, né, e pra correr, pra fica ali, porque o policial podia aparecer e apareceram dois irmãos da igreja na madrugada, que tavam vindo de uma vigília. E eu perguntei pra eles se eles não conheciam alguma casa de recuperação, eu já tava aqui do lado só que eu voltei pra lá, tinha que conhecer uma casa de recuperação. E eles me levaram de lá pra casa Valentes de Davi que era uma casa de recuperação. E passei lá nove meses nessa casa. Nesses nove meses eu lutei muito pra ficar e consegui esses nove meses. Aí chegando terminou o tempo dos nove meses lá. Eles me disseram “a gente tem um pessoal numa casa aí, que eles fazem um trabalho com recuperação também, você não quer conhecer essa casa, não?” aí eu falei “vamos lá né”.

Aí o pastor me trouxe de lá pra cá. Aí, chegando aqui, aí eu vi o propósito de Deus na minha vida eu falei “Deus, mas eu queria ficar tanto, ficar longe das drogas... Aí cheguei aqui na porta a cracolândia era aí na porta, as droga tava tudo aí na porta. Então, eu vi que a minha escolha era a escolha de Deus. E hoje eu vou fazer aí seis anos que, recuperado, liderando esse povo todo aí, e Deus mudou a minha história. Deus me deu um casamento, Deus me deu uma esposa, um dia eu falei pra ela que Deus poderia mudar a história de vida dela se ela aceitasse Jesus. Ele iria mudar a história de vida dela e ela veio todos os dias, aceitou o

trabalho na vida dela, a recuperação na vida dela e tá. Nossa felicidade, pros que não acredita que Deus muda a história, Ele mudou a história dela, Ele levou ela, Deus curou ela, Ele tratou dela.

[Pergunto se ele sentiu logo de cara que ele se casaria com ela] Minha parte foi dizer pra ela que Jesus ia mudar a história dela, essa parte foi da vida dela, porque ela foi se internar e ela falou que nos pensamentos dela, que o sonho dela, ela falou com Jesus que ia se tratar e ia se recuperar e ia voltar pra casar comigo. Eu não sabia disso, só vim saber disso depois de dois anos que ela falou, porque eu tava em outro relacionamento. E eu pedia a Deus: “Deus, se for da tua vontade que eu possa casar com essa menina”, não com ela, com a outra, Deus disse “não” mas quando ela apareceu, disse que tava orando pela minha vida.

Era a vontade de Deus, porque as outras vezes de relacionamento que teve na minha vida, nenhum da minha liderança apoiava, achava que não era pra mim, tava com outra, eles disseram que não era pra mim, então eu parei. Aí eu comecei a orar com uma outra lá em Minas, eles “não, não é pra você” e fui obediente a eles por um tempo, que eu sou meio duro casca grossa, mas eu sou obediente. Então falava pra mim que não era, então eu esperei em Deus. Nosso piso ali embaixo [no salão], ele era assim, né, pintado assim [aponta para o chão da sala onde estamos conversando] e toda vez que eu pintava aquele piso ali, eu pinteí quatro anos aquele piso!, eu pedia pra Deus, “ó Deus me ajuda porque eu não quero mais ficar assim”. Aí Deus é tão maravilhoso que Ele deu o casamento, Ele deu a esposa e 15 dia antes do casamento Ele deu o piso todinho da igreja toda! Quando o piso chegou o pastor falou “o piso da igreja pra você casar aqui, aí pra ficar bonita a igreja” então em duas semanas nós colocamos todo piso e casamos aqui.

[Como várias vezes ele mencionou que “ouviu” uma voz o alertando para o perigo, pergunto se ele, naquelas ocasiões, entendeu que aquilo seria um aviso de Deus] Eu não tinha noção, eu sentia que alguma coisa falava comigo, mas eu não entendia bem o que era. Eu era católico não praticante, movara na rua... A única coisa que eu sabia da igreja é que eu via nas igreja, ia nas igreja quando eu morava na rua e contava uma mentira nas igrejas que eu tinha família, que minha mulher tava na rua, pedia cesta básica e vendia na favela e ia usar droga. Esse era o contato que eu tinha com a igreja. Hoje eu tô dentro da igreja, hoje eu sei quê que é estar dentro duma igreja, hoje eu sei o que é a verdade, eu sei o que a pessoa tá dizendo é verdade, porque hoje as pessoas chega e conta pra nós uma história, elas conta uma história que nós já vivemos, que já passamos por ela... Deus é maravilhoso.

Hoje, pela misericórdia, graça e o amor de Deus, já vai fazer seis anos, já fez seis anos [longe das drogas]. E hoje eu posso dizer que ninguém, nem nada me faz voltar pras drogas, nada. [Quando pergunto qual a importância da religião na vida dele, ele questiona “Você tá dizendo religião, ou você quer dizer Cristo?”] Todo esse conjunto se resume em um só: Deus. Deus é tudo em nossa vida, Deus é nossa cura, nosso amor. É a nossa paz, é nossa alegria, nossa transformação Deus é tudo. Cristo é o que restaura, ele dá a vida... ele me ressuscitou dos mortos.

Mudança de vida

Tudo [mudou na sua vida]. É como você chegar e o carro está abandonado há 22 anos, você ligar a chave dele e o motor girar, é isso, Deus é isso. Deus te tira do nada e faz viver outra vida, muda a história. Eu, o meu seminário eu fiquei dois anos e meio no seminário mas eu tive que parar, porque esse seminário ele foi colocado na minha cabeça pra dar um pouco mais também de respeito. Mas eu precisava retornar ao estudo porque tava ficando complicado, porque quem estudou até a 6ª série, aí já entra grego, hebraico na cabeça da gente, então eu resolvi parar e deixar o corpo descansar, mas esse ano que vai chegar agora eu quero retornar dum jeito ou de outro, ou seja num colégio pago. Mas eu sei que eu vou terminar os meus estudos e vou terminar o seminário pra que eu possa dar uma boa vida pra minha família. Uma boa vida não é esse lance de... Porque nós não trabalhamos com visões de dinheiro, mas eu tendo um diploma na minha mão que eu possa ter um salário melhor pra mim ajudar a minha família, então eu tenho que estudar, eu tenho que terminar. Em nome de Jesus eu preciso fazer um seminário pra ser um pastor pra que eu possa buscar mais recursos pra ajudar minha família. Pastor e pastor dentro da dependência química, onde tá o dependente químico lá eu quero tá.

A vida do dependente químico é assim, quando você vai pra uma casa de recuperação pra recuperar você, sem Cristo há uma luta. 22 anos eu lutei, dessa vez quando eu entrei decidi “Deus, muda a minha história, eu quero te servir” aí a recuperação foi instantânea porque eu não tive mais abstinência, não sinto o cheiro da droga, é quase impossível uma pessoa não sentir o cheiro da droga, mas hoje Deus me tirou o cheiro da droga, não sinto o cheiro do crack. Eu sinto o cheiro da maconha porque ele é forte, mas eu não sinto o cheiro de crack.

Foi uma libertação instantânea, quando Jesus entra, a libertação é instantânea. Eu fui eu, eu lutar, eu não deixei Jesus entrar, eu fui eu lutar. Tudo que a gente faz na vida, tudo que

a gente faz na vida, seja você o cristão seja você o não cristão, se você fizer as coisas por você, você pode até conquistar alguma coisa, mas nunca vai dar certo porque não tem Cristo, porque nós fomos criado a imagem e semelhança de Cristo então tudo tem que ser por ele, pra ele e para ele. [Pergunto se pensou em desistir] Nenhum momento até agora, nenhum momento.

Eu não tive nenhuma dificuldade porque, eu acho que na minha vida, mesmo passando pelas drogas, eu vim nesse mundo com uma missão sabe, eu queria ser policial. Então, quando você é um policial cê tem que seguir regras, então não sei se é genética de família, meu pai sendo policial, vê isso mudou minha vida. Então, regras pra mim ela é a coisa mais simples de seguir, porque eu não tenho dificuldade com regras. Então, por isso que eu tenho esse meu jeito de ser.

Hoje vai fazer seis anos [de recuperação]. A recuperação de um dependente químico, hoje nós somo liberto, mas a recuperação de um dependente químico dele falar assim “hoje eu tô livre”, nós só vamo tá livre quando nós tivermos com Cristo Jesus, aí a recuperação ela é todos os dias, todos os dias eu tenho que lutar dizendo “Hoje, eu não posso usar droga. Hoje eu não posso xingar ninguém. Hoje eu não posso falar palavrão. Hoje eu não posso roubar. Hoje eu não posso me prostituir”. E o amanhã pertence a Deus. A gente tem que viver o hoje, se eu consegui chegar nesse dia hoje às 6 horas da tarde, entrar na minha casa e botar minha cabeça no travesseiro, eu venci mais um dia. Então, hoje eu consegui, hoje eu não usei nada, eu sei que Cristo Jesus Ele tá em mim, mas dentro de nós há um monstro que ele tá dormindo, então o momento em que eu deixar a palavra de Deus, eu vou voltar pra lá. É uma luta todo dia, é uma luta todos os dias. Mas, porém, liberto em Cristo Jesus.

Futuro

Queria que Deus tá escutando agora nesse momento, mas meu maior sonho é ver toda minha família transformada. Meu maior sonho é ver toda minha família na presença de Cristo Jesus. E um deles é conquistar minha casa própria, que esse é o sonho de todo ser humano, ter a sua própria casa e entrar nela, porque se um dia faltar água ninguém pode me tirar dali, se um dia acabar luz ninguém pode me tirar dali, se um dia não tiver comida, ninguém pode me tirar dali. Então, o meu sonho é ter meu teto, ter a minha casa.

Primeiro passo pela libertação é se perdoar de todas as coisas ruins e de tudo de ruim que as outras pessoas fizeram pra você. Primeiro passo de um liberto das drogas, se ele não se

perdoar, se ele não liberar o perdão a quem um dia te fez mal, ele ainda não está em Cristo. Porque, aquele que está em Cristo nova criatura é. Então, se as coisas velhas passaram, então tá tudo perdoado.

O principal, o principal sonho, meu, meu sonho, é andar nas ruas do Brasil e não ver mais pessoas largadas, pessoas abandonadas. Se eu e você, e as outras pessoas que forem ler, poder soltar os nosso filhos e deixar eles caminhar sem preocupação pelo nosso país. Esse é um sonho meu, eu sei que é difícil, mas não é impossível. Se o povo se unir, ajudar as vidas que estão na porta, ajudar as pessoas que estão pedindo um alimento na porta da sua casa, não dando o alimento, mas ensinando o caminho certo, nós podemos mudar a cara desse País. É o nosso dever. Pra aqueles que vão ler e que são cristãos, ou que não são cristão, possa indicar essas pessoas a caminhar com Cristo, que somente Cristo pode mudar essa história. E eu agradeço a Deus pela minha vida, porque Ele mudou minha história. E agradeço a Deus pela sua vida, por tá escrevendo essa história. Que Deus possa nos abençoar.

Com o gravador desligado agradei por ele ter contado sua história. Nesse momento, aquele homem que gerencia o dia a dia da Cristolândia, muitas vezes tendo que apartar brigas entre os usuários que acontecem ali, aquele homem duro desabou. Chorou muito ao dizer que foi difícil relembrar tudo o que aconteceu e principalmente a discussão com a irmã. Mesmo estando bem agora disse que foi muito difícil remexer nas lembranças.

Dados gerais - missionário

Nasci em São Paulo mesmo. Tenho 26 anos. Profissão assim não tinha, mas eu trabalhava em supermercado como repositor. Ficava repondo as mercadoria, né, já trabalhei no balcão de frios também. Trabalhei em uns quatro supermercados, né, um foi na região da Paulista, outro foi na região da onde eu moro mesmo, na região da Pirituba. Eu terminei o segundo colegial, né. Sou casado. Moro com a minha família. Esposa e filha.

Contato com as drogas

Meu primeiro contato com as drogas foi quando eu tinha 16 anos, aí eu comecei frequentar festas, baladas e me ofereceram, né, maconha. Primeiro a maconha que eu usei, né. Da maconha partiu pra cocaína, da cocaína, lança perfume, drogas sintéticas até chegar no crack. [Pergunto se a transição de uma droga para outra foi rápida] Não, não. Tem um tempo né. Quando a gente sente que uma droga não tá de dando mais prazer a gente parte pra outra né. Foi assim, né, um tempo. [Senti] Curiosidade. Eu via pessoas usando e aquela alegria das pessoas, eu usei também. Eu cresci na igreja né, mas como eu falei, aos dezesseis anos, eu acabei me afastando. A gente vê no mundo, né, as pessoas felizes nas festas e foi isso que aconteceu comigo. E tem um fato que a gente, porque tem gente que usa como desculpa, né, qualquer problema que ele passa na casa dele ele usa como desculpa e eu usei o meu pai ter ido embora, né, de casa. Quando eu tinha quatro anos ele foi embora, ele era alcoólatra, né, e eu vi minha mãe sofrer muito por causa dele. Eu tenho algumas lembranças, né, mesmo com quatro anos de idade eu tive algumas lembranças. E aí eu usei isso como desculpa e entrei nessa vida errada. Foi isso.

Olha, no começo era só de final de semana. A gente tem o controle no começo. Aí, conforme vai passando, a gente vai se viciando. Aí era todo dia. Eu trabalhava, né, e aí o dinheiro que eu ganhava por mês, num ganhava mal, num ganhava bem mas dava pra sustentar meu vício. Então o dinheiro era só pra sustentar o vício. Como eu falei, no começo era mais final de semana, mas depois todo dia. [Pergunto se ele conseguia trabalhar sem que percebessem o vício] Conseguia até um certo ponto, depois eu fui perdendo emprego. Todos empregos eu perdia por causa das drogas.

Então, quando fui perdendo aí tive que partir pra rua, roubo, essas coisas né. Até pegar coisa dentro de casa também. [Primeiro começou] Pegando as coisas dentro de casa, o roubo

foi depois. Da minha mãe, dos meu irmãos. E aí pro roubo foi só questão de tempo, assim, questão de não ter mais nada dentro de casa. E aí eu tive que partir pro roubo e aí eu fui preso, sai de novo, fui preso... Eu não cheguei a morar na rua, não. Não cheguei a ficar em situação de rua. A minha família ela sempre me apoiou, independente dos meus erros assim, tive uma família que sempre me apoiou e entendeu que isso era uma doença e que teve do meu lado o tempo todo. Em casa é só eu e minha mãe e na época tinha uma irmã só, né. Só que agora tão todos casados, eu tenho quatro irmãos casados. [Tem] Duas irmãs e dois irmãos.

[Ficou preso] Dois meses. Fiquei no CDP, Centro de Detenção Provisória Osasco 2. Por roubo. [Pergunto se ele chegou a traficar] Não, traficar não. Quando cheguei na cadeia, foi em 2011, na hora caiu a ficha né. A gente não entende o quê que a gente tá fazendo ali, eu me perguntava por que que aquilo tava acontecendo comigo, só que, automaticamente, vinha a resposta na hora, porque quem causou tudo aquilo fui eu mesmo. E aí eu entendi que eu precisava parar com aquilo que eu tava fazendo, né? Precisava de forças. Sozinho eu não conseguia, precisava de ajuda.

Então, por eu ter crescido na igreja, lá em Pirituba, minha mãe comunicou o pastor da igreja que eu frequentava, né, e ele, junto com a minha mãe, me trouxe até aqui à Cristolândia. Foi aí que eu conheci o projeto. Parei [de usar drogas]. Tô há quase quatro anos. Três anos e seis meses limpo das drogas.

O meu.... como é que eu posso dizer...? O meu encontro, assim, com o crack foi uma coisa demorada né, porque na cocaína eu já tava muito viciado, né, na cocaína mesmo eu já tava roubando pra poder usar a cocaína. E aí eu conheci o crack e não demorou muito tempo eu percebi que precisava parar com isso e aí quis ajuda, né? [Consumiu o crack por] Dois anos.

O R [fala dele na terceira pessoa] na igreja antes era uma pessoa que só ia por obrigação mesmo, né, porque como minha família cresceu, foi tipo assim, o pai vai ir o filho vai junto, então eu não tive encontro com Deus, né, na minha infância na verdade, eu ia por ir. Hoje, não. Quando eu conheci o projeto Cristolândia através daqui, eu tive um encontro verdadeiro com Deus. Nem tanto a religião, né, eu costumo dizer que a religião não vai curar ninguém de nada. Que seja candomblé ou católico, mas quem pode libertar alguém mesmo é Deus, só Deus. O homem tendo fé em Deus é isso que vai ajudar ele.

Mudou tudo, né? Primeiro a questão de não usar drogas e não beber mais, não fumar mais. E mudou também o meu caráter, porque eu sou uma pessoa diferente hoje, uma pessoa transformada mesmo. Ainda não [voltou a estudar], mas pretendo cursar uma faculdade. Então, por eu tá nesse ministério hoje eu trabalho com essas pessoas assim, né, mais centrado no evangelho, então eu pretendo fazer uma faculdade de teologia. [Pergunto se ele quer ser pastor] É. Mais na área de dependência química.

Processo de recuperação

Não foi fácil, não. Acho que não é fácil pra ninguém, né? No começo tem a questão da abstinência. Então a vontade de usar droga era muito grande, eu tinha muitos sonhos, eu sonhava usando drogas. Mas é uma luta todos os dias, né? E, com o trabalho que é feito aqui, estudos da palavra, a gente não trabalha com remédio, né, o que nos ajuda aqui é a palavra de Deus. Dia após dia eu fui entendendo e fui esquecendo também das drogas, né, foi assim a minha recuperação.

Na verdade um dependente químico ele vive sem regras na rua, né? Então, tanto abstinência como as regras foi uma dificuldade muito grande. [Pergunto se ele sofreu alguma recaída] Eu tive uma pequena recaída. No decorrer do tempo que eu tava aqui, eu decidi ir embora, mas eu não tava preparado, né? Ah eu tinha mais ou menos uns dois anos na casa e aí eu resolvi sair. Mas não foi uma recaída demorada né. Foi mais pelo fato de não estar pronto pra encarar o mundo aí fora, que a gente hoje vive né. Eu moro em periferia, né, então eu chegava lá... O que tem que mudar é a gente, né, o lugar continua a mesma coisa. Então eu cheguei lá, eles estavam consumindo drogas e eu acabei entrando de novo.

Depois foi vergonhoso, eu fiquei com muita vergonha, né. Até de voltar pro projeto, né, a gente tem um pouco de orgulho, né, mas eu tive que entender novamente que eu precisava de ajuda de novo. [A recaída] Foi mais ou menos uma semana, uma semana. [Pergunto qual foi a reação da mãe dele com a recaída] Ficou mal, muito mal. Porque a minha mãe, como eu falei, ela me apoiou sempre, né, mas ela vê o filho retornando novamente pras drogas é difícil, né, mas mesmo assim não deixou de me ajudar.

[Pergunto como foi a recepção na volta para a Cristolândia] Muito boa, eu sou uma pessoa que me dei muito bem com todo mundo aqui sempre, né, fiz muitas amizades, com os coordenadores também. Então já me colocaram direto aqui novamente e eu continuei o trabalho e foi assim, como se nada tivesse acontecido. Pra mim eu voltei pra onde eu tava, né,

pra minha casa. No começo a gente tem dificuldades, né, porque infelizmente a gente volta e na nossa cabeça a gente não consegue entender porque aquilo aconteceu de novo, mas eu tive algumas dificuldades em questão das regras novamente, entendeu? E, pelo fato de ter saído e ficar em casa, mesmo que tenha sido por uma semana só, eu voltei pra cá tive que continuar seguindo as regras daqui, né? Dificuldade foi mais essa mesmo.

[Pergunto se alguém deu alguma bronca ou fez algum tipo de julgamento] Não, não. Nenhuma. Acho que quando a pessoa tá em sã consciência, [o pior é] a cobrança interna. Porque é como eu falei, você começa se perguntar por quê que aquilo aconteceu e você não admite aquilo, até eu colocar os meus problemas diante de Deus, né, e perguntar por que aquilo tinha acontecido comigo. E aí, até que veio as respostas dele.

[Pergunto quando ele conheceu a esposa] Antes de vir pra cá era minha noiva. Sempre [estive] do meu lado. A gente tá há cinco anos juntos, não de casados, né, cinco anos juntos. [Namoramos] Três anos. Vai fazer dois anos agora de casado.

[Pergunto como estava a situação judicial dele] Já resolvi, hoje eu assino, né, no fórum de três em três meses. Tô em regime aberto. Eu cumpri dois meses, né, e aí eu saí tive audiência e na audiência eu peguei dois anos assinando. Que eu tinha assinado 157²⁵⁷ quando eu fui preso, mas na audiência caiu pra 155²⁵⁸, então reduziu o tempo. Eu roubava sozinho, nunca me envolvi com quadrilha assim não. É porque é mais pelo fato de já tá sob o efeito de drogas e roubar pra poder usar drogas entendeu? Nunca usei arma. Por isso que baixou pra furto. Quando eu assinei tinha sido 157 porque tinha vítima, mas depois caiu pra 155 pra furto.

[Pergunto se ele pensou em desistir do processo de recuperação] Pensei pela questão da saudade da família, né? Mas meu tratamento foi todo aqui.

[Pergunto se ele se considera livre das drogas] Sim²⁵⁹.

Moro em Pirituba. Na verdade é um terreno que minha mãe me deu uma parte pra mim morar com a minha esposa e minha filha. [Pergunto sobre os amigos que colaboraram com a recaída dele] Continua, eles ainda tão lá, mas como eu falei quem tem que mudar sou eu, né, as pessoas, o lugar vai continuar sempre os mesmos. Eu entendi que é uma vida que

²⁵⁷ Roubo

²⁵⁸ Furto

²⁵⁹ O entrevistado se mostrou um pouco tímido e algumas vezes se limitava a responder sim ou não, apenas.

não vai me levar a nada, né. Não sinto vontade mais de nada. Eu trabalho como missionário aqui e uma igreja Batista me sustenta com um salário²⁶⁰.

Futuro

Eu comecei na igreja, né, quando criança, adolescente, mas por causa das drogas eu abandonei tudo isso, mas hoje eu tô retomando, né? E o meu futuro, eu espero dar uma vida melhor, uma vida mais, como é que eu posso dizer...[pensativo] uma vida não que eu tive nas drogas, mas uma vida que minha filha veja em mim um homem de bem, né, um homem que a sociedade enxergue e não tenha problema nenhum com ele. Porque quando a gente tá nas drogas a sociedade não consegue olhar pra gente como uma pessoa de bem, né. Eu quero mostrar isso pra minha filha, né, quero dar um futuro bom pra ela.

[Pergunto se ele tem medo que a filha se envolva com drogas] Tenho, tenho medo. Tenho medo porque esse mundo de hoje o que oferece é isso, né, mas eu não vou mentir nenhum momento pra ela. Eu vou contar tudo que aconteceu pra ela quando ela tiver uma idade mais avançada, que hoje ela tem um ano, né, ela fez um ano agora, mas eu vou contar tudo pra ela e dizer que as drogas, ela pode até te trazer um prazer no começo, mas depois as consequências são as piores possíveis.

[Pergunto se ele gostaria de acrescentar alguma coisa] Eu queria deixa uma alerta, né, não sei pra quem você vai mostrar, né, essa entrevista, mas deixar uma alerta pras pessoas principalmente pros jovens, adolescentes, pra que não caia nessa cilada de começar com uma festa, com uma balada, com bebida, porque a gente sabe que o mundo oferece isso, mas a palavra de Deus ela diz que um abismo puxa pra outro abismo, então da bebida vem a maconha, o cigarro, a cocaína, até chegar no crack e o fundo do poço. É mais uma alerta que eu queria deixar pra nossa juventude aí.

²⁶⁰ Doação proveniente da Junta de Missões Nacionais.

Dados gerais – acolhido

Nasci em São Paulo, Capital. Tenho 33 anos. Eu sou forneiro de fundição, era empregado do meu tio e a última profissão bancário. Tá trancado minha faculdade, mas eu vou voltar agora em fevereiro [de 2016]. [Estudava Direito] Lá na Zumbi dos Palmares. Sou solteiro, moro na Cristolândia. Minha família são meus dois tios, eu não tenho pais. Meu pai eu não sei quem é, minha mãe é falecida. Meu pai eu não sei quem é, não. Sou registrado só no nome da minha mãe.

Contato com as drogas

Foi quando eu descobri que minha mãe tinha AIDS. Eu tinha doze anos. Tava no fliperama, tava chateado, né, por causa da situação, aí um cara lá mostrou pra mim um cigarrinho de maconha. Fiquei curioso. [Morava na] Vila Ede²⁶¹. Muito difícil, né, porque eu não via minha mãe há 25 dias. Eu era atleta, jogava no campeonato paulista, tava no quarto ano já do campeonato paulista. Aí num dia de treino minha mãe falou “Menino preciso falar com você”. A mãe fala “filho”, né? Falou “menino”, eu hein? Ela falou “Você promete que quando você tiver vivo, você vai cuidar da sua irmã e da sua vó?” Eu falei “sim” aí eu falei “Por quê?” Ela falou “Porque a mãe tá com HIV e vai partir” em 1995, aí foi um choque pra mim essa situação. Morava com ela, minha irmã, minha vó e meu tio. Aí foi morrendo todo mundo. Aí morreu a minha mãe com doze, meu irmão com quinze, de HIV... É que ele nasceu doente. Meu tio, quando eu tinha dezesseis anos, morreu na rua de rins, dezenove pra vinte a minha vó morreu de rins.

[Pergunto em qual time de futebol ele jogava] É, naquela época era 'dentinho' e 'dente', né? Eu jogava no “GEAP” que é o antigo... Era um time ali de segunda linha, que era da empresa de ônibus “Grêmio Esportivo Associados para Meninos”. Aí joguei lá, joguei seis anos nesse time. Era bom jogar bola com os muleque. Eu era meio que coringa, era zagueiro, lateral e volante. Não tinha posição fixa. Quando eu comecei a usar droga o técnico ia me buscar em casa, foi nesses doze pra treze anos.

Não era a questão das droga, era questão da ausência da minha mãe e do preconceito que eu passava em casa. Porque os meus tios, mesmo sendo meus tios, eles não tomavam

²⁶¹ Zona Norte de São Paulo

nada no copo de bebida meu, eles comprava pizza, esfiha, refrigerante, né, fazia aquela festa. Aí, quando a minha prima foi tomar no copo de bebida a minha tia bateu na mão dela. Aí eu me toquei, entendeu? Foi muito difícil as pessoas entender que eu não tinha [AIDS]. Eu fiz um monte de exames, mas até comprovar era complicado.

A cocaína se eu me lembro foi na Vila Ede, numa experiência, fui dar o dinheiro pra comprar maconha com uns cara, que eu não sabia onde era, os cara veio com a cocaína, aí eu, pra não passar de trouxa, né, tá gastando meu dinheiro, também vou usar também. Isso foi quando eu tinha 13 anos. O crack demorou. O crack o auge pra mim foi com vinte anos, quando minha vó morreu. Aí eu conheci o mesclado que é maconha com crack, né? [Pergunto como era o mesclado] Você pega a pedra, você amarra ela, pega a maconha mistura, aí fica um vamos dizer, na gíria, né, assim “choquito”, né, aquela mistura do verde com o branco acaba virando o choquito.

Cê faz um cigarro de maconha, usa como a maconha. Só que só ascende com cigarro, você não consegue ascender ele com isqueiro, só com cigarro, porque o isqueiro não queima, ele queima torto. Você faz assim, só pra você entender: cê faz o cigarrinho de maconha com crack, pega a gominha passa na cabecinha dele aqui, aí ascende um cigarro, aí você fuma assim ó [faz sinais como se estivesse enrolando um cigarro]. Cê fuma os dois, o cigarro normal e a maconha. Eu ascendendo ele assim e vai passando o gomo por quê? Porque ele vai queimando só o crack, pro crack não quebrar, queimar mais rápido. A goma é o guspe. Vai passando guspe.

[Pergunto se ele chegou a ficar em situação de rua] É, em termos, né? Porque depois que minha vó morreu, sempre trabalhei aí eu morava com a minha irmã, depois numa época eu morava sozinho em hotéis. Nunca dormi na calçada porque eu tinha medo de tomar pancada, porque ir pra rua sempre teve esse problema, né? Ó vou ser bem honesto com você, eu sempre um fui rapaz de trabalho, tanto que agora eu tava trabalhando no banco, então eu nunca gostei de nada errado. Então, quando num tinha um trabalho fixo, eu fazia uns bico, descarregava uns caminhão, buscava outro... Eu sempre tive medo de cadeia, essas coisas. Eu já via que eu não tinha pai e mãe e ainda ser preso? Já tava nas drogas, ia ser mais complicado pra mim, entendeu? [Pergunto se ele teve algum problema com a polícia] Nunca! Deus me livre!

A minha irmã ela tem três filhos, mas ela acabou tendo três filhos com um usuário de droga, né? Então ele sempre dava dor de cabeça, né, porque o cara ia preso direto e aí sobrava

pra mim sempre pagar as coisas, né? Eu sempre fui um trabalhador, então eu estava cuidando do meu vício e cuidando dos meus sobrinhos, né? Bem complicada a situação. [A irmã tem] Dois meninos e uma menina. [A irmã] consumiu maconha, mas tá tranquila agora, tá indo na igreja também. Tá de boas. Vai na Assembleia de Deus.

[Nesse momento ele fica curioso quanto à minha religiosidade e me pergunta se frequento alguma igreja. Diante da minha resposta negativa, diz: “então vira Batista!”. Volto ao tema da nossa conversa e pergunto se ele procurou algum tipo de tratamento antes da Cristolândia]. Só fui duas vezes no mesmo local: Missão Desafio Jovem - Jesus Liberta, em Nazaré Paulista²⁶². A primeira vez eu fiquei nove meses, a segunda, cinco. Mas as duas praticamente eu fui por causa de gente da empresa, né, não fui muito de coração, não.

Ah porque eu sou duma família que o dinheiro - quando eu lembro de meu tio assim – é o mais importante entendeu. Então, eu tenho 33 anos, já tive quatro carros, tive dois Chevettes, já tive um Classic novo, 2015, e meu último carro foi um Sportage, carro importado. Então minha família era família que focava muito no dinheiro e não um diálogo. Então meu tio me dava dinheiro, me dava as coisas e me dava um carro. [Estudou em colégios] Todos públicos, mas nunca repeti. Minha média sempre foi A e B. C eu já chorava, não gostava.

Processo de recuperação

Eu vi [a Cristolândia] no SP/TV, fiquei curioso. Eu estava com um cartão com R\$ 853,00 e eu fiquei três dias internado num hotel fumando crack. Lá eu tive um sonho com a minha vó, que ela me pedia um refrigerante, quando eu fui pagar o cartão estava bloqueado. Quando eu acordei, me senti um lixo, cheio de latinha no quarto, o quarto estava cheio de camisinha, nem sei com quem eu tive relação. Tava sozinho, aí olhei aquela situação, aí eu peguei um ônibus. Desci aqui e falei, nessa praça motorista “Senhor, o senhor pode me dar uma carona porque eu tô indo indo me internar?”. Eu tava me internando no hotel ali na Rua Gurgel ali, né? Foi... O dia que eu vim pra cá foi 8 de maio de 2012.

Eu nunca gostei de crente, não. Detestava, todo mundo tinha pai e mãe, né, dava feliz Natal pra mim “que Natal o que, não tenho pai nem mãe, não tenho ninguém”. [Pergunto qual a religião da família] Espírita. Praticante. Tinha raiva disso aí também, detestava. [Pergunto o motivo] Porque eu achava mó... honestamente, eu via um negócio sem futuro. Eu via o meu

²⁶² Interior de São Paulo.

tio lá no candomblé, né, ele cada dia mais doente²⁶³. Do candomblé, ele oferecia lá. Pinga, de manhã jogava pinga na empresa, aí tinha vela vermelha e preta deste tamanho né [faz sinal com a mão]. Aí, um dia eu entrei lá na empresa lá, tinha uma macumba lá no meio, dava vontade de chutar tudo. Eu nunca gostei disso aí não, eu via o meu tio só se afundando meu, ele não se levantava, falava “Isso daí não é bom não, meu” se fosse bom chamava “bomcumba” e não macumba. Não gostava não. Nem, até hoje eu não gosto. Mas eu sou bem claro, eu não gosto. Afundando eu falo no sentido de saúde, né, porque meu tio ele perdeu quatro dedos no pé, ele perdeu uma vista, perdeu outra vista e foi perdendo os rins e morreu com cinquenta e quatro anos. Então o meu tio, que ele tinha dinheiro, nem o dinheiro dele, nem a religião dele ajudou ele. [Pergunto se ele teve diabetes] Diabete. Fiquei dois meses em Itaquaquecetuba, nove meses em Piratininga²⁶⁴, e fiquei um ano e seis meses na Missão.

[Pergunto se a moça que ele namorava era da igreja] Era. [O namoro] Deu um ano e quatro meses. Conheci ela aqui. [Pergunto o que aconteceu, já que ele estava voltando para a Cristolândia por conta de uma recaída] De eu cair? Dinheiro. Como sempre dinheiro, a maldição do dinheiro. Eu não caí... Olha, eu vou ser até correto com você, eu não gosto, eu tenho uma grande dificuldade, desde criança as pessoas se preocupam mais com o dinheiro do que se preocupam comigo... eu tenho essa grande dificuldade.

Então o que aconteceu, a minha queda... A minha noiva, ela tava fazendo mestrado na USP, de oceanografia, ela é engenheira civil formada na Unesp. Aí o que aconteceu, como eu tava trabalhando no ritmo do começo [no trabalho] eu não podia chegar atrasado e eu acordei atrasado, porque faculdade, trabalhar e estudar, você sabe melhor que eu, que cansa. Aí eu peguei um táxi e eu falei isso pra ela. Aí ela começou a reclamar, nós discutimos. Assim não dá pra juntar, o dinheiro.... Nesse dia que nós discutimos eu bloqueei mais de um bilhão de reais, só de um lucro lá de empresários. Eu bloqueei setecentos e dezoito milhões. Eu sou uma testemunha viva, sobre esse negócio do Lava-jato²⁶⁵, eu sei muita coisa. Ações, né. Ordem do senhor doutor né, o juiz Moro... a maioria dos juízes do Brasil, então era setor de bloqueio e desbloqueio.

²⁶³ Novamente, aqui há uma confusão entre espiritismo e religiões afro. Mesmo considerando o comentário preconceituoso, mantive a fala na íntegra.

²⁶⁴ Casas de recuperação da Cristolândia.

²⁶⁵ Operação Lava Jato, deflagrada pela Polícia Federal para apurar desvios de dinheiro da Petrobrás.

[Peço para retornarmos ao nosso assunto] Então, saí daqui [da Cristolândia]. Fui morar sozinho no Jardim Brasil²⁶⁶, num sobrado enorme dos pais da minha noiva, onde eu e minha noiva iríamos morar. [Ela] Morava próximo, ela mora no Tucuruvi, do lado. Eu trabalhei sete meses em um banco e seis meses em outro²⁶⁷. [Pergunto o que aconteceu] É, por causa do dinheiro, aí rolou uma discussão, aí eu cheguei um dia e falei pra ela “Mano, não leva a mal, não mas tô com mó vontade de tomar cerveja”, ficou aquele questionamento... Eu ralava muito, o Direito te suga muito... aí numa quinta-feira, infelizmente, eu fui lá, tomei cerveja, o que tava dentro de mim reviveu, fui lá comprei a cocaína e pra quem fuma crack não pode a cocaína. Aí eu cheirei a cocaína.

Aí eu fui prum hotel em Santana, três dias. Só cheirei cocaína sem o crack e tomei bebida alcoólica. Eu paguei uma prostituta pra ficar comigo. O primeiro dia não foi o problema. O ruim foi o segundo: que merda que eu fui fazer? Aí veio Deus, veio a noiva, veio Pastor Humberto, veio a Cristolândia, veio minha carreira que eu tinha uma carreira consolidada administrativa, veio a faculdade e veio o banco. Aí eu nem conseguia sair do quarto tamanha vergonha.

[Pergunto quando decidiu voltar] Encarar a realidade, né? Encarar a realidade, se eu fui homem pra fazer, eu tenho que ser homem pra encarar, né? Aí eu fui pra casa da minha tia, cheguei lá tomei um banho e liguei pra minha noiva. [Pergunto se ela o procurou] Tentou, muitas ligações perdidas [no celular que ficou desligado]. Mas não me recebeu mais.

Foi... eu voltei na segunda-feira. Caí na sexta e segunda já tava aqui de novo. Aí o pessoal do banco veio aqui atrás de mim. [Pergunto se recebeu apoio dos colegas de trabalho] Apoiaram e apoiam. Hoje exatamente vai fazer dois meses que eu voltei pra cá. [Pergunto se ele conseguiu se perdoar] Não. [Pergunto como está se sentindo] Péssimo. Pensei até em suicídio... Mas graças a Deus essa coisa saiu da minha cabeça estou conseguindo me recuperar.

[Pergunto como foi a recepção na volta à Cristolândia] Não foi fácil. Teve o lado dos amigos... Tem os dois lados né, o lado dos amigos que eu liguei, mas o lado dos invejosos que ficaram contra, né? E queira eles ou num querendo, depois do Luiz CL eu sou o cara mais conhecido do Brasil aqui. [Pergunto se essa volta está sendo mais difícil que o processo inicial

²⁶⁶ Zona Norte da Capital.

²⁶⁷ Os nomes das instituições não serão divulgados.

da recuperação] Mais difícil agora, muito mais. Porque não é fácil a pessoa que tava trabalhando ganhando dois mil e trezentos reais, fazendo faculdade... voltar, né?

No início [da recuperação] foi muito ruim, porque um cara que tá acostumado a lazer, sair pros lugares, fazer o que quiser e ser livre, se torna preso, comer o que as pessoas te oferecem, entende, tem tempo pra tomar banho, mas depois eu encarei que era minha realidade, né, que eu não podia fugir dela. [Pergunto o que foi mais complicado: a abstinência ou as regras da casa] Essas regras.

Futuro

O Tiago antes [do processo inicial de recuperação] era um cara frio, bem pouca ideia, só andava sozinho, detestava relacionamento com outras pessoas. Tanto que eu mudei, que hoje eu tô falando com você, dando entrevista. Uma coisa que eu não ia fazer nunca. Bom o meu futuro, eu tô deixando na mão de Deus e também tô agindo, né, não pode deixar na mão de Deus e ficar parado. Então eu lancei o meu CD²⁶⁸, né? Só que por enquanto eu não posso cantar nas igreja devido todo esse ocorrido [a recaída]. Aí, ano que vem vou começar a cantar e voltar a estudar no Direito, e orar a Deus pra tomar a autoridade.

[Pergunto se o interesse dele pelo rap surgiu na Cristolândia] Não, eu curto rap desde 1993. Agora de escrever e cantar foi aqui. Me ajuda muito, porque hoje o rap ele me ajudou a tirar minha timidez, o rap ele tirou minha timidez. No bom sentido eu me tornei uma pessoa sem vergonha né, sem vergonha nenhuma. É, tem três temas na minha música que é: transformação, libertação e diga não às drogas. Eu sempre falo, eu uso sempre esses três temas, com essas questão de droga. [Comento com ele que lembro de uma equipe que estava fazendo um documentário sobre a Cristolândia] Sim, o documentário ganhou alguns prêmios, eu participei dele com música. Ele ganhou, venceu como documentário cristão amador e melhor documentário cristão do Brasil no ano de 2014.

[Pergunto se ele se considera livre das drogas] Não. Porque no dia que eu achar que eu tô livre eu vou voltar pra ela. Foi o que aconteceu comigo quando achei. Só que depois eu caí. Eu nunca mais vou achar que eu tô livre dela. Eu sei o que ela faz. Agora eu espero cantar, né, continuar cantando, estudar, ser um advogado e realizar meu maior sonho que é casar e ser pai. Meu maior sonho é ter um filho. Se for possível uma menininha, né, quero ter uma filhinha.

²⁶⁸ O entrevistado ficou conhecido pelas músicas de rap que criou, contando sua história de superação.

[Pergunto como foi a reação da família dele em relação à recaída] Tranquila, meus tios são meus amigos. Mas a família da minha noiva... Totalmente contra e não quer que eu fale com ela, ela não fala comigo. Eles me ajudaram, só que eu ajudei eles, né, eu vou até abrir meu coração com você: eu não tive nenhuma relação com ela, respeitei ela. Pro cristão, sexo é só depois do casamento, né, nunca forcei nada, respeitei ela. Que ela era uma menina que o pessoal zoava muito ela, então eu fazia ao contrário, tratava ela bem, dia dos namorados saía pra jantar, comprei flor, entupia ela de coisa. Era aquilo que eu falei pra ela: ela tinha um brinquedinho, mas quando o brinquedinho quebrou, ela não quis mais.

Se ela gostasse realmente de mim, se ela me amasse, ela estaria pelo menos, se ela não quisesse falar comigo, ela falava isso na minha cara, não por telefone. Além disso, ela me bloqueou no WhatsApp, me bloqueou no Facebook, entrou no meu Facebook e tirou todas as minhas fotos com ela e alterou minha senha do meu Gmail, porque eu tinha uma confiança e ela tinha minha senha do meu e-mail e tinha minha senha do Facebook. Por exemplo, se eu tô com você, um exemplo, não tem porque eu te esconder minha senha, não tô fazendo nada de errado. Então, ela invadiu meu Facebook, tirou todas as nossas fotos, colocou eu como solteiro, ela colocou lá no meu perfil como solteiro e entrou no meu Gmail e mudou minha senha e todos os meus e-mail relacionados com ela, ela excluiu tudo. Então ela se preocupou com a imagem, com a aparência das coisas e não se preocupou comigo. Eu sou um ser humano passível de erro.

[Pergunto se ele acha que é fácil pra ela entender o que aconteceu] Não, não é fácil de entender. Mas desde que ela se propôs a namorar e noivar com um dependente químico, desde que ela deu um bilhetinho pra mim, no qual ela queria noivar comigo, eu fui lá e comprei a aliança do meu bolso e fui lá e paguei o vestido de casamento do meu bolso, o mínimo de consideração que ela podia ter comigo era vim aqui. Na hora de eu comprar o vestido, compra o anel, o dependente químico prestou? Por que o dependente químico trabalhava no banco, fazia Direito, era um status falar do dependente químico? Aí, quando ele caiu, ele não serve mais pra nada? A questão é a minha chateação não era não entender, eu sei que é difícil com certeza. Eu acho que ninguém é obrigado. Pô, o cara some três dias, vai usar droga “Ah meu amorzinho”... lógico que não. E acho que isso nem é o certo também. Mas o mínimo uma “Tiago você tá bem?” “Tá então ó, Tiago segue seu barco, segue sua vida e eu não quero mais saber” cabou, pra mim menos mal [a voz fica um pouco embargada].

Nós íamos marcar [a data do casamento] porque... A gente também tinha um impasse no nosso casamento, ela queria um número x de pessoas eu já queria que convidasse todo mundo, ela queria num local eu queria num outro local. A gente tava meio num impasse porque eu sou povão, eu não tô nem aí se vai cem ou vai quinhentos, se cem come quinhentos come. Mas ela queria mais restrito, fazer um negócio mais chique, com mais glamour. Eu não queria glamour, queria vamo que vamo e já era. Aí já tava meio impasse por causa disso.

[Pergunto se quer acrescentar alguma coisa além do que já foi conversado] Ah eu acho importante pra dizer aí, que as pessoas olhassem pro dependente químico, não somente com um olhar de preconceito e entender que por trás do dependente químico há uma história e essa história, independente dela ser feliz ou triste, é uma história. Então não ficar olhando nós só como doente, nós não somos eternos doentes, nós também têm sentimento, projetos, nós não é uns cara burro entendeu, mas nós é uns cara que tem uma visão, que tem um progresso, só que muitas vezes o pessoal acha que a gente tá enrolando. Então o dependente químico não é limitado, só que tudo tem que ser o tempo certo né. E também, né, nunca pensar que tá bom, o dia que pensar se cai, e eu quero continuar.

[Agradeço a conversa] É bom botar pra fora! [Sorri].

Cristolândia – Pastor Humberto Machado – 22.10.2015

Bom, existe algumas dúvidas quanto ao surgimento do projeto [Cristolândia]. Uma fonte que é da Primeira Igreja Batista de São Paulo, pastor Paulo Eduardo. Ele disse que já sonhava com isso há muitos anos, porque ele tem uma igreja que é no centro de São Paulo. É uma igreja muito focada no transtorno grave que existe dentro do Centro e disse que sonhou muitos anos construir a Cristolândia. Mas o documento de surgimento aconteceu quando o pastor Fernando Brandão, executivo da Junta de Missões Nacionais, uma unidade filantrópica do Rio de Janeiro que atua nas missiologias do Brasil, ele veio pregar na Primeira Igreja e, segundo ele, ele saiu do hotel pra ir andando até a igreja, se perdeu e caiu dentro da cracolândia. Lá dentro, ele de paletó, gravata, todo lorde, as pessoas começaram a olhar pra ele e ele ficou em pânico e disse que na hora que ele ficou em pânico, ele decidiu orar pedindo a Deus misericórdia pela vida dele. E ele disse que ouviu a voz de Deus dizendo a ele que ele não precisava de misericórdia e sim aqueles que estavam ali. E Deus falou ao coração dele pra que ele trouxesse a igreja, trazer a igreja para dentro da cracolândia.

E assim ele iniciou o projeto Radical Brasil. Começou com um projeto de radicais, aonde foi feita uma convocação no Brasil inteiro, jovens, para dar seis meses da sua vida aqui em São Paulo. Homens e mulheres, jovens. E eles foram pra o Rio, fizeram o curso e quando terminou o curso descobriram que não tinha uma coordenação, alguém experiente pra lidar com esses jovens dentro da cracolândia e aí me convidaram. Eu já tinha passado pela Junta de Missões Nacionais, trabalhei 14 anos nos presídios, eu estava há nove anos afastado, pastoreando igreja. E aí eles me fizeram o convite e nós, eu e minha mulher, aceitamos o convite e iniciamos, em 2009, um trabalho de evangelização na cracolândia. E quando eu percebi que a evangelização da cracolândia não seria o suficiente, aí eu iniciei uma busca pra que eles alugasse um local, pra gente dar uma assistência maior, não só de folheto nas ruas e foi aí que eu abri a Missão Batista Cristolândia. A fundação [oficial] do projeto foi em 27 de março de 2010.

[No começo] A gente cortava cabelo deles [dependentes químicos], a gente montou um salão na Praça Júlio Prestes, e a gente cortava cabelo e ali a gente conversava com eles, dava um café, dava uma água, e ali evangelizava.

Eu nasci em Salvador [Bahia] numa família católica, meus pais eram católicos, eu comecei a usar drogas com 12 anos em Salvador... Participei de um grupo católico em Salvador mesmo logo no começo, Padre Sérgio, fazia parte de um trabalho de jovens na igreja, na pastoral de jovem, mas aí eu não conseguia me recuperar das drogas e fui embora... Saí de casa com 12 pra 13 anos de idade. Fugi de casa vim pra São Paulo. Sozinho. Eu vim numa carona de caminhão, subi numa lona e parei em São Paulo. Não, não sabia [o destino do caminhão]. E aí eu comecei a andar, vivi nas ruas de São Paulo também um tempo, foi quando eu conheci um traficante e ele me adotou. Fui morar na casa dele em Cidade Ademar²⁶⁹ e aí... Menos de um ano, menos de um ano na rua já comecei a viver... Aí eu vivia nas ruas num era na rua, eu tinha a casa dele, mas eu vivia na boca do lixo²⁷⁰ entregando maconha, né, naquela época era maconha. Eu andava nas ruas, comia nas ruas, vivia com os meninos de rua.

Minha família veio pra São Paulo atrás de mim. Eu tenho uma tia que morava em São Paulo, na época ela me fez contato e aí eu comecei a ter contato com a família, mas eu morava com esse traficante. Comecei a ser aviãozinho²⁷¹ dele. Usando, usando maconha. Ele me fornecia o meu sustento né, no vício, e eu fazia o trabalho aqui pra ele.

[Pergunto se ele já usava maconha quando ainda estava em Salvador]. Sim. Porque eu tinha um irmão que ele era usuário e também traficava. Ele que eu peguei [para experimentar], dele, né? Na realidade existem muitas teorias de como iniciar, uns falam que é curiosidade, outros falam que amigos, outros falam que oportunidade, outros falam muita coisa. Na real, meu irmão era meu ídolo, eu tinha um irmão que era meu ídolo, era irmão mais velho, eu achava ele fantástico e devido ao sistema de vida que ele levava, ele era temido. E eu entendia que o cara que é drogado, que é traficante, é temido. Desde pequeno eu percebia isso, porque as pessoas tinham medo dele. Então eu disse “oh, ser traficante é ser poderoso” [faz uma pose, inflando o peito] e acho que foi essa que me levou a experimentar e começar.

[Morou com o traficante] Até os 16 anos. Tinha muito conflito entre eu, ele e a família de ele. Ele, a mulher dele, ele tinha muitos filhos, né, e a mulher dele achava que ele me dava

²⁶⁹ Zona Sul de São Paulo

²⁷⁰ Como a região da cracolândia era conhecida anteriormente

²⁷¹ Pessoa usada para levar a droga do ponto de compra ao ponto de venda. Os traficantes normalmente usam menores de idade para despistar a polícia.

muita regalia. E aí foi uma briga constante, né? Ela não aceitava, ela não sabia do tráfico de drogas, ela não sabia, nem ela nem os filhos dele. Aí ela não entendia o que tava acontecendo então havia muitos conflitos, e com 16 anos eu cometi um erro, né, um vacilo, e acabei preso. Eu fui fazer uma entrega e a polícia federal tava esperando já. Uma emboscada. Fui sentenciado a três anos, e aí fiquei na Febem²⁷², mas eu fugia, entrava, fugia, entrava... Minha vida foi essa até os 26 anos, saindo e entrando das cadeia.

Também na cadeia, mas nunca fui condenado na cadeia, não. Não passei de delegacia, não. Sempre por tráfico. Pois é, aí eu ia fazer 27 anos né, na época, dia 15 de novembro e eu tive uma crise existencial na minha vida. Foi quando eu perdi a minha mãe, né? E ela morreu no meu aniversário, no dia 15 de novembro de 1981, né, ela morreu em 1981 e em 1984 eu decidi também acabar com a minha vida também, eu já era. Eu já tinha uma tendência suicida, né, eu tinha já feito várias tentativas, mas não tinha forças, na “hora h” acontecia alguma coisa e eu desistia.

Bom, em 1984 aí eu tive uma segunda crise muito forte na família, eu e minha esposa, a gente já não conseguia mais se entender, as drogas muito forte, ela também usando e aí foi quando eu decidi mesmo acabar com a minha vida. E no dia 15 de novembro de 1984, eu organizei uma festa na minha casa. Nessa festa eu tava pensando em fazer o meu primeiro aniversário que eu nunca tinha feito, nunca fiz um aniversário antes, né, aí eu queria fazer um aniversário e acabar com minha vida. Aí peguei todo tipo de droga que eu tinha, né, guardado, botei na mesa, chamei a turma toda, todo mundo fumando e cheirando. E nesse dia entrou um casal na minha casa. Ele entrou... eu não sabia quem era, não entendia quem era, não conhecia. Era um casal de crentes.

Eu tinha uma rejeição ao cristianismo por uma questão primeiro, familiar, porque eu nasci num lar católico e eu aprendi a adoração a Maria, minha mãe era adoradora de Maria, meu pai era um adorador de São Jorge e eu fui criado nesse contexto, né? Quando falavam sobre o cristianismo do evangélico, era tido como um povo fanático, um povo orgulhoso, um povo que tinha preconceito contra... existia uma crise religiosa e afetava a crise religiosa a minha vida, né? Porque eu não acreditava não nos evangélicos, tinha um conceito diferente. Na cadeia existia muitos evangélicos e na cadeia quando eles aceitavam a Cristo, o quê que

²⁷² Hoje Fundação Casa

eles faziam, eles se separavam, então eu julgava que eles se sentiam melhor do que os outros. Então isso criava uma reação contrária aos evangélicos.

Bom, aí teve esse casal na minha festa, né, e quando eu percebi que eles eram evangélicos, crentes, né, eu comecei a agredi-los, agredir dando a eles bebidas, eles não quis, eles não tomava, eu oferecia cerveja, cachaça, tudo pra eles, né, eu fumava maconha pegava o cigarro de maconha dava pra eles, eles... Só que a reação dele não foi uma reação agressiva na minha investida contra eles dois, o casal. Ao contrário, eles ria o tempo todo, não aceitava, mas também não me agredia. Até que uma hora ele foi no som e desligou o som, um monte de pessoas armadas dentro de casa, todo mundo fumando, cheirando, ele desligou o som foi na minha direção, me entregou um presente, me entregou uma Bíblia, o Novo Testamento, e falou pra mim, assim: “olha, eu vim aqui porque Deus mandou eu falar com você e Deus tem um plano na sua vida e Ele quer executar esse plano”. Não entendi nada.

Ele foi embora, me deixou em casa sozinho. Eu passei do dia 15 de novembro até o dia 31 de dezembro, um mês e quinze dias, cheirando, fumando, mas não tinha força pra overdose. No dia 31 de dezembro, onze e meia da noite, eu decidi acabar com minha vida, peguei um copo de álcool, coloquei dez diazepam, mandrix, rohypinol²⁷³, cocaína, fiz uma salada e tomei. [Misturou com] Álcool, álcool mesmo. E aí quando eu tomei essa overdose, eu fiquei num estado de alucinação vendo a morte chegar. Mas, de repente, eu ouvi a voz daquele rapaz que foi na minha casa e meu ofereceu aquele Novo Testamento e, pela primeira vez na minha vida, eu decidi a ler, eu tomei uma decisão de ler.

Drogado, sozinho, abri e li, e li um texto assim “vinde a mim, vós que estás cansado, oprimido, e carregado, eu vou te aliviar”. Aquilo saltou de dentro da palavra pro meu coração. É tudo como loucura, mas a Bíblia pulou das palavras pra dentro de mim. Eu senti do Espírito de Deus, eu senti falar na minha vida. E aí eu abri de novo e li sobre Jesus e Lázaro. Ele vai até Betânia, Maria e Marta, irmã de Lázaro, chorava. Ele disse que era a ressurreição e a vida, vai até o túmulo do Lázaro, mandam tirar a pedra... Eu lendo tudo aquilo e apaixonado pela leitura, pela história, e aí quando tiram a pedra ele chama Lázaro depois de quatro dias morto. Entrou em mim uma fé, uma crença, eu acreditei 100% naquela história, pela primeira vez. E daí, eu falei pra Deus ali naquele momento, né, de solidão, se eu não morresse eu iria servir a

²⁷³ Todos remédios ansiolíticos

Ele. E eu levantei, abri a porta e saí rompendo o ano de 1984 pra 1985, eu entrei numa igreja numa vigília, a igreja Assembleia de Deus, passei a noite inteira na vigília. De manhã, quando o pastor pregou, ele pregou sobre Jesus e Lázaro e eu entreguei minha vida pra Ele. Saí da igreja completamente transformado, nunca mais cheirei, eu tenho trinta e um anos que nunca mais coloquei um cigarro na boca, uma maconha, saí dali curado.

[Pergunto se ele já tinha procurado ajuda antes desse episódio] Já. Eu fui internado num hospício, no Juliano Moreira, em Salvador, eu fui levado para um psiquiatra, para um psicólogo, eu fiz o AA²⁷⁴ na igreja católica, eu fiz terapia de grupo na paróquia do Peru, em Salvador, mas não consegui. Mas foi só naquele dia que tive aquela... [Sensação] Fulminante!

[Pergunto como o casal chegou até a festa na casa dele] Minha esposa, ela estudava no Colégio Central de Salvador. Soraia. Ela estudava no Central e nesse colégio tinha uma menina que era muito amiga dela e a menina se converteu. Ela aceitou a Cristo, começou a namorar com um rapaz que era crente e Soraia compartilhava com ela, algumas vezes, a situação que vivia comigo, e eles desejaram um dia se encontrar comigo e resolveram aí nesse dia. [O casal era da Assembleia de Deus] Passei a frequentar a Assembleia de Deus, logo em seguida minha mulher, ela não queria aceitar. Isso causou um confronto terrível dentro de casa porque foram muitas lutas, ela continuou usando droga e eu não queria mais, aquela situação se agravando a cada dia. Aí um dia eu peguei tudo, vendi tudo e disse assim “eu vou embora pra São Paulo”, e aí eu fugi de tudo que tinha de tráfico, de droga, amizades, da polícia, vim pra São Paulo e trouxe ela comigo. Depois de muita reação ela veio. E aqui em São Paulo ela aceitou a Cristo e eu passei três anos em São Paulo na Assembleia de Deus, da Vila Nivi²⁷⁵.

Eu conheci a Soraia em 1982, eu tinha dois anos já com a Soraia quando eu me converti. Eu vivia um relacionamento com uma mulher e aí decidi me livrar desse relacionamento e fui morar sozinho em Salvador. Indo pro shopping em Salvador, Soraia trabalhava no shopping com 16 anos, na Sandiz, um shopping que tinha, numa loja de perfume. E lá eu conheci Soraia e me apaixonei. Logo em seguida ela ficou grávida, e eu raptei ela pra mim. [abre um grande sorriso].

²⁷⁴ Alcoólicos Anônimos

²⁷⁵ Zona Norte de São Paulo.

[Pergunto se foi ele quem iniciou a esposa nas drogas] Foi por minha influência. Ela nem fumava, eu fui o passaporte pra ela entrar nas drogas. [única vez durante a conversa em que o semblante se fecha]. [Pergunto se ele sente remorso] Remorso é uma palavra que é cruel. Eu acho que quem sente remorso não sente arrependimento. Então remorso ela é uma palavra exterior, não interior. Eu sinto sim, arrependimento, porque hoje eu tenho nojo daquilo que eu vivia e se eu tenho nojo daquilo que eu vivia, todo mundo que eu influenciei, eu sinto um arrependimento de ter feito tudo aquilo. Eu já confessei ao meu Deus, o quanto eu me arrependo não só de Soraia, mas de João, de Pedro, de Joaquim e dos invisíveis com que eu vivi na época e eu levei ao crime comigo.

[Peço para ele explicar melhor a experiência que teve na igreja, se ele entrou na primeira igreja que encontrou] A segunda. Entrei na Batista, mas ninguém mandou eu levantar a mão. E eu tinha aquela síndrome de que pra aceitar a Cristo tinha que levantar a mão. Então eu tinha que levantar a mão, porque na cadeia as pregações eram feita em cima disso “levante sua mão e entregue a Jesus” e eu achava aquilo ridículo levantar a mão pra Jesus. Mas nesse momento dessa crise que eu tive de querer aceitar Jesus, veio na minha memória de quantas e quantas vezes eu neguei isso, então eu aceitei tantas coisas na minha vida, levantei a mão pras drogas, levantei a mão pra prostituição, levantei a mão pras orgias, levantei a mão no terreiro de Mãe Menininha do Gantois, quando eu fiz a minha cabeça. Então eu levantei de alguma forma, eu levantei as minhas mãos. Por que o levantar as mãos? É estar rendido, eu me rendi a tantas coisas, porque eu não podia me render a Cristo? E aí foi que me deu aquela ansiedade, de que eu rejeitei Jesus, entendeu? Eu confundia religião com cristianismo, religião é uma coisa, cristianismo é outra. Religião é feito pela mão do homem, e o cristianismo é o sangue de Jesus que nos purifica de todo pecado. Então, as pessoas se confunde com esse apelo de levantar a mão, ninguém fala direito sobre isso. Então ao entender que quando a gente levanta a mão, a gente levanta a mão para uma igreja, certo? E eu precisava levantar a mão pra Jesus e eu levantei minha mão por causa disso. Ninguém mandou eu levantar a mão. Eu achei que eles não deram importância a minha presença ali.

Aí eu saí andando de madrugada e encontrei a Assembleia de Deus toda fechada, pulei o portão, entrei. Tava todo mundo de joelho, passei a noite toda na igreja. E ali, de manhã cedo, o pastor pregou sobre Jesus e Lázaro, aquilo que eu tinha lido na minha angústia, então

era um aviso pleno de que o Senhor Jesus ele tava falando comigo, tava me chamando. Era a Assembleia de Deus da Capelinha de São Caetano.

[Volta a falar sobre sua chegada a São Paulo] Eu cheguei em São Paulo e aluguei um quartinho. Fui trabalhar em uma empresa de segurança, era motorista de caminhão, de carro forte, e aí eu saindo um dia de noite procurando uma igreja, entrei numa congregação ali na Vila Nivi, aonde tinha um evangelista chamado Ivan e ele começou a me dar assistência, ele era um grande discípulo e ele me discipulou.

Bom, eu voltei pra Salvador depois de três anos e Deus me chamou pra eu trabalhar nos presídios. Eu senti um chamado para trabalhar nos presídios. E no presídio eu fiquei pela Assembleia de Deus, eu dirigia uma igreja lá na cadeia. Já era pastor. Aí, de repente, eu percebia que a igreja Batista ou a igreja Assembleia de Deus, ela não se importava, o foco dela não era ação social e de alguma forma isso me incomodava. Eu achava que o evangelho, ele era um evangelho pleno, eu não via Cristo somente no foco espiritual, eu não conseguia enxergar Jesus, por mais que eu queria sair desse foco, mas eu não encontrava apoio na caminhada de Jesus, somente no foco espiritual. Ele curava, mas também ele dava de comer ao povo, ele não aceitava que o povo voltasse com fome e ele se preocupava com o retorno pra casa. O endemoniado Gadareno, ele restaurou aquele homem, vestiu aquele homem e aquele homem quis seguir ele e ele foi bem forte no dizer aquele homem “volte pra casa, a sua família precisa de você”.

Então eu não consegui enxergar um evangelho somente no espiritual. E com isso me levou a convidar na época alguns pastores batista, pra me ajudar no presídio. E eles traziam escova, pasta de dente, eles trazia pra manutenção que não existia na cadeia. Há carência na cadeia de pasta, sabonete, de uma toalha, de uma comida às vezes na cela... Só que a Assembleia de Deus, quando ficou sabendo da minha interferência com a Batista, eu fui chamado no conselho de pastor e fui proibido de convidar os batistas. E a alegação, o que ele alegou pra mim é que o batista era um povo que não era irmão, não era crente. Na época eles tinham muito preconceito contra brincos, contra batom, contra mulheres cortar cabelo, entendeu? Então naquela época era muito forte essa questão de roupa, de saia, a mulher não podia usar uma calça. Então a alegação deles pra eu não convidar os batistas pra me ajudar,

era igual o que eu faria me envolvendo com os católicos, eles diziam que eles não podiam tá construindo esse relacionamento, porque era um ecumenismo.

E isso me incomodou, porque eu não via o ecumenismo social, eu não conseguia enxergar, achava que todo mundo tinha que se ajudar, eu acho que a caridade, o amor, não é só os dos cristãos, aqueles que se dizem evangélicos, né? Foi daí que eu tomei uma decisão e disse “eu não vou mais continuar na igreja Assembleia de Deus”. Talvez se fosse hoje eu não teria saído, porque hoje eles tão com a mente mais aberta, hoje os assembleianos são pessoas que estudam a palavra e que não são tão embrutecidos como antigamente, que priorizava usos e costumes.

[Nessa época trabalhava no presídio] Lemos Brito. Eu abri uma igreja com todas as cadeias de Salvador, todas [bem enfático] eu abri uma igreja, até hoje. Aí eu criei um projeto chamado S.O.S Presídio. Foi o primeiro projeto que eu criei foi o S.O.S Presídio e era um projeto de cunho social. Aí eu iniciei com os batistas, saí da Assembleia de Deus. [Pergunto se ele se sentiu acolhido na igreja Batista]. Muito, muito. Logo em seguida eu fui chamado pra ser missionário, na Junta de Missões Nacionais, na época, e a Junta de Missões Nacionais, trabalhei com essa junta durante quatorze anos.

[Antes de ser pastor teve de passar] Pelo concílio, tive que estudar Teologia, eu tive que me formar em teólogo, passar pelo concílio na cidade de Madre de Deus, e fui ordenado ao ministério pastoral. A igreja Batista a gente é como, uma igreja tradicional e igreja Batista renovada, dividida em duas. Então, uma igreja tradicional é uma igreja centenária e aí houve a renovação. Alguns batistas começaram a entender que o Espírito Santo, eles poderiam receber de forma verbal e falar em línguas como era na Assembleia de Deus, era pentecostal. Eu não, eu fui pra uma igreja tradicional. Fui para a Igreja Batista Jerusalém, tradicional da Convenção Batista Brasileira.

Bom, aí passei 14 anos em Salvador como missionário nos presídios, depois de 14 anos eu resolvi ampliar o trabalho pra outros estados. Aí cheguei no Espírito Santo. A intenção minha era implantar no Espírito Santo um trabalho semelhante a Salvador, só que a cadeia do Espírito Santo era fechadíssima pro evangelho. A pastoral católica travou a entrada dos evangélicos nos presídios, porque ela é muito forte. O trabalho da pastoral no Espírito

Santo é um trabalho muito dinâmico e quem comandava a parte religiosa da cadeia era uma senhora da pastoral católica e dificultou muito a questão da entrada dos evangélicos. Eu pregando na ADHONEP [Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno] homens de negócio – lá no Espírito Santo, o governador do Estado, dr. Vitor Buaiz, ele me fez um convite, pra eu ser o coordenador do sistema prisional do Estado. E eu passei quatro anos em Vitória e assumi todas as cadeias de Vitória. A Soraia foi a primeira diretora feminina do Estado, porque a cadeia, na época, era com delegacia, a feminina. E Deus nos honrou muito com esse ministério, né, depois de quatro anos o governo Vitor Buaiz mudou aí eu criei a primeira APAC evangélica, eu conheci a APAC, Associação de Proteção e Assistência aos Condenados.

APAC ela veio da Alemanha, quem trouxe a APAC pro Brasil foi a pastoral católica, um ex-frei chamado Mario Ottoboni, muito conhecido, uma celebridade. E eu tive o privilégio de conhecer essa pastoral católica, uma APAC, tanto da Alemanha quanto também do Brasil. Foi aí que eu decidi criar a primeira APAC evangélica, já que eu tinha o terceiro maior cargo do estado, eu tive a facilidade de criar e criei em Vitória aonde era a penitenciária agrícola do estado. Eu dividi a penitenciária agrícola no meio e criei a APAC. E foi assim uma bomba no Brasil, tudo pra não dar certo, porque, infelizmente, como eu tinha um antecedente, eu fui muito bombardeado pela mídia “ah o pastor que era traficante, agora é diretor da APAC”.

Pra ter uma ideia o Mario Ottoboni que nunca foi drogado, e o Mario Ottoboni foi preso na época, porque houve uma denúncia que a APAC facilitava para os traficante. E eu me lembro que eu visitei o Mario Ottoboni, nessa crise que ele sofreu acho que ele desistiu, acho que apagar ele, né? Então ele que era católico, que tinha assim um respaldo maior do que o meu, sofreu tudo isso. Imagine eu, que tinha uma antecendência, né, no crime. Então foi muita luta e eu num guentei a luta e acabei... Eu fui preso, eu fui sequestrado, tentaram matar minha família lá em Vitória, entendeu? Todos me abandonaram, até a igreja me abandonou na época. Eu vou escrever um livro sobre isso também. Eu fui abandonado por todos e aí eu resolvi voltar pra Salvador e larguei o trabalho com dependência química, com drogados e fui ser pastor.

A penitenciária agrícola, em Vitória, é uma fazenda enorme, aí eu dividi no meio a penitenciária agrícola, uma parte continuou com a penitenciária agrícola, a outra parte com a

APAC. Era um presídio sem grades, a APAC é uma cadeia sem grades. Isso foi de 1996 a 2000. 2000 eu volto pra Salvador pra continuar como missionário, eu voltei a ser missionário de novo nos presídios, mas ali eu tinha perdido toda a minha alegria, né, eu não acreditava mais, né, na igreja, numa visão social, eu já tinha perdido. Fiquei muito, muito ferido, porque eu entendi que a igreja, ela só queria se preocupar mesmo com o espiritual. E aí eu desisti, eu disse “não vou mais continuar, eu vou ser pastor de uma igreja e vou tentar fazer minha parte, vou ser um passarinho” eu odeio passarinho, mas fui ser passarinho.

Eu odeio passarinho, a história do passarinho é a história mais ridícula que eu já vi na minha vida. Que o passarinho ele vê um incêndio e vai lá e joga um pouquinho de água e o elefante, que tem tudo pra apagar um incêndio, olha pro passarinho “você acha que você vai conseguir apagar um incêndio com essa gota de água?” E o passarinho, cheio de orgulho diabólico, isso é um orgulho diabólico [ênfatisa bem as sílabas], quando o ser humano ele acha que só tem que fazer a parte dele, isso é um orgulho diabólico, não é um orgulho de Cristo. O Cristo, ele doou a vida dele, mas ele buscou apresentar a visão dele para outras pessoas. Cristo, ele não veio aqui na terra “deixa eu fazer a minha parte”. Não, ele fez a parte dele, mas ele envolveu muita gente, que ele sabia que ele sozinho não iria conseguir. Então isso é egoísmo, isso é vaidade do ego, isso é altivismo de vida, pessoas que acha que “deixa eu fazer a minha parte” foi o que eu fui fazer, a minha parte. Passarinho não apaga incêndio, ao contrário, ele cresce mais ainda, gota de água ao invés de apagar, ela aumenta incêndio, tem que ser cachoeira pra apagar incêndio. E eu descobri que as cachoeiras são feitas de gotas, então quando as gotas se reúnem, forma-se cachoeira. Então, se eu pegar mil gotas, forma uma cachoeira, aí eu consigo apagar o incêndio.

Pois é, eu gostei da vida de passarinho. Eu tava pastoreando uma igreja, eu sou carismático, a igreja cresceu assustadoramente, muita gente que eu tinha, era minha ovelha, eu era um passarinho bom [rindo muito]. Ganhando dinheiro, acabei sendo convidado pra ser diretor do CAPs²⁷⁶ de Mucuri. Me formei em psicanálise, pra cuidar da minha burrice toda eu... [rindo]. Todo mundo estuda em uma hora eu tenho que estudar 24 horas pra poder aprender alguma coisa, porque eu tenho uma mente muito pequena, eu sei fazer num sei ensinar. Aí em 2009 eu fui convidado pra cracolândia. E aí eu não queria vir, não queria, não queria... Eu não acreditava mais na instituição. Minha mulher, ela tinha um chamado muito

²⁷⁶ Centro de Atenção Psicossocial

forte, né, mais do que eu inclusive e, num dos telefonemas que ligaram pra mim pra eu poder liderar o radical, a Soraia atendeu o telefone e decidiu vir conhecer e me trouxe com ela. E aí eu conheci a cracolândia.

Primeira visão que eu tive foi que não ia dar certo, porque a igreja não gosta de drogados e mendigos e pobres, a igreja é hipócrita. Todas elas, todas elas, a igreja não gosta de pobre, pobre não sustenta a igreja, pobre não dá dízimo, mendigo não dá dízimo, nóia não dá dízimo. Então, a sobrevivência da igreja é no dízimo, e quem dá dízimo quer ouvir um bom sermão, quer sentar num lugar confortável e num quer ninguém perturbando perto dele. Então a igreja de Cristo... ela perdeu o foco. A única igreja remanescente, a única igreja que trabalhava nas ruas, eram os Testemunhas de Jeová que nem se consideram igreja, até eles foram embora da rua, não tem nem mais Testemunha de Jeová na rua.

Porque na realidade o povo tem vergonha de Cristo. Ser cristão não é status é vergonhoso você dizer que você é crente é pejorativo até. Nas faculdades os crentes são camuflados, são cristãos secretos '007' [rindo]. Nas escolas os adolescentes têm vergonha. Até a Bíblia, hoje, não se leva mais pra igreja. Então o povo de Deus perdeu a visão. O púlpito de Cristo nunca foi na igreja, o púlpito de Cristo era na rua, se nós queremos ser cristãos, que significa fragmentos, miniaturas, nós estamos imitando quem? Qual a imitação da igreja? Não é de Cristo. Primeiro, Cristo não pregava na igreja, pregava na rua, não construía templo, derrubou os templos, Cristo ele priorizava pobres, está escrito, não é eu que tô falando. Está escrito “eu vim para os que estão doentes, não para os sãos” está escrito assim que ele veio para os quebrantados, essa burguesia intelectual despreza Jesus, mas nós insistimos com ele, porque ele está em lucro com a gente.

A Igreja Católica Apostólica Romana, hoje, é uma igreja que se alia ao materialismo, não tem lugar nas portas, você vê que tem uma igreja em frente aqui 'Coração de Jesus', a Porto Seguro colocou segurança, pra que esse pessoal na porta da igreja, eles não pode se encostar na porta. Você imagina a que ponto chegou a igreja de Cristo. E não é diferente com as evangélicas, não. Quando eu falo católica também, eu tô falando de pentecostais, de todas elas, eles botam segurança na igreja como se fosse deles a igreja. De quem é a igreja? É de Cristo ou é do padre ou de um pastor? E a igreja de Cristo ninguém tem direito a expulsar pessoas que estão chegando, então elas são fechadas, igrejas fechadas. Nós, hoje, o povo que

acredita em Deus, nós determinamos a Deus como Ele tem que salvar e Ele só pode salvar domingo, porque a igreja só abre domingo. A semana inteira catedrais e mais catedrais, salas e mais salas fechada.

[Comento com ele que não é a primeira vez que ele demonstra conflito com as igrejas, inclusive a que ele segue] Tem hora que eu penso que é ódio, tem hora que eu penso que eu tô amargurado, tem hora que eu penso que eu deveria... duas coisas: ou morrer pra não continuar vendo a decadência, ou tomar uma decisão de sair de todo esse sistema, mas eu iria criar mais um sistema, então seria diabólico também.

Eu tenho quatro filhos. O Júnior tem 36 anos, o Diego tem 33 anos, o Gerson tem 29 anos e Joana faz hoje acho que 28, eu posso tá enganado a idade deles, eu não sei não. Pergunte a Soraia [rindo muito]. Humberto mora em Salvador, Humberto ele faz seminário no Frei Santana, seminarista. Vai ser pastor, o Gerson faz seminário aqui em São Paulo, a Joana, ela é missionária, minhas noras são missionárias, meu genro é missionário, minha neta é missionária [ri muito porque a menina tem dois anos].

[Pergunto se ele se arrepende de ter aceitado tocar o projeto Cristolândia] [Pensa um pouco] Arrependimento é uma palavra muito vulgar. [Pergunto se pensa em desistir] Todo dia. [Pergunto o que o segura] [Pensativo, depois ri] Tem que falar? Num tem como expressar esse sentimento covarde, né, todo ser humano tem um pensamento covarde, nós somos pecadores e o cristianismo, por incrível que pareça, ele leva a gente a tomar decisões contrárias a nossas vontades, isso é cristianismo. No cristianismo você rema contra a maré é por isso que num é fácil, num é fácil ser um cristão.

É por isso que as pessoas reagem a ser um cristão autêntico, porque você não consegue nunca demonstrar o seu sentimento carnal tem que matar esse sentimento carnal de você e como um homem, ser humano que eu sou, eu tenho todo um processo mundano. E a gente percebe como um mundano, que as pessoas não fazem aquilo de fato, que Deus quer é pouca gente com essa visão mesmo espiritual, isso causa na gente um choque térmico, porque a gente queria que fosse diferente. Então eu acho que existe solução pra dependência química, do transtorno grave que são aqueles que estão nas ruas, na sua última estância. Essa última estância é muito cruel, você vê seres humanos se definhando a cada dia, você tá olhando... é

como se fosse o vírus do HIV, quando antigamente não tinha medicamento. Eles murchava igual uma planta, igual uma rosa e morria. As drogas você vê isso, quanto mais tempo você passa na crackolândia, você começa a enxergar vidas, seres humano, filhos, pais, meninas morrendo e você vê a igreja à margem de tudo isso que deveria ser a única que deveria atacar essa situação.

Não podemos atribuir ao governo, ao estado, essa degradação que tá existindo, porque se nós acreditamos em Cristo, ele falou “estava com fome e você me deu de comer, nu você me vestiu, na rua você me acolheu”, pra quem Jesus falou isso? Pra polícia? Pro governo? Pro prefeito? Pras entidades? Não, ele falou pra igreja. Aliás, ele deu a receita da salvação. Só é salvo, na minha opinião, e isso aí que me mata, só é salvo quem fizer isso, porque ele falou assim olha “se apartai-vos de mim maldito, que eu não te conheço” muito forte isso. Então, quem não faz isso é maldito, então nós temos transformando igreja em malditos, pastores não pode agregar gente a viver em quatro paredes, isso é uma visão diabólica. A visão de Cristo é discipulado, fazer discípulos. “Ide”, nós temos que enviar.

Hoje, a igreja, elas se gloriam quanto mais gente têm. São os pastores cinco estrelas, eles têm duzentos membros, quinhentos, mil, dois mil, sete mil, ele é um homem de alto nível [bem enfático] enquanto que pra Cristo ele devia ser um péssimo nível. Cristo, ele agregou doze, nós queremos agregar milhões, então perdemos o sentido. Esse é o meu pecado, porque eu tenho hora que eu não consigo conviver mais com essa situação e eu tenho uma tendência a exclusão, e aí eu luto dois polo, dá um grito de liberdade ou morrer sufocado. Eu não posso fazer nada, eu estou aqui algemado. Hoje, eu tô algemado em São Paulo, então nós crescemos sem estrutura, eu acho que a gente não vai conseguir realizar os nossos sonhos, vai ser mais um projeto, talvez que fique na história “ah aconteceu isso, isso e isso”.

Se a Cristolândia, se as igrejas não assumir a Cristolândia, o seu papel, não tem como sobreviver, a Cristolândia não tem como sobreviver. Então, nós lutamos, a Junta de Missões Nacionais luta pra que as igrejas tome consciência do seu verdadeiro papel. Lógico que nós temos grandes avanços é sem dúvida, né, é notório isso, mas eu acho que ainda é muito pouco. Hoje, nós temos hoje sete unidades em São Paulo, sete unidades no Brasil, trinta e quatro centros de formação. Em São Paulo alimentamos 2.000 pessoas/dia, no Brasil alimentamos mais de 15.000 pessoas/dia, internados tem mais de 1.000 pessoas em todo

Brasil. A Junta de Missões Nacionais gasta em torno de meio milhão/mês. Mas podemos fazer muito mais, porque eu amo o Brasil, eu ia dar a minha vida pela minha nação.

[Tem] Quatrocentos e vinte acolhidos [70 mulheres]. Nós temos centros de formação cristã em Guarulhos, Itaquaquecetuba, Osasco, Santana, Pedra Bela, Piratininga, Presidente Prudente, Indaiatuba, Rio Preto, são nove unidades viu? É feminina Santana e Indaiatuba.

[Pergunto o que ele espera do futuro] Meu futuro é no céu [rindo muito]. Eu acho que eu não tenho mais, grandes sonhos né, minha idade chegou, meus sonhos agora é construir um projeto e que outras pessoas venham assumir esses projetos, eu sou multiplicador, só isso. É meu orgulho é ser multiplicador, eu sou transmissor, eu sou doador. Essa é minha... Eu gosto de doar, eu to doando o amor que eu tenho de sobra no meu coração, até demais, e a minha vida, eu acho que é o mínimo que eu posso fazer pra recompensar tanto amor que ele me deu. “Que daria ao Senhor, por grandes coisas que ele me fez?”. Todos podem escolher a quem servir. Eu, porém, decidi 'eu e a minha casa serviremos ao Senhor'.

“Vinde a mim todos os que estais cansados, sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomais sobre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e acharás descanso para vossa alma, porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”, Mateus 11:28-30. Primeira vez que eu li a bíblia eu li esse trecho, depois eu li esse aqui... Eu tô fazendo os textos uma linguagem de rua [ri muito]. “Vem comigo, vem” [rindo]. João, capítulo 11... ele fala sobre isso, mas eu queria que cê conhecesse esse texto... [procura na Bíblia]. Ah, você é curiosa né? Eu gosto de você, hein? [ri muito]. Começa no versículo 11. Você conhece a história? João capítulo 11, de 1 a seguir: “Estava porém enfermo certo Lázaro, de Betânia, da aldeia de Maria e de sua irmã Marta” e Maria era aquela que ungiu o Senhor com unguento, né?

E chamam ela de prostituta, ela não era prostituta. Maria foi aquela mulher que se apaixonou por Jesus e quis estar perto dele. E adentrou numa casa, porque a mulher, quando tinha reunião de homens, ela não podia entrar, ela entrou, esperou Jesus e quando ele sentou, ela foi aos pés dele chorando, ficou emocionada, entrou numa crise emocional, entendeu? Cê já ficou perto de uma pessoa que deu vontade de chorar? De emoção?

Eu fiquei perto de uma pessoa que eu chorei de emoção, S²⁷⁷. Eu abracei aquela mulher, eu tinha uma paixão doente por aquela mulher [enquanto fala, joga a cabeça pra trás e abre os braços], aí fui num... num dia na rua, que eu num era crente, não, era traficante aquela época, consegui entrar numa 'dancing day' e, quando cheguei perto daquela mulher, aí um amigo me apresentou e ela me puxou pra dançar. Eu chorei de emoção, meu corpo tremia da cabeça aos pés. Quando Maria, ela queria conhecer Jesus é como se fosse um ídolo, entendeu? Quando eu conheci o Bob Marley, eu senti a mesma coisa assim, quer dizer, eu queria ver, o cara era um ídolo pra mim, era um gigante, aí quando fui perto de Bob Marley, eu tremia o corpo inteiro entendeu, é um sentimento de loucura. É por isso que os crente, às vezes, eles são os chatos, porque ele tem sentimento de loucura por Deus, então quando você conhece Jesus, você fica em transe, porque você se apaixona por ele, você chora, você grita, é um sentimento extranormal, anormal. Extraordinário [rindo muito]. Por isso que meu ídolo é Jesus hoje, só tenho ele de ídolo, aí quando to perto dele eu desmonto.

²⁷⁷ Achei por bem não divulgar o nome da atriz porque ela ainda trabalha na TV e no cinema.

Cristolândia – Soraia Machado – missionária – 22.10.2015

Conseguir conversar com Soraia Machado foi um exercício de paciência. Marcamos várias vezes sem sucesso. Quando finalmente ocorreu, a conversa foi dividida em duas partes: começamos pela manhã, depois continuamos no final da tarde. E durante a entrevista, fomos interrompidas várias vezes: ou ela precisou atender ao celular, ou responder a perguntas dos rapazes que a chamam de mãe ou mainha, ou finalizar a conversa diante do pedido do marido: hoje é aniversário da Joana, vamos!

Eu fui trabalhar como extra Natal, foi só uma experiência que eu fui ter no comércio trabalhando. E nessa experiência, eu fui com menos de um mês que eu tava trabalhando, eu conheci ele. E aí eu, logo que a gente se conheceu, eu muito nova, eu tinha 16 anos de idade, tinha concluído já o meu ensino médio, e ele me convidou pra ser feliz. Não sei por que cargas d'água eu achava que aonde eu estava com minha família eu não era feliz.

Na verdade, porque eu tenho quatro irmãos e tem uns que são mais parecidos com meu pai, outros que são mais parecidos com a minha mãe, e eu sou da classe dos mais parecidos com meu pai. Então ficou aquela facção dentro de casa, os prediletos do papai e os prediletos da mamãe. E a gente foi crescendo era uma coisa muito casual, mas quando nós nos tornamos adolescentes passou a ter mesmo um conflito entre nós. Aí tinha um grupo que era dos prediletos do pai e da mãe, e eu como fazia parte dos prediletos do meu pai, botei na cabeça que não devia ter nenhum tipo contato com mamãe porque eu fazia parte do grupo predileto do meu pai.

E fui crescendo assim, triste, achando que não fazia parte daquela família, não me sentia integrante da família, me sentia deslocada da família. Então, uma colega no ensino médio falou pra mim “ó você não é feliz na sua família, cê precisa trabalhar ganhar dinheiro, buscar outros horizontes pra descobrir a tão sonhada felicidade” e eu resolvi trabalhar. Mamãe não deixou. Me falou “ó você tá se preparando pra, fazendo cursinho vai pra faculdade, cê tem que se focar no estudo”, mas meu lar era um lar dividido. Um lar dividido é assim, o pai diz uma coisa, a mãe diz outra coisa aí termina entrando num conflito. Aí papai... eu fui até

meu pai e meu pai falou “ó vá trabalhar não tem problema nenhum” a palavra final era dele, terminou que meu pai bateu o martelo liberando pra eu trabalhar no período do Natal só, como extra Natal.

E nesse período que eu tava extra Natal meu pai ia me levar, ia me buscar, mas mesmo assim nesse período eu conheci Humberto. Ele 24 anos, e tudo que eu não era ele era, falante, brincalhão, eu uma menina triste, complexada, cheia de frustrações, achando que não era daquela família, rejeitada aquela coisa toda, e ele totalmente diferente do que eu era me fez a proposta de ser feliz “vamo ser feliz”. “Vamo ser feliz, você precisa ser feliz, você não é feliz” e eu não entendi que eu não era feliz, tendo a minha casa, minha família, meu quarto tudo, meu pai oficial da marinha, minha mãe é uma pessoa muito culta, trabalhou na Secretaria de Educação em Salvador, tem três faculdades, é uma pessoa muito esclarecida, e eu resolvi fugir de casa. Mais ou menos uns quinze dias, um mês que eu conhecia, eu resolvi ir embora de casa, fugi, fui embora.

Não, não era nem namoro porque eu não tinha namorado, eu não namorava naquela época, meu pai era um cara muito conservador, muito centralizador e... Fugi. Fugi, tinha dado uns beijinho e aí fugi fui embora. Fui embora com ele e meu pai não sabia onde eu estava e me deparei no Morro do Barro Branco²⁷⁸ dormindo no chão, passando dificuldade, fiquei logo grávida... Oito irmãos, os irmãos dele todos os oito viciado em droga. Aí fui descobri que ele era alcoólatra, viciado em drogas, traficante de droga, traficante de armas e eu me vi refém dessa situação.

A minha vida acabou. Grávida, passando muita dificuldade, muitas vezes a polícia invadia a casa levava ele preso e... Cheguei no fim do poço, passei muitas dificuldades naqueles... Conflitos, ele também, todos traficante fecha o corpo, era fechado o corpo deles, era fechado no terreiro de Candomblé de Mãe Menininha do Gantois, ele dançava de Oxóssi, de Ogum, e eu nunca tinha visto nada disso era tudo muito novo pra mim. Minha família é católica.

Aí acabou porque eu não sabia o que fazer, as pessoas tinha medo de falar comigo, diziam que “ali a mulher do traficante”, então as pessoas, quando eu pedia ajuda, ninguém

²⁷⁸ Comunidade localizada em Salvador.

tava pronto pra me ajudar todo mundo sentia medo, ele era um terror, violento, muitas vezes fui espancada, torturada e eu não sabia o que fazer.

[Pergunto se foi nessa época que ela teve o primeiro contato com as drogas] Bem depois. Depois que meu filho nasceu, ele nasceu prematuro, olho verde com um quilo e meio, quando eu cheguei à conclusão que eu tinha que fazer alguma coisa, eu tomei a iniciativa de ir embora. Ele tava mais ou menos com oito meses, nove meses assim, e eu fugi, voltei pra casa e fui pedir pros meus pais que me acolhessem de volta. Ninguém descobria onde eu tava, tava fugida. E aí voltei com o meu filho.

Só que naquela época, quando eu voltei, foi a hora que os meus pais entenderam que era a hora de me punir. Eles não conseguiram entender foi tudo muito novo, eles não conseguiram detectar que tudo isso que tava acontecendo comigo, esse turbilhão que acontecia comigo, eu tava o tempo inteiro sinalizando que tinha alguma coisa errada e eles não conseguiram fazer essa leitura coerente. E, depois, quando eu retornei com meu filho pra buscar ajuda, eu não tinha coragem de contar o que eu tava passando, as dificuldades, as privações que eu estava passando, eu apenas cheguei pedindo ajuda e meu filho nos braços. E os meus pais, naquele momento, foi um choque muito grande e naquele momento a reação deles foi muito brusca, eles disseram “não, você tomou uma decisão na sua vida, aqui não é mais seu lugar”. E eles quiseram me punir naquela hora. Ali, talvez, fosse uma hora de ser acolhida, ali talvez fosse a hora de me dar uma oportunidade.

Então eles foram muito duros naquele momento, eles sofreram muito, eles se separaram - meus pais se separaram, não por conta disso, mas outras coisas foram acarretando o relacionamento deles e eles se separaram. E mamãe muito magoada naquele dia, me falou que não tinha espaço pra mim naquele lugar, que era pra eu voltar pra onde eu tinha começado, pra aquilo que eu tinha optado pra minha vida. E eu naquela hora eu também não soube conversar, eu tava muito constrangida era muito nova na verdade, eu tinha o que, acho que 18 anos alguma coisa parecida, e eu peguei meu filho e voltei novamente pro morro pra onde eu morava.

Eu voltei agora pensando, de alguma maneira eu precisava fazer alguma coisa. Eu sabia que não podia continuar daquele jeito que eu tava vivendo, eu tava refém daquela

situação e eu não pensei nada que pudesse... Era um mecanismo de defesa. Na verdade tava implícito ali no meus sentimentos e eu coloquei no meu coração, nutri no meu coração que eu precisava me tornar pior do que todos eles, esse foi o meu primeiro sentimento “eu preciso me tornar pior, é uma questão de sobrevivência”, e eu fiquei imaginando o quê que eu poderia fazer pra tornar pior do que eles, e foi aí que eu entendi que eu poderia usar as mesmas drogas e me tornar pior. E eu comecei com maconha e fui desenvolvendo um comportamento animalesco por assim dizer, depois fui utilizando outras drogas e fui me tornando muito violenta e agressiva na verdade.

[Pergunto se ela buscou alguma ajuda profissional, já que não encontrou apoio na família nem na comunidade onde vivia] Não. Então depois de todo esse período que eu já estava plenamente dependente, ali eu tava prostrada, meus pais não sabia sobre mim, eu tava caída em alguma vala completamente drogada, cheguei ao fim do poço. Meu filho vivenciou isso até 4 anos de idade meu filho mais velho, e eu não tinha noção não tinha mais limite, eu me tornei alguém sem limite.

[Pergunto se ela chegou a ficar em situação de rua] Apesar de estar mais na rua, mas literalmente não, porque o espírito materno ainda falava muito forte, tá? Então, o tráfico é uma coisa muito envolvente, ele atrai, lhe puxa, lhe traz prazer nas realizações de conquista e eu vivenciei isso. E uma dessas vezes tentando fugir de uma parada lá, de algum conflito que tava acontecendo, eu adentrei na igreja e naquele dia que eu entrei na igreja, tipo foragida, pra me esconder no meio da multidão, eu fui muito impactada pela palavra de Deus, que não entendi nada, não tinha noção das coisas que as pessoas tavam falando comigo, só compreendia que aquela fala ali me trazia muito refrigério e paz e o acolhimento das pessoas ali. Foi na Igreja Batista Jerusalém, no pé do morro. Onde eu morava. E ali eu me senti muito aceita. Não foi fácil todo processo, porque você luta contra o preconceito das pessoas inclusive da igreja também, preconceito da sociedade, o desdém do abandono da sua família e acima de tudo a envolvimento do crack de uma forma geral.

[Pergunto se ela chegou a traficar] Não, mas Humberto era traficante e eu tava envolvida parcial, mas tava. Mas você se torna cúmplice daquela situação, não tem como não ser, você tá no meio, você tá no bolo do negócio. Então eu, por muitas vezes, cheguei na igreja disposta a desistir, mas sempre tinha uma palavra de amor. Eu, uma das vezes que foi a

mais forte pra mim, que me faz lembrar até hoje, porque em todos os momentos da crise de abstinência eu lembrava da fala daquele pastor contando-me uma história, uma história que se conta a uma criança, mas na verdade eu era uma criança.

Então ele me contou a história de Cid²⁷⁹, a história de uma lagarta que ele compartilhou que tinha chegado. Ele não me falou que era uma lagarta ele contou que Cid havia chegado na igreja e que Cid havia desistido de tudo e de todos, que não tinha forças, mas que um lindo dia Cid avistou uma árvore e que Cid nutriu no coração uma expectativa de chegar até aquela árvore, que olhou pra aquela árvore, mas também olhou pra sua pouca força, mas mesmo assim Cid se determinou a chegar àquela árvore e Cid foi se rastejando à aquela árvore e subiu árvore. E num dia lindo ensolarado Cid amanheceu com a vontade de se espreguiçar, quando Cid começou a se espreguiçar percebeu que havia ganho uma asa e uma outra asa e Cid se descobriu que tinha se transformado numa linda borboleta, que tinha vencido a metamorfose e que agora podia voar, e Cid sai voando sugando o néctar das flores. E então ele me contou essa história de Cid e me disse “você é como Cid. Venha para essa metamorfose, voe livre e aprenda a sugar o néctar das flores”. [Com os olhos marejados, a voz embarga um pouco].

E em todos os momentos de crise de abstinência eu nutri no meu coração que eu precisava vencer a metamorfose e que era dolorosa, mas que eu ia conseguir, mesmo rastejando eu ia conseguir me transformar numa borboleta. E eu ainda haveria de aprender a voar e quando eu aprendesse a voar eu ia então sugar do néctar das flores e me tornar livre. E essa foi a ferramenta mais motivadora pra que eu pudesse vencer a abstinência e assim das drogas, enfim.

Disso eu vim pra São Paulo, eu fiquei quatro anos foragida... Com Humberto. Humberto... ele tomou essa decisão de mudança. E Humberto foi muito mais fácil, eu fui mais difícil, eu quis ir várias vezes na boca buscar droga ele queria mudar... [Pergunto se ela contribuiu para alguma recaída dele] Muitas vezes, eu caí muitas vezes na igreja, eu passei por todo tipo que você imaginar e não imaginar de dificuldade eu passei [ênfatisa bem as

²⁷⁹ No dia 13 de novembro de 2015, voluntários, missionários e acolhidos da Cristolândia fizeram a apresentação de um musical chamado Cid, a Lagarta, na Igreja Batista da Água Branca [R. Achilles Orlando Curtolo, 647, Barra Funda], baseado na história que Soraia mencionou. A apresentação contou com a participação das crianças envolvidas no projeto cultural Novos Sonhos, desenvolvido por Joana Machado, filha de Soraia e Humberto Machado, que atente crianças filhas de dependentes químicos.

palavras], mas eu sempre fui muito determinada²⁸⁰. Eu botei no meu coração que eu ia vencer a metamorfose. Não sei se venci, não sei se me tornei a borboleta que o meu pastor naquele dia sinalizou pra mim, mas sei que eu me tornei livre e aprendi a voar e a sugar o néctar das flores. E essa é uma tarefa minha, ensinar as pessoas a vencer a metamorfose da vida.

A conversa foi interrompida por conta dos compromissos de Soraia. E mesmo com a porta fechada durante a entrevista, fomos várias vezes interrompidas por pessoas que entravam para perguntar ou pedir algo para Soraia. Retomamos a conversa no mesmo dia, mais tarde, no final do dia, mas ainda com muitas interrupções.

Depois que nós chegamos aqui em São Paulo... nós começamos... Ah ele foi primeiro pra Assembleia de Deus. Ele primeiro foi sozinho, aí ele foi e eu ainda fiquei. Muito tempo depois que eu fui, um tempo bem depois, um bom tempo por sinal. Mas foi na igreja Batista isso. Mas depois eu comecei a frequentar a igreja da Assembleia de Deus junto com ele. Tempos depois que a gente veio pra São Paulo aí voltamos pra Salvador quatro anos. Aí, na igreja lá no pé do morro esse mesmo pastor começou ajudar a gente e tudo. Na verdade tinha um problema que a gente queria casar e a igreja, como a gente já tinha filhos²⁸¹, a igreja da Assembleia de Deus era muito rigorosa com isso, aí esse pastor entrou.

Na igreja Batista foi... na época a Assembleia de Deus se eu não me engano eles não queriam tinha muita dificuldade de casar a gente porque a gente já tinha filho aquela coisa toda. E esse pastor, da igreja Batista, pastor Carlos Antônio, ele falou que casava a gente, que queria ajudar a gente e tudo mais, e aí depois nós casamos na igreja Batista e depois ele começou nos ajudar mais ainda. Casamos... noventa e alguma coisa. Foi porque foi em 1994 foi o ano que a gente se converteu, acho que foi noventa e alguma coisa.

²⁸⁰ Ela não deixa claro se houve recaídas por parte dele, mas sim de dificuldades na luta contra o vício. m várias conversas, mesmo as informais, as pessoas que passaram tanto pela Cristolândia quanto pela Missão Belém, encaravam a vontade de usar a droga novamente como uma “queda”, uma “fraqueza”.

²⁸¹ Depois ela me explicou que, nessa época, só tinha o primeiro filho.

Aí, pronto. Aí a gente começou a trabalhar em presídio, depois disso aí que o pastor investiu em nós, nos deu estudo, nos ajudou e a gente trabalhava num presídio lá no estado da Bahia, a gente criou um projeto chamado S.O.S Presídio, aí trabalhávamos na recuperação de preso e egressos e aí foi quando a gente foi apresentado à Junta, nós já fazíamos trabalho, depois fomos apresentados à Junta de Missões Regionais, que a gente passou a ser missionários trabalhando entre os presos. Trabalhamos bastante tempo uns 14 anos.

[Pergunto quanto tempo ela usou drogas] Olha eu usei uns três, quatro anos. [A recuperação] Levou bastante tempo, porque a gente, só aqui em São Paulo, passamos quatro anos, saiu de lá veio pra cá passamos aqui quatro anos, passei um período pela casa de recuperação Desafio Jovem que a gente conheceu, depois a gente começou a trabalhar... Depois nós voltamos pra Salvador aí quando nós voltamos pra Salvador é aquele processo de reconstrução, você sempre quer voltar pra aquele lugar que é o seu local de origem, tá? O problema é saber se você tá pronto pra isso, né? Então aí nós voltamos, quando nós chegamos em Salvador nós começamos a reconstruir a vida da gente e nessa parte de reconstrução que a gente tentou se casar. Nesse dia, os meus filhos, o Gerson nasceu aqui, é paulista. E a Joana, eu voltei grávida de Joana que fez hoje 28 anos, eu voltei grávida dela pra Salvador. Aí, nessa época meus pais já tavam assim já ajudando a gente.

Meus pais começaram ajudar a gente e a gente voltou a trabalhar, tinha uma dívida aqui outra dívida ali - essas coisas, né? E nisso começamos a trabalhar. Depois a gente começou a trabalhar no presídio e depois que a gente fazia um trabalho voluntário no presídio foi que a gente foi convidado pra trabalhar integralmente como missionários num programa que nós criamos chamado S.O.S Presídio. Trabalhamos muitos anos no estado da Bahia em vários presídios. E aí foi desenrolando a vida, vai desenrolando, né, cê vai construindo as coisas, né. O relacionamento familiar, estudando e tudo. Eu fiz Pedagogia e fiz bacharel em teologia.

Aí já depois de quatorze anos em Salvador trabalhando com os presídios eu fui convidada pra ir, o secretário de Justiça, dr. Bernardo Viana, nos convidou pra eu treinar e capacitar um grupo pra abrir o presídio de mulheres, porque a Secretaria de Justiça e Cidadania só tinha, não tinha presídio de mulheres, só era delegacia, que era da Secretaria de Segurança Pública. E eles tentavam abrir o presídio de mulheres pela Secretaria de Justiça e

Cidadania. Ele me viu falando numa igreja. Uma pessoa dele que me ouviu falando na igreja e aí ele procurou o presidente da convenção e formalizou um convite, pra eu estar no Estado, treinar um grupo, capacitar pra abrir um presídio de mulheres. Depois, na época que a gente havia feito a capacitação e tudo, ele me convidou pra ser diretora do presídio. Na gestão do governador Vitor Buaiz.

[Foi na] Penitenciária Estadual Feminina. Aí eu fui a primeira diretora do presídio. Ficamos quatro anos lá trabalhando. O Humberto foi coordenador de sistema prisional, primeiro ele me chamou, depois chamou Humberto, conheceu Humberto aí convidou Humberto pra trabalhar com ele e depois lhe convidou pra ser coordenador do sistema prisional. [Pergunto se, com a mudança de governo, o projeto foi interrompido] Não, o projeto continuou, nós que pedimos demissão, porque depois de quatro anos eu fui convidada pra ser subsecretária do Estado, o projeto recebeu o título de melhor projeto área social do Estado, porque no local onde funcionava a administração eu remanejei pra junto dos presos toda a administração. E no prédio, onde era o prédio da administração, eu criei um projeto social.

Aí coloquei fábrica, uma fábrica de costura - uma parceria que eu fiz com a fábrica de confecção, e vinte e sete mulheres aprenderam o ofício de costura dentro da cadeia, e mais cursos profissionalizantes e arrolei todo um projeto ao ministério público, porque mesmo depois, quando eu pedi demissão, o projeto de ressocialização dentro do presídio continua ainda hoje. Inclusive a menina que eu indiquei, que era minha vice, minha colega que eu levei pra trabalhar comigo, dra. Quezia, ainda continua dentro dele. Só que quando fui convidada pra ser subsecretária do Estado, eu entendi que era a hora de eu sair. Porque eu tenho uma vocação que é uma missão, que é evangelizar e apascentar. E eu, enquanto trabalhando no governo eu num tinha tempo, eu ficava infeliz atrás do balcão e da mesa, meu problema é essa mesa aqui, eu tenho dificuldade com essa mesa [bate na mesa para sinalizar o que quer dizer]. Eu sou mulher de campo, de lidar com as pessoas tocar com as pessoas, ajudar as pessoas, tá próxima. Eu não guento ficar atrás da mesa [bate na mesa de novo]. Porque assim, eu me sinto bem no que eu faço, é uma sensação de bem-estar dentro daquilo que você gostar de fazer, é você tá ajustado naquilo que você gosta. Então, meu problema é a mesa, só é esse.

Aí voltamos pra Salvador, trabalhamos ainda um pouco lá com os presídios e depois tomamos a decisão de largar tudo. Aí, mesmo largando tudo, a gente aí trabalhou um tempo,

abrimos algumas casas de recuperação, abrimos uma casa de recuperação pra mulheres em Teixeira de Freitas, criei um ministério [dentro da igreja] chamado MAME - Ministério de Amparo a Mulheres Especiais, pra trabalhar com a família e com mulheres especiais que eu chamava assim, e depois... [Peço para ela explicar o que são “mulheres especiais”] Mulheres que estavam envolvidas com drogas, álcool e violência intra familiar. Então a gente criou um trabalho de amparo a essas mulheres e paralelo a isso a gente tinha uma casa que a gente chamava a Casa de Recuperação da Mulher. A gente abria pra homens e pra mulheres.

Até que a gente chegou à conclusão que a gente tinha que parar de tudo e... Ele foi convidado pra pastorear na cidade de Mucuri e ele foi pastorear e ele também era diretor do CAPs²⁸², trabalhando lá quatro anos, lá na cidade ele era diretor do CAPs e eu trabalhava como assessora do secretário de Saúde, sempre tive muita dificuldade [bate de novo na mesa] meu problema é esse. E o Gérson era funcionário público, concursado trabalhando na Procuradoria, no sétimo período do curso de Direito. Joana tava terminando o curso de Enfermagem e se preparando pra casar no ano de 2009 e eu recebi um telefonema dessa organização de Junta de Missões Nacionais, convidando pra eu conhecer um projeto piloto desafiador. O projeto era vim pra São Paulo e ir pra dentro da cracolândia evangelizar. Era isso o projeto.

[Pergunto qual foi sua impressão ao ver a cracolândia pela primeira vez] Nunca mais eu fui a mesma. Eu voltei pra casa muito triste, repensando a minha vida, pensando o que eu poderia fazer pra ajudar essas pessoas, me chamou atenção as pessoas andando com as fotos dos seus filhos nas ruas, procurando os filhos acometidos pelo crack, os filhos procurando seus pais, avós procurando seus netos, netos procurando seus avós. E eu voltei pra minha cidadezinha interiorana, que eu andava de bicicleta e cuidava de horta, de jardim, de cachorro, morando em frente à praia de Mucuri e eu voltei pra minha cidadezinha repensando sobre a nossa vida e o que nós poderíamos fazer. Nunca mais eu fui a mesma, porque essa visão de um vale de ossos secos, de mortos-vivos.

E eu fiquei muito triste porque eu ficava imaginando como é que essas pessoas, aqui em São Paulo, passam por esse lugar, esse ambiente e não fazem nada. Como que essas pessoas conseguem conviver com essas pessoas em estado degradante e num tem nenhuma

²⁸² Centro de Atenção Psicossocial

ferramenta pra ajudar, tirar, acolher essas pessoas e isso ficou assim. E eu fiquei repensando e falando, ao mesmo tempo que eu fiquei assim muito triste, eu fiquei extremamente triste, eu também tava pensando sobre... Era a época que a gente tava assim... nossa vida ajustada, que a gente parou, tava criando os filhos os netos, morando numa cidadezinha interiorana e numa comodidade muito boa porque era assim um lugar que você pensa em se aposentar na vida e ter toda tranquilidade a sua volta. Meu pai, nessa época, tava muito doente e ele já havia colocado a fístula pra fazer hemodiálise e eu tava acompanhando papai e todo processo em Salvador, terminal, crônico, mas meu coração continuava aqui. Doía quando eu pensava nessas pessoas e pensava que alguém precisava fazer alguma coisa.

[Conheceu a cracolândia] Foi maio de 2009, no primeiro semestre, em maio. E eu vim em julho. Foi maio de 2009, primeira quinzena de maio e o convite era pra se apresentar em julho, porque já havia toda uma estrutura pra as pessoas que já estavam acordadas pra vim pra cá, junto com um grupo de treze radicais e essas pessoas desistiram na última hora. Então, tinha um grupo mas não tinham os coordenadores pra direcionar um grupo, o quê iriam fazer. Na verdade nada disso existia, a proposta só era vim e ir pra dentro da cracolândia evangelizar, entregar folhetos, isso aqui nada existia. Nem o sonho da Cristolândia não existia porque não tínhamos ideia do que poderia ser feito.

[O projeto chamava-se] Radical Brasil Cracolândia. Então, no mês de maio, ainda depois que eu retornei daqui, eu tava orando de madrugada, quando eu li um texto que diz assim “aquele que não é capaz de largar pai, mãe, tudo por amor de mim, não é digno de mim”²⁸³. Mas quando eu li esse texto era justamente o que eu tava vivendo. Meu pai, minha família, se a gente diz que ama a Deus a gente também tem que tá disposto a se propor naquilo que Deus coloca como desafio na sua vida. Quando eu li esse texto eu fiquei muito decepcionada comigo mesma e orei a Deus. Eu disse a Deus “eu estou pronta pra ir, eu estou tão pronta pra ir que eu não preciso de nada lá em São Paulo, eu só preciso de um colchão pra dormir e uma garrafa de água pra matar minha sede”. No outro dia de manhã eu reuni minha família e disse “não me perguntem nada, eu estou indo para cracolândia”.

Eu vim sozinha. Aí reuni a igreja e falei pra minha igreja “ninguém me pergunte nada eu tô indo pra cracolândia” [rindo muito]. Aí foi o maior alvoroço na minha cidade, o povo

²⁸³ Mateus 10:37.

dizia “a mulher do pastor perdeu o juízo, vai largar o emprego, o marido, a casa, os filhos e vai pra metrópole”. [Pergunto se a família a apoiou] Não! Todo mundo ficou apavorado. Minha filha ficou tão revoltada que não me deu uma palavra, ninguém me disse nada, eu já fui dizendo “não me digam nada”, mas todo mundo ficou assustado e sem entender, mas eu estava convicta que Deus tava me chamando e vim. Saí de férias em julho pra não dá satisfação a ninguém mesmo e no dia 2 de julho saí da última cidade no extremo sul da Bahia com uma mala pequena pra não assustar ninguém, e vim embora sozinha larguei todo mundo pra trás.

A mala era pequena porque a proposta que eu fiz é que eu não precisava de nada, eu tinha certeza que Deus ia prover todas as coisas. Eu cheguei aqui fiquei hospedada na casa do pastor que era diretor regional aqui de São Paulo, da Convenção Batista. E depois a gente não conseguia. Todos os radicais já estavam instalados, né, nós temos várias casas, a casa das missionárias que eu já compartilhei com você²⁸⁴, que são onde essas meninas moram que é todo custeado pela igreja, pela Convenção Batista. E, naquela época, num achava um apartamento pra eu morar... muito difícil. Eu cheguei aqui sem conhecer nada, nem ninguém em São Paulo, não conhecia nada nem ninguém, só tinha um sonho: invadir a cracolândia! E depois eu fiquei três meses mais ou menos lá num apartamento que era emprestado de uma pessoa que era da igreja. E nesse apartamento não tinha nada, só o colchão. [A garrafa de água] Eu levava de noite [risos].

[Comento que foi o que ela pediu a Deus] Foi. Sério, três meses assim. Mas eu comecei a ir pra rua com esse pessoal aqui que eram 13, ninguém sabia nada, tinha gente de 19 a 52 anos de idade, eram todos voluntários. Treze pessoas, também não conheciam São Paulo, nem ninguém aqui em São Paulo e a gente começou. Deus colocou no meu coração pra gente andar pelas ruas e a gente traçar um diagnóstico, levantar um perfil dessas pessoas em situação de rua, tudo que eles faziam, que horas faziam, como comiam, tudo. Então a gente se dividia o grupo, se reuníamos 8 horas, na Primeira Igreja Batista, ali na Praça Princesa Isabel, de 8 às 9 horas, nós tínhamos esse momento que hoje ainda existe, então era um momento que eu ministrava o coração deles. E falava da importância de nós estarmos aqui e do que nós iríamos fazer e jogava as estratégias ali, nos dividíamos em grupos e passávamos um dia andando fazendo uma leitura do que eles faziam durante todos os dias. Eles andavam pela

²⁸⁴ As missionárias moram num apartamento no bairro dos Campos Elíseos.

[Rua dos] Gusmões, na [Avenida] Duque de Caxias, então a gente ia andando até a Praça da Sé cada um em uma rua diferente, outros iam pela estação da Luz e nós íamos observando tudo quanto eles faziam, todas as crianças em situação de rua, todos os moradores de rua, tudo.

E assim, 11h30 nós se reencontrávamos e nós começávamos a escrever, todo mundo escrevia tudo que via e a partir do que nós escrevíamos eu ia guardando aqueles escritos, tinha tudo isso documentado eu quero dizer a você. Mas uma dessas pessoas aqui que ficou muito chateada porque eu sempre fui muito decidida, eu disse “é assim”, é assim, “tem que ir por aqui porque é assim que eu sou”. E eu tava coordenando o grupo - eles não tinham nenhuma experiência, eu tinha 18 anos trabalhando com recuperação de presos e egresso, e certa vez ela ficou muito insatisfeita. Ela não concordava com a minha gestão e ela foi embora e levou todos os escritos, todas as nossas atas, tudo que nós nos reuníamos.

Então eu descobri que eles migravam pras comunidades do Moinho, que nos finais de semana o fluxo aumenta porque as pessoas saem das suas residências, as pessoas que têm residência fixa migram pra essa região e eu comecei a fazer uma leitura de tudo isso que acontecia a nossa volta. E, a partir daí, eu fui criando estratégias de trabalho. Então as pessoas, naquela época, eles entravam dentro dos buracos e ficavam dentro do buraco e quando você tinha que falar com qualquer um deles você tinha que retirá-los de dentro do buraco. Alguns eram mortos, retalhados, jogados dentro do buraco, Por isso a Prefeitura pegou uma ação depois tapando todos os buracos aqui no Centro e Deus foi colocando no meu coração as estratégias que deveria elencar dentro da cracolândia.

[Pergunto se as estratégias usadas eram mais intuitivas ou baseadas na experiência no trabalho nos presídios] Foi um mesclado de tudo isso. Era intuitivo e mais pautado na experiência que eu tinha. Eu coloquei tendas na Praça Júlio Prestes, coloquei tendas porque eu criei a marca do projeto Cristolândia, que é a cor e a camiseta amarela. Deus falou no meu coração “precisa ser algo que identifique o grupo, nunca diga o nome do seu grupo, nunca diga que era igreja, nunca diga que era nada, mas tenha algo que as pessoas identifiquem que faz parte do seu grupo”: a camisa amarela. A estratégia foi as tendas dentro do fluxo, pra cortar cabelo, e depois a gente começou a cortar cabelo, a dar água, dar algum tipo de alimentação mais a frente, bem mais a frente. E a gente ia cortando cabelo e ia tendo contato

com essas pessoas e falando, conversando, estabelecendo uma conversação, uma relação de amizade. Tempos depois eu entendi que eu precisava fazer um momento aonde tivesse um café com eles, porque eu percebi que eles passavam a noite na drogadição e pela manhã eles saíam a campo em busca de alimento. E eu criei o que eu chamei, naquela época, que era um “café com Jesus”. E era na Primeira Igreja e era o primeiro momento tê-los ao nosso lado. Agora eu não estava mais dentro da cracolândia, eu agora estava retirando-os da cracolândia e trazendo-os pra um lugar específico.

Duas vezes na semana lá, a Primeira Igreja Batista. E eu percebi que havia uma aceitação e uma dessas vezes, antes disso, que as pessoas começavam a dizer que eu ia passar tipo vinte anos pra tirar alguém da rua, nós começamos a trabalhar dia 10 ou dia 11 de julho, e no dia 1º de agosto eu tirei a primeira pessoa de dentro da cracolândia que foi a Geiza, 22 anos, 13 anos em situação de rua. Ela hoje está num projeto nosso lá em Bragança Paulista, casada... Trabalhando na gestão do projeto lá, ela e o marido. É a primeira que eu tirei da rua. Eu tirei ela da rua só que o que aconteceu, eu mandei ela pra uma casa de recuperação, eu levantei os recursos, enviei, dei um monte de cheque pré-datado, que não tínhamos recurso nenhum, dei um cheque pré-datado e levei ela pra essa casa de recuperação lá em Suzano, a casa de recuperação de dona Emília. E ali, tempos depois, eu fui levantando parceiros pra custear esse período de nove meses que ela tava interna.

E aí já comecei a fazer essa ação que era o café e aí, em uma dessas ações, chegou uma pessoa muito suja, com fezes, urina, e eu naquele momento ali pensei que “agora vamos promover um banho, não posso alimentar essa pessoa e essa pessoa tá suja”, e aí mandei um pessoal ir em casa pegar as roupas, as nossas roupas mesmo, voltaram pra igreja e a gente começou a dar banho no pessoal e trocar a roupa da pessoa. E, quando a gente começou a trocar roupa, depois a gente foi detectando que haviam outras pessoas nessa situação... [Pergunto onde ela conseguia dar banho] Lá na igreja no nono andar, o banheiro fica no nono andar.

O povo quase queria me matar porque só tem uma forma de ir: subindo pelo elevador, aí pegava as pessoas cheias de fezes e urina e subia o elevador, todos pro nono andar e o povo queria me matar. E foi aumentando o número de pessoas, né, que o Humberto também começou a vim, ele vinha também, uma vez ou outra ele vinha. Ele, na verdade, só veio em

dezembro de 2009. Quer dizer a proposta não era vim, e eu aqui doida trabalhando, andando pra cima e pra baixo. Aí eu comecei a fazer uma abordagem, antes de eu ter feito esse café eu fui primeiro, eu lembro que eu tinha pedido muito a Deus que me mostrasse como eu iria fazer pra alcançar o coração dessas pessoas, e quando eu tava pela [Avenida] Duque de Caxias ali próximo do supermercado Extra, tinha um garoto caído no chão.

Quando eu passei tava chovendo e eu falei pro meu pessoal “tirem pelo menos ele da chuva e põe ele mais pra lá” e aquele garoto, naquela hora, falou pra mim assim “tia, me dá um biscoito” e naquele momento que ele me fez aquela solicitação do biscoito Deus falou no meu coração, não sei se você vai acreditar, Deus falou: “dê você o que comer, dê comida pro povo, as pessoas precisam comida, você não pode falar de amor nem fazer nada se você não der comida, o que essa pessoas precisam agora é comer” e eu entendi claramente que eu precisava dar comida. Então, a minha segunda ação, depois disso aí foi que eu dei umas sacolas verdes pro pessoal, em alguns vídeos no YouTube você vai ver vídeos, as pessoas andando com as sacolas verdes escrito “Missões Nacionais” e coloquei pães.

Eu, quando cheguei no escritório, eu falei pro pessoal assim “eu vou dar comida” o pessoal falou “como você vai dar comida? Você não conhece ninguém aqui, você não tem dinheiro e o número de comida que você for conseguir pra essas pessoas tem que ser muito grande, quando você der a um você tá no risco de as pessoas virem atrás de você”, e eu pedi pra essa organização de mulheres 100 alimentos e elas disseram assim “mas 100 alimentos dá?” e eu pedi “não, me dá 200” e quando fui buscar esses 200 lanches, naquele dia, naquela hora, um rapaz me ligou, um senhor que chama Rubens, que é dono de uma frota de carro aqui que eu acho que é dele, eu não sei se é dele na verdade, só sei que ele ligou e ele falou comigo pelo telefone ele disse assim “eu queria ajudar você, como eu posso te ajudar?” eu disse “eu preciso de alimento” ele perguntou “que tipo de alimento?” eu falei pra ele “eu preciso de pães” e ele perguntou “quanto você precisa” e eu disse “quantos você me der” [risos] e ele falou pra mim “quatrocentos e oitenta tá bom?” e eu disse “pra começar tá bom”.

E ele mandou pra igreja quatrocentos e oitenta pães, esses pães que ainda hoje eu sirvo que são os pães de hambúrguer, ele mandou quatrocentos e oitenta pães. Quando eu vi esses pães chegarem eu comprei manteiga passei manteiga no pão, enchemos as sacolas, todos nós com sacolas cheias de pães com manteiga e eu fui pras ruas e eu disse pro meu pessoal “você

não vai dizer nada, você não vai perguntar nada, você apenas vai tocar nas pessoas e vai perguntar pra elas se elas aceita um pão com manteiga”. E nós começamos a fazer isso, depois a gente começou com esse café. Aí eu percebi que era aquilo, as pessoas começavam a chorar, chorava dizendo “eu tô com fome e você tá me trazendo pão” e eu percebi que eu podia fazer mais.

Foi quando eu inventei essa ideia do “café com Jesus” dentro da igreja, que era você quer saber se o trabalho que a gente tá fazendo tá dando resultado? Então agora eu vou tirar ele do comodismo dele e vou trazer pra dentro da igreja, porque é um paradigma que você tem que quebrar, ir pra um outro ambiente, sujo como você tá e também confiar na gente que está lá dentro e dentro de uma igreja que ninguém gosta de ir pra igreja. [Pergunto se os membros da igreja aceitaram os “novos visitantes”] Eu fazia isso pela manhã, né, eles tavam à noite, mas... Mais ou menos. [Ela para dizer o nome da associação de mulheres que a ajudou no começo] É a Associação Batista da Capital. Na época eles estavam ali na Av. São João.

[Ela explica que o espaço Cristolândia ainda não existia] Não tinha, não existia, não tinha nada disso aqui. Aí eu comecei com banho, comecei a catar as nossas roupas e fazer o banho. Aí a gente começou a ser convidado pra ir falar na igreja a proposta que tínhamos de criar um evangelismo dentro da cracolândia. E, quando eu ia falar nas igrejas, eu comecei a pedir roupa e pedia alimento pra o café e aí a gente começou a fazer o banho na igreja, no décimo andar, cada dia o número aumentava e a quantidade de pessoas que estavam participando do café, chegava a ter duzentas pessoas ou mais. Faziam aquela fila enorme e a partir dali as pessoas vinham abrir o coração, compartilhava e a gente chegava e detectava aquele que pedia uma ajuda pra sair da rua, aí eu levava pra essas casas de recuperação e dava o cheque pré-datado. Meu, dava um cheque meu. [apontando para o próprio peito]

[Pergunto se ela foi ressarcida] Não. A ideia era levantar dinheiro pra cobrir o cheque, né? Se não, muitas vezes eu arqueei com todos esses custos do meu próprio salário. E aí a gente começou fazer outras ações na rua. Eu chorava com as pessoas, ia pra dentro do fluxo, quer dizer, passava o dia inteiro, no dia que a gente montava as tendas a gente ficava de 9 da manhã às 5 da tarde em pé na Praça Júlio Prestes cortando cabelo, atendendo pessoas, sem comer, sem beber água, só atendendo todo mundo. Era por livre e espontânea pressão e opressão [risos].

E foi, virou assim durante um tempo até quando Humberto começou a vim e depois disso teve a Joana minha filha que veio me visitar. Na verdade ela teve um sonho... Então Joana teve um sonho com várias crianças mutiladas chamando pelo nome dela e pedindo socorro “me ajude Joana, me ajude”. E ela tomou a decisão de vim me visitar aqui em São Paulo. Quando ela veio me visitar eu tava na Praça Júlio Prestes, eu a levei também na praça e na praça veio aquele grupo de crianças que tavam ali e logo logo aprenderam o nome dela e começaram a chamar por ela, pedir ajuda de alguma forma e ela sentiu que ela podia ajudar muito mais essas crianças.

Foi nessa que um policial trouxe uma criança de 8, 12 anos, não lembro, e essa criança tava sem roupa em volta de um cobertor, toda mordida da cabeça aos pés e se prostituindo por dois reais pra usar o crack. Menina. As partes íntimas sangrando. E Joana ficou muito impactada com isso e muito triste, aí voltou pra cidade que nós morávamos, interrompeu o casamento, trancou a faculdade e veio embora pra cá. Ela tava noiva, ia casar em dezembro de 2009. Aí começou a trabalhar com as crianças daqui. Tempos depois surgiu o projeto “Novos Sonhos” que é o trabalho com as crianças em vulnerabilidade social onde a gente foca a prevenção e hoje está diretora da Cristolândia Crianças e Adolescentes, mas ainda a Cristolândia ainda nem existia. E depois veio o Gerson, meu filho, trancou a faculdade, pediu demissão e veio embora. [O pastor veio em] dezembro de 2009 ele veio [rindo].

Veio primeiro eu, depois Joana, depois Gerson. E aí depois cada um começou trabalhar numa área porque aí a gente começou a se envolver mesmo assim, tudo aquilo que eu já fazia começamos a fazer mais acentuado, até que Humberto... A igreja começou a se incomodar agora com aquele grupo enorme de pessoas que chegavam ali e Humberto tomou a decisão de também ir pra rua cortando o cabelo e cuidando das pessoas. A gente passava dois dias na rua, encaminhando as pessoas para a casa de recuperação, foi quando Humberto teve a ideia de abrir esse local aqui [o espaço Cristolândia], uma igreja aqui dentro, pra gente fazer a mesma coisa que a gente já fazia lá na Primeira Igreja. E, quando se pensou num nome de abrir aqui, aí pensou-se então que a gente tá levando Cristo dentro da cracolândia então pensou no nome da Igreja Batista Cristolândia, em 27 de março de 2010. Já não era mais Radical, aí nasceu a Cristolândia com essa proposta de fazer esse trabalho 24 horas atendendo às pessoas.

A gente faz ações isoladas. A gente chegou à conclusão que as pessoas que estão em situação de rua, nesse período da tarde é um trabalho sem retorno. Então, tudo que você elenca a partir das 15 horas, você não tem retorno aqui, eles tão focados na droga, tá? Então é um trabalho que não tem retorno e a gente centralizou em intensificar o trabalho no período que a gente entende que é um período que a gente tem um retorno [explica que usa o horário da tarde para formar/treinar seu pessoal].

Porque depois de um tempo aí o que aconteceu, a gente começou a mandar pra casa de recuperação e a gente descobriu que na casa de recuperação, a gente começou a ter assim, um custo de 300 reais por cabeça e aí a gente tinha uma cota única de quatro mil e alguma coisa [reais] que pagávamos por mês, que foi todos aqueles parceiros que a gente foi levantando. E a gente fechou uma cota “vamos pagar quatro mil e alguma coisa”, não sei se era quatro mil e seiscentos e alguma coisa, e a gente pagava aqui e a gente mandava todas as pessoas que a gente queria. Só que o retorno era muito pouco.

A gente percebeu que as pessoas eram punidas nessas casas, era interrompida sua alimentação, as punições era tirar a alimentação, deixar de tomar banho, e a gente entende que tava trabalhando com pessoas de rua a gente não podia punir essas pessoas, né? A gente podia punir, mas não podia punir, tirar a comida. [Pergunto se as punições aconteciam por indisciplina] Alguma coisa. É porque era assim, a gente terceirizava o trabalho aí a gente mandava e o retorno era muito pouco, a gente percebia que as pessoas não ficavam. A gente chegava a tirar assim tipo, 40, 30 pessoas por dia mas essas pessoas não ficavam. O mesmo número que nós mandávamos era o mesmo número que dois, três dias saíam, então nosso trabalho perdeu o sentido de ser. A gente tava custeando, terceirizando o serviço e não via o retorno.

Foi então que o Humberto teve essa sacada e disse “não, nós vamos fazer agora o nosso próprio trabalho, então a gente mesmo vai fazer isso” foi quando a gente teve a ideia de... [Pergunto se a primeira casa da acolhida foi mesmo na cracolândia] Não. Bauru. Que hoje é a nossa fase dois.

[Peço para ela explicar como é o processo de recuperação] Aqui [na Cristolândia] é a porta de entrada, na primeira fase nós tocamos cinco pontos: abstinência, resgate ao vínculo

familiar, cidadania, raio-X clínico e levantamento das pendências judiciais. Depois de trabalhar esses cinco pontos a pessoa fica em média de seis a oito meses na primeira fase, depois ele passa por um processo avaliatório e vai pra segunda fase aonde focamos capacitação e profissionalização. E essa é a fase maior até a gente trabalhar a terceira fase que é a reinserção social e a última fase, que é ele já fora, sendo assistido pela igreja mais próxima, que a gente chama da quarta fase.

O programa do ministério Cristolândia é fácil é só você fazer uma leitura do trilho do sistema prisional. Aqui funciona como uma delegacia: triagem e abordagem. A primeira fase funciona como uma casa de detenção: é o provisório, a segunda fase que é capacitação e profissionalização funciona como uma penitenciária, e a terceira fase, que é a fase da reinserção social, como um semiaberto e a última fase é o aberto. Então a gente pegou um pouco da experiência que a gente assistiu dentro do trilho do sistema prisional e aplicou dentro de um programa educacional. Tiramos as pessoas e vamos seguindo com elas.

[Pergunto se ela sabe quantas pessoas já passaram pela Cristolândia] Olha muita gente. Não tenho ideia. [Pergunto se existe uma estatística dos resultados] Temos, temos tudo catalogado é só você ver lá no site Missões Nacionais. Porque isso é a nível de São Paulo e a nível de Brasil. Então, tudo que é informado a gente tem um sistema que a gente sabe quantos banhos, em todas as unidades, tudo que aconteceu durante todo dia, quantos banhos, quanto café, quantos atendimentos, quantas internações, quem entra, quem sai, tudo isso a gente tem.

Agora, olha, a reincidência aqui é muito baixa, porque a gente tem um programa que a gente trabalha a família no momento que a pessoa entra adere o programa do ministério Cristolândia, a gente tem um trabalho paralelo que é o programa com a família, que é onde a psicóloga faz todo atendimento, todo diagnóstico e aí vai trabalhando gradativamente. Posterior a isso a gente procura ver qual a igreja mais próxima pra que aquela pessoa também seja assistida pela igreja mais próxima. Porque a igreja vai ser um suporte pra essa pessoa. Agora, o meu maior índice de reincidência se chama um: família e mulher. O maior problema meu hoje se chama um: família. [batuca os dedos na mesa com ar preocupado].

[Pergunto se a influência da família pode ser negativa] Sim, a mesma família que vem buscar ajuda pra o seu ente querido é a família também que interrompe todo processo, até

porque o programa dura em média de dois a três anos. Num consegue [esperar pelo resultado], ela olha pro cara vê que o cara tá assim forte... A gente tá trabalhando em diversas questões. Por exemplo, a gente vai trabalhando em todo processo, aqui também funciona como a porta de entrada e a porta de saída, daqueles que são vocacionados que tã aqui, que a gente vai interagindo com ele, trabalhando, trabalhando a família, mas a família é o nosso maior problema. E a mulher tá inserida pelo contexto da família porque ela acha que “não, tá bom, ele tem que ir embora, tem que trabalhar”. Aí o cara, aí... A gente trabalha as questões de dinheiro, como ele vai trocar isso, que é o caso, vamos pensar um caso aqui...

[Cito o caso de CL04] Sim. A mulher... era mulher dele? Não era, mas vivia com ele é mulher. Aí tira o cara desse convívio aqui, o cara tá vivendo num ambiente, quer dizer ele tá aqui é uma família, é como se ele tivesse assim, é como um adolescente, um jovem. Então ele tá aqui, tem todo processo, você vai encaminhando e você tira e interrompe tudo isso aqui e isola o cara. Aí o cara tem questões que ainda não foram trabalhadas. Quando a gente tá trabalhando a gente não trabalha clinicando individualmente aqui, a gente trabalha sempre em grupos, porque são questões que a gente vai trabalhando coletivamente. Até porque pra ele interagir no grupo, pra ele aprender viver num contexto social, nunca só. Se você pegar uma pessoa dessa em situação de rua, aonde ela está nesse processo aqui, você centralizar pra clinicar, essa pessoa entra em parafuso.

[Pergunto porquê eles a chamam de mãe] Não sei dizer.[Foi] Natural, não sei dizer porquê que me chamam de mãe. Não sei se tá implícito pela ausência da figura materna... [Pergunto porquê não chamam o pastor de pai. Fez sinal com o ombro, como se não soubesse a resposta] É. Mas a mim me chamam assim e não sei, porque ao mesmo tempo que eu tô ali, tô muito presente em tudo no que ele tá precisando, mas também sou muito presente em dizer “não, não é por aqui, é por ali”, entendeu? Eu acho que um dos motivos é esse, eu podia dizer a você porque minha família toda tá aqui também e talvez eles se sentem integrantes da minha família.

[Pergunto se ela gosta de ser chamada de mãe por eles] Eu não sei, eu vejo assim que é um sentimento de carência entendeu? Eu me sinto muito honrada na verdade, não usaria nem essa palavra gostar, mas eu me sinto muito honrada porque eu consigo perceber que de alguma forma ele se sente como uma família. E, nesse contexto de família, a gente tem um

papel de encaminhar pra nova vida como se eles, de fato, fosse uma família. A gente passa muito isso pra eles, a gente quer que eles entendam isso que nós somos uma família e que na família existem todos esses erros e acertos, mas que um dia ele vai se desligar dessa família e ter sua própria família. Eu gostaria, eu não sei se isso a gente consegue transmitir pra eles, mas na verdade o meu sonho, o meu sentimento é que eles percebam que de fato nós somos uma família e que eles sonhem em ter uma família. Ou como a minha, ou bem melhor do que a minha, ajustada, e que eles tenham esse interesse de ter essa família de fazer parte dessa família e de viver em família.

[Pergunto se ela acredita que sua experiência de ex-usuária ajuda ou atrapalha o trabalho desenvolvido pela Cristolândia] Acho que sim [ajuda], acho que muitas dessas meninas, ao ver essa superação por assim dizer da minha vida, têm também uma... É como se fosse uma luz no fim do túnel dizendo “não, fulano conseguiu, eu também posso conseguir”, entendeu?

[Pergunto o que ela espera do futuro] Olha eu sonho de ver pessoas ajustadas, sonho de vê-los adentrando à faculdade, reconstruindo sua história de vida, famílias ajustadas e sendo também um agente multiplicador de tudo quanto eles vivenciaram aqui, enquanto família Cristolândia. Eu sonho com cada criança dessa que chega até o nosso projeto, com cada jovem, com cada adolescente em uma busca de um futuro melhor. E tudo que tiver ao nosso alcance pra promover isso, nós estamos proposto a fazer.

[Pergunto se, no organograma da Cristolândia, se ela tem o mesmo cargo do pastor Humberto] Não. Ele é o nosso coordenador, eu sou apenas uma humilde cooperadora. Quem manda aqui é ele. É. Parece que não, mas é [rindo]. [Digo que a impressão que passa é que o funcionamento da Cristolândia está muito conectada a ela] É tá, não si porque mas tá. Porque eu sou muito tudo... [Risos] É. Ainda não cheguei com você como foi que surgiu as Casas Rosas, cada vez que o projeto foi crescendo, Deus foi me mostrando uma outra área que a gente precisava trabalhar.

[Pergunto se o trabalho realizado na cracolândia de São Paulo influenciou a criação das outras Cristolândias] Todas. Fomos abrir. [Pergunto se eles também treinam as equipes das novas casas abertas] Não mais. Agora não cabe mais isso a gente. Mas todas as

Cristolândias nós tivemos efetivamente lá, cada um abriu... Eu sou muito boa pra desbravar mato não sei porque eu vou fazendo uma leitura rápida, pensando rápido e executando muito rápido. Humberto tem um papel fundamental que é, eu acho que sem o papel dele nada disso aconteceria, que é o papel do pastoreio, do cuidar, tá? Joana tem um trabalho fantástico que é o trabalho da prevenção. O Gerson traz junto com o pai dele esse papel de cuidar, de apascentar, além dessa idealização do coro da Cristolândia, que foi uma coisa assim muito boa que trabalhou a musicalização, que você vê que, por exemplo, existe vários meninos hoje...

Era uma coisa tão marcante, eles olhavam assim pra Gerson ainda hoje olham pra Gerson e era uma coisa tão interessante, porque quando Gerson botava uma camisa quadriculada, daqui a pouco todo mundo tava com a camisa quadriculada. Isso motivou, você vai ver que tem aqui o F, tem o R e muitos outros em todas as unidades que voltaram-se pra música, foram ensinados pelo Gerson e que hoje também assim, amam, têm paixão nessa questão da musicalização, mas que foi assim que brotou. E o sonho de ser igual o Gerson.

[Pergunto se a Cristolândia é um projeto familiar ou religioso] É um projeto familiar e religioso efetivamente. Familiar porque essa marca da nossa família aqui faz com que eles repensem a família desde o primeiro momento a família é onde ele tá saindo e onde ele vai voltar. Porque assim, a família, é todo lugar que todo mundo gostaria de ter, se você fizer uma análise de cada um desses que você entrevista aqui, você vai ver tipo 90%, digo sem medo de errar, 99% tudo começou dentro de casa, na família. E a família não consegue fazer uma leitura aonde que se perderam de ser família, aonde foi que nós deixamos de ser família? Aonde foi que nós deixamos de viver como família? Se você olhar pra minha própria história, uma família de classe média, mas onde foi que eu deixei de me sentir parte integrante da família?

Por que é a família que existe pra proteger, pra cuidar, pra fazer todo esse papel num consegue detectar isso que tá acontecendo dentro dela e ela se dissolve e ela então se desfaz? Porque na verdade as pessoas que tão em situação de rua nada mais é, na comunidade, dentro do fluxo, a busca de uma família, de um porto seguro e um lugar de abrigo. Eu acho tão interessante isso, porque mesmo os que já passaram pelo projeto que saem, eles sempre voltam aqui e olha como aqui a “minha família”; “foi aqui que eu aprendi a viver em família”,

quer dizer vou ser a figura daquela mãe punitiva, mas ao mesmo tempo presente e que tá empurrando “vá, vá”. Então eu motivei eles. Olha, pra você ter uma ideia, eu me inscrevi no Enem pra motivá-los a se inscrever no Enem [risos], eu me inscrevi na faculdade, fui até o último momento pra levar algumas pessoas que trabalham comigo a estudar e fui junto. Aí depois eu dou pra trás, mas a ideia é que “eu tô caminhando com vocês, eu posso fazer isso”, então, se você conversar com o F, que quer fazer serviço social, olha você vai ver e ontem a gente tava conversando e ele disse “a menina preencheu a minha ficha do Enem errado” eu disse “não, mas não tem problema, você vai se inscrever, você vai fazer o vestibular e você vai conseguir - a gente ajuda aqui, você vai”. Então isso é muito importante, eu acho que todos buscam de fato uma família.